

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

MARIANE SILVA E LIMA GIEMBINSKY

A FALA: UM FIO DA TEIA CONCEITUAL SAUSSURIANA

Uberlândia - MG

2025

MARIANE SILVA E LIMA GIEMBINISKY

A FALA: UM FIO DA TEIA CONCEITUAL SAUSSURIANA

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia, como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutora em Linguística.

Área de concentração: Estudos em Linguística e Linguística Aplicada

Linha de Pesquisa: Linguagem, sujeito e discurso

Tema: A produção teórica de Ferdinand de Saussure

Modalidade: Doutorado

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Silveira

Uberlândia - MG

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

- G454f
2025 Giembinsky, Mariane Silva e Lima, 1983-
 A fala [recurso eletrônico] : um fio da teia conceitual saussuriana /
 Mariane Silva e Lima Giembinsky. - 2025.
- Orientadora: Eliane Silveira.
 Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de
 Pós-graduação em Estudos Linguísticos.
 Modo de acesso: Internet.
 Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2025.5007>
 Inclui bibliografia.
 Inclui ilustrações.
1. Linguística. I. Silveira, Eliane, 1965-, (Orient.). II. Universidade
 Federal de Uberlândia. Programa de Pós-graduação em Estudos
 Linguísticos. III. Título.

CDU: 801

André Carlos Francisco
Bibliotecário-Documentalista - CRB-6/3408


UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G256 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902

Telefone: (34) 3239-4102/4355 - www.ileel.ufu.br/ppgel - secppgel@ileel.ufu.br


ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Estudos Linguísticos				
Defesa de:	Tese de Doutorado - PPGEL				
Data:	Vinte e um de fevereiro de dois mil e vinte e cinco	Hora de início:	13:00	Hora de encerramento:	17:00
Matrícula do Discente:	12113ELI020				
Nome do Discente:	Mariane Silva e Lima Giembinsky				
Título do Trabalho:	A fala: um fio da teia conceitual saussuriana				
Área de concentração:	Estudos em Linguística e Linguística Aplicada				
Linha de pesquisa:	Linguagem, sujeito e discurso				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Estudos saussurianos				

Reuniu-se, na sala 213, bloco U, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, assim composta: Professores Doutores: Eliane Silveira - UFU, orientadora da Tese; Allana Cristina Moreira Marques - UFRGS; Micaela Pafume Coelho - IFMT; Stefânia Montes Henriques - UEMG; Valdir do Nascimento Flores - UFRGS.

Iniciando os trabalhos a presidente da mesa, Dra. Eliane Silveira, apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir, a senhora presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos examinadores, que passaram a arguir a candidata. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando a candidata:

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutora.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Micaela Pafume Coelho, Usuário Externo**, em 24/02/2025, às 09:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Allana Cristina Moreira Marques, Usuário Externo**, em 24/02/2025, às 09:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Stefania Montes Henriques, Usuário Externo**, em 24/02/2025, às 09:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eliane Mara Silveira, Professor(a) do Magistério Superior**, em 24/02/2025, às 17:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Valdir do Nascimento Flores, Usuário Externo**, em 25/02/2025, às 09:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6123575** e o código CRC **11751C12**.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Eliane Silveira, pela orientação, leitura, amizade e paciência.

Aos professores convidados, Profa. Dra. Allana Cristina Marques, Profa. Dra. Micaela Pafume Coelho, Profa. Dra. Stefania Montes Henriques e Prof. Dr. Valdir do Nascimento Flores, pela disponibilidade em ler esta tese, contribuir com minha reflexão e por fazer parte da minha Banca de Defesa de Tese.

Aos amigos e companheiros de tese do Grupo Ferdinand de Saussure, pelo apoio nas horas de estudo e por me ajudarem a continuar no caminho da escrita.

Aos colegas da Divisão de Apoio Judicial, pelo carinho e pela paciência ao longo desses quatro anos. Tenho total consciência de que, sem ajuda e apoio dos meus colegas, eu jamais conseguiria chegar ao final desta tese. Em especial ao meu colega de tantos anos de parceria Rodrigo Ferreira de Souza.

Aos meus amigos que sempre torceram por mim. Cada grupo de amigos, a sua maneira, tinha uma palavra de carinho para oferecer-me quando eu estava cansada e desanimada. Vocês me ajudaram muito nessa trajetória.

À minha família, pelo apoio em todos os momentos, em especial aos meus pais, Edson Lima e Maria Helena da Silva, por cada um, a seu modo, sempre estarem ao meu lado.

Ao meu irmão Vinícius, minha cunhada Priscilla e meus familiares: vó Maria, tia Helena, meus primos – irmãos: Mateus, Nicolas e Carol, e pessoas importantes para mim: Breno, Giully e Carla - meu muito obrigada.

Especialmente, ao meu esposo Bruno e minha filha Letícia, por todo o amor, toda a compreensão e, principalmente, pelo carinho nos momentos mais difíceis.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo central compreender o lugar que a fala ocupa nos estudos saussurianos, no que diz respeito tanto a seu aspecto conceitual quanto à acusação de sua exclusão. Para essa investigação, dividimos a tese em cinco momentos distintos. No primeiro momento, discutimos o tratamento dado à fala no quadro da Linguística histórico-comparatista, campo de formação do linguista suíço Ferdinand de Saussure, com o objetivo de demonstrar como ocorre esse deslocamento dos estudos contemporâneos à sua época no que concerne à fala, com foco na proposta neogramática desenvolvida nas últimas décadas do século XIX. No segundo momento, examinamos a pesquisa saussuriana sobre a fala no *Curso de Linguística Geral*, de autoria de Saussure, publicada em 1916, três anos após a morte do genebrino, e organizada por seus colegas Charles Bally e Albert Sechehaye, que reuniram anotações do professor e dos alunos que assistiram às aulas no período entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Essa leitura se torna fundamental, pois a acusação de que Saussure exclui a fala dos interesses dos estudos linguísticos, frequentemente, advém da publicação dessa obra que apresentou, ao campo da investigação linguística, ideias inovadoras nas formas de conceber e de investigar as línguas humanas. Partimos da conhecida distinção que o mestre faz entre a língua, a linguagem e a fala, referenciada no Capítulo III da Introdução - Objeto da Linguística – e passamos pela distinção que ele estabelece entre a Linguística da língua e a Linguística da fala – discussões que, usualmente, fundamentam a exclusão da fala. Em seguida, percorremos outras partes da edição, com o objetivo de analisarmos de que maneira a questão da fala está associada a outras que compõem a teoria linguística do genebrino e como se forma a teia conceitual proposta por nós durante a organização deste trabalho. No terceiro momento, propomo-nos a observar o movimento de elaboração teórica de Saussure, nesse caso específico, em torno da fala no quadro dos Cursos de Linguística Geral, cujas anotações dos alunos estão entre as principais fontes utilizadas na edição que deu origem ao CLG. Nesta parte de nosso estudo, buscamos compreender de que forma a fala foi cronologicamente apresentada durante as aulas na Universidade de Genebra, permitindo-nos acompanhar um movimento que está muito mais próximo de uma construção da teoria da fala do que de uma exclusão da mesma. No quarto momento, verticalizamos a leitura do CLG a partir dos aparatos críticos como uma resposta às diversas críticas à edição. Para tanto, analisamos os inventários críticos do CLG, com foco na questão da fala, pois, partindo da compreensão de que a crítica à exclusão da fala por Saussure se faz, sobretudo, a partir do CLG, as edições críticas assumem grande importância na discussão da fortuna saussuriana. Por fim, no quinto e último momento deste trabalho, discutimos os efeitos de uma leitura reducionista da fala a partir do *Curso de Linguística Geral*, e propomos, a partir das análises feitas, outra perspectiva de abordagem da fala em Saussure, que a considera como um fio de uma teia conceitual. Por fim, valemo-nos dos diferentes materiais que analisamos para compreender como a fala opera na Linguística saussuriana.

Palavras-chave: fala; *Curso de Linguística Geral*; exclusão; teia conceitual;

ABSTRACT

The present study aimed to understand the place that parole occupies in saussurean studies, both in its conceptual aspect and regarding the accusation of its exclusion. To conduct this investigation, we divided the thesis into five distinct sections. In the first section, we discuss the treatment given to parole within the framework of historical-comparative linguistics, the field in which the Swiss linguist Ferdinand de Saussure was trained, with the goal of demonstrating how diverged from contemporary studies of his time concerning parole, focusing on the Neogrammarian proposal developed in the late 19th century. In the second section, we examine research on parole in the *Course in General Linguistics*, authored by Saussure and published in 1916, three years after his death, by his colleagues Charles Bally and Albert Sechehaye. They compiled teacher's notes along with those from students who attended his lectures at the University of Geneva between 1907 and 1911. This reading is fundamental, as the accusation that Saussure excluded parole from linguistic studies often arises from this work, which introduced innovative ideas regarding the ways of conceiving and investigating human languages. We start from well-known distinction between langue, language, and parole, referenced in Chapter III of the Introduction – The Object of Linguistics – and then move through his distinction between the Linguistics of langue and the Linguistics of parole, discussions that frequently support the claim that excluded parole. Next, we examine other sections of the book to analyze how the issue of parole is interconnected with other elements that make up Saussure's linguistic theory and how the conceptual network we propose in this study takes shape. In the third section, we focus on Saussure's theoretical elaboration regarding parole within the framework of the General Linguistics Courses he taught, whose students' notes constitute one of the main sources for the *Course in General Linguistics*. In this part of our study, we seek to understand how parole was chronologically presented in his lectures at the University of Geneva, allowing us to trace a movement that aligns much more with the construction of a theory of parole than with its exclusion. In the fourth section, we conduct a deeper reading considering the critical apparatus that emerged in response to the various critiques of the book. To this end, we analyze critical inventories of the *Course in General Linguistics*, focusing on the issue of parole. Since the criticism of Saussure's exclusion of parole is mainly based on this work, critical editions play a significant role in the discussion of saussurean studies. Finally, in the fifth and last section of this study, we discuss the effects of a reductionist reading of parole based on the *Course in General Linguistics* and, drawing from our analyses, propose an alternative approach to parole in Saussurean thought—one that considers it as a thread within a conceptual network. Ultimately, we rely on the various materials we analyzed to understand how parole operates within saussurean linguistics.

Keywords: parole; *Course in General Linguistics*; exclusion; conceptual network.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Reprodução da página 43 do CLG, Circuito da fala	43
Figura 2	Reprodução da página 43 do CLG, Circuito da fala	58
Figura 3	Reprodução da página 118 do CLG, Língua e massa falante	66
Figura 4	Reprodução da página 119 do CLG, Língua, massa falante e o tempo	67
Figura 5	Reprodução da página 65 do PCLG, Língua e fala	96
Figura 6	Reprodução da página 3 do SCLG, Social e individual	102
Figura 7	Reprodução da página 52 do SCLG, Cadeia do discurso	106
Figura 8	Reprodução da página 67 do TCLG, Circuito da fala	113
Figura 9	Reprodução da página 70 do TCLG, Linguagem, língua e fala	116
Figura 10	Reprodução da página 119 do TCLG, <i>Langue e parole</i>	121
Figura 11	Reprodução da página 24 da Edição Crítica de Rudolf Engler.....	140
Figura 12	Reprodução da página 25 da Edição Crítica de Rudolf Engler.....	142
Figura 13	Reprodução da página 25 da Edição Crítica de Rudolf Engler.....	143

LISTA DE ABREVIACÕES

Obras de referência

CLG	<i>Curso de Linguística Geral</i>
PCLG	Primeiro Curso de Linguística Geral
SCLG	Segundo Curso de Linguística Geral
TCLG	Terceiro Curso de Linguística Geral
CFS	<i>Cahiers Ferdinand de Saussure</i>
CLG/E	Edição Crítica do Curso de Linguística Geral

Sumário

INTRODUÇÃO.....	11
Capítulo 1 O estudo da fala no final do século XIX.....	16
1.1 Introdução	16
1.2 A fala nos estudos neogramáticos	17
1.3 A proposta de Hermann Paul acerca da fala.....	25
1.4 Saussure e a proposta neogramática.....	34
Capítulo 2 A fala no Curso de Linguística Geral	39
2.1 Introdução	39
2.2 A língua, a linguagem e a fala	40
2.3 A Linguística da língua e a Linguística da fala	52
2.4 Noções associadas à fala	56
2.4.1 A fala, a escrita e o fonema	57
2.4.2 A fala, a linearidade e as relações sintagmáticas.....	60
2.4.3 A fala, a mutabilidade e a imutabilidade do signo	65
2.4.4 A fala, a sincronia e a diacronia	67
2.4.5 A fala e a analogia	71
2.4.6 A fala e o discurso	76
2.5 Algumas considerações	79
Capítulo 3 A fala em movimento: uma leitura dos cadernos dos alunos	81
3.1 Introdução	81
3.2 Os cadernos dos alunos	82
3.3 A fala no Primeiro Curso de Linguística Geral	90
3.4 A fala no Segundo Curso de Linguística Geral	100
3.5 A fala no Terceiro Curso de Linguística Geral.....	110
3.6 O movimento de elaboração teórica em torno da fala	122
Capítulo 4 A fala segundo o inventário crítico do Curso de Linguística Geral.....	125
4.1 Introdução	125
4.2 <i>Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale</i> de Robert Godel.....	130
4.3 A edição crítica de Rudolf Engler e o <i>Lexique de la terminologie saussurienne</i>	138
4.4 A edição crítica de Tulio de Mauro	154
4.4 Algumas considerações	165
Capítulo 5 Efeitos e perspectivas da recepção da fala em Saussure.....	166
5.1 Introdução	166
5.2 A fala em Saussure segundo o paradigma sociológico	171
5.3 A fala em Saussure segundo o paradigma dialógico	177
5.4 Algumas considerações	188
CONSIDERAÇÕES FINAIS	190
REFERÊNCIAS	196

INTRODUÇÃO

Uma das principais contribuições de Ferdinand de Saussure (1857-1913), para a Linguística, é o conjunto de conceitos formulados por ele, que são, até o início do século XXI, considerados fundamentais na área. Nesse conjunto teórico, o conceito de língua tem sido considerado o de maior relevância e, segundo o linguista genebrino, caracteriza o objeto da Linguística e pode-se dizer que é a partir dele que outros conceitos, como o de sistema, de valor, de sincronia, de diacronia, dentre vários outros, são sustentados.

Em sua elaboração teórica, também ganham importância as definições de linguagem e de fala, uma vez que ambas serviram como contraponto para que o linguista estabelecesse o objeto da Linguística, a qual passa, a partir dessa delimitação, a configurar-se como ciência. É, portanto, bastante comum que os termos de linguagem e de fala sejam retomados nas discussões sobre a língua saussuriana, uma vez que, juntos, formam, nessa teoria, uma tríade. Lembremos, como propõe Saussure, que a língua é a linguagem menos a fala. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 117).

Segundo Silveira (2007, p. 20), em seu livro *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*, a distinção entre língua, linguagem e fala apresentada pelo *Curso de Linguística Geral* (CLG), obra póstuma legada ao linguista genebrino, tem papel paradoxal. De um lado, ela logrou, a Saussure, o seu apogeu na Linguística, posto que “redimensionou o saber sobre a língua”, delimitando aquilo que, dentre as diversas manifestações da linguagem, constituía o verdadeiro objeto da ciência linguística. De outro lado, essa mesma distinção logrou, a Saussure, os fundamentos da crítica do século XX às suas proposições, tendo em vista que a recepção de sua obra póstuma e, conseqüentemente, de sua tríade, muitas vezes, “incidiu sobre as chamadas exclusões saussurianas”.

São assim conhecidos, como exclusões saussurianas, temas que, para alguns leitores do *Curso*, Saussure excluiu de sua teoria linguística, seja diminuindo ou anulando sua importância, seja dando maior relevância a um do que a outro, seja não dando a importância que lhe cabia, como alguns julgam ter sido assim tratados a história, o referente, o sentido, o sujeito e, destacamos, a fala. Segundo essa perspectiva, ao estabelecer a distinção entre língua, linguagem e fala, Saussure dá preeminência àquilo que, dentre os fatos da linguagem, constitui a língua, isto é, seu lado social, e marginaliza a fala, isto é, seu lado individual. É o que reforça Silveira (2014) ao observar que: “a mesma operação [de estabelecer a língua

como objeto da linguística] suscita, entre os linguistas, o reconhecimento da fundação da Linguística como uma ciência, no sentido moderno do termo, bem como uma crítica à exclusão da fala do domínio da Linguística” (SILVEIRA, 2014, p. 49). Ao tratar da separação entre língua e fala “que permanece confusa”, Normand (2009[2000], p. 128) observa que “muitos contemporâneos rejeitaram essa oposição ou buscaram atenuar-lhe a divisão, julgando-a abstrata e incompatível com as observações da realidade”.

Neste estudo, dentre as chamadas exclusões, interessamo-nos pela problemática em torno da fala na teorização de Ferdinand de Saussure. Embora normalmente se reconheça a importância do genebrino para a Linguística, são comuns, especialmente nos estudos da segunda metade do século XX, críticas de que ele tenha excluído a fala de seus interesses ao estabelecer a língua como o verdadeiro e único objeto da Linguística. Dentre muitos outros, são representativos desse posicionamento autores como Mikhail Bakhtin (1895-1975), linguista russo, que critica o objetivismo abstrato da língua saussuriana e propõe que a linguagem deve ser estudada no seio da interação verbal, isto é, em sua relação dialógica (1929); Eugen Coseriu (1921-2002), linguista romeno com estudos em vários países, tais como Uruguai e Alemanha, que critica o ponto de partida escolhido por Saussure, a língua, e propõe o inverso: que se parta do estudo da fala, a partir do qual ele estabelece os níveis de estruturação do saber linguístico (1955); William Labov (1927-2024), linguista estadunidense, que parte de uma crítica à distinção língua-fala saussuriana para lançar as bases de um estudo sociológico da fala (1962); Michel Pêcheux (1938-1984), linguista francês, que parte da tese da exclusão saussuriana da história e da realidade objetiva, aí inclusos diversos aspectos da dimensão social, para propor um estudo do sentido e do sujeito na linguagem (1971).

As críticas à exclusão da fala por Saussure são feitas principalmente a partir da leitura do CLG, como se sabe, obra organizada por seus colegas e alunos e reconhecida como marco de fundação da Linguística enquanto ciência moderna. Elas se pautam, sobretudo, na reflexão de que Saussure distingue a língua, conjunto heteróclito que forma a linguagem, da fala, âmbito da execução individual do falante. O enfoque dado pelas críticas é ao fato de que Saussure distingue a Linguística da língua e a Linguística da fala, priorizando a primeira e dando à segunda importância secundária.

Ao que nos parece, essa apreciação negativa, que acusa Saussure sobre a exclusão da fala, feita de várias maneiras e por diferentes estudiosos, diminui a importância de uma

possível concepção de fala na reflexão saussuriana, pois a tomam, a priori, como excluída, tendo, por consequência, um objeto da Linguística amputado. Em direção oposta, defendemos que a fala tem papel fundamental na construção conceitual do genebrino, uma vez que provoca reflexões na produção saussuriana, as quais se aproximam de um conceito. Assim, as elaborações em torno dela parecem-nos imprescindíveis para outras reflexões que, juntas, formam o pensamento teórico de Saussure. Dessa forma, assumir que Saussure excluiu a fala de sua reflexão é desconsiderar o papel que ela tem na teia de conceitos proposta por ele. É em função disso que, neste estudo, propomo-nos a aprofundar nosso olhar e investigar de que maneira a fala opera na reflexão sobre a língua do linguista genebrino.

Dirigidos por esse objetivo, perguntamo-nos: i) em que se diferencia ou se aproxima o tratamento dado à fala por Saussure dos estudos contemporâneos a ele? ii) De que maneira a fala é mobilizada no *Curso de Linguística Geral*, ponto de partida das críticas à exclusão da fala? iii) De que maneira a fala é mobilizada ao longo dos cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure, em Genebra, e cujas anotações dos alunos serviram de fontes para a edição? iv) De que maneira a fala é lida e interpretada pelas edições críticas do CLG? v) Quais são os efeitos da recepção da fala em Saussure e quais outras perspectivas, que não a da exclusão, há para a fala na teoria saussuriana? A partir desses questionamentos, organizamos nossa reflexão da seguinte maneira.

No primeiro capítulo, “O estudo da fala no século XIX”, discutimos o tratamento dado à fala no quadro da linguística histórico-comparatista, campo de formação do linguista suíço Ferdinand de Saussure, com o objetivo de demonstrar como Saussure se desloca dos estudos contemporâneos à sua época no que concerne à fala. Para tanto, fazemos uma leitura da proposta neogramática desenvolvida nas últimas décadas do século XIX, que busca demarcar o lugar da fala nos trabalhos mais representativos desse período. Dessa forma, apresentamos subsídios teóricos do século XIX para entender, posteriormente, o percurso de Saussure no que concerne à fala, já que consideramos que Saussure opera um distanciamento dos estudos então vigentes.

No segundo capítulo, “A fala no *Curso de Linguística Geral*”, contextualizamos a reflexão saussuriana em torno da fala na obra, a partir da qual os conceitos saussurianos tornaram-se conhecidos. Para tanto, apresentamos o contexto teórico de elaboração da distinção entre língua e fala, a fim de situarmos o lugar da fala nas reflexões do texto póstumo, utilizado como ponto de partida para a crítica sobre a exclusão da fala por Saussure. Nesse capítulo, interessa-nos, então, ler atentamente as proposições que Saussure mobiliza no

CLG a respeito da fala. No entanto, de maneira oposta ao que recorrentemente é feito, consideramos também as várias discussões em que a fala aparece, passagens muitas vezes ignoradas por aqueles que acreditam na sua exclusão dos interesses saussurianos.

No terceiro capítulo, “A fala em movimento: uma leitura dos cadernos dos alunos”, voltamos aos momentos anteriores à publicação da edição póstuma para, como propõe Silveira (2007), observar o movimento de elaboração teórica de Saussure, nesse caso específico em torno da fala no quadro dos cursos de Linguística Geral, ministrados por ele e cujas anotações dos alunos estão entre as principais fontes utilizadas na edição que deu origem ao CLG. Nesta parte de nosso estudo, buscamos compreender de que forma a fala foi cronologicamente apresentada durante as aulas na Universidade de Genebra. Esse retorno aos cadernos nos permitirá acompanhar um movimento que está muito mais próximo de uma construção da teoria da fala do que de uma exclusão da mesma. Será durante as reflexões do mestre genebrino, no decurso de seus três cursos de Linguística Geral, ministrados no início do século XX, em Genebra, que poderemos, de fato, verificar o lugar da fala no processo de construção da teoria saussuriana que se fazia no seio de sua elaboração teórica.

No quarto capítulo, “A fala segundo o inventário crítico do *Curso de Linguística Geral*”, verticalizamos a leitura do CLG a partir de aparatos críticos que aparecem na fortuna saussuriana como uma resposta às diversas críticas à edição. Para tanto, analisamos inventários críticos do CLG, com foco na questão da fala, a saber: o trabalho pioneiro de Robert Godel publicado em 1957, “*Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*”; o Tomo I da edição crítica de Rudolf Engler publicada em 1967 e o *Lexique de la terminologie saussurienne* publicado em 1968; e, por fim, a edição crítica preparada por Túlio de Mauro e publicada em 1968. Partindo da compreensão de que a crítica à exclusão da fala por Saussure se faz, sobretudo, a partir do CLG, as edições críticas assumem grande importância na discussão da fortuna saussuriana. Em todos estes trabalhos, buscaremos fazer um percurso que nos permita um aprofundamento a respeito da concepção da fala a partir das fontes utilizadas pelos editores do Curso e da reflexão desses autores críticos na obra póstuma de Saussure.

No quinto e último capítulo, “Efeitos e perspectivas da recepção da fala em Saussure”, discutimos os efeitos de uma leitura reducionista da fala a partir do *Curso de Linguística Geral*, e propomos, a partir das análises feitas, outra perspectiva de abordagem da fala em Saussure, que a considera como um fio de uma teia conceitual. Para tanto, trataremos, para a nossa discussão, dois grandes paradigmas em que se inscreve uma crítica à exclusão da

fala por Saussure: o paradigma sociológico, representado por William Labov, e o paradigma dialógico, representado por Mikhail Bakhtin. A escolha por esses dois grandes paradigmas da Linguística se deu por compreendermos que são de capital importância na Linguística pós-saussuriana, influenciando gerações de linguistas. Nosso objetivo, portanto, é refletir sobre os efeitos que tais leituras trazem para a compreensão da reflexão sobre a fala na obra de Saussure. A partir disso, retomamos, ainda neste capítulo, as possibilidades para interpretar a elaboração do genebrino a respeito da fala, que não a perspectiva de exclusão, demonstrando o lugar essencial desse termo para o pensamento de Saussure.

Assim, a partir da análise dos diferentes documentos que compõem a fortuna saussuriana, acreditamos que será possível repensar a problemática da exclusão da fala em seu aspecto conceitual, demonstrando que, embora inacabada, como propõe Silveira (2013) – o que, certamente, fundamentou diversas críticas a ele - ela opera de modo singular na teoria linguística de Ferdinand de Saussure.

Capítulo 1 O estudo da fala no final do século XIX

1.1 Introdução

Como apontamos na introdução desta tese, de modo geral, buscamos investigar de que maneira a fala opera na teoria linguística saussuriana, a partir da suposição de que ela pode ocupar um papel na constituição da teia conceitual legada à Linguística por Ferdinand de Saussure. Movidos pela conhecida crítica da exclusão da fala dos interesses da Linguística, pelo genebrino, objetivamos, então, aprofundar o estudo da teoria saussuriana, apontando os limites dessa crítica e propondo outras perspectivas de análise dessa questão no pensamento de Saussure.

Nesse caminho de investigação, é preciso considerar que, embora a fala, nos estudos linguísticos, tenha ganhado atenção, especialmente, a partir da distinção que Saussure estabelece entre língua e fala, ela já ocupava lugar nos estudos anteriores e contemporâneos ao genebrino, ainda que de modo distinto e pouco tematizado nos períodos seguintes. Com qual concepção de fala os estudiosos operam no final do século XIX? Qual seu lugar nas teorizações sobre a linguagem nesse contexto? Ainda, de que maneira diferencia-se ou aproxima-se do tratamento dado à fala por Saussure dos estudos contemporâneos a ele? É o que propomos investigar neste capítulo, a partir do entendimento de que, embora avante de seu tempo, Saussure é também devedor dele, e como tal, inclusive, mobiliza uma série de noções e de definições próprias de seu momento histórico, dentre os quais destacamos o de fala.

Dessa maneira, para nós, antes de adentrarmos o pensamento saussuriano para uma análise do modo como a fala opera na Linguística saussuriana, é válido que consideremos, antes, o contexto em que a reflexão saussuriana se dá e que, sem dúvidas, exerce influência na teorização de Saussure, seja em um movimento de adesão, seja em um movimento de recusa. Desse modo, neste capítulo, visamos investigar o tratamento dado à fala no quadro da

linguística histórico-comparatista, especificamente, aquela dos fins de século¹, como se sabe, campo de formação do linguista suíço Ferdinand de Saussure.

Assim, acreditamos que será possível estabelecer, no que concerne à fala, de um lado, as influências desse pensamento na teoria linguística de Saussure, de outro lado, os avanços teóricos do genebrino em relação à Linguística do século XIX e que nos possibilitará discutir de que maneira a fala opera na teoria de Saussure e, com isso, repensar o lugar que ela ocupa em seus estudos.

Desse modo, em um primeiro momento, avaliaremos como a fala se faz presente nos estudos neogramáticos, de maneira mais geral, a partir da leitura do *Manifesto Neogramático*, escrito por Karl Brugmann e Hermann Osthoff, que sintetiza os princípios básicos do movimento que marcará o contexto da formação saussuriana. Em um segundo momento, de maneira mais específica, avaliaremos como ela se faz presente na proposta de Hermann Paul, um dos principais nomes dos estudos neogramáticos. Assim, esperamos apresentar um panorama da reflexão encontrada por Saussure no momento de sua formação.

1.2 A fala nos estudos neogramáticos

Em um exame acerca da reflexão sobre a fala por Saussure, é preciso lembrar, de um lado, como faz Morpurgo Davies (2004), que as publicações, em vida, do genebrino giravam em torno dos estudos indo-europeístas e se enquadravam na tradição histórico-comparatista, que começou no início do século XIX e, de outro lado, que Saussure vivenciou o surgimento das teses neogramáticas durante seus anos de formação em Leipzig.

O contato com os neogramáticos, durante os anos na Alemanha, é relevante, tendo em vista o contexto de reflexão em que Saussure estava inserido e que, para nós, marca não só seu processo de formação como também incide sobre as teses que serão futuramente propostas por ele acerca da Linguística Geral. De que maneira a fala em Saussure, objeto por

¹ Apesar de a noção de fala já ser comum aos estudos comparatistas desenvolvidos ao longo de todo o século XIX, como esclarecem Turpin (1995-1996) e Silveira (2014), em nosso trabalho, partiremos dos estudos neogramáticos, datados do final desse mesmo século, uma vez que constituem o contexto imediato de formação de Saussure, mesmo sabendo da importância das técnicas das metodologias próprias da Gramática Comparada, diretamente ligadas à fala, inclusive, utilizadas por Saussure em seu *Mémoire*.

nós estudado, reflete ou refrata os estudos de seu tempo imediato? A fala com que operam os neogramáticos é a fala com que opera Saussure em sua teoria sobre a língua?

Uma primeira perspectiva do que seja a fala, para os estudos neogramáticos, pode ser encontrada no prefácio que abre a revista *Morphological Investigations*, publicada em 1878. Assinado por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), o prefácio que, como destaca Morpurgo Davies (1998, p. 231), tem tom revolucionário para a metodologia da pesquisa histórica e comparativa, resume as proposições dos jovens conhecidos como neogramáticos. “A introdução do primeiro número [...] conta como um real manifesto do movimento neogramático e é escrito de uma forma um tanto exagerada que veicula um estilo revolucionário para irritar a geração mais velha” (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 231).

A leitura desse manifesto mostra-nos o tom revolucionário de que fala Morpurgo Davies. Já em sua introdução, os autores apresentam-se enfáticos em criticar os métodos de pesquisa da Linguística Comparativa: mostrar como os estudos dos últimos tempos se distanciavam dos estudos da primeira metade do século e estabelecer as principais preocupações que a Linguística deveria ter.

A velha Linguística, não se pode negar, aborda seu objeto de investigação, as línguas indo-europeias, sem primeiro ter formado uma ideia clara de como a fala humana realmente vive e se desenvolve, quais fatores são ativos na fala e como esses fatores trabalhados juntos causam a progressão e modificação da substância do discurso. As línguas foram estudadas com mais intensidade, mas o homem que fala, (foram estudados) muito pouco”² (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 198).

A crítica dos neogramáticos à velha Linguística, modo como os autores se referem à Gramática Comparada, está no fato de ela concentrar-se no estudo das línguas indo-europeias, escolhidas como seu objeto, ignorando o que, fundamentalmente, deveria ser estudado: o modo como a fala vive e se desenvolve, quais aspectos estão envolvidos na fala, quais fatores são ativos na substância da fala. Por essa perspectiva, o estudo das línguas deveria, então, ser

² Tradução nossa de: “The older linguistics, as no can deny, approached its object of investigation, the Indo-European languages, without first having formed a clear idea of how human speech really lives and develops, which factors are active in speaking, and how these factors working together cause the progression and modification of the substance of speech. Languages were indeed investigated most eagerly, but the man who speaks, much too little”.

antecedido por questões concernentes ao modo como se dá a atividade da fala humana que, para os neogramáticos, engloba dois aspectos, um mental e um físico:

Chegar a um entendimento claro dessa atividade precisa ser o principal objetivo da Linguística Comparativa. Somente com base num conhecimento mais exato do arranjo e modo de operação deste mecanismo psicofísico, pode-se fazer uma ideia do que é possível na linguagem em geral – por isso, não se deve pensar na língua no papel, pois no papel, quase tudo é possível. Além disso, somente por meio desse conhecimento, o linguista comparativo pode obter a visão correta na comunidade de fala, e somente assim, ele pode adquirir os princípios metodológicos que vão guiá-lo em todas as suas investigações na Linguística Histórica³. (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 198).

Nesse trecho, é preciso destacar a clara mudança de foco requerida pelos neogramáticos: era preciso estabelecer o entendimento do mecanismo da fala humana como o principal objetivo da Linguística Comparativa. Devemos observar, ainda, que a fala possui dois aspectos: um mental e um físico, o que justifica a referência a um mecanismo psicofísico, cujo arranjo e funcionamento deve ser investigado. Segundo o que propõe os neogramáticos, é a análise do funcionamento da fala humana que dará ao linguista uma ideia do que é a linguagem em geral, bem como uma ideia de como se dão as inovações linguísticas.

Ainda no trecho destacado, vemos que a crítica à Linguística Comparada, feita no manifesto, incide sobre três aspectos. O primeiro está no fato de que a Linguística Comparativa se ateve às línguas, especificamente as indo-europeias, e não ao funcionamento da fala humana. O segundo está no fato de que ela se preocupou com as línguas no papel, ou seja, com a língua escrita, e não como a língua falada. Tomou, portanto, a língua escrita como objeto e desconsiderou a língua naqueles que falam. O terceiro está no fato de que não observou, em suas análises, os indivíduos, de onde provêm as inovações linguísticas, fator de mudança linguística. Deixou, então, de observar como as mudanças linguísticas nascem da atividade da fala de um indivíduo.

³ Tradução nossa de: “To come to a clear understanding of its activity must be a main goal of the comparative linguist. For only on the basis of a more exact knowledge of the arrangement and mode of operation of this psychophysical mechanism can he get an idea of what is possible in language in general – by that one should not think of the language on paper, for on paper almost everything is possible. Moreover, only through this knowledge can the comparative linguist obtain the currency in the speech community, and only thus can he acquire the methodological principles which have to guide him in all his investigations in historical linguistics”.

Considerando-se que o mecanismo da fala humana tem um lado mental e um lado físico, os neogramáticos tecem crítica também à fonética articulatória, pois, para eles, essa ciência se preocupou apenas com aspecto físico do mecanismo da fala. No entanto, eles argumentam que, para que haja uma compreensão clara da atividade da fala humana, deve haver uma ciência que realize extensas observações da operação dos fatores psicológicos que estão em ação em incontáveis mudanças sonoras e inovações, bem como em todas as chamadas formações analógicas.

Nessa perspectiva, os autores afirmam que o velho comparatismo linguístico, embora prontamente aceitasse e utilizasse o ensino da fonética articulatória, dificilmente se preocupava com o aspecto psicológico do processo de fala e, como consequência, caía em vários erros:

Esses erros tiveram origem na própria falha em reconhecer o fato de que mesmo as mudanças e modificações que ocorrem apenas na forma externa da fala e afetam apenas a expressão fonética do pensamento são graças a um processo psicológico que ocorre primeiro na materialização do som pelos órgãos vocais.⁴ (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 199).

Ater-se ao estudo das mudanças e das modificações da fala, sem considerar o processo psicológico que as antecede, advém, para os neogramáticos, do erro de considerar apenas um dos aspectos constitutivos da fala humana, o lado físico, objeto de estudos ao qual fonética articulatória se restringia. A respeito dessa reivindicação ao estudo da parte mental ou psicológica da atividade de fala, Morpurgo Davies (1998) observa que se trata de uma crítica à compreensão de Schleicher, para quem a linguagem constituía um organismo vivo e a quem os neogramáticos reagiram fortemente.

O começo do psicologismo dos neogramáticos deve ser visto em seu contexto. É uma reação contra Schleicher – para ser entendido como um retorno parcial ao Humboldt mediado por Steinthal. Se a língua não é um objeto com uma vida própria, e organismo, a atenção necessariamente muda para o falante ou falantes que é ou são responsáveis pela produção da língua. A lín-

⁴ Tradução nossa de: “These errors originated in that very failure to recognize the fact that even the changes and modifications taking place solely in the external speech form and affecting only the phonetic expression of thought are due to a psychological process which takes place prior to the materialization of the sound by the vocal organs”.

gua é, então, tratada como um fenômeno mental e o estudo da língua como uma parte da psicologia⁵. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 247)

Morpurgo Davies (1998) observa que a reação às ideias organicistas de Schleicher – de certo modo, compartilhadas por Curtius, professor de Leipzig a quem os neogramáticos também reagiam – está na base do surgimento do movimento neogramático. Vale lembrar que este é também o mérito que Saussure atribui a essa escola: “Graças aos neogramáticos, não se viu mais, na língua, um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos linguísticos” (SAUSSURE, [1916]2012, p. 36). A língua não possui vida própria, como propunha Schleicher, sua existência está associada unicamente àqueles que falam. Desse modo, para compreender como funciona a linguagem humana, o foco de investigação deve ser deslocado para aqueles que falam a língua.

Logo, pode-se afirmar que a investigação do mecanismo da fala, realizada até então, era insuficiente, principalmente quando se tem em conta o lado psicológico. Isso, segundo os neogramáticos, fazia retardar a aquisição de princípios orientadores corretos para a investigação da mudança e das inovações nas línguas indo-europeias. Sob essa perspectiva, há, portanto, uma defesa de que o estudo da mudança linguística desloque-se do estudo das línguas para uma análise dos fatores físicos e psicológicos envolvidos na atividade da fala humana.

Portanto, o linguista comparativo deve retornar sua atenção da língua original para o presente, se ele quiser chegar a uma ideia exata da maneira pela qual a língua é conservada, e ele deve, de uma vez por todas, livrar-se completamente do pensamento de que, como um indo-europeísta comparativo, precisa preocupar-se com os estágios posteriores das línguas indo-europeias somente quando elas oferecem material linguístico importante para a reconstrução da língua indo-europeia original.⁶ (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 200).

⁵ Tradução nossa de: “The beginning of the neogrammarians’ psychologism must be seen in its context. It is a reaction against Schleicher – to be understood as a partial return to Humboldt mediated by Steinthal. If language is not an object with a life of its own, and organism, the attention necessarily shifts onto the speaker or speakers who is or are responsible for language production. Language is then treated as a mental phenomenon and the study of language as a part of psychology”.

⁶ Tradução nossa de: “Therefore, the comparative linguist must turn his attention from the original language to the present if he wants to arrive at a correct idea of the manner in which language is maintained, and he must once and for all rid himself completely of the thought that as a comparative Indo-Europeanist one need concern himself with the later stages of the Indo-European languages only when they offer linguistic material that is of importance for the reconstruction of the original Indo-European language”.

Destacamos, nesse trecho, o interesse em investigar de que maneira a língua é realmente conservada, o que, claramente, distanciava-se dos interesses dos indo-europeístas de reconstrução das línguas. É em vista disso que os assinantes do manifesto neogramático defendem que o linguista comparatista deve deixar de lado o estudo das línguas passadas, realizado durante anos a partir de textos, e colocar seu objetivo na “fala popular genuína”, com a “linguagem comum da comunicação e a fala coloquial” (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 200), e não na reconstrução de idiomas antigos, pois a interpretação adequada da mudança linguística será possível somente pela língua espontânea e não a dos livros.

Aqui, é válido observar que há também uma defesa do estudo da linguagem comum, da fala coloquial e popular que merece destaque, pois mostra a tentativa de distinguir o estudo das línguas antigas, em vista da reconstrução, e o estudo das línguas contemporâneas, as quais, para os neogramáticos, melhor explicaria o mecanismo da mudança linguística, em seu “desenvolvimento no uso diário” (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 200).

Assim, propõem que o estudo da Linguística Histórica dê ênfase não mais à palavra escrita e volte sua pesquisa à fala. Nesse sentido, parece claro que esse grupo de linguistas não concordava com as idealizações, crítica frequente entre os neogramáticos, que conduziam os estudos para a busca de uma língua primitiva, e buscavam direcionar suas pesquisas para o que eles chamavam de línguas vivas, com foco no falante. Somente assim, seria possível entender como a língua é conservada e como ela funciona.

Para elucidar esse posicionamento, os autores citam o trabalho de J. Winteler, *Die Kerenzer Mundart des Kantons Glarus* (Leipzig e Heidelberg, 1876) em que se questiona:

Se o linguista consegue ouvir, com seus próprios ouvidos, como as coisas acontecem na vida de uma língua, por que ele prefere formar suas ideias sobre a consistência e inconsistência em sistemas fonológicos apenas com base na transmissão de uma escrita inexata e pouco confiável de línguas mais antigas?⁷ (WINTELER *apud* BRUGMANN; OSTHOFF, 1876, p.202)

Como pode-se observar, os autores são enfáticos em criticar os linguistas que realizavam seus estudos a partir de anotações de escritas antigas, chamando a atenção para a importância de observar os fenômenos na vida presente dos que falam. Ademais, o que eles observam é que o ideal é considerar a experiência do linguista e tomar para si os

⁷ Tradução nossa de: “When the linguist can hear with his own ears how things happen in the life of a language, why does he prefer to form his ideas about the consistency and inconsistency in phonological systems solely on the basis of the inexact and unreliable written transmission of older languages?”

acontecimentos momentâneos, e não em considerar estudos em escritas que nem sempre apresentam a transcrição exata das línguas mais antigas.

Ainda em relação às convicções da escola neogramática, os autores afirmam que seus investigadores, motivados pela reflexão de Leskien acerca da lei fonética e da exceção à lei, observaram um duplo conceito: primeiro, que a língua não possui uma vida própria fora dos seres humanos, pois é somente no indivíduo que ela possui existência, portanto, todas as mudanças na vida de uma língua só podem proceder do falante; e, segundo, que a atividade física e mental do homem, no que refere-se à fala, deve sempre ter sido do mesmo modo ao receber, reproduzir e modificar a língua dos seus antepassados que havia sido absorvida em sua consciência. É nesse contexto que Brugmann e Osthoff definem os dois princípios do movimento neogramático:

Primeiro, todo som muda, desde que ocorra mecanicamente, de acordo com leis que não admitem exceção. Ou seja, a direção do deslocamento do som é sempre a mesma para todos os membros de uma comunidade linguística, exceto ocorre quando uma divisão em dialetos; e, em todas as palavras em que o som foi submetido, a mudança aparece na mesma relação que são afetados pela mudança sem exceção. Em segundo lugar, uma vez que é claro que a forma de associação, ou seja, a criação de novas formas linguísticas por analogia, desempenha um papel muito importante na vida das línguas mais recentes, esse tipo de inovação linguística deve ser reconhecido sem hesitação também por períodos mais antigos, e até para os mais velhos. Este princípio não é apenas para ser reconhecido, mas também deve ser utilizado da mesma forma que é empregado para a explicação de fenômenos linguísticos de períodos posteriores.⁸ (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 204).

Nesse excerto, como se lê, os autores propõem dois princípios para o movimento neogramático. Em primeiro lugar, está o fato de que as mudanças nos sons das línguas dão-se de forma mecânica de acordo com leis – as conhecidas leis fonéticas – que não admitem exceções, ou seja, as alterações dos segmentos da língua não ocorrem de forma isolada, mas afetam todas as outras formas da espécie fonológica. Dito de outra maneira, de acordo com as

⁸ Tradução nossa de: “First, every sound change, inasmuch as it occurs mechanically, takes place according to laws that admit no exception. That is, the direction of the sound shift is always the same for all the members of a linguistic community except where a split into dialects occurs; and all words in which the sound subjected to the change appears in the same relationship are affected by the change without exception. Second since it is clear that form association, that is, the creation of new linguistic forms by analogy, plays a very important role in the life of the more recent languages, this type of linguistic innovation is to be recognized without hesitation for older periods too, and even for the oldest. This principle is not only to be recognized, but I also to utilized in the same way as it is employed for the explanation of linguistic phenomena of later periods.”

leis fonéticas, a mudança afeta todos os segmentos da língua em condições determinadas. Em segundo lugar, está o fato de que, além das mudanças sonoras, a analogia, fenômeno morfológico, possui importante papel na vida da língua tanto das línguas mais recentes quanto das mais antigas, ou seja, seria a explicação dos fenômenos linguísticos que vieram depois.

Com relação a esses dois princípios, Morpurgo Davies (2004), afirma que:

Eles [os neogramáticos] adotaram uma abordagem dualista para mudança da língua: a mudança fonética aconteceu inconscientemente, independentemente da vontade dos falantes e de acordo com as ‘leis’ que não admitiam exceções; a mudança morfológica foi fortemente influenciada pela ‘analogia’: os falantes reintroduziram a regularidade na gramática, remodelando formas umas sobre as outras. Esses dois tipos de mudança se aplicam a todos os períodos e não, como se supunha anteriormente, apenas ao período de decadência linguística que seguiu a reconstrução da língua-mãe. Em outras palavras, o linguista teve que adotar uma abordagem uniformitária e estudar a motivação da mudança com base em dados modernos, a fim de reconstruir o que tinha acontecido no passado.⁹ (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 16)

Ainda sobre a analogia, no manifesto, Brugmann e Osthoff defendem que esse princípio, além de ser reconhecido, deve também ser utilizado para a explicação de fenômenos linguísticos. Para os autores, as formações analógicas surgem, principalmente, em momentos em que o “sentimento pela língua” se “degenerou” ou, ainda, em momentos em que “a consciência da língua se tornou obscuro” (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 205). Para eles, esse é um ponto de vista estranho em relação à analogia. Ao mesmo tempo, denunciam que esse ponto de vista surgiu entre aqueles que pensam que uma língua e as formas de uma língua têm uma vida em si mesma, separada dos falantes individuais. Dessa forma, os neogramáticos compreendem que a causa desse embate são as “expressões geralmente nocivas de “juventude” e de “velhice” das línguas”. (BRUGMANN; OSTHOFF, 1878, p. 205).

Sumariamente, é possível destacar, na proposta expressa no manifesto, alguns pontos concernentes à fala que nos interessam. Em primeiro lugar, observa-se que o ponto de partida

⁹ Tradução nossa de: “They adopted a dualistic approach to language change: phonetic change happened unconsciously, independently of the will of the speakers, and according to regular ‘laws’ which admitted of no exceptions; morphological change was heavily influenced by ‘analogy’: the speakers reintroduced regularity in the grammar, remodeling forms on each other. These two types of change applied to all periods and not, as previously supposed, only to the period of linguistic decay which followed the perfection of the reconstructed parent language. In other words the linguist had to adopt a uniformitarian approach and study the motivation of change on the basis of modern data in order to reconstruct what had happened in the past.”

dos neogramáticos é a mudança de perspectiva dos objetivos de estudo da Linguística Comparativa, que deve focar no entendimento do mecanismo da fala humana e não mais a reconstrução das línguas com foco na língua primitiva. Em segundo lugar, destaca-se a compreensão da fala como um mecanismo psicofísico que, portanto, compreende dois aspectos: um lado físico, já investigado pela fonética articulatória, e de um lado psicológico, ignorado pelos estudos da velha Linguística. É o estudo do arranjo e do modo de operação desse mecanismo que permitirá explicar as mudanças linguísticas. Em terceiro lugar, o estudo da mudança deve considerar as línguas faladas atualmente e coloquialmente e não as línguas antigas. Além disso, seu estudo deve ter sempre, como ponto de partida, aqueles que falam as línguas e não os textos escritos.

Apesar das tentativas de delimitar um novo campo de investigação para fala humana, visualizadas no manifesto, é preciso considerar que a noção de fala se mostra ainda muito pouco esclarecida na proposição dos autores. Quais são os limites entre o mecanismo da fala e o mecanismo da linguagem em geral? Qual é a relação entre a fala e a língua? São as línguas um produto da atividade da fala? É a fala um produto da atividade de linguagem? Quais aspectos constituem o lado psicológico da fala?

Tais questionamentos coloca-nos frente ao que observa Normand (2009[2000]), segundo quem, antes de Saussure, não havia uma distinção clara e objetiva entre linguagem, língua e fala. É o que vemos nas proposições do manifesto, as quais, embora tentem diferenciar a língua falada da língua escrita, a língua falada atualmente das línguas antigas, têm seus limites em explicitar o que é a linguagem humana, como ela se delimita em relação à atividade de fala, qual a relação da linguagem, da fala e das línguas. Para nós, isso impede um contorno mais preciso do que seja a fala a partir do manifesto, apesar de ser patente um esforço de elaboração teórica em relação a ela. Com isso, passamos a observar o trabalho de Hermann Paul, na tentativa de apresentarmos de que modo a fala opera e se configura em sua pesquisa e compreendermos de que forma essa posição se aproxima ou se distancia da apresentada por Saussure.

1.3 A proposta de Hermann Paul acerca da fala

Muitos são os estudiosos importantes que contribuíram para avanço nos estudos da linguagem no final do século XIX. Neste trabalho, pretendemos dar um enfoque mais dirigido

em nossa análise da noção de fala delimitada nos estudos neogramáticos. Dessa forma, buscaremos, no livro *Princípios Fundamentais da História da Língua*, escrito e publicado por Hermann Paul, um dos jovens neogramáticos que chama nossa atenção. Conhecida como a principal obra do movimento neogramático, ela apresenta questões fundamentais relacionadas ao estudo da mudança linguística e mobiliza noções importantes para o entendimento histórico da linguagem, dentre os quais destacamos a de fala.

[...] o livro teórico que é fundamental para o pensamento dos neogramáticos é o *Prinzipien* de Paul, que foi frequentemente reescrito e atualizado até a morte do autor. Sweet (1882-4, 105) elegeu a primeira edição como o ‘trabalho mais importante em Filologia Geral que apareceu nos últimos anos’, elogiou ‘sua extrema solidez’ e notou a habilidade de Paul em resumir as visões dos neogramáticos ‘mais rigorosa e consistentemente’ e por adicionar ‘várias ideias originais de sua escolha’¹⁰. (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 246)

Dividido em vinte e três densos capítulos, o livro de Paul traz, em diversos deles, questões concernentes à fala, as quais selecionaremos as que mais nos interessam, tendo em vista nosso objetivo de verificar como a fala opera na Linguística saussuriana. Tais questões são retomadas, sobretudo, na busca por explicação dos diversos aspectos envolvidos no mecanismo da mudança linguística. É nesse sentido que, como veremos, a temática em torno da fala, em Paul, apresenta-se atrelada às discussões que apresentam a mudança das línguas que mais tarde será confrontada por nós nos estudos do genebrino.

Em sintonia com o que é feito no *Manifesto Neogramático*, Paul também parte de uma crítica dirigida à Gramática Comparada, para estabelecer o objeto de estudos da nova Gramática, a histórica, observando, também, o valor dos fatores psicológicos para essa ciência que se mostra cultural. Como sintetiza Morpurgo Davies (1998),

A primeira frase da introdução (do livro *Prinzipienlehre*) pode servir como um resumo geral dos pressupostos e objetivos: a língua, nos dizem, está sujeita a tratamento histórico como todos os produtos da cultura humana,

¹⁰ Tradução nossa de: “[...] the theoretical book which is fundamental for the neogrammarians’ thought is Paul’s *Prinzipien*, which was frequently rewritten and updated until the author’s death. Sweet (1882-4, 105) hailed the first edition as ‘the most important work on general philology appeared of late years’, praised ‘its extreme soundness’ and remarked on Paul’s ability to sum up the views of the neogrammarians ‘more rigorously and consistently’ and to add ‘many original ideas of his own’.”

mas a história linguística, como todas as formas da história, deve ser acompanhada de uma disciplina que esteja com as condições gerais de desenvolvimento histórico e investiga a natureza e operação de todos os fatores que permanecem constantes através da mudança. O programa geral de Paul pede uma distinção entre as ciências naturais, por um lado, e as "ciências culturais" por outro. Esta última é caracterizada, em contraste com a primeira, pela importância dos fatores psicológicos, embora estes constantemente interajam com fatores físicos.¹¹ (MORPURGO DAVIES, 1998, p. 247)

Em seu livro, Paul procura estabelecer, então, as bases para uma ciência histórica, tendo em vista que a língua, como produto da cultura humana, está sujeita ao tratamento histórico, o que a separa das ciências naturais. Cabe ao linguista investigar aquilo que permanece constante em meio ao desenvolvimento histórico, ou seja, todos os fatores que continuam apesar das mudanças que as línguas sofrem.

Ao estabelecer as bases para a sua ciência histórica, Paul estabelece também o objeto para o investigador da língua, que, como podemos ver pela reflexão abaixo, coloca em seu centro a fala humana:

O verdadeiro objecto para o investigador da língua é antes constituído por todas as manifestações da actividade da fala em todos os indivíduos na sua acção recíproca. Todos os grupos de sons que um indivíduo qualquer alguma vez tenha dito, ouvido ou imaginado, com as ideias que lhe estão associadas e de que eles foram símbolo, os múltiplos complexos em que se formaram, na alma de cada um, os elementos da língua, são do domínio da história da língua e deviam, no fundo, conhecer-se todos, para tornar possível uma compreensão total da evolução. (PAUL, 1966[1880], p. 34)

Constituem o objeto do linguista todas as manifestações da atividade da fala, em todos os indivíduos, em sua ação recíproca, o que condiz com os fundamentos do movimento já visitados, segundo os quais o foco dos estudos da língua deve ser aquele que fala. Nessas

¹¹ Tradução nossa de: "The first sentence of the introduction can serve as a general summary of assumptions and aims: language, we are told, is subject to historical treatment like all products of human culture, but linguistic history, like all forms of history, must be accompanied by a discipline which is concerned with the general conditions of historical development and which investigates the nature and operation of all factors which remain constant through change. Paul's general programme calls for a distinction between natural sciences on the one hand and 'cultural sciences' on the other. The latter are characterized, in contrast with the former, by the importance of psychological factors, though these constantly interact with physical factors."

manifestações da fala, estão inclusos todos os sons associados às ideias que os indivíduos alguma vez tenham dito. São todas elas pertencentes, argumenta Paul, ao domínio da história da língua. Conhecer cada uma dessas manifestações daria, para o neogramático, condições de entender como se dá a mudança linguística.

Na tentativa de demonstrar a origem das modificações que tais manifestações da fala sofrem, Paul afirma que a mais leve modificação do uso costuma ser o resultado da concorrência duma série de fenômenos isolados que nos fogem à observação. Dessa forma, ele propõe que busquemos a origem das modificações no uso da língua. Para ele, na língua, não há uma criação de nada completamente novo e as modificações estão sempre presentes no sujeito. “A verdadeira causa das modificações do uso não é nada mais do que a actividade habitual da fala.” (PAUL, 1966[1880], p. 40). Nesse sentido, embora se esforce para distanciar a Linguística das ciências naturais – e mesmo da concepção organicista de Schleicher – Paul compara a mudança da língua à evolução de Darwin ao descrever que: “a utilidade maior ou menor das formas criadas é determinante para a conservação ou desaparecimento das mesmas.” (PAUL, 1966[1880], p. 40). Dessa maneira, as novas formas serão continuadas ou não dependendo do seu uso, fator determinante para perpetuação ou extinção de uma nova modificação.

Ainda nessa reflexão, Paul demonstra que, quando o uso é modificado pelo ato da fala, sem interferência voluntária, isso ocorre naturalmente, porque o uso coletivo não domina completamente a atividade da fala, pois deixa sempre uma margem para a liberdade individual. Essa liberdade individual, por sua vez, influencia tanto o “organismo psíquico” da pessoa que fala, quanto das pessoas que ouvem. Assim, uma mudança que, inicialmente, partiu de um indivíduo pode transformar-se num novo uso e suprimir a forma antiga, caso seja aderida pelos ouvintes/falantes.

Para Paul, todos os princípios que orientam a história da língua partem das seguintes questões: “que relação há entre o uso da língua e a actividade da fala? Até que ponto é que esta é determinada por aquela e como, por outro lado, actua a segunda sobre o primeiro?” (PAUL, 1966[1880], p.41). Para responder a essa questão, Paul ressalta que as modificações da língua se realizam no indivíduo, tanto pela atividade espontânea do ato da fala, quanto pela influência que recebe dos outros indivíduos.

Com o interesse de situar o papel do falante e do ouvinte no mecanismo da mudança linguística, Paul defende que os elementos que compõem a fala devem abranger tanto o que a

fala individual tem em vista, como o que o ouvinte compreende e é somente a partir dessa congruência que o investigador da língua consegue chegar ao conhecimento da origem e das transformações das formas linguísticas da expressão.

No capítulo 2 de sua obra, intitulado *A cisão da língua*, o autor nos direciona ao processo de formação da língua no indivíduo, no qual estão envolvidos dois aspectos: influências recebidas externamente como também propriedades de natureza espiritual e corpórea de cada um:

Assim se forma a língua de cada indivíduo, por um lado, segundo as influências das línguas daqueles com quem lida, as quais, do nosso ponto de vista, podemos considerar como as procriadoras da língua desse indivíduo, por outro lado, segundo as propriedades independentes e as influências particulares da natureza espiritual e corpórea do mesmo indivíduo. (PAUL, 1966[1880], p.48)

Para o autor, as influências das línguas daqueles com quem lida são de longe as mais importantes, embora a origem orgânica dos indivíduos também entre em jogo, mas com importância secundária. Seguindo essa linha de reflexão, Paul afirma que, na criação da língua de um indivíduo, teremos uma grande quantidade de língua de outros indivíduos, embora em níveis diferentes.

A língua dum indivíduo é criada pura e simplesmente através da convivência. A origem só entra em linha de conta na medida em que influencia a natureza física e espiritual de cada um, a qual, como já notamos, é de resto um fator na formação da língua, mas um fator muito secundário em comparação com as influências do convívio. (PAUL, 1966[1880], p.49)

A afirmação de Paul mostra-nos uma tentativa de afastar a visão puramente organicista de compreensão da mudança linguística. Como observa o neogramático, a criação da língua e, conseqüentemente, a sua mudança são determinadas pela convivência entre os indivíduos. É esse o fator de maior peso no estudo histórico da língua.

Embora, nos dois últimos excertos citados, Paul não trate diretamente da fala, é preciso destacar como sua proposta de investigação da mudança linguística volta-se para a análise da língua no indivíduo. É o que se pretende descrever em seu capítulo 2. Assim, ao questionar-se como a língua de um indivíduo forma-se, Paul defenderá a importância da

convivência com outros indivíduos, além dos fatores de natureza física e espiritual. Por sua análise, observa-se, então, que os fatores coletivos que entram em jogo no processo de formação da língua são os de maior peso. Nesse sentido, o autor se interessa em descrever como essa formação se dá no indivíduo, a partir da crença de que é ele a principal fonte da mudança linguística.

No capítulo 3 de seu livro, intitulado de *A mutação fonética*, o autor retoma questões referentes à mudança fonética no indivíduo, colocando questões importantes para o estudo da mudança sonora, tema reconhecido da escola neogramática. Se, por um lado, a língua de um indivíduo é criada pela convivência, a mudança fonética só ocorrerá na medida em que ela for aceita por todos os indivíduos de um mesmo grupo.

O indivíduo não está dependente de todos os componentes da sua comunidade no que diz respeito à formação das suas ideias fonéticas, mas sempre só daqueles com quem mantém contato linguístico, e, por outro lado, não está igualmente dependente de todos estes; mas em medidas muito diferentes, conforme a frequência do convívio e o grau em que cada um nele toma parte. (PAUL, 1966[1880], p.69)

Em relação à mudança, o indivíduo só a absorverá na medida em que ele ouve uma particularidade da pronúncia e na medida em que essa modificação passa a ser usada frequentemente pelos membros da comunidade. A partir desse desvio mecânico absorvido pelo indivíduo, poderá ocorrer a mudança definitiva e continuar a tendência. O autor conclui que: “a frequência preponderante duma pronúncia é o único critério para a sua correção e perfeição”. (PAUL, 1966[1880], p.69).

Ainda com vistas a situar o falante na perspectiva da mudança da língua, Paul, no capítulo intitulado de *Analogia*, afirma que o fato de um certo número de formas de palavras diferentes se comportarem de maneira regular já é suficiente para criar uma sensação que se tem o direito de continuar a agir segundo essa regularidade.

Para o neogramático, as transgressões do uso, quando limitadas a um indivíduo, parecem ousadas, pois, quando se limita a um indivíduo, podemos cair em erros e contradições. O erro pode permanecer isolado sem transformar-se em hábito, pois ele fica apenas com o indivíduo e não é transmitido facilmente a um outro. Já a criação, que não está em conflito com nenhuma outra já existente, é mais facilmente transmitida, visto que não há contradição entre as partes.

Só se pode produzir uma modificação do uso quando, dentro dum círculo estreito, se produz espontaneamente o mesmo neologismo num grande número de indivíduos. (...) Quanto maior for o número daqueles que adoptam o neologismo, tanto mais fácil se torna a transmissão do mesmo a outros, tanto mais ganha em autoridade aquilo que a princípio parecia ser um erro. (PAUL, 1966[1880], p.125)

A reflexão acima evidencia que uma forma já existente, com a mesma significação, não desaparece imediatamente com o aparecimento do neologismo. Não é subitamente que a primeira forma desaparece para o surgimento de uma nova forma simultânea em todos os indivíduos; ao contrário, muitas vezes alguns indivíduos conservam a “velha fórmula” enquanto outros buscam o neologismo. No entanto, com a convivência entre esses indivíduos haverá um ajustamento, fazendo com que ambas as formas se tornem entre maior ou menor número de indivíduos e, somente após essa adaptação, é que o neologismo toma forma e se perpetua.

A respeito das discussões do capítulo sobre a analogia, é importante destacar o papel que os indivíduos possuem para compreensão do modo como esse mecanismo de criação se dá, o que reafirma o posicionamento também já observado nas discussões anteriores promovidas pelo linguista.

No capítulo *Língua falada e escrita* da obra de Paul, é possível verificar, uma vez mais, como a questão da fala está relacionada às mudanças ocorridas nas línguas. Para o neogramático, as mudanças ocorrem devido à diferença dos indivíduos entre si e pela infinita capacidade de formas de sons falados. Nesse contexto, a escrita não apresenta diferença nenhuma, sendo, portanto, incapaz de atuar sobre a mudança. Paul ainda afirma que: “é pura ilusão pensar-se que se tem na escrita um controle da modificação dos sons” (PAUL, 1966[1880], p. 399).

O autor aponta que os sons podem ser facilmente diferentes uns dos outros, no entanto, podem ser representados pelas mesmas letras. Dessa forma, nenhuma letra está numa relação real com um determinado som. Há a associação de cada letra de uma ideia ao som, e essa ideia de som pode ser modificada a medida em que o indivíduo que a representa a coloca na fala.

A discussão feita pelo neogramático se mostra bastante pertinente para reforçar a crítica dirigida aos velhos comparatistas que desconsideravam a execução individual de cada falante, focando seus estudos em antigos materiais escritos. É somente através da fala que se observam os fatores individuais de produção dos sons, altamente relevantes para o estudo da mudança sonora.

Como pode ser observado, Paul se propõe a discutir os diferentes resultados dos estudos que partem da língua escrita e dos que partem da língua falada no exame da evolução linguística, que nos permite ver uma mudança paradigmática nos estudos linguísticos, a saber: a prioridade da língua falada em relação à língua escrita, tal como foi apresentado no “Manifesto Neogramático” escrito por Osthoff e Brugmann.

Essa distinção é importante para uma compreensão da fala no final do século XIX. Isso porque, segundo Turpin (1995-1996), ao distinguir a língua escrita da língua falada, os neogramáticos apontam seu interesse para o processo de produção dos sons, que, segundo eles, inclui, como vimos, um lado físico e outro mental. Como observa a autora, no século XIX, o estudo da linguagem era voltado para a língua escrita, pois buscavam isolar as partes derivadas da fala. Mesmo a Filologia Comparada, que abandona o ponto de vista da gramática normativa, ainda assimila a língua escrita. Para os comparatistas do início do século: “as mudanças fonéticas são vistas essencialmente como a modificação das letras nas palavras”¹² (TURPIN, 1995-1996, p. 254). Quanto à passagem do estudo da língua escrita para a língua falada, a autora observa:

Foi com os neogramáticos que o estudo das leis da evolução passou da letra escrita para o som fônico. A língua falada passa a ser objeto de estudo, daí a importância dada à fonação. Esta atenção ajudará no desenvolvimento da fonética que estuda a evolução dos sons, mas também a sua produção.¹³ (TURPIN, 1995-1996, p. 254)

¹² Tradução nossa de: “Les changements phonétiques sont essentiellement vus comme une modification des lettres des mots.”

¹³ Tradução nossa de: “C'est avec les neogrammairiens que l'étude des lois d'évolution passe de la lettre écrite au son phonique. La langue parle devient objet d'étude, d'où? L'importance accordée la phonation. Cette attention aidera l'essor de la phonétique qui étudie l'évolution des sons, mais aussi leur production.”

É desse modo que, destaca a autora, a fala se distancia do que se compreendia como discurso naquele momento, isto é, como o conjunto de frases para expressão de ideias¹⁴. “O termo *fala*, portanto, tornou-se de uso comum nos trabalhos linguísticos desse período. O estudo da fala se refere ao estudo dos sons da língua e, por extensão, ao estudo da faculdade de proferir os sons” (TURPIN, 1995-1996, p. 254). Nesse contexto, no final do século XIX, no campo de estudo da linguagem, discutia-se a noção de fala em termos de sua produção, de sua articulação pelo falante.

Uma análise da obra de Paul com foco na questão da fala trouxe-nos alguns pontos interessantes concernentes a esse estudo em fins do século XIX. Em primeiro lugar, está o fato de que, para Paul, a Linguística Comparada é uma ciência cultural e histórica. Isso reforça a crítica lançada pelos neogramáticos àqueles que a compreendiam como uma ciência natural, a partir da hipótese organicista da língua. Nesse estudo, é preciso considerar, além dos fatores físicos envolvidos na fala, os fatores também psicológicos, como vê-se, a crítica à Gramática Comparada, que se ateve apenas aos fatores físicos, resultados da fonética articulatória.

Constitui objeto da Linguística, segundo Paul, todas as manifestações da atividade da fala, todos os sons já produzidos e articulados a alguma ideia. As razões das modificações da fala encontram-se na atividade do uso feita pelos indivíduos que falam. Em cada indivíduo, a língua se forma a partir de propriedades de natureza espiritual e corpórea, mas também pelas influências recebidas do convívio com outros indivíduos. A mudança fonética, para ele, deve ser considerada na fala do indivíduo, que também é fator principal no processo das criações analógicas. A partir disso, é preciso, segundo a perspectiva neogramática, dar atenção à língua falada, considerando seu processo de produção, e não à língua escrita, limitada na explicação dos fatores reais envolvidos na fala humana – fonte das mudanças linguísticas.

Como sintetiza Morpurgo Davies a respeito do movimento neogramático e que também concerne à obra de Paul:

Alguns princípios que formaram os princípios fundamentais dos neogramáticos foram listados acima, e a lista talvez possa ser repetida com alguns acréscimos, embora em estilo telegráfico: uniformitarismo, ou seja, a suposição de que o mesmo provoca determinada alteração da língua em todas as fases; antiorganicismo, ou seja, rejeição das opiniões de August

¹⁴ A relação entre fala e discurso, em Saussure, será tratada mais profundamente adiante.

Schleicher (1821-68), e parcialmente compartilhada de Georg Curtius, segundo o qual a língua era um organismo independente que se desenvolveu de acordo com leis próprias, independentemente dos falantes; prioridade da história linguística sobre a comparação; a necessidade de testar o método histórico em línguas atestadas em vez de reconstruídas; a regularidade das mudanças no som; a importância da analogia.¹⁵ (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 25)

Verificamos, assim, em Paul, que as mudanças linguísticas são perceptíveis apenas na fala individual. Isto posto, é certo que a única realidade disponível ao pesquisador é o uso individual, e é, nesse nível de consideração, que as mudanças são desencadeadas, sobretudo, quando os usos são acrescentados ou subtraídos do uso coletivo. Assim, por um lado, as adaptações de uma fala individual a outra fala individual e, por outro, a mudança espontânea, explicável por tensões sintagmáticas, representam os mecanismos chave para as mudanças no uso individual de uma língua.

Apesar do grande passo dado pelos neogramáticos, é preciso considerar que a obra de Paul tem seus limites na explicação de diferentes fatores envolvidos na atividade da fala humana. Em primeiro lugar, está a impossibilidade de ter-se em conta todas as manifestações individuais já proferidas, constitutivas do objeto do investigador, segundo o neogramático. Em segundo lugar, embora o autor nos traga uma perspectiva da formação da língua no indivíduo, uma demonstração dessa natureza parece-nos – ainda que sob a influência de Saussure – possível quando se considera também o processo de formação da língua na coletividade. Em terceiro lugar, está o fato de que, ao preocupar-se com os fatores envolvidos na mudança linguística, a proposta de Paul é limitada na explicação dos fatores que, como ele mesmo propôs, permanecem constantes através da mudança.

1.4 Saussure e a proposta neogramática

¹⁵ Tradução nossa de: “A few principles which formed the main tenets of the neogrammarians have been listed above, and the list may perhaps be repeated with some additions, albeit in telegraphic style: uniformitarianism, i.e. the assumption that the same causes determined language change at all stages; antiorganicism, i.e. rejection of the views held by August Schleicher (1821–68), and partially shared by Georg Curtius, according to which language was an independent organism which developed according to laws of its own independently of the speakers; priority of linguistic history over comparison; the need to test the historical method on attested rather than reconstructed languages; the regularity of sound change; the importance of analogy.”

Embora Saussure não seja reconhecido como um neogramático, como observa Morpurgo Davies (1998, p. 229), para quem “era jovem demais para ser uma parte real do que ele chamou de o *cenáculo dos doutores*”¹⁶, sua passagem pela Universidade de Leipzig, em 1876, coincide com o movimento teórico que ali surge e que mais tarde é reconhecido como o movimento neogramático.

Segundo De Mauro (1967, p. 325), Saussure passará quatro anos em Leipzig, ao final dos quais defenderá seu famoso *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, obra que ganhou grande reconhecimento nos estudos histórico-comparatistas. Como observa Sanders (2004), apesar de Saussure ser conhecido pela publicação do *Curso*, esta está longe de ser a única razão da sua importância como pensador, visto que seu conhecimento passou por diversas fases desde a sua morte: “em sua própria vida, ele foi considerado – e se considerava – principalmente como um linguista histórico que deixou sua marca com um estudo brilhante e precoce em linguística indo-europeia”¹⁷ (SANDERS, 2004, p.1).

Em Leipzig, Saussure tem contato com importantes nomes do movimento neogramático: frequenta aulas de eslavo e lituano de August Leskien – segundo Morpurgo Davies (1998, p. 229), professor que representa uma espécie de guru para os jovens neogramáticos –, de história da língua alemã com Wilhelm Braune, integrante do grupo de jovens indo-europeístas, uma aula com Karl Brugmann e não mais que duas com Hermann Osthoff, esses dois últimos responsáveis por assinar o manifesto que marca temporalmente o início do movimento e com os quais Saussure participa de uma certa tensão advinda da acusação de plágio em seu *Mémoire* e da qual se defenderá em seu *Souvenirs* (Cf. DE MAURO, 1967, p. 326).

No que concerne à recepção das teses neogramáticas por Saussure, Morpurgo Davies observa que é bastante provável que Saussure tenha aprovado a mudança intelectual proposta dos neogramáticos. “Na época em que ele escreveu o *Mémoire* ele estava completamente familiarizado com os resultados concretos alcançados por Leskien e seus seguidores em seu

¹⁶ Tradução nossa de: “[...] was too young to be a real part of what he called the *cenacle des docteurs*.”

¹⁷ Tradução nossa de: “In his own lifetime, he was regarded – and regarded himself – primarily as a historical linguist who had made his mark with a brilliant and precocious study in Indo-European linguistics.”

trabalho sobre indo-europeu e aceitou amplamente as suas conclusões.¹⁸ (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 16-17).

Tal conclusão pode também ser observada em algumas passagens da edição do Curso de Linguística Geral, em que Saussure parece concordar com os resultados obtidos pela escola neogramática¹⁹, a quem atribui um papel relevante na história dos estudos da língua. Sobre as ideias dos neogramáticos, Morpurgo Davies (2004) observa que Saussure aceitou as leis fonéticas e a analogia, também a reação às ideias organicistas de Schleicher, o que a leva a concluir que: “Saussure partilhava a maioria das suposições dos neogramáticos, mas presumivelmente, como em todo o resto, ele alcançou a maior parte das suposições, por conta própria”. (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 25).

É preciso considerar, como Silveira (2014), que a concepção de fala, embora pudesse ser observada nos diferentes estudos neogramáticos e agrupada sob uma mesma unidade, não era estável e sem nuances nas pesquisas a respeito da mudança linguística. Apesar disso, a fala pode ser considerada comum e bem aceita nos estudos comparatistas do final do século XIX e, por isso, familiar a Saussure. Segundo a autora:

Claro que essa unidade não é estática e as nuances dessa concepção podem ser recolhidas nos trabalhos individuais de alguns linguistas oitocentistas. O que nos interessa é apresentar uma concepção de fala geralmente bem aceita no século XIX, em que Saussure realiza a sua formação de linguista. Podemos, portanto, afirmar que Saussure conhece bem essa concepção de fala e é a partir daí que ele trará a fala para o seu arcabouço teórico e a submeterá a ele, como podemos conferir especialmente no *Curso de Linguística Geral*. (SILVEIRA, 2014, p.49)

Ainda sobre o modo como a fala era entendida no século XIX, Silveira observa que:

Assim, mesmo que com certa imprecisão do conceito e sem que ele seja contraposto a outros conceitos como o de língua e linguagem, pode-se afirmar que o conceito de fala, no século XIX, vigente na Gramática Comparada e entre os neogramáticos, tinha alguma unidade. A fala era, por um lado, fisiológica e mecânica e, por outro, psicológica; tanto em um caso quanto em outro era considerada individual. (SILVEIRA, 2014, p. 49)

¹⁸ Tradução nossa de: “At the time when he wrote the *Mémoire* he was completely au fait with the concrete results reached by Leskien and his followers in their work about Indo-European and largely accepted their conclusions.”

¹⁹ Essas passagens serão discutidas no capítulo seguinte, no qual analisaremos como a fala aparece no *Curso de Linguística Geral*.

Apesar dos pontos de contato que aproxima a noção de fala do século XIX à noção de fala saussuriana, a qual será mais bem discutida no próximo capítulo, Morpurgo Davies (2004) observa um profundo distanciamento de Saussure em relação a seus contemporâneos: de um lado, os neogramáticos se mostravam convencidos de que suas ideias constituíam uma teoria linguística, enquanto Saussure, por outro lado, jamais aceitou que suas ideias formassem uma teoria completa.

Por um lado, estão os atomísticos neogramáticos ou seus antecessores, estritamente preocupados com pequenos detalhes de desenvolvimentos estudados isoladamente, por outro Saussure, o homem com uma visão global, visão que a exerce igualmente em seu trabalho histórico e teórico.²⁰ (MORPURGO DAVIES, 2004, p. 27)

Concordamos com a autora, especialmente em relação à fala, tratada no movimento neogramático, como vimos, em função do estudo da mudança. A nosso ver, esse termo, na proposta de Saussure, adquire outro estatuto, em função da visão global a partir da qual resultará o trabalho teórico do genebrino. Nesse sentido, concordamos também com Normand (2009), segundo a qual Saussure se distancia de seus antecessores e contemporâneos a partir de suas ideias gerais:

Ao passo que a gramática comparada se orienta maciçamente no sentido da história das línguas, a ponto de ver na comparação apenas o meio de se reconstruir as formas arcaicas da ‘protolíngua’ de uma família e, por consequência, o meio de elaborar as leis de mudança, a prática descritiva fica totalmente independente das ideias gerais acerca da linguagem e muito pouco crítica em relação às ideias recebidas. (NORMAND, 2009[2000], p. 41)

Sumariamente conhecidos, pois, os resultados da escola neogramática no que concerne à fala, passaremos, no próximo capítulo, a um estudo desse termo na edição do *Curso de Linguística Geral*, a fim de observarmos como nela Saussure trabalha e

²⁰ Tradução nossa de: “On the one hand are the atomistic neogrammarians or their predecessors, strictly concerned with petty details of developments studied in isolation, on the other Saussure, the man with a global vision who exercises it equally in his historical and his theoretical work.”

entendermos as razões que levaram às críticas da exclusão do genebrino desse aspecto de sua teoria linguística.

Capítulo 2 A fala no Curso de Linguística Geral

2.1 Introdução

A novidade teórica de Saussure tornou-se pública pela via da obra póstuma, publicada em 1916, com autoria atribuída ao genebrino, mas organizada por seus colegas Charles Bally e Albert Sechehaye, que reuniram anotações de Saussure e dos cadernos dos alunos que assistiram às aulas ministradas por ele no período entre 1907 e 1911 na Universidade de Genebra. Essa obra despertou tanto interesse dos linguistas quanto críticas ao modo como as ideias do mestre foram editadas. A acusação de que Saussure exclui a fala dos interesses dos estudos linguísticos frequentemente advém da publicação do *Curso de Linguística Geral*, obra que apresentou ao campo da investigação linguística ideias inovadoras nas formas de conceber e de investigar as línguas humanas.

Embora a crítica sobre a exclusão seria mais tarde levantada pelos leitores do *Curso*, a problemática já tinha sido anunciada pelos editores no Prefácio à Primeira Edição em 1916, que escreveram uma espécie de justificativa para a ausência de uma “Linguística da fala”. Para os editores, a morte do mestre genebrino impediu que o estudo da fala fosse tratado mais detalhadamente.

Em primeiro lugar, podem dizer-nos que esse “conjunto” é incompleto: o ensino do mestre jamais teve a pretensão de abordar todas as partes da Linguística, nem de projetar sobre todas uma luz igualmente viva; materialmente, não o poderia fazer. Sua preocupação era, aliás, bem outra. Guiado por alguns princípios fundamentais, pessoais, que encontramos em todas as partes de sua obra, e que formam a trama desse tecido tão sólido quanto variado, ele trabalha em profundidade e só se estende em superfície quando tais princípios encontram aplicações particularmente frísantes, bem como quando se furtam a qualquer teoria que os pudesse comprometer. Assim se explica que certas disciplinas mal tenham sido afloradas, a semântica, por exemplo. Não nos parece que essas lacunas prejudiquem a arquitetura geral. A ausência de uma “Linguística da fala” é mais sensível. Prometida aos ouvintes do terceiro curso, esse estudo teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes; sabe-se muito bem por que tal promessa não pode ser cumprida. (BALLY; SECHEHAYE, 2012 [1916], p. 26)

A ausência de uma Linguística da fala é tomada pelos editores como um exemplo para explicar o fato de que certas disciplinas, como também a Semântica, foram mal exploradas no conteúdo apresentado pelo CLG. Como vê-se, no trecho em destaque, os editores reconhecem que não houve uma Linguística da fala presente no CLG e justificam essa ausência, de forma implícita, devido à morte do mestre genebrino, destacando, porém, que o tema em questão seria privilegiado em cursos posteriores. Dentre as temáticas ausentes, os editores afirmam que ‘a ausência de uma “Linguística da fala” é mais sensível”.

Considerando, então, que os próprios editores da obra póstuma alertam para uma ausência da Linguística da fala nas reflexões do *Curso*, buscamos uma compreensão desse lugar (ou não-lugar) no texto de 1916. O que exatamente constitui a ausência de uma Linguística da fala no CLG? A ausência de uma Linguística própria implica também a ausência de uma reflexão em torno da fala no livro póstumo? Que lugar ocupa, então, a fala na teorização do genebrino apresentada nesse contexto? Ainda, do modo como se apresentam as reflexões em torno da fala no CLG, é possível observar algum movimento das ideias de Saussure em relação às ideias de sua época?

Por meio dessas questões²¹, será possível contextualizar a reflexão saussuriana em torno da fala na edição do *CLG*, obra a partir da qual os conceitos saussurianos tornaram-se conhecidos, percorrer as discussões que serviram como ponto de partida para a corrente crítica de que Saussure excluiu a fala de suas investigações e observar se, de fato, a fala no CLG pode ser reduzida a tal crítica.

Para tanto, partiremos da conhecida distinção que Saussure faz entre a língua, a linguagem e a fala, passaremos pela distinção que ele estabelece entre a Linguística da língua e a Linguística da fala – discussões que, frequentemente, fundamentam a exclusão da fala por Saussure – e, em seguida, percorremos outras partes da edição, com o objetivo de analisarmos de que maneira a questão da fala está associada a outras que compõem a teoria linguística de Ferdinand de Saussure.

2.2 A língua, a linguagem e a fala

²¹ Algumas dessas questões já foram levantadas por Silveira (2014), que explora, em um artigo, a questão da fala em Saussure e cujos resultados são bastante pertinentes para as análises por nós apresentadas a seguir. Para nós, retomar e aprofundar o estudo dessas questões será fundamental para as análises seguintes, que considerarão outras fontes saussurianas como também a recepção da fala no contexto do século XX.

A concepção de fala é tratada no CLG, especialmente, a partir da distinção que Saussure estabelece entre a fala, a língua e a linguagem. Uma leitura do CLG mostra-nos que, nesta reflexão, apresentada no Capítulo III da Introdução, “Objeto da Linguística”, a fala é abordada, pela primeira vez, no contexto que se apresenta na edição póstuma. O conhecido capítulo do CLG é dividido em três partes: na primeira, Saussure se propõe a definir o que é língua; na segunda, Saussure trata do lugar da língua nos fatos da linguagem; e, por fim, na terceira, o linguista aborda o lugar da língua nos fatos humanos e na Semiologia.

Embora a fala não apareça explicitamente no primeiro item do capítulo, a distinção entre a língua e a linguagem desenvolvida pelo linguista é fundamental para a compreensão saussuriana da fala. O ponto de partida dessa reflexão é a dificuldade de delimitação do objeto da Linguística que é, à primeira vista, multiforme, uma vez que: “o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão pela outra” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 39). As dualidades são assim observadas: as impressões acústicas não existem sem os órgãos vocais; há, na linguagem, um lado individual e outro lado social; há ainda um sistema estabelecido e uma evolução. Desse modo, para Saussure, “qualquer que seja o lado por que se aborda a questão, em nenhuma parte se nos oferece integral o objeto da Linguística” (p. 40), o que o coloca frente à necessidade de uma tomada de decisão:

Há, segundo nos parece, uma solução para todas essas dificuldades: é necessário colocar-se primeiramente no terreno da língua e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem. De fato, entre tantas dualidades, somente a língua parece suscetível duma definição autônoma e fornece um ponto de apoio satisfatório para o espírito. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 41).

É nesse contexto que o autor diferencia os conceitos de língua e de linguagem. Para ele, a linguagem não poderia ser o objeto da Linguística, visto que ela é um conjunto que compreende várias formas: física, psíquica e fisiológica – como vimos, características próprias à fala nos estudos neogramáticos – além de pertencer ao lado social e individual. Por isso, a dificuldade em classificá-la ou categorizá-la. Saussure ainda afirma que:

Para atribuir à língua o primeiro lugar no estudo da linguagem, pode-se, enfim, fazer valer o argumento de que a faculdade — natural ou não — de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade; não é, então, ilusório dizer que é a língua que

faz a unidade da linguagem (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 42).

A respeito da relação entre língua e linguagem que se desenvolve nesse primeiro item do capítulo, é preciso considerar o destaque dado por Coelho (2020) às noções de faculdade e de exercício da linguagem, uma vez que, segundo a autora, elas levantam questões referentes à delimitação da fala. Em análise a diferentes documentos saussurianos, Coelho (2020) observa que há uma flutuação terminológica entre faculdade da linguagem, exercício da linguagem e fala, que, em alguns momentos, permite considerá-las como noções distintas, tal qual faz Arrivé (2010). Apesar disso, defende a autora, a proximidade teórica entre elas permite que pensemos tais noções como constitutivas uma das outras.

Posicionamo-nos de forma a considerar que essas três noções (fala, faculdade da linguagem e exercício da linguagem) apresentam, em alguns momentos da teorização de Saussure, especificidades que permitem pensá-las como noções distintas. Apesar disso, são noções que apresentam uma proximidade teórica bastante grande, funcionando ora como elementos componentes ora como elementos agrupadores umas das outras. Sendo assim, admitimos que há uma flutuação terminológico-conceitual que envolve essas três noções, contudo, não acreditamos que seja possível estabelecer uma delimitação categórica de cada uma delas. (COELHO, 2020, p. 9)

Ao que nos parece, é possível afirmar o mesmo a respeito da expressão “faculdade de articular palavras”, acima mencionada, e que nos mostra uma primeira relação entre aquilo que é fornecido pela coletividade e aquilo que é da ordem do individual, qual seja: a faculdade de articular palavras, própria dos indivíduos que falam, só é possível pelo instrumento criado e fornecido pela coletividade. O posicionamento enfático de Saussure, ao estabelecer essa relação, parece responder, de alguma maneira, aos estudos neogramáticos que, como vimos, embora considerassem os fatores da coletividade no processo da mudança linguística, se preocupavam muito com os aspectos individuais da produção da fala humana, evidenciando um primeiro movimento de distanciamento em relação às ideias de sua época.

No segundo item do capítulo mencionado, intitulado “*Lugar da língua nos fatos da linguagem*”, Saussure defende que, para compreensão da língua dentro da esfera da linguagem, é preciso colocarmo-nos inicialmente no ato individual. É nesse contexto, ao que nos parece, que é possível estabelecer um primeiro lugar da fala na reflexão saussuriana. Para compreender o lugar da língua dentro da esfera da linguagem, é preciso colocar-nos frente ao

circuito da fala. É, então, que Saussure reconstitui o circuito da fala que, para ser completo, pressupõem-se pelo menos dois indivíduos:

O ponto de partida do circuito se situa no cérebro de uma delas, por exemplo A, em que os fatos de consciência, a que chamaremos conceitos, se acham associados às representações dos signos linguísticos ou imagens acústicas que servem para exprimi-los. Suponhamos que um dado conceito suscite no cérebro uma imagem acústica correspondente: é um fenômeno inteiramente *psíquico*, seguido, por sua vez, de um processo *fisiológico*: o cérebro transmite aos órgãos da fonação um impulso correlativo da imagem; depois, as ondas sonoras se propagam da boca de A até o ouvido de B: processo puramente *físico*. Em seguida, o circuito se prolonga em B numa ordem inversa: do ouvido ao cérebro, transmissão fisiológica da imagem acústica; no cérebro, associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. Se B, por sua vez, fala, esse novo ato seguirá — de seu cérebro ao de A (...) (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 43).



Figura 1 – Circuito da fala (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 43)

O trecho citado traz a primeira referência à fala no *Curso* e, como apontamos, estabelece seu primeiro espaço na reflexão. Nessa primeira menção explícita, Saussure parte do objetivo de encontrar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua. Para tanto, ele alega ser necessário colocar-nos diante do ato individual, exercício de exame que, como veremos no último capítulo desta tese, é amplamente criticado pelo paradigma sociológico de análise linguística.

A demonstração do circuito da fala, que coloca sempre em jogo dois indivíduos, ilustra os processos de produção (realizados por um indivíduo – e de compreensão – realizados por outro indivíduo – da fala humana) que se colocam no circuito. No quadro ilustrativo de Saussure, o circuito da fala tem como ponto de partida o cérebro de um indivíduo chamado na figura de A, em que há a ligação do conceito com a imagem acústica.

Essa ligação entre eles forma o signo linguístico, ou seja, a união do conceito²² com a imagem acústica forma o signo, que é um fenômeno psíquico. Posteriormente, o cérebro transmite aos órgãos de fonação um impulso que é um fenômeno fisiológico. As ondas sonoras, que se propagam da boca do indivíduo *A* ao ouvido do outro indivíduo nomeado *B*, tratam-se de um fenômeno puramente físico. Já, no indivíduo *B*, a transmissão do ouvido ao cérebro ocorre por uma associação psíquica dessa imagem com o conceito correspondente. Como destaca Saussure, se acaso o indivíduo *B* fala com o indivíduo *A*, o circuito se reinicia.

É interessante observar como Saussure avança em relação aos estudos neogramáticos na descrição dos processos envolvidos no circuito da fala, discernindo os domínios específicos de cada um dos processos, ao que nos parece, dando um passo a mais em relação ao contexto do final do século XIX. Ele ainda esclarece que, sobre o circuito da fala, há ainda muitos elementos que poderiam ser analisados, tais como: a sensação acústica pura, a identificação desta sensação com a imagem acústica latente, a imagem muscular da fonação. No entanto, no circuito ilustrado, entram os elementos julgados essenciais: psíquicos, fisiológicos e físicos. A nosso ver, ao discernir cada um desses processos, Saussure se vê frente à necessidade de dar conta de cada um deles e, nesse sentido, de demonstrar o funcionamento reconhecido, mas não explicitado, desses processos pela escola neogramática. É o que, para nós, colocará Saussure frente ao aspecto social do circuito, a ser discutido adiante, e à necessidade de uma teoria que conseguisse explicar todo o processo.

Ainda sobre o circuito da fala, Saussure argumenta que ele pode dividir-se em:

- a) numa parte exterior (vibração dos sons indo da boca ao ouvido) e uma parte interior, que compreende todo o resto;
- b) uma parte psíquica e outra não-psíquica, incluindo a segunda também os fatos fisiológicos, dos quais os órgãos são a sede, e os fatos físicos exteriores ao indivíduo;
- c) numa parte ativa e outra passiva; é ativo tudo o que vai do centro de associação duma das pessoas ao ouvido da outra, e passivo tudo que vai do ouvido desta ao seu centro de associação; (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 44).

O circuito da fala é dividido, então, em uma parte exterior e uma parte interior. Ainda, é constituído por fatos psíquicos, fisiológicos e físicos. Também por uma parte ativa e outra passiva. Tudo que é ativo será chamado de executivo e tudo que é passivo será chamado

²² É possível notar, ao longo da edição do CLG, uma mudança terminológica entre os termos *imagem verbal*, *imagem acústica* e *conceito*. Posteriormente, os termos *imagem acústica* e *conceito* serão substituídos por *significado* e *significante*.

de receptivo.²³ Quanto a essa divisão saussuriana, é preciso destacar os pontos de aproximação em relação ao modo como a fala era definida pelos neogramáticos. Lembremos que tanto o *Manifesto* quanto Paul argumentam que a fala é constituída por fatores psíquicos e fatores físicos, que podem ser aproximados ao que Saussure chama de parte interior e parte exterior, e mesmo parte psíquica e não-psíquica.

Em análise ao lugar da fala na teorização de Saussure, Silveira (2014) observa que, nas reflexões de Paul, o ato da fala também é dividido em três aspectos:

I) os movimentos dos órgãos fonadores; II) o sentido mecânico e III) as sensações sonoras, com a sua contraparte, as imagens da memória. Além disso, tem a fala, para Paul, um caráter absolutamente individual que tem sua melhor representação na realidade psicológica/psíquica do falante. (SILVEIRA, 2014, p. 48)

Assim, Silveira (2014, p. 50) questiona: “Como não reconhecer nesses excertos do CLG uma relação com o conceito de fala tal qual Hermann Paul nos apresenta (...)”? A autora destaca que Saussure parte da concepção de fala relativa ao seu ambiente de formação, qual seja: fisiológica/física, psicológica/psíquica e individual, como se apresenta nas primeiras partes do CLG. No entanto, a necessidade de conceituar a língua faz com que haja uma reformulação da fala.

Sem dúvidas, o ambiente de formação de Saussure influenciou em suas pesquisas. Observemos, no entanto, aquilo que faz com que Saussure se distancie de seu contexto intelectual na discussão a respeito da fala: a necessidade de explicitar o modo como, no circuito da fala, os aspectos sociais são colocados em jogo. Ao recapitular as relações estabelecidas pela faculdade de associação e de coordenação, responsável pela associação psíquica de uma imagem com um conceito correspondente, Saussure argumenta: “é essa faculdade que desempenha o principal papel na organização da língua enquanto sistema” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45). Para compreender tal faculdade, Saussure destaca, no entanto, que: “impõe-se sair do ato individual, que não é senão o embrião da linguagem, e abordar o fato social” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45).

²³A questão da execução é mais bem discutida no trabalho *Lexique* escrito por Rudolf Engler e que será apresentado no capítulo quatro de nosso estudo.

É a partir desse pensamento que chegamos à definição da noção de fala no CLG, que se apresenta, nesse primeiro contexto, como algo que não entra em jogo na reflexão sobre o objeto língua:

A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos *fala* (*parole*). (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45)

É preciso contextualizar essa citação. Como mencionamos, Saussure inicia a discussão em busca da esfera que, no conjunto da linguagem, corresponde à língua. Para isso, ele se coloca diante do ato individual, que, como vimos, envolve fatos psíquicos, fisiológicos e físicos. No entanto, para dar conta da faculdade de associação e de coordenação dos signos – implicada no circuito da fala, mas também constitutiva do princípio de organização da língua como sistema – é necessário sair do ato individual, uma vez que tal faculdade impõe forças da coletividade: “todos reproduzirão – não exatamente, sem dúvidas, mas aproximadamente – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 44). Nesse sentido, Saussure se questiona sobre a origem da cristalização social dos signos e ainda, de que forma os aspectos constitutivos do circuito estão envolvidos nessa cristalização.

É interessante observar que, na primeira definição de fala do texto de 1916, Saussure separa a parte física da parte psíquica e relaciona a fala apenas a essa última. Para responder às questões anteriormente colocadas, Saussure afirma: “A parte física pode ser posta de lado, desde logo. Quando ouvimos falar uma língua que desconhecemos, percebemos bem os sons, mas em virtude da nossa incompreensão, ficamos alheios ao fato social” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45). Bem se vê, então, que, para ele, a parte física do circuito não explica a cristalização dos signos. Ao escutar uma língua desconhecida, ficamos totalmente alheios ao fato social da linguagem. Igualmente, a parte psíquica não entra em jogo na explicação da cristalização dos signos, pois diz respeito à execução e essa, por sua vez, é sempre individual. É, então, que Saussure nos apresenta a fala, associada à parte psíquica: trata-se da execução sempre individual e da qual o indivíduo é sempre senhor.

Saussure nota, porém, que é somente a partir do “funcionamento das faculdades receptiva e coordenativa, nos indivíduos falantes, que se formam as marcas que chegam a ser sensivelmente as mesmas em todos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45). É possível observar, novamente, como Saussure estabelece uma íntima relação entre aquilo que é próprio do

indivíduo, isto é, sua faculdade receptiva e coordenativa, e aquilo que constitui as marcas coletivas, isto é, os signos da língua. Nesse contexto, em que Saussure busca demonstrar o que constitui a língua, observa-se um movimento de ida e de vinda aos âmbitos do individual e do coletivo que, juntos, compõem a esfera da linguagem, mostrando-nos que o lugar da fala, nesse primeiro contexto de reflexão, é sempre em associação à língua e, de modo correlato, o lugar da língua também é sempre em associação à fala. Trata-se de aspectos intimamente associados na esfera da linguagem e, como observamos nas considerações de Saussure, impossíveis de serem completamente separados.

Nas reflexões que se seguem, é possível notar que a conceituação de fala no CLG ainda aparece de forma interligada à conceituação de língua, confirmando o que propõe (NORMAND, 2004, p. 89), segundo a qual: “o principal problema que ocupou a mente de Saussure, como visto em seus vários artigos ao longo dos dez anos antes de seu empreendimento na Linguística Geral, era esclarecer a natureza do que ele chamava *langue* em oposição a *langage* e *parole*”²⁴.

Nesse momento de sua demonstração, Saussure pretende separar a língua para defini-la como o objeto de estudos da Linguística. É nesse sentido que ele busca delimitar o que é a língua e, para isso, ele precisa separar a língua da fala, embora, intimamente ligadas. Quanto à língua, Saussure afirma:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala por todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45)

É preciso considerar, novamente, os limites entre o individual e o social colocados por Saussure na compreensão de língua e de fala. Em primeiro lugar, Saussure considera que o sistema que constitui a língua existe no cérebro de cada indivíduo, mas reformula: é o sistema que existe nos cérebros de um conjunto de indivíduos. Desse modo entendido, em segundo lugar, a língua não está unicamente em um indivíduo, sua existência é coletiva, é social, ou, mais precisamente, é aquilo que está no cérebro de um indivíduo e também nos cérebros de todos os demais que compõem uma comunidade.

²⁴ Tradução nossa de: “The major problem which occupied Saussure’s mind, as seen in his various papers throughout the ten years before his enterprise in general linguistics, was to clarify the nature of what he called *langue* as opposed to *langage* and *parole*.”

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental. A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º.", as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45)

O excerto citado traz uma série de definições importantes para a língua e para a fala que é preciso retomar: a língua é social enquanto a fala é individual; a língua não é função do falante, pois o falante a registra passivamente; a fala é um ato individual de vontade e de inteligência; nela, podemos distinguir dois aspectos: as combinações feitas no código da língua²⁵ para exprimir seu pensamento e o mecanismo psicofísico que exterioriza essas combinações.

Ainda nesse excerto, destacamos as definições de essencial, dada à língua, e de acessório e mais ou menos accidental, atribuída à fala, e as quais, muitas vezes, são fundamentais à crítica de exclusão. Quanto a essas propriedades distintivas da língua e da fala, Normand traz considerações relevantes, observando sua importância para o estabelecimento do objeto da análise linguística bem como sua relação com outras distinções saussurianas, como a de sincronia e de diacronia.

Língua/fala, esta primeira distinção tem uma questão fundamental: isola em uma abstração o objeto de análise, o sistema idealmente separado de suas variações contingentes ligadas aos usos individuais da fala e resultado das inevitáveis transformações produzidas por esse mesmo uso, ou seja, pela “circulação” da língua ao longo do tempo. Em ambos os casos (o sujeito e o tempo), trata-se de eliminar variações. A língua é então inserida na abstração de uma estrutura supostamente observável em um determinado momento do tempo: é este estado que Saussure chama de “sincronia”. A resistência que encontrou esta primeira oposição conceitual entre os contemporâneos anda de mãos dadas com aquilo que recusou a distinção sincronia-diacronia.²⁶

²⁵ Voltaremos à discussão desses aspectos adiante, na discussão sobre as relações sintagmáticas.

²⁶ Tradução nossa de: “Langue / parole, cette première distinction a un enjeu fondamental: elle isole dans une abstraction l’objet de l’analyse, le système idéalement séparé de ses variations contingentes liées aux usages individuels de la parole et résultat des transformations inévitables produites par cet usage même, c’est-à-dire par la «circulation» de la langue dans le temps. Dans les deux cas (le sujet et le temps), il s’agit d’éliminer les variations. La langue est alors saisie dans l’abstraction d’une structure supposée observable à un moment donné

Como observa a autora, separar a língua da fala implica separar o objeto de análise – a primeira – das contingências de seu uso – a segunda. Segundo a linguista, isso implicou, para muitos, uma tentativa de eliminar do objeto da Linguística as variações advindas do uso feito pelo sujeito e as marcas do tempo, que resultam nas transformações na língua a partir do uso. É nesse sentido que se vê, recorrentemente, a interpretação da exclusão do sujeito, implicado na fala, e do tempo em Saussure e de onde vem a resistência aos pares saussurianos língua-fala e sincronia-diacronia.

Ainda no capítulo do CLG em questão, é importante ressaltar a recapitulação que Saussure faz dos caracteres da língua. Isso porque, ao definir seu objeto, apontando suas características fundamentais, ele aponta também as características fundamentais da fala.

No primeiro ponto retomado por Saussure, destacamos a observação a respeito da língua e da fala no indivíduo: “A língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem privado do uso da fala conserva a língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 46). Nesse trecho, Saussure chama a atenção para o fato de que uma pessoa, mesmo sendo impossibilitada de usar a língua, por meio da fala, isto é, de seu mecanismo psicofísico de articulação, ainda conserva a língua, desde que compreenda os signos que ouve. Nessas condições, uma pessoa conservaria, pois, a parte passiva do circuito da fala, embora tivesse comprometida a parte ativa de articulação.

“A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 46), logo, para Saussure, a fala é um objeto que não se pode estudar separadamente. Quanto a isso, Saussure observa a impossibilidade de fotografar-se os pormenores do ato de fala²⁷, o que impossibilitaria que se desse conta das minuciosidades da execução individual.

“A língua não menos que a fala é um objeto de natureza concreta”, logo, a fala é um objeto de natureza concreta para o linguista (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 46). Em relação à concretude, o linguista chama a atenção do seu leitor para que perceba que ambos os objetos são concretos, pois mesmo o signo linguístico, cerne do fenômeno da língua, sendo psíquico,

du temps: c'est cet état que Saussure appelle «synchronie». La résistance qu'a rencontrée cette première opposition conceptuelle chez les contemporains va de pair avec celle qui refusait la distinction synchronie-diachronie.”

²⁷ É preciso considerar as limitações tecnológicas de seu momento histórico e os avanços que os estudos linguísticos sofreram desde então, especialmente no registro da fala.

não é abstrato. Isso é importante para pensarmos também os caracteres da fala, muitas vezes, entendida como um objeto concreto, dado ao seu mecanismo físico. No entanto, na discussão feita por Saussure, considera-se que mesmo a parte psíquica dos processos corresponde a algo concreto, tanto na fala quanto na língua.

Na conclusão do capítulo, os editores pareceram captar uma interlocução de Saussure com seu ambiente de formação. Nele, Saussure parece criticar novamente os métodos dos estudos neogramáticos, dando mais um passo no movimento de distanciamento do contexto intelectual de sua época, ao observar que: “há o ponto de vista do psicológico, que estuda o mecanismo do signo no indivíduo; é o método mais fácil, mas não ultrapassa a execução individual, não atinge o signo, que é social por natureza”. A nosso ver, a afirmação saussuriana poderia ser direcionada aos neogramáticos que se preocuparam muito com a execução individual, no entanto, foram insuficientes para explicar a associação do signo, constituinte do circuito de fala, mas que, todavia, é principalmente de natureza social.

Quanto a isso, é importante considerar o que observa Turpin (1995-1996), a qual compreende que diante do atomismo da Filologia Comparada, Saussure verá a necessidade de retomar um ponto de vista mais geral e, para isso, determinar o objeto da Linguística. Para a autora, o que ocorre em Saussure é a passagem da fala para a conceituação de língua. Nas palavras de Hjelmslev, retomadas por Turpin: “F. de Saussure faz a descoberta da língua; ao mesmo tempo, tomamos consciência do fato de que a Linguística da época considerava apenas a fala.”²⁸ (HJELMESLEV apud TURPIN, 1995-1996, p. 255).

Esse movimento de passagem da fala para língua, ao que nos parece, condiz com o que propõe Silveira (2008) que apresenta posição aproximada quando destaca que o conceito de fala participa do corte epistemológico saussuriano, isto é, do movimento de distanciamento da linguística histórico-comparatista e da fundação da Linguística moderna. Para a autora, em análise ao conceito de fala em Saussure e a sua herança do século XIX:

A fala, no seu aspecto empírico, fisiológico e individual, é secundária na constituição do objeto da Linguística. A fala, no seu aspecto psíquico e social, é o que constitui a língua e é o essencial do objeto da Linguística. Sim, ele parece tomar uma posição em relação a essas concepções: no que diz respeito à concepção de fala que considera os órgãos vocais e a fonação, ou seja, os aspectos fisiológicos e físicos da fala. (...) Ou seja, o conceito de

²⁸ Tradução nossa de: “F. de Saussure fait le découverte de la langue; du même coup on prend conscience du fait que la linguistique de l’époque n’avait envisagé que la parole.”

fala do seu tempo deu lugar a um conceito de língua e fala, e o conceito de língua, com todos os mecanismos evidenciados por Saussure, é essencial em relação à fala que, como fisiológica/física e individual, é acidental. (SILVEIRA, 2014, p. 50)

Como destaca a autora, embora nos estudos comparatistas, o conceito de fala já estivesse presente, nos estudos saussurianos ele dará lugar a dois, o de língua e o de fala, que funcionam, no pensamento de Saussure, em uma estreita relação, uma relação constitutiva entre língua e fala. Nesse quadro, segundo a autora, o conceito de fala é definido através da “pura diferença” em relação à língua, fazendo com que: “a fala é o que a língua não é; mas somente na condição de pertencer ao sistema que dará pertinência à língua, uma é em relação a outra” (SILVEIRA, 2008, p. 8).

A definição da fala pela diferença com a língua é a conclusão a que também chegam Coelho e Henriques (2014), para quem o conceito de fala, em Saussure, é relacional, opositivo e negativo em relação à língua. Segundo as autoras, o conceito de fala foi mobilizado por Saussure: “como um instrumento de construção do conceito de língua: a língua é o que a fala não é, mas ambas são interdependentes” (COELHO; HENRIQUES, 2014, p. 646).

A esse respeito, é necessário que se pontue ainda o trabalho de Flores (2023), ao destacar que, no CLG, há sempre um jogo de relações contrastivas, que permitem a definição de língua como objeto da Linguística saussuriana. No entanto, o autor considera que é importante não levar essa relação como mera oposição, mas sim como relações de diferenças entre elementos da natureza compatíveis e suscetíveis de comparação.

Somente assim podemos entender, por exemplo, que, em várias passagens do CLG, encontramos afirmações que estabelecem a interdependência entre os elementos contrastados. Uma interdependência que impede de pensar que, entre linguagem/língua e língua/fala, há simples dicotomia (FLORES, 2023, p. 85).

Acerca do que interpretam Silveira (2008), Coelho e Henriques (2014) e Flores (2023), observamos um posicionamento, em relação à fala nas ideias saussurianas, oposto àquele da exclusão, segundo o qual Saussure exclui a fala de seus interesses. Como se observa, nas interpretações dos autores, língua e fala se mostram, em Saussure, como interdependentes, não sendo, possível, como demonstram suas análises e como também

procuramos demonstrar, uma separação categórica entre eles, uma vez que estão implicados e se constituem.

2.3 A Linguística da língua e a Linguística da fala

O capítulo IV da Introdução do CLG, intitulado “Linguística da língua e Linguística da fala”, apresenta aspectos fundamentais da fala na teoria saussuriana. Nesse capítulo, Saussure diferencia as partes da Linguística, situando o lugar da fala nesse quadro científico, como veremos, determinado por sua relação com o objeto língua.

Para o linguista genebrino, os elementos da linguagem, que constituem a fala, apresentam-se subordinados à primeira ciência, a da língua. É o que ele procura demonstrar, recorrendo a uma comparação com o alfabeto Morse e com a execução de uma sinfonia. Os órgãos vocais utilizados para execução da fala são, na visão do genebrino, como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse. “A fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 50). Igualmente é a execução de uma sinfonia: “pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira pela qual é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 51). Quanto à analogia com a sinfonia, é interessante observar o que explicita Normand (2009[2000]), p. 129), segundo quem, Saussure, ao recorrer ao exemplo dado, tenta dar conta da “realidade existente sem suas execuções”, isto é, a realidade da língua separada de suas execuções pela fala. Ainda sobre tais comparações, é preciso destacar a menção aos órgãos vocais utilizados, à fonação e à execução da fala, que, nesse contexto, aparecem de forma relacionada e sem limites entre si, questão que voltaremos adiante.

Em contraposição a seu argumento, de que a realidade da língua independe de sua execução, Saussure avalia os efeitos das transformações fonéticas, as alterações de sons que se produzem na fala, mas continua a concluir que tais fenômenos não atingem mais que a substância material das palavras, mudando também seus sentidos. Em nada tais transformações atingem a língua enquanto um sistema de signos.

Para Saussure, o mesmo que é dito sobre a fonação, isto é, o mecanismo de produção dos sons da fala, pode ser dito para todas as outras partes que constituem a fala, ao que nos parece, os processos psíquicos e fisiológicos já mencionados no capítulo “Objeto da Linguística”. É em função disso que, para o suíço: “a atividade de quem fala deve ser

estudada num conjunto de disciplinas que somente por sua relação com a língua têm lugar na Linguística”. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 51).

A partir dessa conclusão, Saussure destaca a importância da separação de duas Linguísticas, aquela que tem por objeto a língua e aquela que tem por objeto a parte individual da linguagem.

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 51).

No trecho citado, é importante destacar o caráter social e o caráter individual dos objetos que impõem a necessidade de dois campos distintos de investigação. A língua é objeto social em sua essência e independe do indivíduo; sua realização é, como observa Saussure, unicamente psíquica. Ao contrário, a fala é objeto individual e seu estudo é psicofísico. Também é válido destacar o caráter essencial dado à primeira e o caráter secundário dado à segunda, afirmação que frequentemente fundamenta o argumento da exclusão da fala em relação à língua por Saussure. É o que destaca Normand (2009[2000]), p. 129) ao tratar das críticas que essa divisão colocou:

O “mecanismo individual” não pode deixar de repercutir sobre “o produto geral”, mas é necessário não misturar os dois “no estudo”; isso deixa a incerteza quanto ao estatuto e ao momento de uma Linguística da fala que seja inteiramente diferente e, no entanto, ao que parece, possível. Desde então, as críticas veem nessa oposição a disjunção abusiva de duas realidades inseparáveis; o *Curso*, no entanto, insiste tanto em sua ligação quanto em sua diferença de natureza. (NORMAND (2009[2000]), p. 129).

A respeito da ligação entre essas realidades e, ao mesmo tempo, de suas diferenças, consideremos o trecho em que Saussure aprofunda tal questão:

Sem dúvida, esses dois objetos estão estreitamente ligados e se implicam mutuamente; a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua se estabeleça; historicamente, o fato de fala vem sempre antes. Como se imaginaria associar uma ideia a uma imagem verbal, se não se surpreendesse, de início, essa associação num ato de fala? Por outro lado, é ouvindo os outros que aprendemos a língua materna; ela se deposita em nosso cérebro somente após inúmeras experiências. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 51).

Nesse excerto, é relevante destacar a relação intrínseca entre língua e fala. Esses termos estão ligados em um ciclo: é necessária a língua para que a fala produza seus efeitos, no entanto, é necessária a fala para que a língua se estabeleça. Silveira (2014, p. 51) levanta um ponto importante a esse respeito: “Sendo a língua instrumento da fala e produto da fala e estando esta em condições de constituir a outra, a hierarquia entre elas seria, no mínimo, frágil.”

Para Silveira (2014), um dos fatores que pode fazer notar esse aspecto da hierarquização entre língua e fala é que esses termos lidos, a partir do CLG, estão intrinsecamente relacionados às chamadas dicotomias saussurianas: significante/significado; sincronia/diacronia; relações sintagmáticas/relações associativas. Ela destaca que, embora Saussure tenha dado sinais de que a língua e a fala poderiam ser distribuídos entres esses pares conceituais, o mestre não foi preciso e definitivo nessa distribuição. Dessa forma, a autora conclui que: “distribuir língua e fala entre elas é escolher o caminho mais fácil e menos consequente com a complexidade da relação entre língua e fala que se descobre por todo o CLG” (SILVEIRA, 2014, p. 51).

A complexidade da relação entre e língua e fala de que trata Silveira pode ser ainda observada no excerto abaixo em que Saussure define a natureza dessa relação:

Enfim, é a fala que faz evoluir a língua: são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos. Existe, pois, interdependência da língua e da fala; aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que sejam duas coisas absolutamente distintas. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 51).

Segundo o que propõe Saussure, no CLG, então, a fala é o conjunto de combinações individuais. Desse modo entendido, há a particularidade de cada indivíduo no uso da língua e é por isso que, de acordo com o que é exposto no CLG, não existe coletividade na fala. É nesse contexto que verificamos as observações sobre a mudança linguística. Percebe-se que, para haver uma mudança linguística, o ponto de partida deve ser o falante, e essa mudança só se concretiza, na língua, quando aceita por toda comunidade. Em outras palavras, a mudança linguística sempre começa pelo falante, no ato de fala, e só após a comunidade aderir ao seu uso, é que se transforma num fato de língua. Quanto a isso, é importante observar que as questões da mudança linguística evocadas pelo uso da fala, e apontadas por Saussure, indicam-nos uma proximidade com as reflexões neogramáticas que buscavam demonstrar

como o ponto de partida da mudança linguística era o falante e, daí, a importância de levar em conta sua experiência no quadro da história das línguas.

Se a fala diz respeito então ao que é individual, a língua, defende Saussure, existe na coletividade: “sob a forma de uma soma de sinais depositados em cada cérebro, mais ou menos um dicionário cujos exemplares, todos idênticos, fossem repartidos entre os indivíduos” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 51). E é nessa soma do que as pessoas dizem e compreendem que está a fala – fato que corrobora a interdependência entre esses dois termos.

Para demonstrar-nos de forma mais clara seu raciocínio, Saussure desenvolve uma fórmula matemática a fim de ilustrar o padrão coletivo da língua, qual seja, “ $1 + 1 + 1 + 1 \dots = I$ (padrão coletivo) – língua” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 51), e outra para ilustrar o que ele entende por fala, qual seja, “ $(1 + 1 + 1 + 1 \dots) - \text{fala}$ ” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 52).

Depreendemos que, na fórmula matemática da língua, que, segundo Saussure, tem o padrão coletivo, há a soma do conhecimento linguístico de vários indivíduos e a coletividade de sinais resultantes de sua soma formam um depósito virtual. Ou seja, através da soma de vários padrões individuais, chegamos a um padrão coletivo, que é a língua. Na fórmula matemática representativa da fala, não existe um padrão coletivo e sim indivíduos com vontades e que se expressam de maneira particular e individual. Assim, jamais se chegaria a um padrão coletivo, pois a fala está estritamente ligada ao indivíduo que fala e cada indivíduo tem a sua forma particular de expressar-se.

Para Saussure, a língua existe na coletividade através de sinais que vão sendo depositados em nosso cérebro. Esses sinais, embora comum aos indivíduos, independem de sua vontade para que sejam depositados. Dito de outra maneira, o indivíduo não tem como filtrar o que será depositado em seu cérebro. Já a fala é o conjunto de combinações individuais, ou seja, a particularidade de cada indivíduo no uso da língua, e é por isso que, de acordo com o que é exposto no CLG, a fala é representada pela soma do que as pessoas dizem e compreendem:

a) combinações individuais, dependentes da vontade dos que falam; b) atos de fonação igualmente voluntários, necessários para a execução dessas combinações. Nada existe, portanto, de coletivo na fala; suas manifestações são individuais e momentâneas. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 52)

O mestre defende que, diferentemente da língua, em que o indivíduo não manifesta sua vontade ao receber o depósito de sinais, na fala há a vontade do indivíduo falante. É nesse

sentido que existe a representação da fala: primeiro, pelas combinações de cada indivíduo com sua vontade e, segundo, pelos atos de fonação que também são voluntários e que são necessários para a execução dessas combinações. Dessa forma, o genebrino conclui que não há nada de coletivo na fala, pois ela está diretamente ligada à vontade de cada indivíduo.

Por todas essas razões, seria ilusório reunir, sob o mesmo ponto de vista, a língua e a fala. O conjunto global da linguagem é incognoscível, já que não é homogêneo, ao passo que a diferenciação e a subordinação propostas esclarecem tudo. Essa é a primeira bifurcação que se encontra quando se procura estabelecer a teoria da linguagem. Cumpre escolher entre dois caminhos impossíveis de trilhar ao mesmo tempo: devem ser seguidos separadamente. Pode-se, a rigor, conservar o nome de Linguística para cada uma dessas duas disciplinas e falar de uma Linguística da fala. Será, porém, necessário não confundi-la com a Linguística propriamente dita, aquela cujo único objeto é a língua. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 52)

No trecho anterior, Saussure é enfático em demonstrar a necessidade de separar os pontos de vista de análise frente à impossibilidade de estudo do conjunto incognoscível da linguagem. Quanto ao par língua e fala, ele ressalta: trata-se de uma diferenciação e de uma subordinação. Língua e fala são diferentes, no entanto, intimamente ligadas por uma relação de subordinação. A fala está subordinada à língua, como foi possível acompanhar no desenvolvimento de seu raciocínio. Frente a esses dois objetos relacionados, mas distintos, é preciso escolher o caminho a ser trilhado.

Para nós, o trecho merece ser lido com cuidado. É possível que se escolha o caminho a ser trilhado frente à diferenciação língua e fala, desde que se compreenda também sua subordinação. Explicitar a realidade de uma Linguística da fala é reconhecê-la, tal qual a língua, como objeto de uma disciplina, ao que nos parece, de modo contrário à dita exclusão saussuriana da fala dos interesses da Linguística. Por outro lado, é preciso considerar que, nesse contexto, Saussure escolhe seu caminho: a Linguística da língua ou, para ele, a propriamente dita. Dada a existência relacional desses objetos, como veremos, sua escolha não o livra de considerar também a fala, uma vez que, como ele nos demonstra, são realidades interdependentes. É o que observaremos a seguir na análise de outras reflexões saussurianas em que a questão da fala é imprescindível.

2.4 Noções associadas à fala

Na seção anterior, observamos como a fala aparece nos capítulos da introdução do CLG, os quais são frequentemente utilizados na argumentação segundo a qual Saussure excluiu a fala da Linguística. Nesta seção, passamos a observar como esse termo também aparece em outras discussões do *Curso*, demonstrando que ele não se limita apenas à distinção língua e fala, e que ela é não só recorrente, mas imprescindível na discussão de conceitos fundamentais da teoria do mestre genebrino. É buscando analisar como a fala opera nas demais reflexões saussurianas que passamos à análise das questões da escrita, do fonema, da linearidade, da sincronia e da diacronia, das relações sintagmáticas, da analogia e do discurso. Acreditamos que, assim, será possível demonstrar como, mesmo na edição do CLG, a fala perpassa toda a reflexão de Saussure sobre a língua, como um fio na teia conceitual saussuriana.

2.4.1 A fala, a escrita e o fonema

Uma leitura que acompanha a organização da edição do CLG²⁹ mostra-nos que, depois de tratada nos capítulos introdutórios, a fala é abordada por Saussure nas discussões sobre a escrita, primeiramente, e o fonema, em seguida.

Para tratar da escrita, Saussure inicia retomando seu objeto de estudos: “o produto social depositado no cérebro de cada um, isto é, a língua” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 57), que se apresenta a nós através das línguas. Muitas delas, segundo ele, só podem ser conhecidas por meio da escrita. É nesse sentido que precisamos considerar no estudo linguístico esse sistema de representação.

O que Saussure procura destacar é que, correntemente, a escrita tem prestígio em relação à forma falada. Isso porque é comum que se acredite que o objeto da Linguística é a combinação da palavra escrita e da palavra falada, no entanto, ele observa: “esta última, por si só, constitui tal objeto” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 58). Tal afirmação é muito significativa, uma vez que coloca a fala na própria definição objeto da Linguística, mostrando uma íntima relação entre a língua e a fala. É o que também acontece no trecho a seguir: “Mas a palavra escrita se mistura tão intimamente com a palavra falada, da qual é a imagem, que acaba por

²⁹ Para uma discussão sobre a organização do CLG, conferir Giombinsky (2019).

usurpar-lhe o papel principal; terminamos por dar maior importância à representação do signo vocal do que ao próprio signo” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 58).

É preciso considerar que, no contexto do CLG, Saussure ainda não havia definido o signo linguístico, fazendo referência, então à palavra falada. Apesar disso, é interessante observar como ele recorre a essa noção para dar conta de um aspecto da língua, mais precisamente a oral: “A língua tem, pois, uma tradição oral independente da escrita e bem diversamente fixa; todavia, o prestígio da forma escrita nos impede de vê-lo” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 58). É o que igualmente mostra sua crítica a esse prestígio da escrita: “Acabamos por esquecer que aprendemos a falar antes de aprender a escrever, e inverte-se a relação natural” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 58).

Também a abordagem do fonema que, na edição do CLG, aparece no “Princípios de Fonologia”, chama a nossa atenção nesse momento em que discutimos a fala na edição póstuma. Saussure parte de uma crítica aos estudos vigentes, observando que, geralmente, dá-se atenção à produção dos sons pelos órgãos vocais e pouco se discute sobre as impressões produzidas no ouvido. Para ele: “é na cadeia da fala ouvida que se pode perceber imediatamente se um som permanece ou não igual a si próprio; enquanto se tenha a impressão de algo homogêneo, esse som é único” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 76). Dessa forma, ele argumenta que a delimitação dos sons da cadeia da fala deve também apoiar-se na impressão acústica. Com base nisso, ele traz uma definição de fonema: “O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatorios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 77). Tal definição remete-nos ao circuito da fala já analisado anteriormente e que coloca no âmbito da fala os processos que vão da fonação à audição e da audição à fonação, conforme o quadro a seguir:

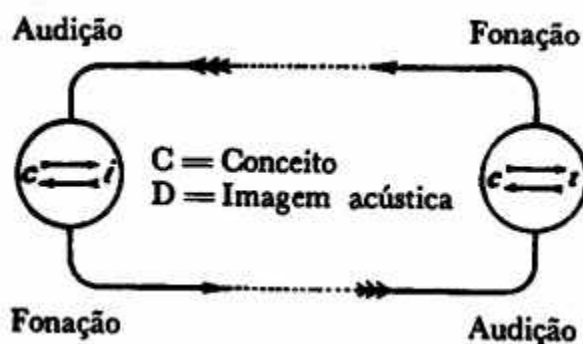


Figura 2 – Circuito da fala (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 43)

No capítulo “O fonema na cadeia falada”, a fala é novamente mencionada e mostra uma forte relação entre o que Saussure define como unidade da cadeia falada e o que ele posteriormente definirá como o signo linguístico. Isso porque, na discussão sobre o fonema, ele observará a necessidade de definir cada fonema a partir de suas relações com os outros fonemas, assim como o signo linguístico, o que ele chama de Fonologia dos grupos.

A ciência dos sons não adquire valor enquanto dois ou mais elementos não se achem implicados numa relação de dependência interna; pois existe um limite para as variações de um conforme as variações do outro; somente o fato de que haja dois elementos engendra uma relação e uma regra, o que é muito diferente da simples verificação. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 88)

Ao percorrer o tratamento do fonema em Saussure, buscamos observar como as questões da fala estavam presentes. É válido observar que, nesse quadro de reflexão, os limites entre o que é próprio da língua e o que é próprio da fala não se mostram bem delineados. Não se vê, nesse contexto, por exemplo, uma diferença entre as unidades da língua e as unidades da fala, que fundamentará, por exemplo, os estudos modernos da Fonética e da Fonologia, segundo os quais:

A fonética atual se propõe a estudar os fatores materiais dos sons da fala humana: seja as vibrações do ar que a eles correspondem, seja as posições e movimentos dos órgãos que os produzem. Em troca, o que a Fonologia quer estudar não são os sons, mas os fonemas, isto é, os elementos constitutivos do significante linguístico, elementos imateriais, uma vez que o próprio significante o é (segundo F. de Saussure) (TRUBETZKOY, 1981[1933], p. 18).

Vê-se, então, pela perspectiva moderna que, enquanto o fonema é unidade da língua e objeto da Fonologia, o fone é unidade da fala e objeto da Fonética, distinção que tem como base a distinção língua e fala saussuriana.

Assim, no que concerne ao estudo dos fonemas na edição do CLG, observa-se que a questão da fala é recorrentemente retomada no intuito de se investigar a produção, a compreensão dos sons das línguas, mas, nesse momento, não há uma separação bem definida, mostrando uma íntima relação entre língua e fala e mesmo a dificuldade no estabelecimento desses limites.

2. 4.2 A fala, a linearidade e as relações sintagmáticas

A primeira parte do CLG, dedicada aos “Princípios Gerais”, traz pontos importantes para o estudo da fala em Saussure. No primeiro capítulo, o linguista trata da “Natureza do signo linguístico”, distinguindo as partes que constituem o signo linguístico, a saber, o conceito e a imagem acústica ou, em outros de seus termos, o significado e o significante. Nesse sentido, Saussure procura demonstrar como ambas as partes do signo são psíquicas, inclusive a parte aparentemente física, que não é em sua essência acústica, mas uma imagem acústica.

Saussure define o signo linguístico como a união do significante ao significado. Essa união é constituída de dois termos psíquicos, conforme explicitado no circuito da fala. No circuito, como vimos, o autor demonstra que os termos do signo linguístico estão unidos por uma associação em nosso cérebro. Para ele:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106)

Saussure elucida que a imagem acústica ou significante não é o som material, ou seja, a parte física, mas sim a impressão psíquica do som:

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios ou a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. Com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106)

Ainda nessa reflexão, Saussure esclarece que o signo linguístico tem duas características primordiais: arbitrariedade e linearidade. Em relação à arbitrariedade, Saussure afirma que o significante é imotivado, ou seja, não há relação natural estabelecida entre um significante e um significado, mas sim uma relação arbitrária, convencional. Na busca de compreender a fala na teorização de Saussure, destacamos o segundo dos princípios, o da linearidade.

O segundo princípio do signo linguístico é o caráter linear do significante. O mestre inicia observando que o significante é de natureza auditiva, mesmo definindo, na seção anterior, que sua natureza é, igualmente ao significado, psíquica. A nosso ver, isso para além de uma incoerência de pensamento, evidencia, na verdade, uma dupla característica do significante, que é preciso considerar: sua natureza auditiva e sua natureza psíquica. Assim, segundo Saussure, sendo o significante de natureza auditiva, ele se desenvolve no tempo e toma características do tempo, a saber: “a) *representa uma extensão* e b) *essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha*” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 110).

Nessa parte do CLG, Saussure destaca que esse princípio é fundamental e todo mecanismo da língua depende dele. “Por oposição aos significantes visuais (sinais marítimos etc.), que podem oferecer complicações simultâneas em várias dimensões, os significantes acústicos dispõem apenas da linha do tempo; seus elementos se apresentam um após o outro; formam uma cadeia”. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106).

Sobre a linearidade, é possível observar que ela coloca em causa tanto aspectos da língua como todo o funcionamento da língua depende dela – como também aspectos da fala, tendo em vista seu caráter auditivo, como observado por Saussure neste momento. Quanto à relação que esse princípio estabelece entre o que é da língua e o que é da fala, consideremos o que explicita Testenoire (2014):

Em síntese, existem duas manifestações do caráter linear da língua: uma manifestação acústico-articulatória - a impossibilidade de pronunciar ou ouvir dois elementos da língua simultaneamente - evocados implicitamente, e uma manifestação sintagmática - a impossibilidade de combinar as unidades da língua, exceto por sucessão. Se a segunda se localiza na língua

como na fala, a primeira só se observa na segunda esfera. O caráter linear da língua é, em parte, deduzido de um ato de fala.³⁰ (TESTENOIRE, 2014, p. 4)

Como observa o autor, em análise às anotações dos cadernos dos alunos, no primeiro curso, Saussure atribui o caráter linear à língua, à cadeia da fala, ao signo linguístico e ao significante. Nesse primeiro curso, Saussure afirma que existe um caráter linear da língua, ou seja: “a impossibilidade de pronunciar dois elementos da língua ao mesmo tempo”. Esse caráter linear da língua manifesta-se no nível acústico-articulatório. Esse princípio seria a base das relações sintagmáticas e das relações sintáticas (frase). Dessa forma, ela seria perceptível nas duas esferas: da língua e da fala. Ainda nas palavras do autor:

A língua, a cadeia da fala, o signo, os significantes assumem sucessivamente um “caráter linear”. A observação dos cadernos dos alunos revela que, desde a primeira aula, Saussure percebe uma linearidade na fala, o que explica porque dois elementos não podem ser pronunciados simultaneamente, e na língua, o que condiciona as relações sintáticas e sintagmáticas. Mas é apenas no último curso que ele formula o princípio da linearidade do significante como um elo entre estes dois fenômenos: ao mesmo tempo a causa da linearidade sintagmática (“Se pudermos cortar as palavras nas frases, será uma consequência deste princípio”) e uma consequência da linearidade acústico articulatória da fala (“Decorre do fato de ser acústica”)³¹. (TESTENOIRE, 2014, p.13)

Conforme observa Testenoire (2014), a linearidade está implicada na fala devido a seu caráter acústico-articulatório e na língua devido ao funcionamento das relações associativas e sintagmáticas. A nosso ver, embora segundo o autor as relações sintagmáticas têm a ver com

³⁰ Tradução nossa de: “En résumé, il y aurait bien, d’après ce texte, deux manifestations du caractère linéaire de la langue: une manifestation acoustico-articulaire – l’impossibilité de prononcer ou d’entendre simultanément deux éléments de la langue – évoquée implicitement, et une manifestation syntagmatique – l’impossibilité de combiner autrement que par successivité les unités de la langue. Si la seconde se situe dans la langue comme dans la parole, la première ne s’observe que dans la seconde sphère. Le « caractère linéaire de la langue » est, en partie, déduit d’un fait de parole.”

³¹ Tradução nossa de: “Langue, chaîne de la parole, signe, signifiant revêtent successivement un « caractère linéaire ». L’observation des cahiers d’étudiants révèle que, dès le premier cours, Saussure perçoit une linéarité dans la parole, qui explique pourquoi on ne peut prononcer simultanément deux éléments, et dans la langue, qui conditionne les rapports syntaxiques et syntagmatiques. Mais ce n’est que dans le dernier cours qu’il formule le principe de la linéarité du signifiant comme lien entre ces deux phénomènes : à la fois cause de la linéarité syntagmatique (« Si nous pouvons découper les mots dans les phrases, c’est une conséquence de ce principe ») et conséquence de la linéarité acoustico-articulaire de la parole (« Cela découle de ce qu’il est acoustique »)”

o caráter linear da língua, a demonstração que Saussure faz de seu funcionamento coloca também em causa importantes aspectos da fala.

Depois de explicitar o valor linguístico como o mecanismo de organização do sistema da língua, segundo o qual os signos são estabelecidos unicamente por suas relações opositivas, negativas e diferenciais que estabelecem entre si, no capítulo “Relações sintagmáticas e relações associativas”, Saussure estabelece duas ordens de valores, as relações sintagmáticas ou as relações em presença e as relações associativas ou as relações em ausência. Chamamos a atenção para o modo como a fala opera nessa importante reflexão.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam, na extensão, podem ser chamadas sintagmas. Os sintagmas se compõem sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos etc.). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 171)

Saussure explicita que essa ordem de relações ou de valores se passa no discurso, noção associada à fala que será mais bem discutida adiante. Também esclarece que os termos se alinham na cadeia da fala e que: “colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 172). De outro modo, fora do discurso, as palavras que apresentam algo em comum associam-se em grupos e estabelecem o que Saussure chama de relações associativas.

Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-la-emos *relações associativas*. A relação sintagmática existe *in praesentia*; repousa em dois ou mais termos igualmente presentes numa série efetiva. Ao contrário, a relação associativa une termos *in absentia* numa série mnemônica virtual. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 172)

Ao explicitar o funcionamento das relações sintagmáticas, Saussure levanta uma possível objeção, questionando se tais relações pertencem à língua ou à fala. Ele já havia questionado, no capítulo sobre as entidades concretas da língua, sobre o pertencimento da frase à fala: “Em primeiro lugar, porém, até que ponto pertence a frase à língua? Se é coisa exclusiva da fala, não poderia nunca passar por unidade linguística”. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 151). No capítulo em estudo, porém, ele argumenta:

Poder-se-ia fazer aqui uma objeção. A frase é o tipo por excelência de sintagma. Mas ela pertence à fala, e não à língua; não se segue que o sintagma pertence à fala? Não pensamos assim. É próprio da fala a liberdade de combinações; cumpre, pois, perguntar se todos os sintagmas são igualmente livres. Há, primeiramente, um grande número de expressões que pertencem à língua; são as frases feitas, nas quais o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106)

Quanto ao trecho citado, destacamos, em primeiro lugar, a atribuição da frase ao campo da fala. Como destaca Saussure no capítulo Linguística da fala, é próprio desta as combinações que são feitas pelos indivíduos. Ele observa, porém, que há um grande número de sintagmas que pertencem à língua dado à tradição do uso, impossíveis de serem modificados pela escolha do falante; são as frases feitas. É nesse sentido que, para ele:

Cumprir atribuir à língua, e não à fala, todos os tipos de sintagmas construídos sobre formas regulares. Com efeito, como não existe nada de abstrato na língua, esses tipos só existem porque a língua registrou um número suficientemente grande de espécimes. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 106)

Apesar disso, é preciso considerar as inúmeras possibilidades de combinação dos signos linguísticos em sintagmas que extrapolam as combinações já cristalizadas. Frente a isso, Saussure expõe:

Cumprir reconhecer, porém, que no domínio do sintagma, não há limite categórico entre o fato de língua, testemunho do uso coletivo, e o fato de fala, que depende da liberdade individual. Num grande número de casos, é difícil classificar uma combinação de unidades, porque ambos os fatores

concorrem para produzi-la em proporções impossíveis de terminar.
(SAUSSURE, 2012 [1916], p. 174)

Para nós, essa última citação é fundamental, pois Saussure aponta uma dificuldade teórica em estabelecer uma divisão categórica entre a língua e a fala, levando-nos a compreender que, embora distintas, seus limites não são muito precisos, tendo em vista a relação de interdependência entre esses dois objetos. Verificamos que essa linha entre a língua e a fala, para a relação sintagmática, é muito tênue, pois é difícil reconhecer e classificar a combinação das unidades, visto que ambos os fatos, tanto de língua quanto de fala, estiveram presentes em proporções impossíveis de determinar. Assim, a linearidade e as relações sintagmáticas estão intrinsecamente ligadas à fala na teia conceitual de Saussure.

2.4.3 A fala, a mutabilidade e a imutabilidade do signo

Ao tratar da imutabilidade e da mutabilidade do signo no CLG, Saussure também traz à discussão o termo “fala”. Precisamente, ao explicitar de que modo a língua é mutável, ao mesmo tempo em que é imutável, Saussure vê a necessidade de retomar a distinção entre língua e fala, apresentando, em um primeiro ponto, uma espécie de equação que coloca em jogo a linguagem, a língua e a fala.

1.º Evitando estéreis definições de termos, distinguimos primeiramente, no seio do fenômeno total que representa a linguagem, dois fatores: a língua e a fala. A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender.

2.º Mas essa definição deixa ainda a língua fora de sua realidade social; faz dela uma coisa irreal, pois não abrange mais que um dos aspectos da realidade: o individual; é mister uma massa falante para que exista uma língua. Em nenhum momento, e contrariamente à aparência, a língua existe fora do fato social, visto ser um fenômeno semiológico. Sua natureza social é um dos seus caracteres internos; sua definição completa nos coloca diante de duas coisas inseparáveis, como o demonstra o esquema:

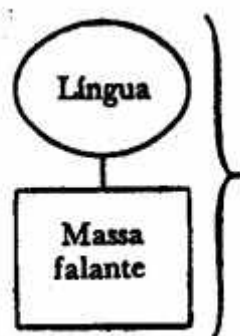


Figura 3 – Língua e massa falante (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 117-118)

Vejamos aspectos relevantes dessa reflexão. A língua é a linguagem menos a fala. É também o conjunto de hábitos linguísticos que possibilita uma pessoa ser compreendida e fazer-se compreender. No entanto, desse modo definida, observa Saussure, tem-se em conta apenas um dos aspectos da sua realidade, o individual. Nota-se, então, nesse contexto, que para ele, a língua guarda também um aspecto individual. Apesar disso, ela não pode ser tomada fora de seu aspecto social, pois sua natureza é social. Procurando dar conta de “sua definição completa” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 117), o linguista apresenta um esquema em destaque. A nosso ver, esse esquema é assaz relevante, pois coloca a fala, pressuposta na noção de massa falante, na definição saussuriana de língua, mostrando-nos, novamente, que se trata de noções inseparáveis na teoria de Saussure.

Saussure afirma que é necessário que haja uma massa falante, tornando-a condição essencial para que a língua atinja o seu caráter social. É nesse sentido que o mestre representa a língua e a massa falante com um vínculo entre elas. Sendo assim, parece-nos ainda que, ao colocar o vínculo entre essas duas estâncias, verificaríamos apenas o caráter social da língua e não o fator histórico. Diante disso, Saussure acrescenta o fator tempo a essa equação.

Se se tomasse a língua no tempo, sem a massa falante — suponha-se o indivíduo isolado que vivesse durante vários séculos — não se registraria talvez nenhuma alteração; o tempo não agiria sobre ela. Inversamente, se se considerasse a massa falante sem o tempo, não se veria o efeito das sociais agindo sobre a língua. Para estar na realidade, é necessário, então, acrescentar ao nosso primeiro esquema um signo que indique a marcha do tempo:

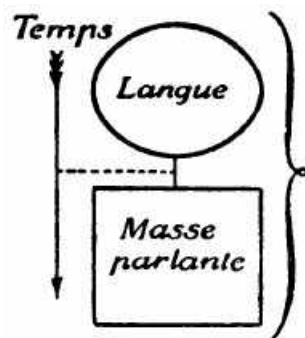


Figura 4. Tempo, língua e massa falante. (Saussure, 2012[1916], p. 118)

A partir do que defende Saussure, entende-se que a língua se modifica pelo tempo e pela massa falante. No entanto, o tempo que assegura a imutabilidade do signo também atesta a mutabilidade. Assim, depreendemos que a massa falante, juntamente com o fator tempo, é o que atesta mutabilidade e imutabilidade do signo. Quando o fator tempo entra em ação, a língua já não é mais livre, pois permitirá as ações das forças sociais, atestando o princípio da continuidade que necessariamente pressupõe a alteração e deslocamento das relações.

Dessa forma, ao tratar da mutabilidade e imutabilidade do signo, verificamos que há uma congruência desses fenômenos com a fala. Sendo assim, eles também estão presentes na teia conceitual da fala.

2.4.4 A fala, a sincronia e a diacronia

No capítulo “A Linguística estática e a Linguística evolutiva”, Saussure argumentará em favor de mais uma das importantes distinções que compõem sua teoria da língua. Segundo ele, para muitas ciências, especialmente as que trabalham com valores, o fator tempo coloca a necessidade de uma bifurcação: um eixo para o tratamento das coisas coexistentes e outro eixo para o tratamento das sucessões. No caso da Linguística, ciência que, segundo o genebrino, também trabalha com um sistema de valores: “a multiplicidade dos signos, já invocada para explicar a continuidade da língua, nos impede absolutamente de estudar-lhe, ao mesmo tempo, as relações no tempo e no sistema”. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 122). Tendo isso em vista, o linguista propõe duas rotas para o estudo da língua:

Os termos *evolução* e *Linguística evolutiva* são mais precisos e nós os empregaremos frequentemente; por oposição, pode-se falar da ciência dos *estados* da língua ou *Linguística estática*. Para melhor assinalar essa oposição, porém, e esse cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao mesmo objeto, preferimos falar de Linguística *sincrônica* e de Linguística *diacrônica*. É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 122-123)

Para dar conta dos fatores que diferem uma Linguística da outra, Saussure recorre ao saber do indivíduo falante, trazendo à tona a questão da fala. Segundo ele:

A primeira coisa que surpreende quando se estudam os fatos da língua é que, para o indivíduo falante, a sucessão deles no tempo não existe: ele se acha diante de um estado. Também o linguista que queira compreender esse estado deve fazer *tabula rasa* de tudo quanto produziu e ignorar a diacronia. Ele só pode penetrar na consciência dos indivíduos que falam suprimindo o passado. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 123)

A partir dessa observação, Saussure situa não só o falante como também o linguista em um dos eixos por ele estabelecido, definindo também o papel desse último frente à língua. O falante ignora as transformações da língua, projetadas em uma diacronia, e encontra-se diante de um estado, e assim deve colocar-se também o linguista para dar conta do funcionamento desse estado. Normand (2009[2000]) observa o papel fundamental dessa tomada de decisão no movimento que afasta Saussure dos estudos histórico-comparatistas:

A inversão operada por Saussure é a de definir o campo da Linguística, colocando-se desde o começo na prática da língua, naquilo que consiste a experiência cotidiana de qualquer locutor. Para tanto, é necessário afastar-se, a princípio, do conjunto constituído pela massa de saber gramatical (comparativo e histórico) e dos comentários acumulados pela tradição, deixar de tomar como quadro evidente da descrição o que é resultado de séculos de reflexão sobre a linguagem e, então, questionar o ponto de vista do estudioso: o locutor ordinário não é um *estudioso*, mas, mesmo assim, *sabe* falar. Trata-se de descobrir a especificidade desse saber *da* língua, deixando de lado o saber *sobre* a língua. (NORMAND, 2009[2000], p. 45)

Como observa a autora, Saussure mostra a necessidade de colocar-se no lugar do falante, que ignora a massa de saber diacrônico de uma língua, contudo, sabe falar. Assim, interessa ao linguista não o saber sobre a língua, ignorado pelo falante, mas o saber da língua de um falante. Esse saber encontra-se na sincronia.

Saussure retoma sua distinção, trazendo, mais uma vez, a questão da fala, demonstrando sua importância também para as transformações que se observam em uma diacronia.

(...) a Linguística se acha aqui diante de sua segunda bifurcação. Foi necessário, primeiro, escolher entre a língua e a fala; agora, estamos na encruzilhada dos caminhos que conduzem, um à diacronia, outro a sincronia. Uma vez de posse desse duplo princípio de classificação, pode-se acrescentar que *tudo quanto seja diacrônico na língua, não o é senão pela fala*. É na fala que se acha o germe de todas as modificações: cada uma delas é lançada, a princípio, por um certo número de indivíduos, antes de entrar em uso. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 141)

Assim, se, por um lado, um estudo sincrônico exige que se considere o saber daqueles que falam, por outro lado, um estudo da evolução da língua deve considerar que tudo é diacrônico em uma língua por causa da fala. É a partir das transformações no uso dos indivíduos que as formas se cristalizarão ou não na língua.

De acordo com o autor, ao estudar os fatos de língua, a sucessão no tempo não é relevante, como também não é para o indivíduo falante. No entanto, é a partir do uso da língua feito pelo falante, ou por um conjunto de indivíduos, que ocorrem as modificações da língua. O autor insiste: é o fato de fala que permite que uma massa falante faça alguma modificação na língua, e essa forma repetida e aceita pela comunidade, em que o sujeito falante está inserido, torna-se um fato de língua.

Entretanto, o autor deixa-nos claro que nem todas as inovações da fala terão o mesmo êxito, pois, enquanto estão no campo individual, não terão relevância para os estudos da língua. Somente após o momento em que ela se torna um fato de língua é que ela terá seu lugar de estudos na Linguística. Assim, o estudo dessas mudanças só terá importância quando entrar na coletividade.

Um fato de evolução é sempre precedido de um fato, ou melhor, de uma multidão de fatos similares na esfera da fala; isso em nada debilita a distinção estabelecida acima; esta se acha inclusive confirmada, pois na história de toda inovação encontram-se sempre dois momentos distintos: 1º aquele em que ela surge entre os indivíduos; 2º aquele em que se tornou um fato de língua, exteriormente idêntico, mas adotado pela comunidade. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 141)

As afirmações de Saussure dialogam com o que também defendiam os neogramáticos, ao afirmarem que a mudança linguística tem sua sede no indivíduo falante. Por outro lado, o excerto anterior mostra-nos um avanço das ideias de Saussure, tendo em vista a distinção que ele estabelece entre a língua e a fala, como propõe Silveira (2014), e entre sincronia e diacronia. Faltavam aos neogramáticos essas distinções na explicação do modo como as inovações se cristalizavam. Saussure é claro: as inovações partem da fala, mas se cristalizam na língua. Surgem na diacronia e, só então, passam a constituir uma sincronia.

Saussure defende a necessidade de escolher-se entre um ponto de vista e outro no estudo da língua. No entanto, como se observa no desenvolvimento de suas reflexões, tais pontos de vista, assim como a língua e fala, encontram-se implicados e difíceis de serem categoricamente separados. Segundo ele: “ainda que, no estudo de uma língua, a observação se aplique ora a um aspecto ora a outro, é absolutamente necessário situar cada fato em sua esfera e não confundir os métodos” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 142). Ao que nos parece, o mesmo pode ser dito sobre a língua e fala, tendo em vista que ora é necessário considerar um aspecto da linguagem ora outro. É em função disso que Saussure busca separar tais objetos que, embora sejam distintos, são interdependentes. Para nós, isso pode ser explicado a partir do que esclarece Godel (1984). Ele observa que muitas das dualidades observadas por Saussure não foram contestadas, como acontece com o significante e o significado, o sintagma e a associação. Mas isso não aconteceu com a língua e a fala nem com a sincronia e a diacronia, isso porque essas, ao contrário das primeiras que não dependem de uma teoria para serem observadas, são dualidades teóricas e metodológicas. Desse modo entendido, é preciso considerar a existência integral dos fenômenos da linguagem, e discerni-los teórica e metodologicamente, como propõe Saussure, por meio da língua e da fala e da sincronia e da diacronia.

2.4.5 A fala e a analogia

A discussão sobre analogia está presente na terceira parte do CLG, nos capítulos *A analogia* e *Analogia e evolução*. Tal reflexão mobiliza a fala de forma importante. Nesse quadro analítico, Saussure parte da definição de analogia e procura demonstrá-la, diferenciando-a dos fatores da evolução fonética.

Segundo Saussure: “a analogia supõe um modelo e sua imitação regular. *Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada.*” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 217). Nesse sentido, a analogia busca sempre uma regularidade nos processos de formação e de flexão das palavras. Para melhor esclarecer sua natureza, o linguista argumenta, então, que os fenômenos analógicos não são mudanças.

Os primeiros linguistas não compreenderam a natureza do fenômeno da analogia, a que chamavam “falsa analogia”. Eles acreditavam que, ao inventar *honor*, o latim se “havia enganado” sobre o protótipo *honos*. Para eles, tudo quando se afasta da ordem dada é uma irregularidade, infração de uma forma ideal. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 219)

Como afirma o genebrino, tais estudos julgavam o estado original da língua como algo superior e toda liberdade em relação à língua era vista como uma anomalia. Conforme o suíço, foi com os neogramáticos que a analogia passou a ser compreendida, juntamente com as mudanças fonéticas, como o grande fator da evolução das línguas, possibilitando a passagem de um estado de língua a outro. Dessa forma, Saussure se indaga: “Mas, qual é a natureza dos fenômenos analógicos? Serão eles, como comumente se acredita, mudanças? E, já logo em seguida, responde: “Todo fato analógico é um drama de três personagens: 1º o tipo transmitido, legítimo, hereditário (por exemplo, *honos*); 2º o concorrente (*honor*); 3º uma personagem coletiva, constituída pelas formas que criaram esse concorrente (*honorem*, *orator*, *orātores* etc.). (SAUSSURE, 2012[1916], p. 219)

É importante considerar o que observa Flores (2014): Saussure reconhece que é com os neogramáticos que a analogia tem, pela primeira vez, um tratamento adequado, visto que ela é tomada com as mudanças fonéticas, como um grande fator de evolução das línguas. No entanto, é, com Saussure, que há um questionamento sobre a natureza dos fenômenos analógicos. Para ele, a analogia não é mudança - é o que denuncia o título do segundo

parágrafo do cap. IV “Os fenômenos analógicos não são mudanças” - mas sim um princípio de criação na língua. “Para Saussure, a evolução (mudança) está ligada, entre outras coisas, à substituição; na analogia não há substituição, há criação.” (FLORES, 2014, p. 76).

Para defender a analogia como o princípio das criações da língua, Saussure a define como sendo de ordem psicológica, entretanto, segundo ele, apenas isso não é suficiente para distingui-la dos fenômenos fonéticos, que ocasionam a mudança linguística:

Cumpre ir mais longe e dizer que a analogia é de ordem gramatical; ela supõe a consciência e a compreensão de uma relação que une as formas entre si. Enquanto a ideia nada representa no fenômeno fonético, sua intervenção se faz necessária em matéria de analogia. (...). Por conseguinte, tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 221-222)

Assim sendo, o autor compreende que a analogia é de ordem gramatical. Isso porque ela pressupõe a consciência e a compreensão daquilo que une diferentes formas e, nesse sentido, coloca no jogo a ideia, indiferente no fenômeno fonético da mudança. Outro aspecto importante da analogia diz respeito à fala, uma vez que a criação, fim da analogia, só pode, para o genebrino, pertencer à fala. Por ser de ordem psicológica, é, portanto, criação de um falante, figura central no processo da analogia, como defende Castro (2018) no trecho a seguir.

Entre o movimento regularizador e os caprichos da analogia, encontra-se o sujeito falante, que introduz o grão de imprevisibilidade no fenômeno. Sua presença inquestionável na operação se dá a ver na extensa reflexão saussuriana sobre a ordem “psicológica” e “gramatical” da analogia, sobre a língua e a fala e nas oscilações entre a atribuição de consciência e inconsciência do falante na sua relação com o tesouro da língua. (CASTRO, 2018, p. 819)

Saussure é enfático ao afirmar que é, na esfera da fala, que acontece o fenômeno da analogia, ressaltando, contudo, a relação de interdependência entre aquilo que é da esfera da fala e aquilo que é da esfera da língua. Como vê-se, apesar da constante necessidade de distinção entre elas, elas aparecem ao longo de toda reflexão do genebrino do CLG, implicadas mutualmente, constituindo o jogo do mecanismo linguístico:

É nessa esfera (da fala), e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1º a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si; 2º o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. A analogia nos ensina, portanto, uma vez mais, a separar a língua da fala; ela nos mostra a segunda como dependente da primeira e nos faz tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 222)

Para situar o falante na perspectiva da criação analógica, Saussure afirma que ela começa de uma forma inconsciente, a partir dos tesouros da língua depositados. Essas formas geradoras buscam, nas relações sintagmáticas e associativas, a criação de novas formas.

Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, em que as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas. Dessarte, uma parte toda do fenômeno se realiza antes que se veja aparecer a forma nova. A atividade contínua da língua, a decompor unidades que lhe são dadas, contém em si não somente todas as possibilidades de um falar conforme o uso, mas também todas as possibilidades das formações analógicas. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 222)

Castro (2018) afirma que o eixo associativo e o sintagmático definem o mecanismo da língua, da cadeia da fala e do discurso. É nesse jogo de agrupamento que se dá a operação da analogia no seu caráter criativo, no qual o falante está implicado, num determinado momento, como aquele que está inserido nos mecanismos internos da língua, em outro momento, como responsável por atos volitivos de natureza “extralinguística”. Nesse último caso, é que se entenderia melhor a menção à fala como “acessória e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 2012[1916], p. 45).

Chamamos a atenção para reflexão de Castro (2018), ao afirmar que a analogia e a associação têm, para Saussure, um vínculo com a gramática a tal ponto que o vemos pôr em paralelo a atividade do falante e aquela do gramático:

A aproximação do falante e do gramático deixa entrever o que os distancia: se as associações do primeiro são “não conscientes”, “inconscientes”, ou “subconscientes” - como se leu anteriormente - as do gramático são

necessariamente conscientes e metódicas e, enquanto esse último considera também a língua no tempo - considera as formas do estado anterior-, o falante ignora o passado. A criação se dá sempre a partir do material existente em um estado de língua, é eminentemente sincrônica, mas, como princípio de criatividade, ela se encontra também na articulação com a diacronia. (CASTRO, 2018, p. 825-826)

Saussure ainda admite que o processo gerador não se produz no momento em que surge a criação, pois seus elementos já estavam dados. Quando há improviso de uma palavra, esse potencial já existe na língua, pois o encontramos nas relações sintagmáticas. Na fala, ocorre sua realização em comparação com a variedade de formações possíveis, o que nos mostra limites tênues entre a língua e a fala no processo da analogia.

A respeito desses limites, é preciso considerar ainda o que propõe Saussure:

Nada entra na língua sem ter sido antes experimentado na fala, e todos os fenômenos evolutivos têm sua raiz na esfera do indivíduo. Este princípio, já enunciado na p. 115, se aplica muito particularmente às inovações analógicas. Antes que *honor* se torne um concorrente suscetível de substituir *honos*, foi preciso que uma primeira pessoa o improvisasse, que outras a imitassem e o repetissem, até que se impusesse ao uso. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 226)

Para que uma palavra entre em uso, é necessário que uma pessoa a improvise e que, posteriormente, outras a imitem e a repitam. Isso porque não são todas inovações analógicas que entrarão em uso. A todo momento, surgem combinações que não serão adotadas, tais como a linguagem das crianças. É por isso que, na língua, apenas uma parte mínima das criações da fala serão duradouras e elas são verificáveis quando partimos de uma época a outra.

Em resumo, a analogia, considerada em si mesma, não passa de um aspecto do fenômeno de interpretação, uma manifestação da atividade geral que distingue as unidades para utilizá-las em seguida. Eis porque dizemos que é inteiramente gramatical e sincrônica. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 223)

Se, por um lado, Saussure afirma que a analogia é inteiramente gramatical e sincrônica, por outro lado, observamos que o capítulo sobre analogia faz parte da Linguística Diacrônica. Esse estranhamento é observado por Flores (2014), que pontua:

Por que nos demoramos, neste ponto, em torno do estabelecimento do texto do CLG? Nossa insistência deve-se menos a algum objetivo de confrontação das fontes e mais ao estranhamento causado pela presença da analogia - fenômeno considerado sincrônico como tema quase exclusivo da parte dedicada à Linguística Diacrônica. Essa presença nos permite formular uma interpretação para o fato analógico: partimos da suposição de que, para Saussure, a analogia tem uma aparência de mudança, mas não se configura propriamente em mudança, o que o faz circunscrevê-la em contraposição a outros fenômenos - a mudança fonética é um exemplo sem dúvida, mas há também a etimologia popular e a aglutinação, entre outros. Consequentemente, falar em analogia, fenômeno sincrônico, levou, por contraposição, Saussure a falar em diacronia e fenômenos de mudança. (FLORES, 2014, p. 80)

Flores compreende que, para Saussure, a analogia parece uma mudança, mas não é uma mudança propriamente dita, diferente da mudança fonética da etimologia popular e aglutinação. A partir dessa observação, o autor parte do falante para a formação analógica; sendo assim, o ponto de vista sincrônico é sempre do falante. Por isso, a recusa de Saussure sobre o aspecto da mudança na analogia.

Ora, quando o falante produz uma formação analógica, o ponto de vista sincrônico é sempre o do falante e de seu saber sobre a língua. Por esse viés, Saussure recusa o aspecto de mudança à analogia: a analogia não é mudança. Por esse viés, também a verdadeira necessidade entre sincronia, gramatical e analogia se explicita: é o falante que os relaciona entre si ao produzir uma analogia, ao criar na língua. (FLORES, 2014, p. 83).

Ainda no que concerne às reflexões de Flores (2014), é preciso destacar, sobre a fala e a analogia, a tese defendida pelo autor:

Nossa tese aqui é: *Saussure é um exímio linguista e, se bem o entendemos, seu ponto de partida é sempre a fala, o lugar da criação*. Logo, relacionar o aspecto criativo da língua com o fazer do linguista é o que mais se destaca em nosso percurso, e isso coloca em destaque o sujeito falante. (FLORES, 2014, p. 83).

Assim, depois de percorrer o estudo da analogia, buscando evidenciar o lugar da fala, parece-nos contundente a tese defendida por Flores (2014), que, ao tratar do fazer do linguista, observando as próprias análises linguísticas de Saussure, ajuda-nos a reforçar nosso argumento de que a fala opera como um fio na teia conceitual de Saussure. É o que buscamos evidenciar na discussão sobre a analogia, que coloca em jogo não só a fala, mas também a língua, a sincronia e a diacronia.

2.4.6 A fala e o discurso

Outra noção frequentemente associada às questões da fala, na teoria saussuriana, é a de discurso, especialmente visualizada no pensamento de Ferdinand de Saussure por estudiosos contrários ao argumento da exclusão da fala. É tal noção que examinaremos ao longo do CLG nesta seção. Convém lembrar que o tratamento dado a essa questão, muitas vezes, recobre, na literatura, outras fontes saussurianas, como os manuscritos e os cadernos dos alunos, como fazem Turpin (1995-1996) e Henriques (2023), cujos trabalhos discutiremos no próximo capítulo. Por ora, limitamo-nos ao que se pode recolher da edição de 1916 e, no capítulo seguinte, verificaremos a abordagem dessa noção nos cadernos dos alunos, recorrendo oportunamente às análises dos manuscritos feitos por outros estudiosos.

O termo *discurso* é mencionado, pela primeira vez, no capítulo *Objeto da linguística*, na seção *Lugar da língua nos fatos da linguagem*, enquanto Saussure faz a distinção entre língua e fala.

Cumpramos notar que definimos as coisas e não os termos; as distinções estabelecidas nada têm a rezeir, portanto, de certos termos ambíguos, que não têm correspondência entre duas línguas. Assim, em alemão, *Sprache* quer dizer “língua” e “linguagem”; *Rede* corresponde aproximadamente a “palavra”, mas acrescentando-lhe o sentido especial de “discurso”. Em latim, *sermo* significa antes “linguagem” e “fala”, enquanto *língua* significa a língua, e assim por diante. Nenhum termo corresponde exatamente a uma das noções fixadas acima; eis porque toda definição a propósito de um termo é vã; é um mau método partir dos termos para definir as coisas. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 45-46)

O trecho referenciado aparece no CLG logo após Saussure definir, separadamente, a

língua e, em seguida, a fala, afirmando que a primeira não constitui uma função do falante, enquanto a segunda é um ato individual de vontade e de inteligência. Após essas definições, Saussure faz uma ressalva, notando que definimos as coisas, não os termos, e chama a atenção para a ambiguidade que os termos por ele trabalhos adquirem em línguas diferentes. Para exemplificar, ele menciona termos de diferentes línguas, observando que, em alemão, *Sprache* quer dizer língua e linguagem; e *Rede* corresponde à palavra somada no sentido de “discurso”, não especificando o que pode ser esse sentido. Saussure ressalta, em conclusão, que nenhum dos exemplos dados corresponde exatamente ao que ele tenta definir: a língua e a fala. Ao que nos parece, podemos incluir, nesse contexto, o termo *discurso*, mencionado por ele, que também não corresponde exatamente aos termos definidos.

Continuando nossa busca pelo CLG, observamos que, ao tratar dos princípios gerais do signo linguístico, Saussure menciona novamente o termo discurso, para referir-se à realização da palavra falada.

O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema. E porque as palavras da língua são para nós imagens acústicas, cumpre evitar falar dos “fonemas” de que se compõem. Esse termo, que implica uma ideia de ação vocal, não pode convir senão à palavra falada, à realização da imagem interior no discurso. Com falar de sons e de sílabas de uma palavra, evita-se o mal-entendido, desde que nos recordemos tratar-se de imagem acústica. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 106)

Saussure argumenta sobre o caráter psíquico das imagens acústicas, mostrando que o termo fonema parece inadequado para dar conta das unidades que as compõem. Isso porque esse termo está associado à ação vocal, nesse sentido, à realização da palavra através da fala, e ele acrescenta, de sua realização no discurso. Nesse contexto, vemos como o termo *discurso* se mostra bastante ligado à fala, a nosso ver, podendo ser até mesmo substituído por ela.

A questão do discurso aparece ainda de forma bastante relevante³² no capítulo relações sintagmáticas e relações associativas:

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a

³² O termo “discurso” aparece ainda na discussão sobre as partes do discurso, mas, nesse contexto, foge da relação com a fala por nós examinada.

possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (ver p. 85). Estes se alinham um após outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de sintagmas. O sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidades consecutivas (por exemplo: reler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; se fizer bom tempo, sairemos etc.). Colocado num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede ou ao que o segue, ou a ambos. Por outro lado, fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e, assim, formam-se grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra francesa *enseignement*, ou a portuguesa *ensino*, fará surgir inconscientemente, no espírito, uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 171-172)

Na primeira menção ao termo, Saussure faz referência ao encadeamento linear da língua. É válido observar que não se trata da fala, ele mostra que tal caráter pertence à língua. No entanto, para tratar dele, ele precisa retomar a impossibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. Ao tratar da pronúncia, Saussure, conseqüentemente, remete a uma questão da fala, mostrando-nos, mais uma vez, que o nível dos sintagmas impõe dificuldades para a distinção língua e fala e, ao que nos parece, demonstra como os sintagmas pertencem ao mesmo tempo à língua e à fala. Na segunda menção, o autor evidencia o que se passa fora do discurso, isto é, as relações que acontecem na memória. Para nós, isso mostra como o discurso está intimamente associado à fala para Saussure nesse contexto.

A respeito da relação entre fala e discurso no CLG, Flores (2020) tem uma contribuição a dar-nos. Em uma nota de tradução da edição revista e comentada do livro *História da Linguística* de Câmara Júnior, Flores (2020) afirma que Mattoso Câmara sempre preferiu o termo *discurso* para traduzir o termo francês saussuriano *parole*. Para o autor, no entanto, é importante considerar que as notas de Mattoso Câmara datam de 1962 e que, nesse tempo, não havia uma terminologia saussuriana sólida e estabelecida na linguística brasileira. Sabemos que o *Curso de Linguística Geral* só foi traduzido e publicado no Brasil em 1970, o que corrobora a percepção demonstrada por Flores.

Parole corresponde, pois, ao latim *Loquela, de loquor, al. Sprech, de sprechen, sep. Habla, de hablar* e ao português *fala* de falar. Mas *fala* exclui a linguagem escrita, ao contrário da *parole* saussuriana, que é menos dependente na forma e na significação, do seu verbo *parler*. Proponho, portanto, nosso velho termo *discurso*, como nome verbal *discorrer*. O próprio Saussure lembra o latim *sermo* e o alemão *Rede*, que a ele correspondem, e o seu discípulo inglês Alan Gardiner, traduzindo *parole* ou

Speech, observa que, em francês, se dirá *parole* ou *discours*. (FLORES, 2020, p. 354).

É com base nisso que Flores propõe, então, um olhar para além da tradução, pois há uma questão teórica a ser observada, visto que os termos *parole* e *discours* coexistem na teoria saussuriana e no CLG. Ademais, Flores explicita que Saussure utilizou o termo *discurso* principalmente nos dois primeiros cursos de Linguística Geral. No entanto, esse termo fica ausente no terceiro curso que é a base do CLG, questão a ser discutida no próximo capítulo.

Tudo o que dissemos até agora, em nossa opinião, é suficiente para subsidiar uma decisão nada fácil que tomamos: substituímos, a seguir, *discurso* por *fala* sempre que o contexto permitiu ver tratar-se de uma contraposição ao termo saussuriano *língua* e mantivemos *discurso* em outros casos, menos técnicos, referentes apenas ao uso da língua, em sentido amplo. Achamos que, na relação com a língua (*la langue*), é mesmo o termo fala (*la parole*) que, normalmente, é utilizado, o que coaduna com o procedimento do próprio Saussure no terceiro curso de linguística geral por ele ministrado. Isso não implica, evidentemente, opor *discurso* à *fala*, mas apenas circunscrever escopos diferenciados. (FLORES, 2020, p. 357)

A tomada de decisão do pesquisador e tradutor brasileiro, faz-nos compreender, então, questões importantes sobre a relação *fala* e *discurso*, as quais, embora não possam ser tomadas como sinônimas, apresentam estreitas relações. De um lado, observa Flores (2020), a fala está sempre relacionada à língua, em Saussure, numa relação de contraposição. Por outro lado, o discurso está associado a outros contextos ligados ao uso da língua, num sentido mais amplo.

2.5 Algumas considerações

Ao longo deste capítulo, buscamos demonstrar de que maneira a fala aparece em diferentes reflexões da teoria linguística apresentada por Saussure do CLG, procurando compreender o lugar em que ocupa no texto de 1916. Com esse objetivo, passamos pelas discussões sobre o objeto da Linguística, a escrita, o fonema, a linearidade, as relações sintagmáticas, a mutabilidade e a imutabilidade, a sincronia e a diacronia, a analogia e o

discurso, evidenciando que, em todos esses casos, a questão da fala está implicada e se mostra imprescindível. A nosso ver, isso demonstra como a fala opera na elaboração de Saussure que dá origem à Linguística Moderna encontrada na edição do CLG, perpassando, de fato, toda reflexão do mestre genebrino.

Assim, embora os editores anunciem uma ausência da Linguística da fala, não é possível afirmar uma ausência dela no CLG depois de uma leitura como a que apresentamos neste trabalho, tendo em vista que pudemos destacar que ela perpassa toda reflexão do mestre genebrino. No entanto, talvez mais importante do que a discussão sobre se a fala está ou não presente no CLG, é perguntar-nos quanto ao lugar que ela ocupa, então, na edição. Sobre isso, é possível observar que ela se mostra sempre em relação aos outros conceitos saussurianos. Ainda nos parece fundamental reafirmar que a nossa pesquisa evidencia que as discussões em torno da fala colocaram, de diferentes maneiras, pontos de aproximação, mas também de um profundo distanciamento entre Saussure e a Linguística de seu tempo.

Tais considerações, resultantes de uma investigação que verifica os diversos aspectos nos quais aparece a fala no CLG, são importantes para a nova leitura da teoria saussuriana neste início do século XXI e vai, justamente, na direção desta pesquisa, a saber, o lugar que a fala ocupa na teoria de Saussure. Se, por um lado, o território teórico no qual a encontramos é muito amplo, por outro lado, não se pode dizer que ela esteja exatamente dispersa. Ao contrário, os dados que apresentamos nos levam a crer que há uma certa configuração do lugar da fala na elaboração do genebrino; parece-nos que ela aparece em forma de uma teia em uma estreita relação com outros conceitos muito difundidos na fortuna saussuriana e sob a sombra dos quais tem repousado a fala. É o que pudemos observar no material analisado, a edição do CLG, recorrentemente utilizado como fonte por muitos que defendem a exclusão da fala por Saussure. Em oposição a essa problemática, acreditamos, com base nas análises feitas, que a fala, embora discernida da língua por razões teóricas e metodológicas, como defende Godel (1984), é fundamental para a teoria linguística de Saussure.

Capítulo 3 A fala em movimento: uma leitura dos cadernos dos alunos

3.1 Introdução

Como se sabe, a edição do *Curso de Linguística Geral*, publicada pela editora Payot em Paris no ano 1916, embora leve o nome de Ferdinand de Saussure como autor, foi, posteriormente à sua morte, organizada por Charles Bally e Albert Sechehaye, com a colaboração de Albert Riedlinger.

Trata-se de uma obra que reúne ideias do genebrino sobre a Linguística Geral, com base em dois tipos de materiais utilizados como fontes: anotações de próprio punho de Saussure, preparatórias para três cursos de Linguística Geral, ministrados por ele entre os anos 1907 e 1911 na Universidade de Genebra, e anotações de alguns dos alunos que participaram desses cursos. Como esclarecem os editores, no prefácio da obra, a respeito do modo como tais fontes foram organizadas: “Nossa ideia orientadora foi a de traçar um todo orgânico sem negligenciar nada que pudesse contribuir para a impressão de conjunto” (BALLY; SECHEHAYE, 2012[1916], p. 25).

Depois de examinar como a fala aparece na edição do CLG, propomos, neste terceiro capítulo, “A fala em movimento: uma leitura dos cadernos dos alunos”, um retorno às fontes utilizadas previamente na organização da edição póstuma para, conforme Silveira (2007), acompanhar o movimento de elaboração teórica de Saussure. Assim, apreciaremos como a fala aparece no contexto dos cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra. Para tanto, analisaremos algumas das anotações dos alunos, as quais, como já destacamos, estão entre as principais fontes utilizadas na edição do CLG.

Dessa maneira, nesta parte de nosso estudo, buscamos compreender: de que forma a fala aparece durante as aulas na Universidade de Genebra. Qual é o lugar da fala nesse contexto didático? De que forma a fala opera em relação aos conceitos ensinados por Saussure? E, por fim, juntamo-nos àqueles que se perguntam a respeito da possível diferença entre os ensinamentos de Saussure e a edição de 1916, ou seja, há algum aspecto acerca do movimento teórico de elaboração em torno da fala, possível de ser encontrado nos cadernos dos alunos, que não aparece na edição do CLG?

Para nós, esse retorno aos cadernos nos permitirá verificar, de um outro ângulo, o lugar que a fala ocupa, durante as reflexões do mestre genebrino, agora com foco no desenrolar de seus três cursos de Linguística Geral. Isso nos possibilitará ver como a fala opera no processo de construção da teoria saussuriana, que se fazia na sua atividade didática.

A nosso ver, assim será possível demonstrar como se deu a elaboração teórica da fala ao longo dos cursos ministrados por Saussure, evidenciando como isso acontece a partir de um movimento de elaboração que acontece através de um ancoramento terminológico (SILVEIRA, 2022), isto é, a partir de um movimento de elaboração em que os conceitos vão sendo redefinidos, amadurecidos e interligados uns aos outros, de modo a constituir uma teia conceitual, em cuja trama a fala é essencial.

3.2 Os cadernos dos alunos

Como a maior parte dos manuscritos conhecidos de Ferdinand de Saussure, alguns cadernos de alunos que participaram dos cursos de Linguística Geral, ministrados por ele na Universidade de Genebra, encontram-se arquivados na Biblioteca de Genebra, com outros materiais utilizados na organização da edição do CLG, como a *Collation*, documento escrito pelos editores e que constitui um esboço do CLG.

Godel (1959, p. 20), em apresentação às anotações de Émile Constantin, no periódico *Cahiers Ferdinand de Saussure*, afirma que, embora houvesse, no primeiro curso, seis alunos inscritos, no segundo curso, onze inscritos e, no terceiro curso, doze inscritos, Bally e Sechehaye só tiveram acesso a uma parte dos cadernos desses alunos, o que justifica, por exemplo, a preeminência dada às anotações de Riedlinger a respeito do terceiro curso.

No inventário dos cadernos utilizados e consultados pelos editores do CLG, Godel elenca os de Albert Riedlinger, Léopold Gautier, François Bouchardy, George Dégallier, Francis Joseph, Mme. A. Sechehaye. Os originais desses cadernos ou cópias desses materiais pouco circulam entre os estudiosos de Saussure, ao contrário de suas edições publicadas no início década de 90, muito mais utilizadas na literatura saussuriana. É a análise das edições dos cadernos dos alunos de Saussure que consideraremos neste estudo.

A iniciativa de edição e de publicação das anotações dos alunos é de Eisuke Komatsu e Roy Harris, que editaram e publicaram as anotações do Émile Constantin sobre o terceiro curso de Linguística Geral em 1993, anotações que, segundo Godel (1959), eram

desconhecidas pelos editores do CLG. “Na verdade, a sua existência parece ter sido esquecida até que Émile Constantin, que se tornou professor e lecionou no Collège de Genève, ofereceu-os à Bibliothèque Publique et Universitaire em 1958³³” (KOMATSU; HARRIS, 1993, p. xiii).

De acordo com Komatsu e Wolf (1996), a coleção sobre Saussure expandiu-se bastante após 1955, quando os filhos do linguista Ferdinand de Saussure doaram os manuscritos inéditos para Biblioteca de Genebra. Logo após, as notas de Émile Constantin do terceiro curso foram doadas por ele, além das anotações sobre mitos e lendas germânicas e anotações sobre os anagramas. Já em 1979, houve a doação por parte da família de Albert Riedlinger de seus cadernos, tanto do primeiro quanto do segundo curso. Essa totalidade de manuscritos, rascunhos, pedaços de papel e anotações dos estudantes foram classificados e organizados por Robert Godel.

No prefácio dessa primeira publicação dos cadernos, em 1993, os editores relembram a centralidade do *Curso de Linguística Geral*, mas observam que as ideias de Saussure somente vieram a público a partir da reescrita e da modificação de outras pessoas: “Há algo artificial e heterogêneo nesta composição. Qual é a fonte dessa impressão?³⁴” (KOMATSU; HARRIS, 1993, p. vii). É nesse sentido que tem, como principal objetivo da publicação dos cadernos de Constantin, desembaraçar um dos componentes da edição, isto é, as anotações dos alunos, que entraram na composição do CLG.

Essa primeira publicação é seguida de duas outras da mesma natureza, relativas ao primeiro e segundo curso, e com o mesmo objetivo: trazer a público as anotações dos alunos tais quais foram feitas por eles. Na perspectiva de Komatsu e Wolf (1996), editores do primeiro curso, as edições dos cadernos dos alunos funcionam, então, como uma possibilidade de prescrutar o desenvolvimento do pensamento de Saussure, tendo em vista que as tensões de interpretação do texto de 1916:

(...) são um compreensível resultado do fato de que o *Cours* foi lido até agora sem olhar para o desenvolvimento das ideias de Saussure ao longo desses cinco anos: um dos objetivos de publicar os cadernos manuscritos é

³³ Tradução nossa de: “In fact, their existence seems to have been forgotten until Émile Constantin, who had become a teacher and taught at the Collège de Genève, himself offered them to the Bibliothèque Publique et Universitaire in 1958.”

³⁴ Tradução nossa de: “There is something artificial and heterogeneous about its composition. What is the source of this impression?”

trazer à luz o atual desenvolvimento do ensino de Saussure³⁵ (KOMATSU; WOLF, 1996, p. vii).

Pensando no desenvolvimento das ideias de Saussure, buscamos, então, nesses cadernos, ou mais precisamente, em suas edições, observar o processo que se faz em torno da fala. Antes disso, porém, passamos a uma apresentação de cada caderno de anotação de cada um dos cursos. Isso pode ajudar-nos a estabelecer o contexto das discussões a respeito da fala feitas por Saussure.

No ano de 1996, Eisuke Komatsu e George Wolf publicaram os cadernos de Albert Riedlinger sob o título *Premier Cours de Linguistique Générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger*. Como esclarecem os editores dos cadernos dos alunos, o primeiro curso de Linguística Geral (PCLG) teve início em 16 de janeiro de 1907 e foi até 31 de julho de 1907, com aproximadamente seis meses de duração e teve seis alunos matriculados, entre os quais estava Caille que deixou um conjunto de notas taquigráficas³⁶. Os cadernos de Riedlinger são os mais detalhados e, por isso, a escolha desse material para composição da edição do PCLG.

As anotações de Albert Riedlinger do PCLG estão distribuídas em três cadernos, que somam 125 páginas escritas pelo aluno. Segundo os títulos dados aos conteúdos que compõem os cadernos, verificamos que Saussure parte de aspectos relativos ao estudo diacrônico das línguas. As primeiras anotações de Riedlinger evidenciam que Saussure inicia seu curso, apresentando uma análise dos erros linguísticos: trata dos princípios de Fonologia, das evoluções fonéticas, das mudanças fonéticas e dos efeitos e das consequências das mudanças fonéticas.

As anotações do segundo caderno de Riedlinger mostram, a seguir, uma exposição acerca da analogia a partir do tratamento dos seguintes temas: mudanças analógicas; analogia, princípio geral das criações da língua, a posição interior; prefixos; raízes e papel conservador da analogia.

³⁵ Tradução nossa de: “[...] are na understandable result of the fact that the *Cours* has been read hither to without regard to the development of Saussure’s ideas over those five years: One of the aims of publishing the manuscript notebooks is to bring to light the actual development of Saussure’s teaching.”

³⁶ Esse aluno não entrou na listagem feita por Godel em suas *Sources manuscrites*, mas foi mencionado por ele em 1959.

As anotações do terceiro caderno de Riedlinger acerca do PCLG mostram que Saussure encerra seu curso tratando da história interna e externa das famílias de línguas indo-europeias; do método reconstrutivo e de seu valor; da identidade do método comparativo e do método reconstrutivo; da reconstrução das formas e recomposição dos fatos; e das consequências das partes das sílabas.

Como pode-se observar a partir das temáticas trabalhadas, o PCLG de Saussure tinha como base de disciplina o estudo sobre a evolução linguística. Komatsu e Wolf (1996) justificam o recorte de tema, afirmando que Saussure ministrou o primeiro curso com base nas pesquisas pelas quais ele era amplamente conhecido, ou seja, pela publicação do *Mémoire* em 1879, o que está em consonância com o que é dito por De Mauro (2005 [1967]), que explicita que, no ano de 1906, com a aposentadoria do professor Wertheimer, Saussure assumiu as aulas de Linguística Geral, além das aulas de Gramática Comparada e Sânscrito, que já ministrava nessa Universidade.

No ano de 1997, Komatsu e Wolf publicaram os cadernos de A. Riedlinger e C. Patois, com o título *Deuxième Cours de Linguistique Générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois*. De acordo com os editores dos manuscritos dos alunos, o segundo curso de Linguística Geral (SCLG) teve início dia 05 de novembro de 1908 e terminou no dia 24 de junho de 1909. Nesse curso, participaram como alunos Riedlinger, Gautier, Bouchardy, Constantin, Patois e outros, no entanto:

As notas de Riedlinger parecem fornecer a maior parte dos detalhes do curso, mas Riedlinger frequentemente tomava emprestadas as notas de Constantin, e nem sempre sabemos qual dos dois estudantes foi a fonte da troca. As notas de Patois, por outro lado, parecem ser independentes, refletindo apenas a recepção que Patois fez das palavras de Saussure.³⁷ (KOMATSU; WOLF, 1996, p. vii)

Segundo as anotações de Riedlinger, o SCLG apresenta os seguintes temas: divisão interior das coisas da Linguística; divisão do que pode ser feito no campo sincrônico; campo diacrônico; e visão geral da Linguística indo-europeia como introdução da Linguística Geral

³⁷ Tradução nossa de: "Riedlinger's notes appear to give most of the details of the course, but Riedlinger often borrowed Constantin's notes, and we do not always know which of the two students was the source in the exchange. Patois's notes, on the other Hand, appear to be independent, reflecting Patois's reception of Saussure's words alone."

partes 1 e 2. Já as notas de Patois apresentam-se da seguinte forma: divisão interior das coisas da Linguística; distinção entre leis sincrônicas e leis diacrônicas; campos sincrônicos; campos diacrônicos: vista da língua através dos tempos; visão geral da Linguística indo-europeia; e index seletivo de terminologia francesa.

De acordo com Komatsu e Wolf (1997), este curso possui uma estrutura diferente do primeiro e do terceiro curso. Os editores afirmam que o SCLG foi dedicado à descrição concreta das línguas indo-europeias, o que lhes permite concluir que os cursos não foram primeiramente focados na teoria linguística, mas na descrição das línguas. Essa conclusão parte do modo como o conteúdo foi dividido: “o texto impresso abaixo - a introdução à Linguística Geral - é de apenas dois quintos do todo, sendo o restante - aqui omitido - dedicado à descrição concreta das línguas indo-europeias”.³⁸(KOMATSU; WOLF, 1997, p. vii)

Apesar de o segundo curso ser dedicado à descrição das línguas indo-europeias, os editores afirmam que existe nele uma novidade teórica no que concerne à Semiologia:

(...) do ponto de vista teórico, encontramos algo novo no primeiro semestre. Enquanto a Semiologia foi brevemente mencionada no primeiro curso, é no segundo que Saussure, pela primeira vez, discute a ciência da Semiologia em sua relação com signo linguístico. A língua é um produto social, diz ele, que é formado como um sistema de signos. Como a vida social é conduzida com base no signo, a ciência do signo se tornará nosso objeto de estudo. Nesse sentido, continua Saussure, a Linguística da língua está incluída na Semiologia.³⁹ (KOMATSU; WOLF, 1997, p. vii)

Em relação às notas de Riedlinger, Komatsu e Wolf (1996) informam que:

O texto de todo o manuscrito está em condições suficientemente razoáveis para permitir a conclusão de que Riedlinger mais tarde fez cópia de suas

³⁸ Tradução nossa de: “the text printed below – the introduction to general linguistics - is only two fifths of the whole, the remainder - here omitted - being devoted to the concrete description of the Indo-European languages.”

³⁹ Tradução nossa de: “Nonetheless, from a theoretical standpoint we find something new in the first half. Where as semiology was fleetingly mentioned in the first course, it is in the second that Saussure for the first time discusses the science of semiology in its relation to the linguistic sign. The language is a social product, he says, which is formed like a system of signs. Since social life is conducted on the basis of the sign, the science of the sign will accordingly become our object of study. In this sense, Saussure continues, the linguistics of the language is included within semiology.”

notas das aulas, depois de ter comparado notas com seus colegas de classe (embora antes de novos acréscimos serem feitos). Como Engler menciona (F. de Saussure, *Curso de linguística geral*, edição crítica, Wiesbaden: Harrassowitz, 1968, p. xii), Riedlinger disse-lhe que depois de cada aula que tinham assistido se reuniam para completar as notas uns dos outros (ver, por exemplo, acréscimos marginais no texto abaixo, após os quais aparece 'B.', referindo-se a Bouchardy). Para dar uma indicação, nas notas de Riedlinger, tal como as temos, não há praticamente nenhuma rasura. Novamente, Riedlinger, às vezes, omite o texto copiado no meio da frase, inicia um novo parágrafo e volta mais tarde para terminar a frase no resto da linha e na margem.⁴⁰ (KOMATSU; WOLF, 1997, p. XX)

Já em relação às notas de Charles Patois retiradas da Biblioteca de Genebra e Departamento de Manuscritos, Ferdinand de Saussure (Ms. Fr. 3971), referente ao segundo curso de Saussure, aparentemente eram desconhecidas tanto dos editores do *Cours*, Bally e Sechehaye, quanto de Godel e de Engler. Os primeiros a publicá-las foram Komatsu e Wolf no ano de 1997.

Para a análise do terceiro curso de Linguística Geral (TCLG), que teve início no dia 28 de outubro de 1910 e terminou no dia 4 de julho de 1911, nos valeremos da edição dos cadernos de Émile Constantin. Como vimos, esses cadernos foram disponibilizados pelo próprio aluno à Biblioteca de Genebra apenas em 1958. Komatsu e Harris (1993) veem nele um novo ponto de vista em relação à edição do CLG e, então, o editam e publicam, no ano de 1993, o que agora conhecemos como *Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911) d'après les cahiers d'Émile Constantin*.

Os editores utilizaram os cadernos I, II e III para a primeira parte do terceiro curso de Linguística Geral e os cadernos VII a X para a segunda parte, considerados por eles como a parte mais importante do pensamento de Saussure. Os cadernos IV, V e VI não são citados pelos editores. A primeira parte compreende as aulas do dia 28 de outubro a 20 de dezembro de 1910. De acordo com essas anotações, Saussure inicia com um breve levantamento da história da Linguística e avisa que, nesse último curso, tratará da Linguística propriamente

⁴⁰ Tradução nossa de: "The text of the entire manuscript is in sufficiently fair condition to allow the conclusion that Riedlinger later made this copy from his actual lecture notes, and indeed made such a copy after having compared notes with his classmates (although before still further additions were made). As Engler mentions (F. de Saussure, *Cours de linguistique générale*, édition critique, Wiesbaden: Harrassowitz, 1968, p. xii), Riedlinger told him that after each class those who had attended got together to complete each other's notes (see e.g. marginal additions in the text below after which 'B.' appears, referring to Bouchardy). To take one indication, in Riedlinger's notes as we have them there are virtually no crossing out. Again, Riedlinger sometimes leaves off his copied text in mid-sentence, starts a new paragraph, then goes back later to finish the sentence in the rest of the line and into the margin."

dita; apresenta as fases da Linguística e desenvolve os conceitos de linguagem, língua e faculdade da linguagem e uso individual, e, ainda, destaca o caráter social da língua.

Segundo Komatsu e Wolf (1993), Saussure planejava discutir a faculdade da linguagem e o uso da língua pelos indivíduos em seu terceiro curso. No entanto, para adentrar essa temática, era necessário discorrer sobre a história e a descrição das línguas europeias, como sugere o programa estabelecido por ele: a língua, as línguas e a faculdade e exercício da linguagem e seu uso pelos indivíduos. A exigência de que a primeira parte desse curso fosse dedicada à história e descrição das línguas europeias impediu uma análise detalhada da questão da fala. É sabido, no entanto, que logo após o terceiro curso (1910-1911), Saussure ficou doente e faleceu em fevereiro de 1913, o que justificaria a ausência desse conteúdo nas aulas ministradas.

Para Komatsu, se não houvesse a publicação póstuma, Saussure teria sido hoje apenas um linguista entre muitos outros, lembrado apenas por seu livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*. Mas as suas ideias mais importantes sobre a língua foram eventualmente transmitidas à posteridade através de um processo complexo de reescrita e modificação por outras pessoas.

Em estilística, um texto é frequentemente comparado a um tecido. Um desenho em um tecido sob uma superfície, visto de longe, parece ser todo da mesma cor. Sob uma inspeção mais atenta, fios de várias cores são revelados. Assim é com o *Curso*. O principal objetivo de uma publicação, como a presente, é desembaraçar fios, examinar um dos componentes que entraram na trama do texto que os editores de Saussure trouxeram em 1916.⁴¹ (KOMATSU, 1993, p. vii)

Para Komatsu e Wolf (1993), quando Saussure assume a cadeira de Linguística Geral em Genebra, ele não tinha ideias claras sobre o assunto. Mas ele foi capaz de fazer uso do conhecimento de Linguística Histórica que havia acumulado, e queria, se possível, ser capaz de propor generalizações de natureza 'semiológica'. O mérito de Saussure “reside na sua

⁴¹ Tradução nossa: “In stylistics, a text is often compared to a fabric. A woven design on a surface, seen from a distance, appears to be all of the same colour. But on closer inspection threads of various colours are revealed. So it is with the *Cours*. The main aim of a publication such as the present one is to disentangle threads to examine one of the components that went into the weaving of the text that Saussure's editors brought out in 1916.”

eficácia prática em combinar os resultados de um estudo ao longo da vida de Linguística Histórica com reflexões gerais sobre a linguagem.”⁴² (KOMATSU; WOLF, 1993, p. XX)

Conforme os editores do TCLG (p.xi), Bally e Sechehaye estavam bem familiarizados com as ideias de seu mestre e ouviram suas primeiras aulas, mas não puderam assistir aos cursos de Linguística devido às suas funções acadêmicas na mesma Universidade. Nesse sentido, Sechehaye pediu a Riedlinger que lhe emprestasse suas notas para fazer uma cópia completa do primeiro e segundo cursos. Essas notas copiadas estão agora disponíveis na Biblioteca Pública e Universitária em Genebra. Para o terceiro curso, Sechehaye pediu os cadernos de Dégallier, da Sra. Sechehaye e de Joseph.

Para o primeiro e o segundo cursos, as notas de Riedlinger são excelentes. Para o terceiro curso, as de Constantin são de longe as mais completas. As notas dos outros alunos são úteis? Às vezes, são, apesar de seus defeitos. Para o terceiro curso, temos quatro cadernos de alunos. Sra. Sechehaye parece ter sido capaz de entender pouco o que Saussure disse em aula, mas pelo menos copiou o que Saussure escreveu no quadro-negro. Suas notas nos dão os títulos e as datas das palestras. As notas de Dégallier e Joseph são superficiais. As próprias anotações de aula de Saussure são poucas, já que ele normalmente as jogava fora após cada aula. Mas, em qualquer caso, parece que ele não leu simplesmente o que havia preparado. (Pode-se comparar, por exemplo, o próprio rascunho de Saussure para a aula de 8 de novembro de 1910 com as versões dos alunos.) Quão bem os alunos seguiram o que Saussure disse? Ele claramente utilizou uma gama mais ampla de exemplos do que eles estavam familiarizados. Quando ele citou exemplos de mudanças históricas em latim e grego, eles, no geral, escreveram corretamente; mas eles ficavam perdidos se o exemplo fosse sânscrito, e mal conseguiam fazer uma transcrição romanizada.⁴³ (KOMATSU; HARRIS, 1993, p. xiii)

⁴² Tradução nossa: “[...] lay in its practical effectiveness in combining the results of a lifelong study of historical linguistics with general reflections on language.”

⁴³ Tradução nossa: “For the first and second courses, Riedlinger's notes are excellent. For the third course, Constantin's are by far the most complete. Are the other students' notes at all useful? Sometimes they are, in spite of their defects. For the third course we have four students' notebooks. Mme Sechehaye seems to have been able to make little of what Saussure said in class, but at least copied down what Saussure wrote on the blackboard. Her notes give us the titles and dates of the lectures. Dégallier's and Joseph's notes are sketchy. Saussure's own surviving lecture notes are few, since he normally threw them away after each lecture. But in any case it seems that he did not simply read out what he had prepared. (One can compare, for example, Saussure's own draft for the lecture of 8 November 1910 with the students' versions.) How well did the students follow what Saussure said? He clearly drew on a wider range of examples than they were familiar with. When he cited examples of historical changes in Latin and Greek, they on the whole wrote these down correctly; but they were at a loss if the example was Sanskrit, and could scarcely manage a Romanized transcription.”

Nesse contexto, é importante ressaltar a importância que os cadernos de Constantin têm para os estudiosos saussurianos. A respeito delas, Komatsu e Harris (1993) nos revelam dois importantes pontos:

(i) eles contêm, de longe, o registro mais completo que temos do terceiro e a última série de aulas de Saussure sobre Linguística Geral, ministrada em 1910-11, e (ii) eles não estavam entre os materiais utilizados por Bally e Sechehaye para a edição de 1916 do Cours. Na verdade, sua existência parece ter sido esquecida até Emile Constantin, que se tornou professor e lecionou no Colégio de Genebra, ele próprio os ofereceu à Biblioteca Pública e Universitária em 1958. A sua importância foi imediatamente reconhecida pelo falecido Robert Godel, na época, uma das principais autoridades em Saussure, (R. Godel, 'Novos documentos saussuriens: les cahiers E. Constantin', *Cahiers Ferdinand de Saussure*, t.16, 1958-9, pp.23-32) e foram utilizados por Rudolf Engler em sua edição crítica do Cours (Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Rudolf Engler, Wiesbaden: Harrassowitz, 1968).⁴⁴ (KOMATSU; HARRIS, 1993, p. xiii)

Conhecidos, pois, os cadernos dos alunos ou, mais precisamente, as edições de alguns desses cadernos, passamos a uma análise do modo como a fala aparece em cada uma das reflexões que permearam os ensinamentos de Linguística Geral por Saussure em Genebra.

3.3 A fala no Primeiro Curso de Linguística Geral

Nesta seção, buscaremos fazer uma leitura dos cadernos de alunos, examinando a maneira como Saussure abordou a questão da fala em suas aulas do PCLG. Esse nosso exame busca dar conta, então, da fala em outro contexto diferente do CLG, o do ensino. Como a fala foi apresentada aos alunos neste primeiro curso sobre Linguística Geral? Ela se configura, nesse quadro, de maneira distinta do CLG?

⁴⁴ Tradução nossa de: "(i) they contain by far the fullest record we have of Saussure's third and last course of lectures on general linguistics, given in 1910-11, and (ii) they were not among the material utilized by Bally and Sechehaye for the 1916 edition of the Cours. In fact, their existence seems to have been forgotten until Émile Constantin, who had become a teacher and taught at the Collège de Genève, himself offered them to the Bibliothèque Publique et Universitaire in 1958. Their importance was immediately recognized by the late Robert Godel, at that time one of the leading authorities on Saussure, (R. Godel, 'Nouveaux documents saussuriens: les cahiers E. Constantin', *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 1.16, 1958-9, pp.23-32) and they were utilized by Rudolf Engler in his critical edition of the Cours (Ferdinand de Saussure, *Cours de linguistique générale*. Édition critique par Rudolf Engler, Wiesbaden: Harrassowitz, 1968)."

Uma busca pela palavra *parole* mostra-nos que ela aparece trinta e quatro vezes nas anotações de Riedlinger do primeiro curso. Segundo essas anotações, Saussure inicia a aula fazendo uma delimitação no estudo da Linguística. Para isso, ele mostra a relação entre a Linguística e outras ciências: a Linguística e a Etimologia; a Linguística e a Filologia; a Linguística e as ciências lógicas; a Linguística e a Sociologia.

Ao tratar da relação entre a Linguística e a Filologia, Saussure afirma que esses estudos estavam relacionados entre si, e não havia uma separação especial entre eles, de modo que os filólogos eram também considerados linguistas. Os problemas da Filologia, para o mestre, estavam em seu método, em seus objetivos de seu estudo, além da confusão entre o texto escrito e a própria língua.

No entanto, em sua coabitação mais ou menos legítima com a Filologia, a Linguística ganhou a vantagem duradoura de gravidade da crítica documental. Por outro lado, a reação contra o ponto de vista filológico, a confusão da língua com o seu signo escrito, levou a outros excessos. A Linguística se resolve em estudos fonológicos: 1) estudos do mecanismo da fala (Sprach-ILaut-fisiologia <Grundzuge der Phonetik; Sievers chama isso de “Fonética”. O inglês comumente “Lalletik”>) <a> que pode ser reservado para o nome de “Fonologia”, e 2) esses estudos das leis fonéticas são de transformação do som na história da língua, que poderíamos entender sob o título <<Fonética>>. Mas o excesso disso, a preocupação fonológica e fonética também levou a uma reação; fomos levados a reconhecer o papel preponderante dos fenômenos psíquicos na formação da linguagem; o som articulado não é regulamentado apenas pelas leis acústicas, mas também emerge da Psicologia como imagem psíquica. <Linguística e psicologia> Contudo, a Linguística não pode ser absorvida e resolvida na Psicologia, como afirma Wundt. (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 2)⁴⁵

⁴⁵ Tradução nossa de: “Cependant, de sa cohabitation plus ou moins legítima avec la philologie, la linguistique en a retiré l'avantage durable de la sévérité de la critique des documents. D'autre part la réaction contre le point de vue philologique, la confusion de la langue avec son signe écrit, mène à d'autres excès. La linguistique se résout en études phonologiques: 1) études du mécanisme de la parole (Sprach-ILaut-physiologie <Grundzuge der Phonetik; Sievers l'appelle «Phonétique». Les Anglais communément «Lalletik»>) <a> qui l'on peut réserver le nom de «Phonologie», et 2) ces études des lois phonétiques soit de la transformation du son dans l'histoire de la langue, que l'on pourrait comprendre sous la rubrique <<Phonétique>>. Mais l'excès de cette préoccupation phonologique et phonétique conduisit elle aussi à une réaction; on fut amené à reconnaître le rôle prépondérant des phénomènes psychiques dans la formation de la langue; le son articulé n'est pas régieusement par les lois acoustiques mais il ressort également de la psychologie comme image psychique. <Linguistique et psychologie> Cependant la linguistique ne peut pas s'absorber et se résoudre dans la psychologie, comme le prétend Wundt.”

Nesse primeiro contexto de reflexão, a fala aparece articulada ao mecanismo de produção dos sons que, naquele momento, era entendido como uma área da Fonologia, bem como à evolução dos sons, estudada, segundo Saussure, pela Fonética. De um lado, a Filologia errava em não reconhecer a distinção entre a língua e o texto escrito, de outro, a Fonologia e a Fonética preocuparam-se com os fenômenos acústicos e pouco com o lado psicológico da mudança.

A confusão entre a palavra escrita e a palavra falada é ainda explicitada por Saussure:

Na verdade, é impossível tomar como base da Linguística a palavra escrita; isso restringiria o objeto. O objetivo do alfabeto é fixar por signos convencionais o que existe na fala. Não há dois tipos de palavras (pelo menos em toda a escrita fonética e não puramente ideológico como o chinês); a palavra escrita não é coordenada à palavra falada, mas está subordinada a ela. A preeminência, portanto, vem de direito à palavra falada sobre a palavra escrita. Existe uma opinião pública predominante de que a transmissão de uma língua é defeituosa se a escrita não existir. (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 5)⁴⁶

A partir do trecho selecionado, é possível observar que Saussure busca destacar as confusões em torno do objeto da Linguística que, por muito tempo, confundiu-se com o texto escrito. Ao que nos parece, essa explicação conversa com o que já faziam os neogramáticos, como vimos em análise ao estudo de Hermann Paul, e é ainda muito distante daquela em que Saussure, originalmente, estabelecerá a língua como objeto da Linguística. No entanto, tal discussão era necessária para a abordagem da história da disciplina.

Nesse contexto, Saussure estabelece, então, uma hierarquia entre a palavra falada e a palavra escrita, sem, contudo, atribuir definição precisa ao termo fala, que parece referir-se, de maneira geral, à capacidade humana de falar, articular palavras, em oposição à sua representação pela escrita.

⁴⁶ Tradução nossa de: “De fait il est impossible de prendre pour base de la linguistique le mot écrit; ce serait en restreindre l'objet. Le but de l'alphabet est de fixer par des signes conventionnels ce qui existe dans la parole. Il n'y a pas deux sortes de mots (au moins dans toute écriture phonétique et non purement idéologique comme le chinois); le mot écrit n'est pas coordonné au mot parlé mais lui est subordonné. La prééminence revient donc de droit au mot parlé sur le mot écrit. Il regne dans le public l'opinion que la transmission d'une langue est defectueuse si l'écriture n'existe pas.”

O contexto seguinte, em que a fala aparece nas reflexões do PCLG, é no estudo da analogia, intitulado “*A analogia como atividade criativa da língua*” e redefinido como “*Analogia, princípio geral das criações da língua*”. Nesse momento, Saussure defende que é necessário colocarmos frente a um ato de fala para compreendermos uma criação analógica.

Existem, portanto, diferentes espécies de unidades, <a forma gerada e as formas geradoras.> Deve-se notar que a forma gerada que encontro <antes de ser produzida é a primeira> queria responder a uma ideia precisa <que eu > no espírito: a primeira pessoa do singular. As formas <nós empurramos, eu empurro> são apenas pensadas <ou melhor, sentidas numa semi-inconsciência>; apenas a forma que encontro é executada pela fala. Devemos <portanto> nos colocar frente a frente com o ato de fala para compreender <uma> criação analógica. A nova forma <eu acho> não é criada em uma assembleia de estudiosos discutindo o dicionário. Para que esta forma entre na língua, 1- ‘alguém deve tê-la improvisado e 2. improvisado por ocasião da fala, do discurso, e é o mesmo para todos aqueles que posteriormente se depararam com ele. Poderíamos chamar a nova forma de forma evocada (*evoquée*) (<despertada> pela fala, pela necessidade) e as demais de evocativas (*évocatrices*). Estas outras formas não se traduzem através da fala, mas permanecem subconscientes, nas profundezas do pensamento, enquanto a forma evocada < que encontro > se manifesta.⁴⁷ (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 64-65)

Examinemos com Saussure, a importância da fala em relação à analogia: ele é enfático em mostrar que a analogia surge no “espírito”, na pessoa que fala e, por isso, é preciso colocar-nos frente ao ato de fala para compreendermos a criação das formas. É interessante observar também a relação que se cria entre a fala e o discurso e, ainda, entre a fala e a necessidade.

⁴⁷ Tradução nossa de: “Il y a donc différentes espèces d'unités, <la forme engendrée et les formes engendrées.> Il faut remarquer que la forme engendrée je trouve <avant d'être produite est d'abord> voulue pour répondre à une idée précise <que j'ai> dans l'esprit: la première personne du singulier. Les formes <nous poussons, je pousse> sont seulement pensées <ou plutôt senties dans une demi-inconscience>; seule la forme je trouve est exécutée par la parole. Il faut <donc> se mettre en face de l'acte de la parole pour comprendre <une> création analogique. La nouvelle forme <je trouve> ne se crée pas dans une assemblée de savants discutant sur le dictionnaire. Pour que cette forme pénètre dans la langue il faut que 1. quelqu'un l'ait improvisée et 2. improvisée à l'occasion de la parole, du discours, et il en <est> de même pour tous ceux qui sont tombés ensuite dessus. On pourrait appeler la nouvelle forme: forme évoquée, (<suscitée> réellement par la parole, par le besoin) et les autres évocatrices. Ces autres formes ne se traduisent pas par la parole mais restent subconscientes, dans les profondeurs de la pensée, tandis que la forme évoquée <je trouve> est manifestée.”

Quanto ao primeiro par, acreditamos como (HENRIQUES, 2023, p. 260), que: “(...) aqui, ‘fala’ e ‘discurso’ nos parecem sinônimas, já que são colocadas lado a lado. Não obstante, parece perceptível, já nessa citação, que não há uma exclusão da fala; pelo contrário, ela ocupa um lugar de destaque no funcionamento da língua”. Quanto ao segundo par, observamos como a analogia surge no ato de fala por uma necessidade do falante, que faz uso dos recursos dados pela língua para suprir sua necessidade de fala.

Outro aspecto significativo que destacamos é um início de diferenciação entre o que acontece no subconsciente, isto é, nas profundezas do pensamento e o que de fato se manifesta, o que nos parece remeter à futura distinção saussuriana entre a língua e a fala. Continuando nessa linha de raciocínio, Saussure traz questões sobre os fatos da linguagem, especialmente, sobre os fatos evolutivos, mostrando que, de um lado, temos a fala e, do outro, o reservatório de formas do pensamento. É interessante ver aqui como o conceito de língua estava distante do modo como posteriormente foi definido, mas era clara uma distinção para Saussure entre o que falamos e o reservatório de que dispomos, logo em seguida já, nessa reflexão, nomeado como língua.

Conforme o genebrino, ainda sobre a analogia, é preciso um ato inconsciente de comparação não apenas para criar, mas também para compreender essas relações. Saussure explicita que, se precisamos do tesouro da língua para falar, reciprocamente tudo o que entra na língua foi primeiro experimentado na fala um número suficiente de vezes para resultar em uma impressão duradoura, ou seja, a língua é apenas a consagração daquilo que foi evocado pela fala.

Como vê-se, embora o foco de Saussure estivesse voltado para uma questão de evolução linguística, típica de seu tempo, ao tratar dela, o estudioso vai dando indícios do que será uma de suas principais contribuições para a Linguística. É válido observar também, como no contexto das aulas, a questão da analogia aparece intimamente relacionada à distinção língua e fala que vai se formando, enquanto, no CLG, aparece de modo separada, inclusive localizada na parte final do livro dedicada à Linguística Diacrônica.

É ainda no tema sobre a analogia que Saussure apresenta a questão do social e do individual em relação à linguagem.

Todos <os> fatos da linguagem, <sobretudo os fatos evolutivos,> forçam<nt> colocar-se diante da fala, por um lado, e por outro lado, do reservatório de formas de pensamento <ou> conhecidas pelo pensamento. É necessário um ato <inconsciente> de comparação não apenas para criar, mas também para compreender as relações. (...) Se é verdade que sempre precisamos do tesouro da língua para falar, reciprocamente, tudo o que entra na língua foi primeiro experimentado na fala um número suficiente de vezes para resultar uma impressão duradoura: a língua é apenas a consagração daquilo que foi evocado pela fala.

Esta oposição entre língua e fala <que> nos é colocada <aqui> de antemão, esta oposição é muito importante para a clareza do estudo da linguagem. Uma forma de tornar sensível e <observável> esta oposição é opor a língua e a fala no indivíduo (a linguagem é social, é verdade, mas, para muitos fatos, é mais conveniente encontrá-la no indivíduo). Podemos, então, distinguir de forma quase tangível essas duas esferas: língua e fala: Tudo o que é levado aos lábios pelas necessidades do discurso e por uma operação particular: é a fala. Tudo o que está contido no cérebro do indivíduo, o depósito de formas <entendidas e> praticadas em seu sentido <é> a língua.⁴⁸ (SAUSSURE, 1996 [1907], p.65, grifo nosso)

Dessa longa citação, devemos destacar alguns pontos. Em primeiro lugar, está a importância dada à fala no estudo dos fatos evolutivos, mas a importância de considerar-se também o reservatório de formas de pensamento, definido como o tesouro da língua. Em segundo lugar, está a intrínseca relação entre a língua e a fala: precisamos da língua para falar e tudo que está na língua só está pela fala. Em terceiro lugar, está a importância de considerar-se a oposição entre a língua e a fala destacada por Saussure no estudo da linguagem. Nesse quadro, bem se vê, a linguagem é tomada como social e a fala sempre relacionada ao individual. Por fim, o último ponto a ser observado são as definições de língua e fala. É a fala tudo que é levado aos lábios, isto é, tudo que é articulado a partir de uma necessidade do

⁴⁸Tradução nossa de: “Tous <les> faits de langage, <les faits évolutifs surtout,> force<nt> de se placer en face de la parole d'une part et d'autre part du reservoir des formes pensées <ou> connues de la pensée. Il faut un acte <inconscient> de comparaison non seulement pour creer mais pour comprendre les rapports. (...) S'il est vrai que l'on a toujours besoin du tresor de la langue pour parler, reciproquement tout ce qui entre dans la langue a d'abord été essayé dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu'il en resulte une impression durable: la langue n'est que la consecration de ce qui avait été évoqué <par> la parole. Cette opposition de langue et de parole <qui> nous est mise <ici> dans la main, cette opposition est très importante par la clarté qu'elle <jette dans> l'étude du langage. Un moyen de rendre particulièrement sensible et <observable> cette opposition c'est d'opposer langue et parole dans l'individu (le langage est social il est vrai mais pour nombre de faits il est plus commode de le rencontrer dans l'individu). On pourra alors distinguer presque tangiblement ces deux sphères: langue et parole: Tout ce qui est amene sur les levres par les besoins du discours et par une operation particuliere: c'est la parole. Tout ce qui est contenu dans le cerveau de l'individu, le dépôt des formes <entendues et> pratiquées et de leur sens: <c'est> la langue.”

discurso e por uma operação individual. Nessa definição, discurso não aparece como sinônimo de fala, mas como relativo à comunicação, à interação.

É importante apresentar a análise de Henriques (2023, p. 260) sobre esse excerto. Para a autora nesse ponto, Saussure evoca o mecanismo da língua: “o funcionamento simultâneo dos eixos associativos e sintagmáticos.” Assim, para que haja uma criação analógica, primeiro deve-se haver uma comparação das formas existentes e sua organização em um sintagma que irá concretizar-se na fala /discurso. Ela ainda destaca que o mecanismo da língua possui um papel fundamental na relação língua e fala, para além das criações analógicas.

É a língua o depósito de formas no cérebro do falante, como ilustra a imagem abaixo.

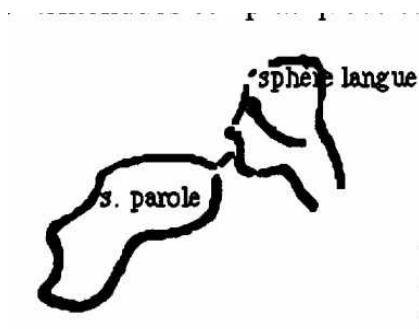


Figura 5 - Língua e fala⁴⁹ (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 65-66)

Uma análise da ilustração, mostra-nos, então, que a fala está no campo daquilo que é articulado pela boca e a língua está no campo das relações que se forma no cérebro de um indivíduo falante. É o que melhor explica o trecho seguinte:

Destas duas esferas, a esfera da fala é a mais social, a outra é a mais completamente individual. A língua é o reservatório individual; tudo o que entra na língua, isto é, na cabeça, é individual. Do lado interno (esfera da língua) nunca há premeditação ou mesmo meditação, de reflexão sobre as formas, fora do ato, <na ocasião> da fala, exceto para uma atividade inconsciente, quase passiva, em todo caso não criativa: a atividade de classificação. Se tudo o que há de novo é criado por ocasião do discurso, isso significa ao mesmo tempo que é no lado social da linguagem que tudo acontece. Por outro lado, bastará somar os tesouros da língua individual para

⁴⁹ Figura retirada do caderno do Riedlinger. Ao lado dessa figura, o aluno coloca uma observação, escrita a lápis, afirmando que todos do curso entenderam como ele, inclusive as notas taquigrafadas do Caille.

ter a língua. Tudo o que consideramos, de fato, na esfera interior do indivíduo é sempre social porque ali não penetra nada que <não seja> primeiro <consagrado pelo uso> de tudo na esfera exterior da fala.⁵⁰ (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 65-66)

Para o leitor acostumado com as definições da edição do CLG, essa citação pode gerar algum desconforto, tendo em vista que nela a fala é definida sempre como a parte individual da linguagem. À primeira vista, este parece ser um posicionamento contraditório àquele encontrado no CLG, mas não há equívoco: no contexto de reflexão do PCLG, a fala é definida como “a mais” social e a língua “a mais” individual. A nosso ver, o acréscimo de “a mais” restringe a definição categórica de que uma seja apenas individual e outra seja apenas social, levando-nos a entender que, em ambas as esferas, há aspectos individuais e sociais que não podem ser categoricamente separados. A língua é entendida, então, como o reservatório individual, algo interno. No entanto, já se vê, nessa reflexão, que a soma dos reservatórios individuais forma uma língua. É válido observar, ainda, que o que os constitui é de natureza social, uma vez que só entra neles o que é validado na esfera social.

Interessante, a nosso ver, é observar a complexidade em definir aquilo que é da ordem do social e aquilo que é da ordem individual. Ao que nos parece, essa dificuldade se dá exatamente pela íntima relação entre a língua e a fala e pela íntima relação entre o social e o individual no pensamento de Saussure, que, como vê-se, nesse contexto didático, estava sendo formulado. É válido observar que aqui podemos ver a fala em seu movimento, o movimento de uma construção teórica. Nesse ponto do ensino, Saussure compreende que a fala é parte do todo, e ela estaria localizada na parte mais externa da linguagem, ou seja, ao lado do social.

Como bem aponta Coelho e Henriques (2014, p. 651), em suas análises, a fala aparece como social justamente porque permite ao indivíduo comunicar algo aos outros indivíduos de uma sociedade. Já a língua apresenta-se como individual por estar presente no cérebro de cada indivíduo, o que permite sua execução através da fala.

⁵⁰ Tradução nossa de: “De ces deux sphères, la sphère parole est la plus sociale, l'autre est la plus complètement individuelle. La langue est le réservoir individuel; tout ce qui entre dans la langue, c'est-a-dire dans la tête, est individuel. Du côté interne (sphère langue) il n'y a jamais préméditation ni même de méditation, de réflexion sur les formes, en dehors de l'acte, <de occasion> de la parole, sauf une activité inconsciente, presque passive, en tous cas non créatrice: l'activité de classement. Si tout ce qui se produit de nouveau s'est créé à l'occasion du discours c'est à dire en même temps que c'est du côté social du langage que tout se passe. D'autre <part> il suffira de prendre la somme des trésors de langue individuels pour avoir la langue. Tout ce que l'on considère en effet dans la sphère intérieure de l'individu est toujours social parce que rien n'y a pénétré qui <ne soit> d'abord <consacré par l'usage> de tous dans la sphère extérieure de la parole.”

Turpin, a esse respeito, reflete sobre a relação entre a questão da fala e do discurso.

A fala refere-se ao ato individual e particular, o discurso à socialização desse ato. Socialização porque o discurso se exprime em um contexto social. Socialização também porque o signo é valor, determinado associativamente e sintagmaticamente. Nisso, poderíamos dizer que é esta dupla sociabilidade do discurso que permitirá ao indivíduo adquirir a língua.⁵¹ (TURPIN, 1995-1996, p 262)

Para a autora apesar de, em vários momentos, a fala e o discurso aparecem de forma sinônima, nem sempre são iguais. Nesse contexto, o discurso refere-se ao ato de socialização da fala, que é individual e particular. Essa socialização torna-se fundamental para que o indivíduo adquira a língua através do valor do signo ao fazer as relações associativas e sintagmáticas. Nesse sentido, o discurso aparece como: “circunstância, momento de produção do ato de fala e distingue-se da fala, que se refere ao próprio ato de formar signos, incluindo a fonação. Nela, o discurso faz parte de uma historicidade que também é social” (TURPIN, 1995-1996, p. 262).

Ainda nas anotações relativas ao PCLG, é interessante observar como a fala aparece na reflexão que dará base para o estabelecimento do princípio da linearidade e das relações sintagmáticas, como vimos em análise à edição do CLG, nas noções associadas à fala.

Vemos uma ligação entre associação e gramática. Nós chegaremos a dizer que a soma das associações <- conscientes ou não -> bem estudadas <será equivalente às> classificações conscientes e metódicas que um gramático pode fazer, exceto em um <único> ponto: o gramático colocará a história em jogo. O agrupamento das formas, como resultaria do passado, é completamente desconhecido do sujeito falante e obriga o gramático a estabelecer duas esferas distintas: 1. estudo da língua ao longo do tempo, e 2. estudo da língua em determinado momento. Essa classificação será o tesouro dos materiais constantemente utilizados na fala. Porém, existem duas ordens muito diversas para esta classificação interna e o uso que dela será feito na fala; teremos que contrastar 1. a ordem que as unidades da linguagem

⁵¹ Tradução nossa de: “La parole renvoie à l'acte individuel et particulier, le discours à la socialité de cet acte. Socialité parce que le discours s'exprime dans un contexte social. Socialité aussi, parce que le signe est valeur, associativement et syntagmatiquement déterminée. En ceci, on pourrait dire que c'est cette double socialité du discours qui va permettre à l'individu d'acquérir la langue.”

assumem na fala e depois disso. 2. os principais agrupamentos existentes na esfera da própria língua. (SAUSSURE, 1996 [1907], p. 66-67)⁵²

Nessa questão inicial, é possível reconhecer vários conceitos saussurianos mais tarde estabelecidos. Em primeiro lugar, está a discussão entre as relações de associação e a atividade do gramático. Em segundo lugar, está a discussão entre o ponto de vista sincrônico, do falante e do gramático, que coloca em associação os termos do repositório de formas, e o ponto de vista diacrônico reservado ao gramático. Ainda é possível ver como o tesouro dos materiais, que comporá a língua, é depositado pela fala. Por último, na citação, observamos como as unidades se organizam na esfera da fala, como sabemos, num eixo linear e sintagmático, e como elas se organizam na esfera da língua, ou seja, em agrupamentos associativos. Aqui, os princípios, as definições, a terminologia aparecem em um conjunto, num emaranhado que, a nosso ver, distingue-se da edição do CLG, delimitada por partes, capítulos, seções. É o que também acontece no trecho seguinte, em que Saussure ainda trata da linearidade.

Este princípio é dado pela própria natureza das coisas: só posso representar a palavra para mim mesmo <por uma única linha formada por partes sucessivas:> <ambas dentro> <no cérebro e na esfera da fala < vejo que em duas esferas há duas ordens correspondentes, há dois tipos de relações: por um lado, há uma ordem discursiva, que é <necessariamente> aquela de cada unidade <na frase ou na palavra (signi-fer)>, depois outra, <a> ordem intuitiva <que é aquela das associações (como significante, fero etc.) que não estão no sistema linear, mas que a mente abraça ao mesmo tempo.> Uma forma <isolada> está ligada ao tempo, ou seja, <ela> tem um começo e um fim: não podemos ter dois elementos combinados no mesmo ponto na linha:⁵³ (SAUSSURE, 1996 [1907], p.70)

⁵² Tradução nossa de: “Nous entrevoyons un lien entre l'association et la grammaire. On arrivera a dire que la somme des associations <- conscientes ou non -> bien étudiées <équivaldra aux> classements conscients, méthodiques que pourra faire un grammairien, sauf sur un <seul> point: le grammairien fera intervenir l'histoire. Le groupement des formes tel qu'il resulterait du passe, ce groupement est ignoré complètement du sujet parlant et force le grammairien a établir deux sphères distinctes: 1. étude de la langue dans le temps, et 2. étude de la langue a une époque donnée. Ce classement sera le trésor des matériaux constamment mis en oeuvre dans la parole. Seulement il y a deux ordonnances très diverses pour ce classement interne et l'usage qui en sera fait dans la parole; nous aurons a opposer l'ordonnance que prennent les unités du langage dans la parole et après cela. 2. les principaux groupe <ments> existant dans la sphère de la langue elle memê.”

⁵³ Tradução nossa de: “Ce principe est donné par la nature même des choses: je ne puis me représenter le mot que <par une seule ligne formée de parties successives:> <aussi bien a> l'intérieur <dans le cerveau que dans la sphère de la parole <Je vois que dans les deux sphères il y a> deux ordonnances correspondant à deux sortes de relations: d'une part il y a un ordre discursif. qui est <forcement> celui de chaque unité <dans la phrase ou dans le mot (signi-fer)>, puis un autre, <l'>ordre intuitif <qui est celui des associations (comme signifier, fero etc.) qui ne sont pas dans le système lineaire, mais que l'esprit embrasse d'un seul coup.> Une forme <isolée> est liée au

A reflexão acima, na esteira da anterior, evidencia o início da construção teórica dos conceitos que mais tarde serão retomados. A linearidade é formada por partes sucessivas dentro do cérebro e na esfera da fala. Dessa forma, o genebrino destaca duas ordens: a primeira, a discursiva, que se atém a cada unidade na frase ou palavra e, a segunda, a ordem intuitiva, que faz associações que não estão no sistema linear, mas na mente do indivíduo.

Apesar das várias referências ao termo fala, selecionamos, nas anotações dos cadernos de Riedlinger relativos ao PCLG, aquelas mais pertinentes ao movimento de elaboração teórica. Vimos que, nesse contexto, a fala se mostra importante para a compreensão dos fenômenos de mudança e, especialmente, de criação da língua, isto é, a analogia. Vimos também como, ao tratar da analogia, Saussure apresenta uma primeira distinção entre língua e fala. Nesse sentido, a fala é tomada como a mais social e a língua a mais individual. Além disso, vislumbramos a dificuldade de uma separação categórica entre língua e fala, o que nos mostra que, desde o PCLG, tais objetos se mostraram complementares e não excludentes.

3.4 A fala no Segundo Curso de Linguística Geral

Nesta seção buscaremos compreender o movimento de construção teórica em torno da fala no segundo curso ministrado por Saussure na Universidade de Genebra, realizado no período de 05 de novembro de 1908 ao dia 24 de junho de 1909. Para tanto, utilizaremos a edição organizada por Komatsu e Wolf em 1997 das anotações de Albert Riedlinger e Charles Patois.

É importante destacar que, quando foi realizada a publicação das anotações referentes ao segundo curso, os cadernos do Constantin já haviam sido apresentados por ele a Komatsu e Wolf, inclusive, já haviam sido publicadas suas anotações referentes ao terceiro curso. Porém, no que se refere ao segundo curso, os editores dos cadernos dos alunos preferiram usar os cadernos de Riedlinger e Patois. Eles justificam essa escolha, como já mencionado, porque as notas de Riedlinger fornecem a maior parte dos detalhes do curso e as

temps, c'est-à-dire <qu'elle> a un commencement et une fin: je ne puis avoir deux elements combinés sur le même point de la ligne:"

notas de Patois, por outro lado, parecem ser independentes, refletindo apenas a recepção que Patois fez das palavras de Saussure.

Komatsu e Wolf esclarecem que o segundo curso é voltado para a descrição das línguas indo-europeias e não é focado na Linguística Geral. A nosso ver, isso pode justificar um ponto importante de nossa análise a respeito da fala nesse curso: enquanto, no primeiro curso, a palavra *parole* é mencionada trinta e quatro vezes, ao longo das aulas do segundo curso, ela aparece apenas sete vezes nos cadernos de Riedlinger e cinco vezes e nos cadernos de Patois.

Em contrapartida, a palavra *discurso*, como vimos, noção associada à fala, é citada quatorze vezes nos cadernos de Riedlinger e sete vezes nos cadernos de Patois. Apesar de ser um número ainda pequeno em relação ao primeiro curso, não podemos deixar de verificar o que esses dois termos nos mostram sobre o movimento de Saussure em relação à nossa questão. Como veremos, apesar de aparecerem poucas vezes, os termos *fala* e *discurso* mostram-se, nesse contexto, de forma extremamente relevante para essa pesquisa.

Ainda que, na edição do SCLG, sejam apresentadas as anotações de Riedlinger e de Patois, optamos por priorizar as anotações do primeiro, mencionando as anotações do segundo apenas quando elas se diferirem do primeiro, ou quando apresentarem algum aspecto que tenha relevância conceitual para nosso trabalho acerca da fala. Dessa forma abordaremos, principalmente, os cadernos de Riedlinger, que, conforme os editores dos cadernos dos alunos e também, em nossa análise prévia, mostram-se mais completos.

Uma identificação do segundo curso é feita por Riedlinger na primeira aula: “Linguística geral – semestre de inverno 1908/1909, prof. Mr. Ferd. de Saussure.” Apesar do que dizem os editores dos cadernos dos alunos sobre o curso ser voltado para análise das línguas indo-europeias, trata-se, como vê-se, de um curso de Linguística Geral⁵⁴.

Segundo as anotações de Riedlinger, Saussure inicia a aula fazendo uma reflexão a respeito da complexidade da Linguística e da abordagem de seu objeto, mostrando que, na língua, há sempre dois lados que se correspondem, discussão já bastante conhecida a partir do

⁵⁴ Normand (2009) afirma que o termo Linguística Geral já existia antes de Saussure: esse era o nome do curso em que ele ministrava em Genebra. Esse termo, imposto no início do sec. XIX, designava as observações e descrições da língua na perspectiva da gramática tradicional, Filologia e crítica de textos clássicos. Dessa forma, a autora explicita que a Linguística Geral existe porque, antes de 1916 (data da publicação do CLG), aparecem trabalhos de síntese que remetem ao objeto linguagem. No entanto, Saussure modificará esse termo, ao colocar o ponto de vista acerca da atividade da linguística, o que é explicitado apenas no Curso.

capítulo “O objeto da Linguística” do CLG. No contexto da aula, Saussure parte da demonstração da correspondência entre dois aspectos na produção de um som: o acústico-vocal e o psíquico-mental, destacando que se trata de uma correspondência observada no indivíduo, e chama a atenção para o duplo aspecto da língua observado entre dois indivíduos: seu lado social e seu lado individual.

A passagem da boca <de uma pessoa A> para a orelha <de uma pessoa B> e reciprocamente será toda a vida da língua, <este que cada vez envolve passar para o espírito dos sujeitos falantes.> Para usar a dupla unidade complexa é necessário pelo menos dois indivíduos; <a> apenas a <língua> não seria usado para nada<: a língua é feita para comunicar-se com seus semelhantes> Finalmente, é somente através da vida social que a língua recebe sua consagração. Na língua há, portanto, sempre uma dupla face que se corresponde. Ela é:⁵⁵

social
individual

Figura 6 – social e individual. (SAUSSURE, 1997[1908], p. 3)

O trecho citado mostra-nos o circuito da fala desenhado no CLG, começando a ser pensado, ainda de forma inconclusiva, mas já com traços do esquema apresentado na edição. Nesse contexto, bem se vê, a língua é definida como tendo, então, uma dupla face, um lado social e um lado individual, de modo distinto de como se concebe a língua no CLG, lá conhecida como o lado social da linguagem.

Ainda nessa circunstância, Saussure argumenta em favor de observar-se uma distinção entre linguagem que, segundo ele, é igual à “língua considerada no indivíduo” e a língua que “é uma <coisa> eminentemente social” (SAUSSURE, 1996[1908], p. 3).

Se, portanto, considerarmos a esfera em que a língua vive, sempre haverá a língua individual e a língua social. <Formas, gramáticas existem apenas

⁵⁵ Tradução nossa de: “Le passage de la bouche <d'un monsieur A> à l'oreille <d'un monsieur B> et réciproquement sera toute la vie de la langue, <ce qui implique chaque fois le passage par l'esprit des sujets parlants.> Pour se servir de la double unité complexe il faut au moins deux individus; <a> un seul <la langue> ne servirait à rien<: la langue est faite pour communiquer avec ses semblables> Enfin ce n'est que par la vie sociale que la langue revoit sa consecration. Dans la langue, il y a donc toujours un double côté qui se correspond. Elle est:”

socialmente, mas as mudanças começam com um indivíduo. Não podemos abandonar um dos lados exceto por abstração, e isso sempre traz um perigo: <o de atribuir a um único lado o que pertence igualmente ao outro. Ainda dentro da mesma dualidade,> se perguntarmos onde se encontra a sede mais verdadeira, a mais essencial da língua, temos que distinguir entre: linguagem (= a língua tomada no indivíduo, é apenas um poder, uma faculdade, a organização pronta para ser falada; mas o indivíduo deixado a si mesmo nunca chegará à língua) e a língua que é uma <coisa> eminentemente social;> nenhum fato existe linguisticamente até o momento em que se torna um fato para todos, qualquer que tenha sido seu ponto de partida. A consagração social, pela massa, parece ser uma unidade onde podemos finalmente chegar a descansar dentro das dualidades identificadas por graus.⁵⁶ (SAUSSURE, 1997[1908], p. 3)

É possível notar, nesse fragmento, que, na esfera em que a língua vive, há sempre a parte social e a parte individual. Saussure observa que esses dois lados não podem ser separados, exceto em favor de uma abstração, e ainda alerta para o perigo de considerar de um lado o que pertence a outro. A nosso ver, isso demonstra, no contexto didático, a necessidade de demonstrar a interdependência dessas duas ordens que, juntas, como sabemos, compõem a linguagem. Ainda é interessante observar como considerar a língua apenas no indivíduo é insuficiente para Saussure, já que, segundo ele, um indivíduo sozinho nunca chegará à língua. A partir dessas reflexões, é possível notar que não há instituída, uma hierarquia entre o social e o individual, mas uma interdependência ressaltada.

A esse respeito, é necessário que se pontue o trabalho de Coelho e Henriques (2014), que traz um ponto de vista para além do nosso. As autoras destacam os trechos acima, a partir da diferenciação entre os termos linguagem, língua e fala no segundo curso. Em suas observações, a conceituação de linguagem se confunde, em alguns momentos, com a conceituação de fala, e, em outros momentos, com a conceituação de língua. Assim, para Saussure, para que haja a consagração do fato linguístico, é necessário a sua aceitação pela massa social, ou seja, deve haver uma convenção.

⁵⁶ Tradução nossa de: “Si on considère donc la sphère ou la langue vit, il y aura toujours la langue individuelle et la langue sociale. <Formes, grammaires n'existent que socialement, mais les changements partent d'un individu.> On ne peut laisser un des côtés que par abstraction et cela a toujours un danger: <qu'on attribue à un seul côté ce qui revient aussi bien à l'autre. Toujours dans la même dualité,> si on demande où est le siège le plus véritable, le plus essentiel de la langue, il faut faire la distinction entre: langage (= langue considérée dans l'individu; n'est qu'une puissance, faculté, l'organisation prête pour parler; mais l'individu laisse à lui-même n'arrivera jamais à la langue) et langue qui est une <chose> éminemment sociale; aucun fait n'existe linguistiquement qu'au moment où il est devenu le fait de tout le monde, quel que soit son point de départ. La consécration sociale, par la masse, semble être une unité où on puisse enfin se reposer au milieu des dualités que nous avons signalées par degré.”

Percebemos que essa caracterização da linguagem exposta por Saussure, durante o segundo curso, assemelha-se à caracterização de fala encontrada no CLG, uma vez que, na edição, o conceito de fala é caracterizado por negatividade e oposição, como parte da linguagem, cuja existência depende do indivíduo. (...) Nota-se que tanto a linguagem como a fala são consideradas por Saussure como individuais no segundo curso. No entanto, há uma distinção de ordem prática entre elas: a linguagem consiste no poder que os indivíduos têm sobre o uso da língua à medida que eles adquirem, e a fala consiste na realização desse uso. (COELHO; HENRIQUES, 2014, p. 653-654)

Ainda nessa primeira aula, destacamos a diferenciação entre a língua e a fala, que recebe, nas anotações do aluno, a configuração de “definição”, mostrando, em nossa análise, que se trata de noções já mencionadas por Saussure.

<Definição.> Portanto, a língua é: um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o uso da faculdade da linguagem nos indivíduos. A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode ser praticado sem ele.

<Definição.> Por fala designamos o ato do indivíduo ao realizar sua faculdade por meio da convenção social que é a língua. Na fala, há uma ideia de realização daquilo que é permitido pela convenção social.⁵⁷ (SAUSSURE, 1997[1908], p.4)

Consideramos importante evidenciar que a língua e a fala são precedidas do termo “definição”, que aparece apenas no caderno de Riedlinger, mas estão ausentes do caderno de Patois. São, segundo os editores dos cadernos dos alunos, incisos feitos entre as linhas ou à margem e incluídos, nesse sentido, em momento posterior às anotações. A nosso ver, tais acréscimos mostram a importância dada à distinção conceitual entre esses dois termos que Saussure procurava destacar, a qual precisa ser considerada. No que se refere à fala, observamos que ela se difere, em alguns aspectos, daquela conhecida pelo CLG. A fala é um ato que o indivíduo coloca em prática sua faculdade de linguagem, ato possível apenas por

⁵⁷ Tradução nossa de: “<Définition.> Done la langue est: un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le corps social pour permettre l'usage de la faculté du langage chez les individus. La faculté du langage est un fait distinct de la langue mais qui ne peut s'exercer sans elle. <Définition.> Par la parole on designe l'acte de l'individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue. Dans la parole il y a une idée <de> réalisation de ce qui est permis par la convention sociale.”

meio da língua, a convenção social, ou seja, dito de outra maneira, a fala é uma realização daquilo permitido pela convenção.

Saussure segue seu curso tratando de diferentes temas concernentes à língua: a distinção entre a língua falada e a língua escrita, a língua como um sistema de signos, a Semiologia como a ciência geral dos signos, os lados do signo linguístico, as unidades, as identidades e os valores, dentre outros temas. Já a fala volta a ser tema na discussão sobre a cadeia da fala em sua ordem linear.

Poderíamos dizer que é uma característica linear: a <cadeia da fala necessariamente> se apresenta para nós como uma linha e <que> tem uma grande importância <para todas as relações subsequentes que serão estabelecidas.> Diferenças qualitativas <(diferenças de um vogal para outra - de acento)> só pode ser traduzida sucessivamente; não podemos ter uma vogal acentuada e atonal: tudo forma uma linha como na música.⁵⁸ (SAUSSURE, 1997[1908], p.20)

Segundo o genebrino, a cadeia da fala é apresentada numa só direção que consiste numa linha, na qual todas as relações são estabelecidas. A linearidade, mais tarde, como vimos no CLG, é a característica essencial do signo, assim como a arbitrariedade, tal como apresentado no capítulo dois desse trabalho.

Logo após o retorno das aulas do recesso de fim de ano, na primeira aula do ano de 1909, em 11 de janeiro, Saussure retoma a cadeia da fala, explicitando-a e trazendo um novo termo para a discussão, o discurso.

Existem duas maneiras de uma palavra estar relacionada, coordenada, em contato com outra; podemos chamar isso de dois lugares de existência das palavras, ou as duas esferas das relações entre palavras. Isto corresponde a duas funções que também estão ativas em nós em relação à linguagem. Por um lado, existe o tesouro interior, que equivale ao armazenamento da memória: é assim que podemos chamar o armazém; é um dos dois lugares, uma das duas esferas. É neste tesouro que está tudo o que pode entrar em atividade em segundo lugar; e o segundo lugar é o discurso, a cadeia da fala.

⁵⁸ Tradução nossa de: “On pourrait dire que c'est un caractère lineaire: la <chaîne de la parole forcément> se présente a nous comme une ligne et <cela> a une immense portée <pour tous les rapports posterieurs qui s'établiront.> Les différences qualitatives <(différences d'une voyelle a une autre -d'accent)> n'arrivent à se traduire que successivement; on ne peut avoir a la fois une voyelle accentuée et atone: tout forme une ligne comme d'ailleurs en musique.”

Dependendo de onde você se posiciona em um ou outro lugar de <existência de palavras> teremos que lidar com grupos, mas com grupos de natureza <completamente> diferente.⁵⁹

Trésor (magasin) unités d'association	Discours chaîne unités discursives (c'est-à-dire qui se produisent dans le discours)
groupes au sens de familles	groupes au sens de syntagmes

Fig. 7 – Cadeia do discurso. (SAUSSURE,1997[1909], p.52-53)

Nesse quadro, os termos “discurso”, “cadeia de discurso” e “unidades discursivas” aparecem, no esquema de Riedlinger, de modo correlativo à fala, à cadeia da fala. Em nossa análise, verificamos que, a partir dessa aula, Saussure não utiliza mais o termo fala e usa bastante o termo discurso. Passariam tais termos a serem sempre sinônimos nessas passagens ou teriam conotações diferentes? Questão à parte, é interessante observar que o termo discurso passa a integrar uma discussão que envolve a fala, mas coloca em questão a cadeia da fala para refletir sobre o modo de organização das unidades linguísticas.

Essa relação do armazenamento da memória (*magasin*) e as unidades de associação parecem estar ligadas diretamente ao que o mestre apresenta no PCLG ao falar sobre os agrupamentos existentes na esfera da língua. Por outro lado, as unidades discursivas apresentadas como grupos de sintagmas parecem estar relacionadas à sequência que as unidades linguísticas assumem na fala.

⁵⁹ Tradução nossa de: “Cela correspond à deux fonctions qui sont activés également en nous a propos du langage. D'une part il existe le trésor intérieur qui équivaut au easier de la mémoire: c'est la ce qu'on peut appeler le magasin; c'est un des deux lieux,une des deux sphères. C'est dans ce trésor qu'est range tout ce qui peut entrer en activité dans le second lieu; et le second lieu c'est le discours, c'est la chaîne de la parole. Suivant qu'on se place dans l'un ou l'autre lieu d' <existence des mots> nous aurons affaire a des groupes, mais a des groupes de nature <tout a fait>différente.”

No excerto anotado por Riedlinger e retomado por Turpin (1995-1996, p.260), o discurso é da ordem linear, concebida como uma ordem abstrata que resulta do jogo sintagmático-associativo, cujo limite é tanto a palavra quanto a frase. Há, no entanto, uma diferença entre a ordem sintagmática da palavra e a da frase: só esta última emerge de uma lógica discursiva que permite a introdução de uma “significação do pensamento”. O processo semântico que os rege não é, portanto, o mesmo, o que tende a mascarar esta assimilação do sintagma ao mesmo tempo para a palavra ou frase. Deste ponto de vista, a distinção é vista como superior entre parte do discurso e da proposição (estrutura lógico-discursiva) parece-nos completar a teoria do sintagma. Este último pode, de fato, ser articulado a uma teoria lógico-proposicional da frase: é isso que, em última análise, nos permite a diferença entre a sintagmática da palavra e a sintaxe da frase. Desse ponto de vista, o sintagma está na articulação entre a língua e a fala: como ordem discursiva depende da língua e, como realização efetiva, depende da fala.

Insistindo nessa questão, Saussure reafirma sobre as associações que dispomos virtualmente, que estão disponíveis na língua e não no discurso.

Nesta massa de elementos que nos dispomos virtualmente, na verdade, neste tesouro, fazemos associações. Cada elemento nos faz pensar no outro: tudo o que é semelhante e diferente de alguma forma se apresenta em torno de cada palavra, caso contrário, o mecanismo da língua seria impossível. Assim, uma tabela de declinação é um grupo de associações, <este grupo> tem o direito de reivindicar a unidade, mas esta unidade não existe no discurso. (...) Portanto, esses grupos de associação são puramente mentais, não têm uma existência simultânea no discurso. Estas famílias não são sempre distintamente delimitadas <(uma declinação, no entanto, forma um todo perfeitamente claro)> mas acima de tudo não espacialmente: uma das unidades não vem depois da outra, não posso dizer que eles vêm em qualquer ordem. Não há delimitação espacial dentro dessas unidades (o nominativo não é o primeiro caso na consciência daqueles que falam!) Não podemos estabelecer graficamente em que direção “preocupado” está unido a “infeliz”⁶⁰. (SAUSSURE, 1997[1909], p. 53)

⁶⁰ Tradução nossa de: “Dans cette masse d'elements dont nous disposons virtuellement mais effectivement, dans ce trésor nous faisons des associations. Chaque élément nous fait penser a autre: tout ce qui est semblable et dissemblable en quelque sorte se presente autour de chaque mot, autrement le mecanisme de la langue serait impossible. Ainsi un tableau de declinaison est un groupe d'associations, <ce groupe> a le droit de revendiquer une unité, mais cette unité n'existe pas dans le discours. (...) Donc ces groupes d'association <sont> purement mentaux, n'ont pas une existence simultanée dans le discours. Ces familles ne sont pas <toujours> distinctement delimitées <(une déclinaison pourtant est bien, forme un tout parfaitement ne)> mais surtout pas spatialement: une des unités ne vient pas a la suite de l'autre, on ne peut pas dire qu'elles viennent dans un ordre quelconque. Il n'y a pas de delimitation spatiale au sein de ces unités (le nominatif n'est pas <le> premier cas dans la conscience

Com a questão assim colocada, consideramos importante destacar que, a partir do contexto em que aparecem as menções do discurso, elas se assemelham à cadeia da fala, como aparece na reflexão do CLG. Desse modo, nessa circunstância, discurso e cadeia da fala, entendida como um encadeamento colocado em prática pelo falante, talvez possam ser tomadas como sinônimos, visto que são colocadas assim, retomando o princípio da linearidade. Ao colocar discurso e cadeia da fala ao mesmo lado numa sequência linear, Saussure coloca, de outro lado, os grupos de associação que são puramente mentais e que não podem ser delimitados numa sequência espacial dentro dessas unidades.

A esse respeito, Coelho e Henriques (2014) afirmam que, ao equiparar fala ao discurso, Saussure a posiciona como o elemento que coloca a língua em contato com o extralinguístico, visto que a ação do discurso faz com que haja o contato do indivíduo com fatores externos à língua, como o contexto e outros indivíduos. “Esse desenvolvimento conceitual se aproxima do argumento definido por Saussure no primeiro curso de que é por meio da fala que a língua se relaciona com fatores extralinguísticos, propiciando a ocorrência de alterações.” (p. 654-655)

É preciso chamar a atenção para o fato de que, embora o termo discurso apareça duas vezes nas anotações de Riedlinger no excerto anterior, nas anotações de Patois, esse mesmo termo não aparece, como é possível observar no trecho seguinte, em que a referência é feita à língua falada.

Nessa massa de elementos que temos (tesouro interior), fazemos associações: tudo que é semelhante ou diferente está presente em torno de cada palavra. Assim, uma tabela de declinações é um agrupamento de associação <que tem o direito de reivindicar uma unidade.> Nesta unidade, há algo que varia e algo que não varia; este é o caráter de todos os grupos de associação. “Desejados”, “preocupados”, “infelizes”, formam uma família, um grupo que está associado porque existe um elemento comum; por outro lado, há um elemento que difere. Esses grupos nem sempre estão bem definidos, mas eles <são> especialmente não espacialmente: uma das unidades não vem um após o outro, e eles não vêm em uma certa ordem, seja ela qual for. Não poderíamos representar graficamente que lugar “preocupado” ocupa em relação a “ansioso”; eles estão unidos pela nossa associação mental. Grupos sintagmáticos. Evocamos imediatamente a ideia

de ceux qui parlent!) On ne peut établir graphiquement dans quelle direction «soucieux» est uni a «malheureux».”

de uma limitação espacial. Esta ordem tem como condição a extensão e esta condição é simples; na linguagem, há apenas uma dimensão. Só existe uma maneira de fazer sintagma: por uma sequência linear.⁶¹ (SAUSSURE, 1996[1908], p. 143-144)

Nas anotações de Patois, apesar de o aluno não usar a palavra *discurso*, em seu caderno, a ideia principal é a mesma, a saber: os agrupamentos de associações estão presentes no tesouro interior e *não um após o outro*, que, para os leitores assíduos de Saussure, sabe-se que se refere à cadeia da fala, logo ao discurso conforme a excerto anterior do aluno Riedlinger. Ademais, a partir da anotação: “Esta ordem tem como condição a extensão e esta condição é simples; na linguagem, só há uma dimensão. Só existe uma maneira de fazer sintagma: por uma sequência linear”, também podemos inferir o caráter linear do signo que está relacionado diretamente à cadeia da fala.

Como vimos em análise às anotações de alunos do SCLG, a questão da fala, embora menos vezes retomada, aparece, nesse curso, de modo bastante relevante, especialmente quando Saussure a distingue da língua e da linguagem e apresenta para ela uma definição. É importante destacar também que Saussure procura distinguir o lado social e o lado individual da esfera em que a língua vive, segundo a edição do CLG, a linguagem. No entanto, reiteramos a interdependência desses dois lados e a possibilidade de separá-los apenas em caso de uma abstração. Ademais, apesar de a fala aparecer poucas vezes nesse SCLG, essa obra traz aspectos importantes para nossa pesquisa.

Notamos ainda que a palavra *discurso* foi utilizada mais vezes no caderno de Riedlinger do que no caderno de Patois e que, aqui, concordamos com Henriques (2023) no fato de que vemos a palavra *discurso* ora ser sinônima da palavra *fala* ora ser distinta de *fala*.

⁶¹ Tradução nossa de: “Dans cette masse d'éléments dont on disposé (trésor intérieur) on fait des associations: tout ce qui se ressemble ou diffère est présent autour de chaque mot. Ainsi un tableau de déclinaisons est un groupement d'association Dans cette unité il y a quelque chose qui varie et quelque chose qui ne varie pas; c'est le caractère de tous les groupes d'association. «Desireux», «soucieux», «malheureux», forment une famille, un groupe qui se trouve associe parce qu'il y a un element commun; d'un autre côté il y a un element qui differe. Ces groupes ne sont pas toujours bien delimités mats ils sont surtout pas spatialement: une des unités ne vient pas a la suite de l' autre, et elles ne viennent pas dans un certain ordre quel qu'il soit. On ne pourrait représenter graphiquement quelle place occupé «soucieux» vis-a-vis de «desireux»; ils sont unis par notre association mentale. Groupes syntagmes. On evoque tout de suite l'idée d'une limitation spatiale. Cet ordre a pour condition l'étendue et cette condition est simple; dans le langage elle n'est qu'a une dimension. Il n'y a qu'un moyen de faire un syntagme: par une suite lineaire.”

3.5 A fala no Terceiro Curso de Linguística Geral

O terceiro curso de Linguística Geral (TCLG) ministrado por Saussure na Universidade de Genebra teve início em 28 de outubro de 1910. Para analisar como a fala aparece nesse contexto saussuriano de reflexão e de ensino, utilizaremos a edição das anotações de Émile Constantin organizada e publicada por Komatsu e Harris em 1993. Como mencionado anteriormente, tais anotações não eram conhecidas – e, portanto, não foram utilizadas – pelos editores na organização do CLG. Foram doadas pelo próprio aluno à Biblioteca de Genebra apenas em 1958.

Uma leitura das anotações de Émile Constantin permite-nos ver que Saussure anuncia que, nesse curso, tratará da Linguística propriamente dita, aquela que já possui consciência de seu objeto: a língua. Para tanto, nessa primeira aula, ele faz um panorama da história da Linguística, explicando as três fases, já bem conhecidas a partir do CLG, pelas quais passou a Linguística antes de ter consciência de seu objeto.

Na segunda aula do curso, realizada no dia 4 de novembro de 1910, Saussure fez a divisão geral do conteúdo a ser tratado, a saber: “1º) As línguas 2º) A língua 3º) Faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos”⁶²(SAUSSURE, 1993[1910], p. 6). Fica evidente que Saussure teve como foco discutir temas relacionados à Linguística Geral, diferente dos dois primeiros cursos em que, apesar de ter tratado de diversas questões gerais relacionadas ao estudo das línguas, o mestre priorizou o estudo comparativo delas.

A primeira parte do curso, nomeada “As línguas”, teve início em 08 de novembro de 1910 e a segunda parte, “A língua”, teve início em 25 de abril de 1911. Quanto à terceira parte, não há registro nos cadernos do aluno. Dessa forma, é possível notar que, no terceiro curso, a maior parte das aulas se referiu ao tema “As línguas”. As aulas em torno do tema “A língua” foram apenas a última aula de abril, as dos meses de maio e de junho e uma única aula em julho de 1911. Já a terceira parte, “Faculdade e exercício da linguagem nos indivíduos”, apesar de prometida aos alunos, não fora cumprida devido a problemas de saúde de Saussure.

Na primeira parte do curso, ao tratar dos estudos fonológicos, Saussure apresenta questões relacionadas à fala. Discutindo a relação entre a escrita e as línguas, o professor explicita que é necessário distinguir e classificar os elementos da fala humana antes de prosseguir para um sistema gráfico que possa ser recomendado:

⁶² Tradução nossa de: “1º Les langues 2º La langue 3º Faculté et exercice du langage chez les individus.”

Essa fisiologia dos sons da fala não faz parte da Linguística. Poderíamos dar-lhe o nome de fonologia ou análise dos sons da fala. Este estudo tem algum mérito na ciência linguística[?]. Como um desses nomes indica (*Lautphysiologie*), está imediatamente ligado à anatomia e à fisiologia. Isto envolve observar o mecanismo pelo qual cada tipo de som é produzido. Além do lado fonatório, há um lado acústico que também entra na fisiologia. Mas há uma coisa (a impressão acústica) que não faz parte do estudo fonológico. Nós não podemos analisá-lo. Isso se resume à análise dos movimentos fonatórios, algo o que o fisiológico [sic] pode reivindicar para si. Alguém poderia acreditar que os sons são a primeira parte da Linguística. A língua é um sistema que funciona com impressões acústicas não analisáveis (diferença de f com b). Ora a análise, <(fonatória)> deste não interessa ao linguista.⁶³ (SAUSSURE, 1993[1910], p. 53).

A partir do excerto anterior, vemos que, para Saussure, a fisiologia dos sons da fala não faz parte da Linguística. Este estudo estaria ligado à anatomia e à fisiologia e teria como finalidade observar o mecanismo pelo qual o som é produzido. No processo de produção dos sons, há ainda o lado acústico que também deve ser analisado pela fonologia e que se difere do que Saussure proporá como impressão acústica, esta, por sua vez, do interesse da Linguística. Saussure argumenta que até poderia acreditar-se que a explicação da produção dos sons é a primeira tarefa da Linguística, mas defende que o que interessa a ela é modo como o sistema funciona. Nesse contexto, observa-se, então, que, para Saussure, aquilo que diz respeito à produção dos sons da fala, e não a fala, propriamente dita, não cabe à Linguística.

Para exemplificar sua posição sobre o estudo do mecanismo de produção dos sons da fala humana e o modo como ele não interfere no estudo da língua, o mestre faz uma comparação da língua com uma tapeçaria e com um jogo de xadrez.

⁶³ Tradução nossa de: “On pourrait lui donner le nom de phonologie ou analyse des sons de la parole. Cette étude a-t-elle des titres à rentrer dans la science linguistique[?] Comme l'indique un de ces noms (*Lautphysiologie*), c'est immédiatement à l'anatomie, à la physiologie qu'elle se rattache. Il s'agit d'observer le mécanisme par lequel est produite chaque espèce de son. En dehors du côté phonatoire il y a un côté acoustique qui rentre aussi dans la physiologie. Mais il est une chose (l'impression acoustique) qui ne fait pas partie de l'étude phonologique. On ne peut l'analyser. Cela revient à l'analyse des mouvements phonatoires, chose que peut réclamer pour lui le physiologique [sic]. On pourrait croire que les sons sont la première partie de la linguistique. La langue est un système qui court sur des impressions acoustiques inanalysables (différence de f avec b). Or l'analyse «phonatoire» de cela n'intéresse pas le linguiste.”

A combinação de tons forma o jogo de tapeçaria; mas é indiferente como o tintureiro fez a mistura. <O que importa é a impressão visual, não saber como os fios foram tingidos, etc.> <O que importa então é a impressão acústica, não em como produzir.> As diferentes formas que compõem a língua representam diversas combinações por meio de impressões acústicas. É a sua oposição que joga todo o jogo da língua. “A visão de todos os movimentos do aparelho vocal necessários para obter cada impressão fonética não esclareceria a língua” A língua pode ser comparada a um jogo de xadrez. Desde que seja possível o jogo de valores opostos, pouco importa sabermos o material (marfim, madeira) de que são feitas as peças. (SAUSSURE, 1993[1910], p. 53)⁶⁴

Como se observa no trecho citado, para Saussure, para dar conta de todos os movimentos do aparelho vocal, não é necessário o estudo da língua. Cabe à Linguística descobrir os valores que estão em jogo no seu funcionamento.

Na aula do dia 25 de abril de 1911, Saussure dá início à segunda parte de seu programa: *A língua*. Nesta parte, o professor afirma que não pretende estudar a partir dos estudos da língua tudo o que diz respeito à linguagem. Para ele, a língua é uma parte essencial e principal da linguagem. “A língua para nós será o produto social cuja existência permite ao indivíduo exercer a faculdade da linguagem” (SAUSSURE, 1993[1910], p. 66). É interessante observar a indissociabilidade entre o objeto língua e o exercício da faculdade da linguagem destacado por Saussure. Nesse ponto de seu ensino, ele intentava dar conta do primeiro, o objeto língua, para, em seguida, apresentar o segundo, o exercício da faculdade de linguagem no indivíduo, conforme seu programa.

Segundo as anotações do aluno, Saussure esclarece que, para abordarmos uma questão específica, como a língua, antes devemos olhar para o todo, em nosso caso, a linguagem. No entanto, ressalta que ela: “é um terreno complexo, multifacetado, heterogêneo em seus diferentes aspectos”⁶⁵ (SAUSSURE, 1993[1910], p. 66) e ainda possui diferentes domínios: físico e psíquico, individual e social. É nesse sentido que o professor propõe que observemos a língua, uma vez que ela é um organismo que se pode classificar, enquanto a

⁶⁴ Tradução nossa de: “Combinaison de tons forme le jeu de la tapisserie; or il est indifférent de savoir comment le teinturier a opéré le mélange. <Ce qui importe, c'est la série d'impressions visuelles, non de savoir comment les fils ont été teints, etc.> <Ce qui importe donc, c'est l'impression acoustique, non moyen de les produire.> Les différentes formes dont se compose la langue représentent diverses combinaisons au moyen des impressions acoustiques. C'est leur opposition qui fait tout le jeu de la langue. «La vue de tous les mouvements de l'appareil vocal nécessaires pour obtenir chaque impression phonétique n'éclairerait en rien la langue.» On peut comparer la langue à un jeu d'échecs. Pourvu que le jeu des valeurs opposées soit possible, il importe peu qu'on connaisse la matière (ivoire, bois) dont sont formées les pièces.”

⁶⁵ Tradução nossa de: “[...] est un terrain complexe, multiforme, hétéroclite dans ses différents aspects.”

faculdade da linguagem aparece-nos como uma faculdade que possuímos da natureza; a língua é, pelo contrário, uma coisa adquirida e convencional.

É nesse contexto que Saussure distingue a língua da linguagem e que ele abordará o ato individual de exercício da faculdade da linguagem, mostrando-nos, uma vez mais, como a fala aparece nas elaborações do terceiro curso. Assim como no CLG, Saussure procura, na linguagem, a esfera que corresponde à língua, afirmando que, para observá-la, é preciso colocarmo-nos diante de um ato individual, conforme o esquema registrado por Constantin.

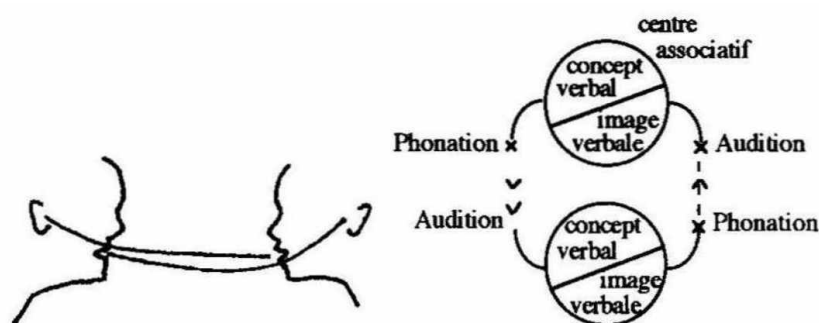


Figura 8. Circuito da fala (SAUSSURE, 1993[1910], p. 67)

O circuito da fala é desenhado nas anotações de Constantin sem grandes diferenças do modo como é feito na edição do CLG. Coelho e Henriques (2014) têm uma contribuição a dar no que tange ao circuito da fala no TCLG. Para as autoras, apesar de nomeado como “circuito da fala”, é através do ato individual que se observa a língua. Dessa forma, a interdependência existente entre a língua e a fala pode ser percebida, visto que, só através do circuito da fala, foi possível a Saussure demonstrar as esferas da linguagem. As autoras complementam que, somente a partir de tal circuito, é desvinculado da língua tudo o que é físico e fisiológico, restando apenas os elementos psíquicos: imagem acústica (verbal) e o conceito.

No que tange à interdependência entre a língua e a fala, posterior ao circuito da fala, é adicionado que, independentemente de a linguagem ser ou não uma função natural, a língua resta como ferramenta essencial para a faculdade da linguagem. Nesse ponto, é importante ressaltar que o termo “faculdade da linguagem”, durante o terceiro curso, corresponde à fala, uma vez que o título da parte do terceiro curso destinado à delimitação de tal conceito fora definido como “faculdade da linguagem: seu uso pelos indivíduos”. (COELHO; HENRIQUES, 2014, p. 658)

Ainda quanto ao circuito da fala, chamamos a atenção para o modo como o domínio da fala é delineado pelo mestre suíço, que distingue o que é da ordem do individual e do social.

A execução permanecerá individual, é aqui que reconheceremos o domínio da fala. É a parte receptiva e coordenativa “que é social”, é isso que forma um depósito em diferentes indivíduos, o que é sensivelmente consistente em todos os indivíduos. Se permanecendo no lado individual, considerarmos este mesmo circuito por todas as palavras, por todas as ocasiões repetidas que ocorrem, será necessário adicionar uma caixa, uma operação de coordenação regular <(assim que houver uma pluralidade de imagens verbais recebidas)> para toda essa coisa que chega pouco a pouco na consciência. Eles virão em uma determinada ordem para o assunto. Através desta coordenação, abordamos a ideia de língua, <mas ainda no estado individual.>⁶⁶ (SAUSSURE, 1993[1910], p.68)

Pela reflexão acima, entende-se, então, que a execução será sempre individual e, nela, reconhecemos o domínio da fala. Por outro lado, a parte receptiva e a coordenativa pertencem à língua. É preciso considerar que esse depósito que se forma no indivíduo deve ser comum a todos os outros para que configure a língua; é o que garante seu aspecto social. Desse modo, vê-se uma intrínseca relação entre o que é individual e o que é social:

2) O ato social só pode residir em indivíduos somados entre si, mas como qualquer (<outro>) fato social, não pode ser considerado fora do indivíduo. O fato social será uma certa medida que não será estabelecida, que sem dúvida não será completa, em nenhum indivíduo. Qual parte do circuito pode dar origem a esta <capitalização,> cristalização social? Não é de nenhum modo a parte física. (Assim somos atingidos pelo som de uma língua estrangeira que não conhecemos <mas não estamos no fato social da língua>.) Notemos também que não é toda a parte psíquica que se torna social. O indivíduo permanece mestre.⁶⁷ (SAUSSURE, 1993[1910], p. 69)

⁶⁶ Tradução nossa de: “Si tout en restant dans le cas individuel on considère ce même circuit pour tous les mots, pour toutes les occasions répétées qui se présenteront, il faudra ajouter une case, une opération de coordination régulière <(dès qu’il y aura pluralité d’images verbales reçues)> pour cet ensemble qui arrive peu à peu à la conscience. Elles entreront dans un certain ordre pour le sujet. Par cette coordination nous approchons de l’idée de la langue, <mais encore à l’état individuel>.”

⁶⁷ Tradução nossa de: “2) L’acte social ne peut résider que chez les individus additionnés les uns aux autres, mais comme pour tout «autre» fait social, il ne peut être considéré hors de l’individu. Le fait social, ce sera une certaine moyenne qui ne s’établira, qui ne sera sans doute complète, chez aucun individu. Quelle partie du circuit

A esse respeito, Saussure busca designar o ato social e individual ligados entre si, uma vez que o fato social só pode residir no indivíduo que se soma a outros indivíduos, embora não possa ser completo em apenas um indivíduo. Ele observa, no entanto, que não são os aspectos individuais que dão origem à cristalização social, isto é, não é a parte física do circuito tampouco a parte psíquica, cujo mestre é o indivíduo. A esse respeito, leremos o que afirma Turpin:

Mas, de fato, o que a reflexão de Saussure mostra, através das suas próprias hesitações, é que a língua tem tanto uma dimensão individual (a faculdade da linguagem) como uma dimensão social (valor e discurso). O mesmo vale para a fala, realização individual exercida num contexto social.⁶⁸ (TURPIN, 1995-1996, p. 263)

Essa questão é ainda retomada na aula seguinte, do dia 28 de abril de 1911, em que Saussure faz um adendo, uma retomada da diferenciação entre linguagem, língua e fala.

Uma emenda. Conversamos sobre instinto de linguagem. Nós devemos dizer: existe uma função natural da linguagem? Seja natural ou não, a língua continua sendo a ferramenta necessária para faculdade de linguagem.⁶⁹ (SAUSSURE, 1993[1911], p.69)

peut donner lieu à cette <capitalisation,> cristallisation sociale? Ce n'est pas une partie quelconque, ce n'est pas la partie physique. (Ainsi nous sommes frappés par le son d'une langue étrangère que nous ne connaissons pas <mais nous ne sommes pas dans le fait social de la langue>.) Remarquons aussi que ce n'est pas toute la partie psychique qui devient sociale. L'individu reste maître.”

⁶⁸Tradução nossa de: “Le terme de discours vient donc marquer ce que la parole peut avoir de social et ce n'est pas un hasard si ce terme est aussi employé en ce sens dans les Cours I et II, quand Saussure insiste sur le côté social de l'acte de parole introduisant une dialectique entre individu et masse sociale qui sous-tend la prise en compte d'une «pragmatique» linguistique. Dans le Cours III, la langue récupère cet aspect social en même temps que disparaît cet emploi de discours sans doute par souci de lisibilité théorique. Mais en fait, ce que montre la réflexion saussurienne, par ses hésitations mêmes, c'est bien que la langue a à la fois une dimension individuelle (la faculté de langage) et une dimension sociale (la valeur et le discours). Il en va de même pour la parole, réalisation individuelle exercée dans un contexte social.”

⁶⁹ Tradução nossa de: “Un amendement. Nous avons parlé d'instinct du langage. Nous aurions du dire: Y a-t-il une fonction naturelle du langage? Qu'elle soit naturelle ou non, la langue demeure comme l'outil nécessaire à la faculté du langage.”

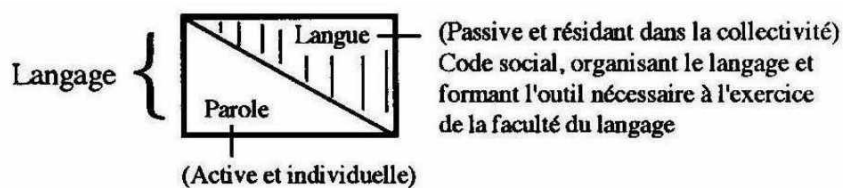


Figura 9. Linguagem, língua e fala. (SAUSSURE, 1993[1910], p. 70)

O desenho que é feito no caderno de Constantin ilustra a relação proposta por Saussure entre língua, linguagem e fala. A linguagem, como vê-se, é constituída pelo domínio da língua e pelo domínio da fala. É importante observarmos que a divisão é feita de forma igualitária, ambas, a língua e a fala, constituem igualmente a linguagem. A fala é ativa e individual, já a língua é passiva coletiva, um código social que tem a ferramenta necessária para o exercício da faculdade da linguagem.

É o que ele observa a seguir:

Podemos notar que encontramos na língua: 1º) um objeto definível e separável de todos os atos de fala. Podemos localizar a língua em uma determinada região do circuito considerado; região onde a imagem auditiva passa a ser associada a um conceito. Indiretamente também podemos dizer que a língua é a parte social da linguagem. Procurando <onde está>, chegaremos à mesma região. Observando se a língua é realmente separável, além disso, é preciso muito treinamento para aprender a língua. Os órgãos estão aí, mas o ser humano deve assimilá-los, aprendendo-os. <Podemos separar a fala do resto.>. Acontece em casos de doença que um homem totalmente privado da fala retém a capacidade de escrever: a língua está intacta, apenas a fala é afetada. Quando temos diante de nós uma língua morta, seu organismo está lá, mesmo que ninguém a fale. 2º) A língua pode ser estudada separadamente; não é essencial considerar outros elementos da linguagem para estudar a língua. Ela não é estudável se misturarmos os outros elementos.⁷⁰ (SAUSSURE, 1993[1910], p.70)

⁷⁰ Tradução nossa de: “On peut remarquer que nous avons trouvé dans la langue: 1º) un objet définissable et séparable de l'ensemble des actes de langage. On peut localiser la langue dans une certaine région du circuit considéré, région où l'image auditive vient s'associer à un concept. Indirectement nous pouvons dire aussi la langue c'est la partie sociale du langage. En cherchant <ou elle se trouve>, on arrivera à la même région. Nous voyons encore en cherchant si réellement la langue est séparable du reste, qu'il faut tout un apprentissage pour apprendre la langue. Les organes sont là, mais il faut que l'être humain se l'assimile en l'apprenant. <On peut séparer la parole du reste.> Il arrive dans des cas de maladie qu'un homme entièrement privé de la parole conserve la faculté d'écrire: la langue est intacte, la parole seule est touchée. Quand nous avons devant nous une langue morte, son organisme est là bien que personne ne la parle. 2º) La langue est étudiable séparément; il n'est pas indispensable de considérer les autres éléments du langage pour étudier la langue. Elle n'est pas étudiable si on y mêle les autres éléments.”

Podemos inferir algumas pistas de como Saussure pretende estudar a língua. Como vê-se nas anotações, há a necessidade de separar a língua da fala, pois a língua pode ser estudada individualmente sem considerar-se outros elementos da linguagem. Ela está presente na associação da imagem auditiva e do conceito. Para provar sua teoria, Saussure exemplifica como um ser humano privado de sua fala, isto é, de sua atividade de execução, pode ainda conservar a língua.

Na aula do dia 19 de maio de 1911, Saussure fez uma revisão que traz mais alguns aspectos importantes sobre a fala e que se assemelham às lições saussurianas conhecidas através do CLG.

Não há nada na língua que não tenha entrado nela <direta ou indiretamente> pela fala, ou seja, por soma das falas percebidas, e reciprocamente não há fala possível apenas durante o desenvolvimento do produto que é chamado de língua e que fornece ao indivíduo os elementos a partir dos quais ele pode compor sua fala. É trabalho da inteligência coletiva desenvolver e consertar este produto. Tudo que é língua é implicitamente coletivo. Por outro lado, não há fala coletiva. <Dizer que uma palavra entrou na língua é dizer que ela recebeu aprovação coletiva.> Os atos de fala permanecem individuais, além de serem momentâneos. Multidão reunida em um mercado; de que forma a língua está presente nesta multidão[?]. Na forma de um depósito <existente no cérebro> de cada uma das pessoas que compõem a multidão <como um dicionário do qual todos os exemplares seriam distribuídos entre essas pessoas>. Esta coisa, embora interna a cada indivíduo, está ao mesmo tempo coletivo, que está colocado além da vontade do indivíduo. $1 + 1 + 1... = 1$ (modelo coletivo). De qualquer maneira, a fala está presente nesta mesma multidão[?]. É a soma do que as pessoas dizem umas às outras; isto é, a) combinações individuais, frases, dependendo da vontade do indivíduo e respondendo ao seu pensamento individual, b) dos atos fonatórios, que são a execução dessas combinações, igualmente voluntários. Esses atos de fonação e combinações interiores correspondem entre si? Existe aí um ato de fala coletivo desta multidão? Não $1+1+1...=1+1+1...$ ⁷¹ (SAUSSURE, 1993[1911], p.91)

⁷¹ Tradução nossa de: “Il n’y a rien dans la langue qui n’y soit entré <directement ou indirectement> par la parole, c’est-à-dire par la somme des paroles perçues, et réciproquement il n’y a de parole possible que lors de l’élaboration du produit qui s’appelle la langue et qui fournit à l’individu les éléments dont il peut composer sa parole. C’est l’oeuvre de l’intelligence collective d’élaborer et de fixer ce produit. Tout ce qui est langue est implicitement collectif. En revanche il n’y a pas de parole collective. <Dire qu’un mot est entré dans la langue, c’est dire qu’il a reçu l’approbation collective.> Les actes de parole demeurent individuels outre qu’ils sont momentanés. Foule réunie sur une place de marché; de quelle manière la langue est-elle présente dans cette foule[?] Sous forme d’un dépôt <existant dans cerveau> de chacune des personnes composant la foule <comme un dictionnaire dont tous les exemplaires seraient réparties entre ces personnes>. Cette chose bien qu’intérieure

Dessa longa citação, podemos destacar os pontos principais relativos à fala. Em primeiro lugar, destacamos que Saussure é enfático ao destacar o vínculo entre a língua e fala: nada entra na língua se não for pela fala e não há fala sem língua, uma vez que é a língua que fornece ao falante o material necessário para sua fala, ou seja, há uma relação mútua de dependência entre esses dois elementos.

Num segundo momento, verificamos também, de forma categórica, o lado coletivo, logo, social, da língua e o ato individual da fala: “não há fala coletiva”. Por fim, num terceiro momento, Saussure questiona: como a língua e a fala estão presentes na multidão? A língua está presente como um depósito que existe no cérebro de cada pessoa, porém de forma coletiva, além da vontade de cada indivíduo. Já a fala se refere às combinações individuais e aos atos fonatórios, a execução; dito de outra maneira, a fala é uma combinação individual de frases que dependem do indivíduo que são voluntários e feitos a partir de escolhas que estão presentes na língua.

Tendo em vista a natureza tão diferente desses dois objetos, Saussure propõe estudos distintos, uma vez que cada objeto necessita de sua própria teoria.

Concluimos, se é verdade que os dois objetos *langue* e *parole* se supõem um pelo outro, um não pode existir sem o outro; por outro lado. eles são tão diferentes entre si na natureza que cada um deles reclama sua própria teoria separada. Ao procurarmos fantasiosamente colocar estas duas partes da linguagem sob o mesmo ponto de vista, apenas criaremos uma disciplina um tanto confusa. O todo global formado pela linguagem é inclassificável, porque não é uma unidade homogênea. Há, portanto, <no estudo, uma parte que compreende o estudo da parte individual da linguagem, da fala,> incluindo a fonação: é o estudo da fala, e um segundo estudo: parte da linguagem colocada além da vontade do indivíduo: convenção social, que é o estudo da língua. A primeira investigação será forçada a ser psicofísica; o segundo será unicamente psíquico, visto que a associação dos fenômenos da língua é psíquica em suas duas composições. Este é o ponto de ramificação, a bifurcação que encontramos imediatamente, saber se a fala ou a língua que tomamos como objeto de estudo. Não podemos comprometer-nos simultaneamente com os dois caminhos, temos que seguir os dois separadamente ou escolher um. Já o dissemos, é o estudo da língua que perseguimos da nossa parte. Mantemos o nome *linguística* para as duas coisas combinadas, ou deveríamos reservá-lo para o estudo da língua(?)

à chaque individu est en même temps bien collectif. qui est placé hors de la volonté de l'individu. 1 + 1 + 1... = 1 (modèle collectif).”

(<Podemos distinguir entre> a Linguística da língua e a Linguística da fala.) Dito isto, não devemos concluir que, na Linguística da língua, nunca devemos olhar para a Linguística da fala. <Isso pode ser útil, mas é um empréstimo do domínio vizinho.>⁷² (SAUSSURE, 1993[1911], p.92)

O estudo da fala deve ser, para Saussure, psicofísico, uma vez que coloca em causa aspectos psíquicos e físicos, e o estudo da língua deve ser unicamente psíquico, pois não tem em seu cerne aspectos físicos. É o que faz com que sejam necessárias duas rotas de investigação. Ainda nesse trecho, é importante destacar o modo como a teoria saussuriana ainda se construía em sala de aula. Saussure se questiona o que devemos chamar de Linguística, observando que não devemos deixar de olhar para a Linguística da fala, no entanto, é preciso considerar que ela pertence a um domínio vizinho.

Conforme Sofia (2015), em 19 de maio de 1911, Saussure retoma alguns elementos que havia abordado no início do ano, pedindo aos alunos que inserissem aqui e ali capítulos intermediários, emendas, retificações e/ou acréscimos ao que foi discutido anteriormente. Esta operação fez com que a organização do terceiro curso, tal como ficou captada nas notas dos alunos, se mostrasse imperfeita, o que levou Saussure a corrigi-la no percurso do curso de forma mais ou menos improvisada, e que resultou num todo que parecia – como aponta o próprio Saussure – "desarticulado" (SAUSSURE, 1993[1911], p. 275).

Esses capítulos acrescentados, que apareciam naturalmente no final dos cadernos dos alunos, foram restituídos por Sechehaye, na medida do possível, à sua localização natural: onde Saussure havia indicado. Ao fazê-lo, Sechehaye optou por um distanciamento da organização que efetivamente

⁷² Tradução nossa de: "Nous concluons, s'il est vrai que les deux objets langue et parole se supposent l'un autre, ne peuvent exister l'un sans l'autre, en revanche ils sont si peu semblables de nature qu'ils appellent chacun leur théorie séparée. En cherchant chimériquement à ramener sous le même point de vue ces deux parties du langage, on ne fera jamais qu'une discipline assez confuse. Le tout global formé par le langage est inclassable parce que pas unité homogène. Il y a donc <dans étude une partie comprenant étude de la partie individuelle du langage, de la parole,> comprenant la phonation: c'est l'étude de la parole, et une seconde étude: partie du langage mise par delà la volonté de l'individu: convention sociale, qui est l'étude de la langue. La première étude sera forcée d'être psycho-physique; la seconde sera uniquement psychique, vu que l'association des phénomènes de langue est psychique dans ses deux composants. C'est là l'embranchement, la bifurcation que l'on reencountre immédiatement, savoir si c'est la parole ou la langue qu'on prend comme objet d'étude. On ne peut s'engager simultanément sur les deux routes, il faut les suivre tous les deux séparément ou en choisir une. Nous l'avons dit, c'est l'étude de la langue que nous poursuivons pour notre part. Maintient-on le nombre linguistique pour les deux choses réunies, ou faut-il le réserver à l'étude de la langue[?] «Nous pouvons distinguer en[tre] linguistique de la langue et linguistique de la parole.» Cela dit, il ne faut pas en conclure que dans la linguistique de la langue il ne faut jamais jeter de coup d'œil sur la linguistique de la parole. <Cela peut être unité, mais c'est un emprunt au domaine voisin.>"

encontrou nas notas que consultou, para tentar reconstruir (já) a sequência lógica dos argumentos. Ora, infelizmente, o empreendimento não era de todo evidente e não foi realizado sem dificuldade. Encontramos, no manuscrito, vestígios dos problemas encontrados por Sechehaye durante esta operação, principalmente a partir da página 286, onde começa um fragmento escrito a partir das notas que "pertencem à retomada do curso" das quais Sechehaye não chega a ser capaz de decifrar a sequência lógica.⁷³ (SOFIA, 2015, p. LXVI)

Por fim, na aula do dia 16 de junho de 1911, temos mais uma abordagem sobre a fala que é preciso considerar, uma vez que coloca em questão a preeminência do estudo linguístico.

A linguística está diante de uma encruzilhada muito difícil. (A primeira encruzilhada: devemos estudar a língua ou a fala?). Devemos estudar fatos sincrônicos da língua ou fatos diacrônicos (?) (Com efeito, são duas disciplinas). Você não pode misturar os dois caminhos. Este é o lugar para acrescentar, já que na primeira encruzilhada se trata da escolha entre língua e fala, que tudo o que é diacrônico <na língua> é iniciado pela fala. O rudimento de toda mudança na língua só chega através da fala. Qualquer tipo de mudança tentado por um certo número de indivíduos, <(tubo de ensaio)>. Eles não serão fatos linguísticos somente quando forem aceitos pela coletividade. Enquanto estiverem na fala, eles não contam (a fala sendo individual). Quando a mudança é feita na língua, nós vamos estudar isso. Mas as mudanças sempre começam com fatos de fala.⁷⁴ (SAUSSURE, 1993[1911], p. 118).

⁷³ Tradução nossa de: "Ces chapitres additionnés, lesquels figuraient naturellement à la fin des cahiers des étudiants, ont été restitués par Sechehaye, dans la mesure du possible, à leur emplacement naturel: là où Saussure l'avait indiqué. Ce faisant, Sechehaye optait pour un éloignement de l'organisation qu'il trouvait de fait dans les notes qu'il consultait, pour essayer de reconstituer (déjà) l'enchaînement logique des arguments. Or, hélas, l'entreprise n'allait pas du tout de soi, et elle n'a pas été accomplie sans difficulté. On trouve dans le manuscrit des traces des problèmes rencontrés par Sechehaye lors de cette opération, principalement à partir de la page 286, où commence un fragment rédigé à partir des notes qui «appartiennent] à la reprise du cours» dont Sechehaye n'arrive pas tout à fait à déchiffrer l'enchaînement logique."

⁷⁴ Tradução nossa de: "La linguistique se trouve devant son second carrefour. (Le premier carrefour: doit-on étudier la langue ou la parole?) Doit-on étudier les faits synchroniques de la langue ou les faits diachroniques(?) (En effet, ce sont deux disciplines). On ne peut mélanger les deux voies. C'est le lieu d'ajouter, puisque dans le premier carrefour il s'agissait du choix entre langue et parole, que tout ce qui est diachronique <dans la langue> naît par la parole. Le rudiment de tout changement dans la langue n'y arrive que par la parole. Toute espèce de changement est essayé par un certain nombre d'individus «des ballons d'essai». Ils ne seront faits linguistiques que quand ils seront devenus acceptés par la collectivité. Tant qu'ils sont dans la parole, ils ne comptent pas (1^a parole étant individuelle). Quand le changement sera fait langue, nous l'étudions. Mais les changements commencent toujours par des faits de parole."

Um ponto importante a ser refletido, é que em sua última aula, Saussure ainda se questionava sobre os rumos a serem seguidos na Linguística: devemos dedicar-nos à língua ou à fala, devemos ainda estudar os fatos sincrônicos ou diacrônicos? Tendo em vista a imprecisão em torno dessas questões, para ele, era necessário separar os dois caminhos, um que levaria à língua e outro que levaria à fala. Ainda, notamos como a fala é considerada por Saussure: não se trata de excluí-la dos interesses da Linguística, mas de estudá-la em um outro domínio, uma vez que, para ele, a fala pertence a outra esfera da linguagem.

Qual deveria ser a forma da Linguística[?]. Toda evolução, todo fato evolutivo na língua começa com um fato da fala. Entende-se que isso permanece fora do fio dos estudos relativos à língua. A causa dos fatos evolutivos da língua reside nos fatos da fala. Nas diferentes esferas, a distinguir, vemos que há fatos homólogos que respondem entre si. Mas, para isso, não devemos confundir as próprias esferas. Mas, ao mesmo tempo, veremos que os fatos da fala, em que é ensaiada uma inovação, são sempre individualizados. Porque algumas pessoas começaram a dizer *ich war* <por analogia>. Foi apenas um fato de fala e não um fato de língua, contanto que houvesse apenas alguns indivíduos que o fizessem. Portanto, a seguinte confusão não precisa ser temida. <(Não entramos na esfera da fala que descartamos)>.”⁷⁵

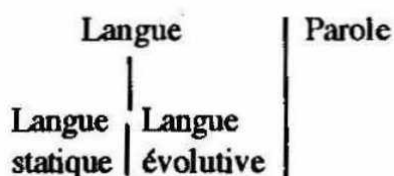


Figura 10. *Langue e parole*. (Saussure, 1993[1911], p. 119).

Nesse sentido, as questões da fala parecem colocar-se sempre a Saussure, que é categórico em reconhecer que a evolução da língua sempre começa em um ato de fala, como o

⁷⁵ Tradução nossa de: “Quelle doit être la forme de la linguistique[?] Toute évolution, tout fait évolutif dans la langue commence par un fait de parole. Il est entendu que ceci reste en dehors du fil des études relatives à la langue. La cause des faits évolutifs de langue git dans les faits de parole. Dans les différentes sphères à distinguer on constate qu'il y a des faits homologues qui se répondent de l'une à l'autre. Mais il ne faut pas pour cela confondre les sphères elles-mêmes. Mais au même moment, on verra que les faits de parole où l'on essaie une innovation sont toujours individuels. Pourquoi arrive-t-on en allemand à dire: *ich war* - *wir waren* au lieu de *ich was* - *wir waren* «comme ell> anglais *I was*: *we were*)[?] Parce que quelques individus ont commencé à dire *ich war* <par analogie>. Ce ne fut qu'un fait de parole et pas un fait de langue tant qu'il n'y eut que quelques individus qui le lirent. Ainsi la confusion suivante n'est pas à craindre. «Nous ne rentrons pas dans la sphère parole que nous avons écartée.»”

é com a analogia. No entanto, parece certo de que esse fato não é o essencial no estudo da língua. É preciso não confundir as duas esferas da linguagem. Quanto ao trecho citado acima, destacamos o acréscimo feito por Constantin ao final dela, que escreve que não retornaram à esfera da fala que haviam descartado, em acordo com o que já havíamos pontuado sobre as aulas do tema faculdade e exercício da linguagem que não chegaram a acontecer.

No terceiro curso, as lições, como já esperávamos, assemelham-se ao CLG. Os editores afirmam, no prefácio, que a base do CLG estava no terceiro curso. Isso é notado por nós após uma leitura do CLG e, posteriormente, uma leitura dos cadernos dos alunos, ou mais precisamente, a edição dos cadernos dos alunos.

3.6 O movimento de elaboração teórica em torno da fala

Ao longo deste capítulo, buscamos compreender como a questão da fala foi tratada nos três cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra. Para termos uma dimensão dessa abordagem não só didática, mas também teórica, uma vez que Saussure formulava seu pensamento ao longo de suas aulas, optamos por analisar alguns dos cadernos dos alunos que participaram dos cursos.

Em análise aos cadernos do primeiro curso, verificamos que, nesse contexto, a língua e a fala são compreendidas como dois aspectos do mesmo fato social, a linguagem, e que ambas são suscetíveis de serem observados no indivíduo. A fala é uma atividade social que só pode ser observada em atos individuais, por exemplo, através de uma interação social. Já a língua existe na mente de cada indivíduo, como um depósito, um tesouro, ou seja, de forma individual.

Ainda nesse curso, vimos como a questão da fala surge no tratamento da analogia. É ao observar o fenômeno analógico que Saussure ensaia a distinção entre a língua e a fala, mostrando que a língua é a consagração do que foi ensaiado na fala.

Uma análise das anotações do segundo curso mostra-nos que o mestre afirma que, para compreender a língua, primeiro precisamos compreender a fala. Em comparação com o primeiro curso, observamos um movimento na construção conceitual de Saussure, uma vez que, para ele, no primeiro curso, a atividade de comunicação era constituída pela “esfera exterior da fala”, que era a parte mais social. No segundo curso: “ele a vê como ‘a esfera em que a língua vive’ e que contém a ‘língua individual’ (a fala) e a ‘língua social’”. A fala, portanto,

ocupa apenas uma parte da esfera em que a língua vive, precisamente aquela que não é ocupada pela língua.”⁷⁶(GODEL, 1969, [1957], p. 151).

Também é importante lembrar que, no SCLG, apesar da palavra *parole* aparecer poucas vezes em relação ao PCLG, é nele que Riedlinger compreende que há uma efetiva definição da língua e da fala. Ademais, em relação às noções, destacamos que a palavra *discurso* aparece com mais frequência nas aulas de 1907 e 1908. Já no TCLG ela não aparece mais, o que, de acordo com Turpin, ocorre devido a uma questão de legitimidade teórica.

O termo discurso marca, portanto, que a fala pode ser social - e não é por acaso que este termo também é usado neste sentido nos Cursos I e II, quando Saussure insiste no lado social do ato de fala - introduzindo uma dialética entre o indivíduo e massa social, que fundamenta a consideração da “pragmática” linguística. No Curso III, a língua recupera esse aspecto social, ao mesmo tempo que esse uso do discurso desaparece - sem dúvida por uma questão de legitimidade teórica. (TURPIN, 1995-1996, p. 263)

Em análise ao terceiro curso, verificamos que a distinção entre língua e fala foi por vezes revisitada e aprofundada, porque procuravam delimitar os limites conceituais e terminológicos, mostrando-nos um movimento em torno da fala nesse contexto didático.

Ademais, a partir da leitura da edição dos cadernos dos alunos, com o objetivo de acompanhar o movimento de elaboração teórica em torno da fala, percebemos que a posição de Saussure sobre a fala passou por momentos distintos, o que é compreensível no contexto didático e momento de formação teórica em que o genebrino se encontrava durante as aulas de 1907 a 1911. Nesse sentido, a partir dessa leitura de forma aproximada da cronológica, concordamos com Coelho e Henriques (2014), que afirmam que a fala ocupa um papel central na teoria saussuriana, tendo em vista que ela é o mecanismo que permite as mudanças ocorridas na língua e o contato desta com elementos extralinguísticos. Essa reflexão vai de encontro a nossa hipótese de que a conceituação de fala ocorre a partir de uma teia entre vários conceitos.

Nas palavras de Flores (2016), é importante perceber a diferença entre *corpus saussuriano* e *corpus de pesquisa*⁷⁷. Assim, após a leitura do CLG e da edição dos cadernos

⁷⁶ Tradução nossa de: “Et la sphère extérieure, des lors, n’est pas proprement celle de la parole, puisqu’elle enveloppe la ‘sphere intérieure de la langue’. La parole n’occupe donc qu’une partie de la sphère où la langue vit, celle précisément qui n’est pas occupée par la langue.” (Godel, 1969, [1957], p. 151)

dos alunos, que nos remetem ao *corpus saussuriano*, partiremos para uma leitura dos inventários críticos, a saber: o *corpus de pesquisa*.

⁷⁷ Para Flores (2016), o *corpus saussuriano* é constituído pelo conjunto de documentos que são de natureza heterogênea. Já o *corpus de pesquisa* é o recorte que se faz do conjunto do *corpus saussuriano*, tendo em vista os objetivos específicos da pesquisa.

Capítulo 4 A fala segundo o inventário crítico do Curso de Linguística Geral

4.1 Introdução

Uma das grandes questões acerca do CLG advém do modo da publicação dessa obra: além de ser uma publicação póstuma, trata-se, como se sabe, de um livro que não foi efetivamente escrito por aquele que é reconhecido como seu autor.

A respeito da natureza da edição do CLG, apresentado no capítulo anterior, Normand chama a atenção para a estranheza e embaraço que ela causa em certos leitores:

Trata-se de um texto bem estranho, que suscita o embaraço de todos aqueles que se preocupam com a exatidão de um manuscrito e a autenticidade de um pensamento. Com efeito, o que se reúne sob o título *Curso de Linguística Geral* é apenas um esboço de um curso, ou, mais precisamente, de três cursos, discursos preciosamente recolhidos, anotados e transmitidos até nossos dias pelos cuidados dos discípulos e amigos de Saussure; mais que um texto póstumo, deveríamos falar de “discursos” póstumos, eco refratado em vários cadernos de notas de uma voz que, ao que parece, fascinava os auditórios. A decisão corajosa, segundo seus próprios termos, e, aos olhos de muitos, aventureira, dos editores de 1916 foi a de reconstruir um curso que, como tal, nunca foi dado. (NORMAND, 2009[2000], p. 20)

Um primeiro aspecto que podemos destacar é a preocupação com a exatidão e a autenticidade do pensamento saussuriano transmitido pela edição do CLG, pois é preciso considerar que o livro é uma reunião dos três cursos ministrados por Saussure. Do ponto de vista da autora, esse é um texto que o mestre não escreveu e do qual a história da Linguística, ou o pensamento moderno, apropriou-se, tornando-o uma referência.

Seguindo nessa mesma direção, a problemática da edição também é analisada por Silveira (2007), que ressalta a potência que o CLG teve na Linguística do século XX, mas, ao mesmo tempo, aponta o declínio:

Embora o CLG pareça ter tido o seu apogeu no momento em que a teorização de Saussure alcançou o seu reconhecimento na Linguística e influenciou outras teorias como a Antropologia e a Psicanálise, nas décadas de 1950, 1960 e até mesmo 1970, também podemos dizer que logrou o seu declínio, a partir da década de 1970, quando a crítica ao Estruturalismo – e, consequentemente, ao seu fundador Saussure, conhecido através do CLG – incidiu sobre as chamadas exclusões saussurianas. A saber: a exclusão do referente, da história e do sujeito falante. (SILVEIRA, 2007, p. 21)

Em estudo das marcas de Ferdinand de Saussure na fundação da Linguística moderna, Silveira destaca, no trecho acima, que a potência do CLG está na mudança que a separação saussuriana entre a língua, a linguagem e a fala acarreta na Linguística. Segundo a autora, essa força “redimensionou o saber sobre a língua” (SILVEIRA, 2007, p. 20). Segundo o que se pode depreender do pensamento de Silveira (2007), as problemáticas da constituição da edição e das exclusões saussurianas constituem elementos importantes que fazem emergir, então, a necessidade de edições críticas.

Devemos ainda considerar que os linguistas que se dedicaram ao CLG não desconheciam a existência de questões que demandavam, por exemplo, edições críticas como fizeram Engler, Godel e De Mauro. Entreviam os especialistas uma “fissura” no CLG e naquilo que se buscava apresentar como “todo orgânico”. (SILVEIRA, 2007, p. 25)

Em sua reflexão, Silveira aponta a possibilidade de uma “fissura” no CLG, provocada possivelmente pelo processo editorial e que representa, para alguns leitores, a grande problemática desse texto. É nessa fissura que emerge, segundo a autora, a necessidade de edições críticas, que foram elaboradas por Godel, Engler e De Mauro.

Partindo dessa mesma problemática, Salum, no prefácio à edição brasileira, verifica uma espécie de insatisfação que, apesar do reconhecido trabalho dos editores, demandará uma edição crítica.

Mas foi a publicação de todos esses documentos - especialmente a de *Les sources manuscrites* - que acentuou o sentimento da necessidade duma edição crítica do *Cours*. Aliás, o *Préface* de Ch. Bally e A. Sechehaye denuncia uma espécie de insatisfação com a edição, tal qual a fizeram, mas que era o

modo mais sensato de editar anotações de aula. E nós ainda hoje devemos ser-lhes gratos. Apesar de tudo, porém, era desejável uma edição crítica. (SALUM, 2012[1970], p. 18-19)

Pelos excertos acima, Silveira e Salum parecem concordar com o fato de que são as fissuras ou a insatisfação com a edição que demandaram trabalhos auxiliares para a compreensão do pensamento saussuriano. De sua parte Silveira cita, então, os trabalhos de Godel, Engler e De Mauro como edições dessa natureza. Por sua vez, Salum argumenta que a publicação de *Les sources manuscrites* de Godel foi o que deu o pontapé para a necessidade de edições críticas, apesar do bom trabalho dos editores ao publicar o curso.

Mas essa renovação de interesse no *Cours de linguistique générale* especialmente a partir da década de 50 - que é quando se aceleram as edições e traduções, é quando Robert Godel começa a aprofundar a crítica de fontes - é a garantia de que, ainda que novas soluções se ofereçam para as oposições saussurianas, Saussure está longe de vir a ser superado. (...) A edição a ser oferecida a um público mais amplo só pode ser a que consagrou a obra: a edição crítica, de leitura pesada, será obra de consulta de grande utilidade para os especialistas e para os mais aficionados (SALUM, 2012, p.19 - 20)

Para Salum, é destacável a importância da edição de 1916 na consagração das ideias saussurianas. A edição crítica terá grande utilidade, apenas para os especialistas, pois é através dela que se pode fazer uma leitura mais aprofundada das fontes do pensamento saussuriano.

Outro autor, que objetiva ressaltar a importância do trabalho das edições críticas do CLG, é Benveniste que, em seu texto “Saussure após meio século”, afirma a necessidade de um inventário crítico para compreensão da influência de Saussure na Linguística.

Vemos hoje Ferdinand de Saussure de maneira totalmente diferente da dos seus contemporâneos. Toda uma arte dele mesmo, sem dúvida a mais importante, não foi conhecida senão após a sua morte. A ciência da linguagem foi pouco a pouco transformada por sua causa. O que foi que Saussure trouxe à Linguística do seu tempo, e que agiu sobre a nossa? Para responder a essa questão, poder-se-ia ir de cada um dos seus escritos ao seguinte, analisar, comparar, discutir. Semelhante inventário crítico seria,

sem dúvida, necessário. O belo e importante trabalho de Godel contribui, já, amplamente para isso. (BENVENISTE, 2005, p. 34)

O autor nos mostra a importância da publicação do CLG para ciência da linguagem, para pensar que o que Saussure trouxe a seu tempo influenciou a Linguística dos tempos futuros. Ele visa, sobretudo, expor a contribuição do trabalho de Godel, destacando, uma vez mais, a importância de investigações críticas dos documentos saussurianos.

Chamamos atenção para o termo “inventário crítico”, utilizado pelo autor no trecho em destaque, para caracterizar o trabalho de análise, de comparação e de discussão dos escritos saussurianos que, a nosso ver, também se estende, em diferentes pesquisas, a outros materiais, como o CLG e os cadernos dos alunos.

Explorando a complexidade dessa discussão, Marques (2021) defende que a edição do CLG pode ser lida por uma vista desarmada, isto é, o texto por si só, e por uma vista armada, isto é, fazendo uso dos diferentes aparelhos críticos que nos permitem observar os pormenores editoriais do texto póstumo. Nas palavras da pesquisadora brasileira:

A leitura [do CLG], pela vista armada ou ampliada, pode ser definida como aquela que faz uso auxiliar dos aparelhos críticos que, ao longo do primeiro centenário de publicação do CLG, foram constituindo a fortuna crítica saussuriana. Tais aparelhos possibilitam-nos enxergar, no âmbito mais restrito que circunda a edição do CLG, seus pormenores editoriais, isto é, as fontes utilizadas pelos editores, o modo como elas foram recortadas e organizadas no livro póstumo, as formulações que são próprias de Bally e Sechehaye e que se distinguem daquelas formuladas pelo próprio Saussure, dentre outros aspectos. (MARQUES, 2021, p. 86).

Estudos dessa natureza, como vimos nas reflexões de Normand, Silveira, Salum e mesmo na de Benveniste, já foram realizados ao longo dos mais de um século da publicação de 1916. É consenso entre os autores o papel inaugural do trabalho de Godel, que, embora afirme que seu estudo não se trate de uma edição crítica, por muitas vezes, é assim considerado, como, por exemplo, faz Silveira (2007).

Como acontece com *Les sources manuscrites*, outros materiais que compõem a fortuna saussuriana, embora não possam ser definidos como edições críticas, são também aparelhos críticos. É exemplo o livro *Lexique de la terminologie saussurienne*, publicado por Engler,

que reúne os principais termos, apresentando um levantamento aprofundado em torno de cada um deles nos materiais saussurianos, a saber, o CLG, diferentes escritos e cadernos de alunos.

Neste capítulo, propomos um estudo da fala, em diferentes materiais, que compõem o inventário crítico saussuriano, termo utilizado por Benveniste e que, para nós, engloba as edições críticas, mas pode englobar ainda materiais distintos de análise do pensamento saussuriano. Dessa forma, realizaremos um estudo para além das três edições críticas do CLG, a saber: a de Robert Godel publicado em 1957, “*Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*”, tendo em vista seu papel inaugural na gênese saussuriana; a organizada e publicada por Rudolf Engler Tomo I da *Édition Critique du Cours de Linguistique Générale*, publicada em 1967; a *Édition Critique du Cours de Linguistique Générale* de Túlio de Mauro publicada em 1968; também um estudo do *Lexique* elaborado também por Rudolf Engler, importante ferramenta para os estudiosos da teoria linguística de Saussure, o que nos leva ao objetivo central desta tese, a saber: compreender como a fala opera na Linguística saussuriana. Nesse material, exploraremos termos e conceitos que se relacionam à fala, buscando elementos que se relacionam em forma de uma teia conceitual.

Acreditamos que tais materiais, com organização distinta, mas de natureza crítica similar, podem dar-nos um panorama diferente daquele encontrado no CLG. Isso porque uma das razões comumente apontadas para a necessidade de materiais críticos são os limites do CLG quanto a conceitos fundamentais, especialmente, o de fala. Perguntamo-nos, então, de que maneira os inventários críticos dão-nos mais direções na compreensão do estudo saussuriano a respeito da fala?

Assim, tendo em vista que a questão da exclusão da fala, problematizada por nós neste estudo, é colocada principalmente a partir da leitura do CLG, perguntamo-nos quais são as contribuições dos inventários críticos, cuja necessidade é destacada pelos autores anteriormente mencionados. A partir do trabalho que os críticos se propõem a fazer, interessa-nos saber qual é o lugar da fala no inventário crítico selecionado, tendo em vista que, na edição do CLG, ele é comumente tido como o lugar do excluído.

Em nossa abordagem das edições, priorizamos, então, os momentos que trazem aspectos relacionados à fala, uma vez que nos interessa saber de que modo esses trabalhos são capazes de encaminhar o embaraço, de que trata Normand, a fissura, de que trata Silveira, e a insatisfação, de que trata Salum, exemplificadas pelas exclusões saussurianas, dentre elas, a fala, nosso objeto de reflexão nesta investigação.

4.2 *Les sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale* de Robert Godel

Como vimos anteriormente, o trabalho de Robert Godel (1902- 1984) é reconhecido entre os estudiosos da produção saussuriana como uma primeira iniciativa de estudo crítico da edição do CLG, embora o autor não denomine seu trabalho como edição crítica. Trata-se de sua tese de doutorado, posteriormente, publicada em forma de livro, em 1957, e cujo título é *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. A respeito do tema de sua tese, Godel afirma, em uma entrevista, que:

Eu me perguntava sobre que tema eu poderia fazer uma tese. Um assunto de latim, de literatura latina acima de tudo, este não era da minha competência! Felizmente - e novamente tive sorte - foi Frei quem me entregou o bastão. Encontrei a carta: é uma carta de 1949 - então eu ainda não estava inteirado do Curso - mas Frei me disse que havia examinado os manuscritos saussurianos que estavam na Biblioteca e cadernos de alunos; ele havia notado que a terminologia de Saussure tinha variado: havia termos que só apareciam a partir do terceiro curso. Ele teve a ideia de publicar algo sobre isso, e depois teve outros assuntos em mente, acredito. Então, nesta carta, ele me disse: você não gostaria de se comprometer a fazer essa pesquisa sobre terminologia saussuriana, sobre variações, sobre o desenvolvimento da terminologia saussuriana? .⁷⁸ (GODEL *apud* AMACKER, 1984, p. 13)

No interessante depoimento de Godel, temos uma ideia de como foi a sua decisão sobre a pesquisa. Nota-se que, somente a partir de uma conversa com Frei, ele atentou-se para a extensa e complexa produção de Saussure. O que chama a atenção de Godel são as “alterações terminológicas”, as quais, como demonstramos no capítulo três em análise aos cadernos dos alunos de Saussure sobre a relação do movimento de elaboração teórica a respeito da fala, essa questão se torna especialmente relevante.

⁷⁸ Tradução nossa de: “Je me demandais sur quoi je pourrais bien faire une thèse. Un sujet de latin, de littérature latine surtout, ce n'était pas du tout mon affaire! Heureusement - et là encore j'ai eu de la chance - c'est Frei qui m'a tendu la perche. J'ai retrouvé la lettre: c'est une lettre de 1949 —je n'étais donc pas encore chargé de cours - mais Frei me disait qu'il avait examiné les manuscrits saussuriens qui étaient à la Bibliothèque, les cahiers d'étudiants; il avait constaté que la terminologie de Saussure avait varié: il y avait des termes qui n'apparaissaient qu'à partir du troisième cours. Il avait eu l'idée de publier quelque chose là-dessus, et puis il avait eu d'autres sujets en tête, je crois. Alors dans cette lettre il me dit: est-ce que vous ne voudriez pas vous charger de faire cette recherche sur la terminologie saussurienne, sur les variations, sur le développement de la terminologie de Saussure?”

Para tanto, antes de efetuarmos tal proposta, qual seja: a busca pela elaboração de fala e verificar como ela é relatada por esse autor em sua pesquisa, atemo-nos, primeiramente, a compreender de que forma o autor organizou sua edição. Ela é composta por quatro capítulos, que se dividem da seguinte forma: Capítulo I – O lugar da Linguística Geral na vida de Saussure; Capítulo II – Análise das fontes manuscritas; Capítulo III – O trabalho dos editores; e Capítulo IV – Problemas de interpretação.

No capítulo I, Godel faz uma análise da Linguística Geral na teorização de Saussure. Sabemos que, quando Saussure morreu, suas publicações giravam em torno da sua dissertação de mestrado *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, publicada em 1878. A Linguística Geral de Saussure só foi apresentada ao grande público após sua morte com a publicação do CLG. É nesse sentido que Godel buscará, nesse capítulo, apresentar qual o lugar da Linguística Geral na obra de Saussure.

Comparando as datas do *Mémoire* e do *Cours*, somos tentados a pensar que uma evolução bastante natural, adicionada às circunstâncias, levou Saussure da Gramática Comparada à teoria da linguagem, e que o *Curso de Linguística Geral* é o ponto culminante da pesquisa iniciada e perseguida, pela primeira vez, em um domínio mais particular. A questão merece ser examinada: que lugar, exatamente, teve a Linguística Geral na carreira e na atividade científica de F. de Saussure?⁷⁹ (GODEL, 1969[1957], p. 24)⁷⁹

Diversos estudos das fontes manuscritas de Saussure, dentre os quais destacamos o de Silveira (2007), apontam para um processo de elaboração da teoria saussuriana⁸⁰ e de seus conceitos. É nesse mesmo sentido, ao que nos parece, que Godel informa aos leitores que a passagem da Gramática Comparada à teoria da linguagem também não ocorreu de forma súbita ou repentina, por isso, nesse capítulo, ele buscou demonstrar essa mudança de perspectiva de Saussure. Essa demonstração se dá de forma ampla, visto que Godel, ainda, não adentra

⁷⁹ Tradução nossa de: “Comparer les dates du *Mémoire* et du *Cours*, on est tenté de penser qu’une évolution assez naturelle, aidée par les circonstances, a mené Saussure de la grammaire comparative à la théorie du langage, et que le *Cours* de linguistique générale est l’aboutissement ultime de recherches commencées et d’abord poursuivies dans un domaine plus particulier. La question mérite examen: quelle place a tenue, au juste, la linguistique générale dans la carrière et l’activité scientifique de F. de Saussure?”

⁸⁰ Nas aulas de Silveira, a professora sempre menciona que, às vezes, as pessoas compreendem que Saussure fundou uma teoria a partir do CLG. Não é bem assim; a autora defende um percurso de elaboração através do movimento. É preciso lembrar que o conjunto de manuscritos de autoria de Saussure consiste em, aproximadamente, 30 mil folhas. Esses manuscritos apresentam reflexões a respeito de diversos conteúdos, tais como, a Linguística Geral, as lendas germânicas, os anagramas, além de englobarem também cartas trocadas por Saussure com seus colegas, bem como outros temas.

aspectos específicos da teoria de Saussure nesse capítulo, inclusive margeando a questão da fala, trazendo um panorama dos diversos estudos feitos por Saussure.

No capítulo II, o autor apresenta alguns manuscritos de que ele se valerá com seu objetivo proposto, a saber: buscar, nas fontes manuscritas, as partes que deram origem ao CLG. O autor se deterá, então, em manuscritos do próprio Saussure, como cartas e anotações, além dos cadernos dos alunos.

Quanto à fala, especificamente, é preciso destacar, nesse segundo capítulo do trabalho de Godel, suas anotações sobre o manuscrito *Trois premières conférences à l'Université [de Genève] (novembre N1.1 1891)*.

(...) Devemos primeiro distinguir *a língua na história* e *a história da língua*; mas, além disso, para que uma ciência seja uma ciência histórica, seu objeto deve representar os *atos humanos*, regulados pela vontade e pela inteligência, e que interessam à comunidade. É o caso da Linguística, desde que distingamos graus de vontade (consciente ou inconsciente): *o ato linguístico é o menos pensado, o menos premeditado, o mais impessoal de todos. Mas há apenas uma diferença de grau.*⁸¹ (GODEL, 1969[1957], p. 38, grifos do autor)

Partindo desse excerto, verificamos que, já em 1891, Saussure trazia aspectos do que mais tarde seria colocado nos cursos de 1907 a 1911. O mestre reforça a importância inicial de distinguir-se a língua na história e a história da língua. Essa discussão pode ser relacionada às características dadas à fala no CLG. Como vimos no capítulo 2, no texto de 1916, Saussure afirma que a fala é um ato individual de vontade e inteligência (SAUSSURE, 2012[1970], p. 45). Essa definição dialoga com o texto analisado por Godel ao denominar o “ato”, como é feito no CLG, e caracterizá-lo como sendo de vontade e inteligência.

No contexto analisado por Godel, o objetivo de Saussure é o de caracterizar a ciência Linguística como histórica. É, nesse sentido, que os atos humanos e, mais especificamente, os atos linguísticos são referidos pelo autor. É sob tais atos linguísticos, caracterizados por ele como sendo de vontade e de inteligência, que a ciência Linguística se fundaria. De outra maneira, no CLG, Saussure procurará mostrar que a Linguística da língua não pode fundar-se sob esses atos, sendo necessário, portanto, uma Linguística da fala.

⁸¹ Tradução nossa de: “[...] Il faut d’abord distinguer *la langue dans l’histoire* et *l’histoire de la langue*; mais en outre, pour qu’une science soit une science historique, il faut que son objet représente des *acts humains*, réglés par la volonté et l’intelligence, et qui intéressent la collectivité. C’est le cas de la linguistique, pourvu qu’on distingue des degrés de la volonté (consciente ou inconsciente): *l’acte linguistique est le moins réfléchi, le moins prémédité, le plus impersonnel de tous. Mais il n’y a là qu’une différence de degré.*”

É nesse mesmo contexto das Três Conferências que Saussure apresentará a fala como a fonte da analogia e mudanças linguísticas. Saussure afirma que a fala humana se transmite de forma ininterrupta, mesmo que aconteça a mudança na língua. Essa mudança ocorre na mudança fonética e na mudança analógica:

A primeira depende do lado fisiológico e físico da fala, a segunda, do lado fisiológico e mental do mesmo ato: a primeira é inconsciente, a segunda, consciente (sem esquecer que se trata de graus de consciência), portanto, o mais elevado está ainda na inconsciência pura, comparado ao *grau de reflexão que acompanha a maior parte dos atos*.⁸² (GODEL, 1969[1957], p. 38)

Ainda nesse capítulo, Godel retoma as aulas do mestre genebrino de forma cronológica, a partir das anotações dos alunos. Para sua análise, o autor utilizou dos cadernos de Riedlinger. A proposta do autor não foi uma reconstrução de todas as aulas ministradas por Saussure, e sim deter-se nos assuntos a que ele se dispôs a fazer uma análise, a saber: a Linguística Geral e a Linguística Estática. A respeito da escolha dos cadernos, é importante salientar que, em nossa análise dos cadernos dos alunos, realizada no capítulo 3 deste trabalho, não nos valem os cadernos do aluno Dégallier, tal qual o fez Godel. Nossa escolha para essa análise recaiu sobre os cadernos dos alunos Riedlinger para o primeiro e segundo curso; Patois para o segundo curso e, por fim, Constantin para o terceiro curso.

Em relação ao terceiro curso, segundo o que se acompanha, então, na edição crítica de Godel, a aula inaugurada em 28 de outubro de 1910, inicia-se com o título: “*Histoire de l’étude du langage*”. Nesse curso, Saussure informa que serão apresentados os seguintes temas: *Les langues*, *La langue* e *La faculté et l’exercice du langage chez les individus*. Nessa aula, ele retoma termos já apresentados nos outros dois cursos, dentre eles, o de língua e de fala.

Lugar da língua nas várias esferas da linguagem. Deve-se considerar 1) o circuito de fala; 2) o fato social. A língua corresponde, na parte psíquica do circuito, à parte receptiva e coordenativa: é ela que constitui, em diferentes indivíduos, um depósito que consegue ser substancialmente consciente. (...) 2. Lugar da língua nos fatos humanos. Semiologia, estudo da vida dos signos na Sociedade. A língua é um ramo particular dela, o mais importante. Sem

⁸² Tradução nossa de: “le premier dépend du côté physiologique et physique de la parole, le second, du côté physiologique et mental du même acte: le premier est inconscient, le second conscient (sans oublier qu’il s’agit de degrés de conscience dont le plus élevé est encore dans l’inconscience pure, comparé au *degré de réflexion qui accompagne la plupart de nos actes*.”

dúvida, ela é conhecida somente pela fala, e de fato é pela fala que se institui a língua. (DÉGALLIER *apud* GODEL, 1969 [1957], p. 82)⁸³.

Podemos ler, na parte extraída do caderno de Dégallier, a relação apresentada por Saussure entre a língua e a fala. De fato, para que possamos compreender o que é a língua, precisamos da fala e, para compreendermos a fala, precisamos da língua. É nesse sentido que, além das relações, há ainda uma interdependência entre elas. Dito de outra maneira: para chegar-se à língua, é necessário a fala de forma direta ou indireta, ou seja, tudo que temos na língua primeiro teve que passar pela fala. De toda forma, a fala também não seria possível sem a língua, pois somente ela pode fornecer elementos necessários para compor a fala.

Notamos ainda mais algumas inserções do caderno de Dégallier apresentadas por Godel e que nos remetem ao lugar que a fala ocupa nos estudos saussurianos. No entanto, não há diferença significativa da apresentada por nós nos cadernos dos alunos de Riedlinger, Patois e Constantin. O que percebemos é uma confirmação feita por nós: tanto a insistência de Saussure em separar a língua e a fala e, ao mesmo tempo, mostrar a ligação entre elas. A língua existe no coletivo, e um signo só fará parte da língua a partir do momento que recebe uma aprovação do coletivo, no entanto, os atos da fala são individuais e momentâneos.

Dessa forma, é importante ressaltar que, apesar dessa insistência em demonstrar a relação entre elas, Saussure é enfático ao afirmar que são duas “coisas” diferentes e que devem ser separadas para compreender o todo. Assim, Saussure afirma que devemos ter duas Linguísticas: uma Linguística da língua e uma Linguística da fala.

No capítulo III, Godel apresenta o trabalho dos editores. Apesar de, no prefácio, o autor afirmar que concorda com a publicação do CLG e que, naquele momento, era o melhor a fazer-se com os materiais que tinham em mãos, durante esse capítulo, percebemos um tom bastante hostil em relação à forma com que Bally e Sechehaye conduziram seus trabalhos para chegar à publicação. Como não há inserções específicas sobre a questão da fala nesse capítulo, passaremos a pesquisa adiante.

Por fim, no capítulo IV, Godel trata dos problemas de interpretação. Ele atribuiu as dificuldades de interpretação dessa divisão à apresentação oral das aulas. Assim, as anotações,

⁸³ Tradução nossa de: “2. Place de la langue dans les faits humains. La sémiologie, étude de la vie des signes dans la Société. La langue en est une branche particulière, la plus importante. Sans doute, elle n’est connue que par la parole, et il faut la parole pour que s’institue la langue. (...) Place de la langue dans les diverses sphères du langage. Il faut considérer 1) le circuit de la parole; 2) le fait social. La langue correspond, dans la partie psychique du circuit, à la partie réceptive et coordinative: c’est cela qui constitue, chez les différents individus, un dépôt qui arrive à être sensiblement conscient.”

por mais completas que fossem, só poderiam ser analisadas de uma forma aproximada e, ao comparar as diferentes versões da distinção que são retratadas nos cadernos, conclui que certas passagens do CLG nem sempre são esclarecidas.

Em sua análise, o autor verifica que a busca pela terminologia e pela conceituação de fala é anterior aos cursos de Linguística Geral. Ainda nas Conferências de 1891, a palavra “fala” aparece duas vezes: em um primeiro momento, quando Saussure afirma que, mesmo que o exercício da fala seja uma função natural do homem, ela só seria uma função acessível quando estivesse ao lado da língua, e, complementa, ao lado das línguas existentes. A partir dessa análise que Godel faz da Conferência em 1891, verificamos que, mesmo de forma ainda introdutória, Saussure faz referência ao par língua e fala.

A fala é mencionada apenas duas vezes, nas conferências de 1891: “mesmo supondo que o exercício da fala constitua uma função natural no homem [...], ainda assim seria absolutamente necessário sustentar que essa função só é acessível à ciência pelo lado da língua - ao lado das línguas existentes.”⁸⁴ (GODEL, 1969, [1957], p. 142)

Com essa declaração, Godel relata que, nas notas anteriores aos cursos, os termos linguagem, língua e fala eram usadas conforme o uso comum, ou seja, não havia uma distinção científica sobre esses conceitos. No início do segundo curso, ainda é possível verificar as alterações entre esses termos de forma concorrente.

Isso porque o pensamento de Saussure concentrou-se no fato social: a língua ou linguagem, propriedade de toda comunidade humana, comparável até certo ponto a (usos e costumes) (E 6). É apenas por esse meio, como ele diz, (N 1.1, p. 11), que a linguagem é abordada pela ciência.⁸⁵ (GODEL, 1969, [1957], p. 143)

No segundo momento em que Saussure refere-se a “parole”, é em relação à “mudança fonética” e “mudança analógica”; a mudança fonética depende do lado psicológico e psíquico da fala e a mudança analógica do lado psicológico e mental. Godel compreende que,

⁸⁴ Tradução nossa de: “De la parole, il n’est question que deux fois, dans les conférences de 1891: “a supposer même que l’exercice de la parole constituât chez l’homme une fonction naturelle [...], il faudrait encore absolument soutenir que cette fonction n’est abordable pour la science que par le côté de la langue- par le côté des langues existantes”

⁸⁵ Tradução nossa de: “C’est que la réflexion de Saussure s’est concentrée sur le fait social: la langue ou le langage, propriété de toute communauté humaine, comparable jusqu’à un certain point aux (us et coutumes > (N 6). C’est par là seulement, comme il le dit (N 1.1, p. 11), que le langage est abordable pour la science.”

apesar das menções à palavra “fala”, não há ainda uma ‘significação terminológica’ precisa. Além disso, ainda não há uma distinção clara entre língua e fala. No entanto, apesar de não haver uma definição, elas não estão ausentes antes dos três cursos.

Apesar de já apresentarmos, nos cadernos dos alunos, a distinção língua e fala, individual e social, presentes no primeiro e segundo cursos, achamos importante refletir sobre a posição de Godel a respeito dessa questão. Observemos, então, como ele aborda a fala nos cursos de Linguística Geral: retomando os conceitos apresentados, no primeiro curso, verificamos um ‘ancoramento da terminologia’⁸⁶ da concepção de fala enquanto um fenômeno social.

No primeiro curso do CLG, Saussure afirma o caráter social da fala. Nesse contexto, Godel reafirma que o caráter social da fala se dá no âmbito das criações analógicas.

O caráter eminente social da fala é afirmado, é verdade, em relação às criações analógicas: “*Se tudo o que se produz de novo foi criado por ocasião do discurso [...]*” Mas continua a ser verdade fora do caso particular da inovação: a consagração pelo uso de todos não é menos necessária para a manutenção das unidades e combinações recebidas que acolhem novas formações.⁸⁷(GODEL, 1969, [1957], p.146)

A partir do excerto acima, podemos notar que a consagração das criações analógicas só se realiza na esfera exterior da fala, desde que a fala seja um ato de comunicação em sua totalidade. Dito de outra maneira, os elementos novos só serão consagrados pelo uso comum, pois somente após uma fala ter sido reproduzida um número suficiente de vezes é que ela resultará em algo duradouro.

Com base no estudo realizado por Godel, há duas relações estabelecidas por Saussure entre a língua e a fala. No primeiro curso, verificamos que língua e fala são dois aspectos do mesmo fato social, a linguagem, e que ambas são suscetíveis de serem observadas no indivíduo. A fala é uma atividade social que só pode ser observada em atos individuais, por exemplo, através de uma conversa. Já língua seria a consagração do que foi ensaiado na fala e existe na mente de cada indivíduo, como um depósito, um tesouro.

⁸⁶ Problematização apresentada por Silveira, em que se busca compreender termos, tais como: “flutuação terminológica” (DE MAURO, 1986a/b [1967], p. 612), “deslizamento terminológico” (BOUQUET, 2000, p. 229) ou “deriva conceitual” (COURSIL, 2015, p. 162) (SILVEIRA, 2022, p. 76).

⁸⁷ Tradução nossa de: “Le caractère éminent social de la parole est affirmé, il est vrai, à propos des créations analogiques: “*Si tout ce qui se produit de nouveau s’est créé à l’occasion du discours [...]*” Mais il reste vrai hors d’usage particulier de l’innovation: la consécration par l’usage de tous n’est pas moins nécessaire au maintien des unités et des combinaisons reçues qu’à l’accueil de formations nouvelles.”

Godel afirma que se, no primeiro curso, Saussure precisou da fala para compreender as formações analógicas, no segundo curso, o mestre afirma que, para compreender a língua, primeiro precisamos compreender a fala. No curso II, a relação da língua e fala aparecem de forma invertida em relação ao caráter social da linguagem.

A relação entre língua e fala, como sugere o texto do curso I, é assim invertida: na língua, em relação ao lado social, considerado essencial, o lado individual aparece como secundário e, ao mesmo tempo, é este último que, na fala, torna-se o principal. Isso decorre da relação que se estabelece entre a fala e a faculdade da linguagem: a primeira é apenas o exercício, a realização da segunda, como indica esta observação, seguindo as definições: “Na fala, há uma ideia de realização do que é permitido pela convenção Social” (R 7); B anotou: “A linguagem é qualquer coisa em potencial, a fala é algo realizado”. Nessa inversão de um ponto de vista que pode parecer correto, a verdade mais aparente foi subordinada à mais oculta. Pois o caráter social da fala é auto-evidente; mas uma instituição é um fato mais profundo, mais essencialmente social do que as relações e as trocas entre os indivíduos.⁸⁸(GODEL, 1969, [1957], p. 149)

Como vê-se pelo trecho anterior, Godel insiste em sua análise na relação entre o social e o individual do par língua e a fala. Para ele, a inversão ocorre devido à relação da fala com a faculdade da linguagem, decorrente de dois fatos essenciais: o da comunicação entre os indivíduos e o da consagração social. Isso significa que, de fato, todos os membros de uma mesma comunidade usam os mesmos signos para comunicarem entre si, o que torna o circuito da comunicação um fato social.

Segundo Godel, isso indica, de certo modo, que no primeiro curso, Saussure entendia que a atividade de comunicação era constituída pela “esfera exterior da fala”, que era a parte mais social. No segundo curso, ele a vê como “a esfera em que a língua vive” e que contém a ‘língua individual’ (a fala) e a ‘língua social’. Ao que nos parece, então, em um primeiro momento, a fala é tomada como a parte mais social da atividade de comunicação, já, em um

⁸⁸ Tradução nossa de: “Le rapport entre la langue et la parole, tel que le suggérait le texte du cours I, est ainsi renversé: dans la langue, par rapport au côté social, jugé essentiel, le côté individuel apparaît secondaire, et du même coup, c’est ce dernier qui, dans la parole, devient le principal. Ceci découle de la relation établie entre la parole et la faculté du langage: celle-là n’est que l’exercice, la réalisation de celle-ci, comme l’indique cette remarque à la suite des définitions: “Dans la parole, il ya une idée de réalisation de ce qui est permis par la Convention sociale” (r7 B a noté: “Le langage est quelque chose de potentiel, la parole est du réalisé” Dans ce renversement d’un point de vue qui pouvait sembler juste, la vérité la plus aparente a été subordonnée à la plus cachée. Car le caractere social de la parole tombe sous le sens; mas une institution est um fait plus profondément, plus essentiellement social que des relations et des échanges entre individus.”

segundo momento, ao esclarecer os lados dessa atividade de comunicação, Saussure atribui à fala o lado individual, e à língua, o lado social, divisão esta cristalizada pelo CLG.

Em nossa abordagem do estudo crítico de Robert Godel, verificamos que o autor contesta a forma com que os editores utilizaram os manuscritos que tinham em mãos para confecção do livro. Nota-se um tom adverso em relação à forma com que conduziram a feitura do CLG. O autor acredita que os editores separaram os temas de acordo com seus conhecimentos prévios e formações particulares e acrescenta que eles inseriram frases de suas autorias no CLG. Apesar disso, ele reconhece a importância dos editores, visto que, somente através da publicação da edição, é que os conhecimentos de Saussure vieram a público.

Como mencionado, Godel foi o iniciador dos trabalhos críticos do CLG, mas não o único. Após dez anos de sua publicação, surgiram edições críticas, importantes para o trabalho daqueles interessados nos temas da teoria saussuriana: a de Rudolf Engler, dividida em dois tomos, e a de Tulio de Mauro. Tendo isso em vista, nas próximas páginas, destacaremos as considerações de Engler tanto no primeiro tomo de sua edição crítica quanto no material *Lexique de la terminologie saussurienne* e, posteriormente, a edição crítica de Tulio De Mauro, investigando a concepção de fala presente nesses materiais.

4.3. A edição crítica de Rudolf Engler e o *Lexique de la terminologie saussurienne*

Rudolf Engler (1930-2003) publicou a primeira parte de sua edição crítica em 1967. Posteriormente, houve a publicação do *Lexique de la terminologie saussurienne* em 1968 e ainda a publicação da segunda parte da edição crítica em 1974. Neste trabalho, atemo-nos às publicações de 1967 e 1968, que trazem importantes desdobramentos para o estudo proposto nesta tese, a saber: o lugar que a fala ocupa nos estudos saussurianos.

No primeiro tomo da edição crítica, o autor reitera, em sua apresentação, que, apesar de ser uma edição crítica, não pretende fazer uma antítese do CLG, e sim, uma síntese dos cursos ministrados por Saussure. Engler afirma que devemos distinguir dois períodos nos estudos saussurianos: o primeiro corresponde à data da publicação do CLG, época em que a preocupação era dar forma e coesão às notas que os editores tinham em mãos, e o segundo corresponde à época em que houve a publicação de sua edição crítica. Nesse último caso, a pesquisa estava voltada para, nas palavras do autor, as “alterações terminológicas” apresentadas por Saussure durante os três cursos de Linguística Geral.

Para o autor, o termo “edição crítica” talvez não fosse o mais adequado, pois seu objetivo não é uma correção e sim uma comparação entre as fontes e o CLG.

Ora, não poderia estar em questão para nós ‘corrigir’ o CLG. Por um lado, seria presunçoso contestar o admirável trabalho dos editores; por outro lado, ninguém saberia determinar o pensamento definitivo de F. de Saussure. Nosso propósito se encontra assim definido por antecipação: a edição crítica não deveria ser uma crítica do CLG, mas uma edição, permitindo confrontar o texto do CLG com suas fontes.⁸⁹ (ENGLER, 1967, p. 5).

A edição crítica de Engler possui uma apresentação particular dos materiais saussurianos utilizados. Toda a edição é confeccionada em forma de colunas, sendo um total de seis: na primeira, está o texto do CLG publicado em 1916; na segunda, na terceira, na quarta e na quinta coluna, apresentam-se as fontes utilizadas pelos editores, ou seja, as notas dos alunos de Saussure do primeiro, do segundo e do terceiro curso. A sexta coluna refere-se às notas inéditas de Saussure e às fontes descobertas por Godel em disposição sinótica, isto é, de forma paralela.

No que tange à particularidade dessa edição crítica, é importante ressaltar que o autor não se propõe a fazer uma análise conceitual dos termos, e sim uma comparação entre o CLG e os materiais selecionados para confecção do livro, além do caderno de Constantin que não foi utilizado na edição do CLG, apresentado aqui como algo inédito. No entanto, a análise conceitual não ficará de fora dos estudos de Engler. Mais adiante, veremos, em seu livro *Lexique*, uma análise detalhada de termos saussurianos com bastante riqueza e contribuições.

A esse respeito, consideramos importante destacar que, mesmo que já tenhamos ofertado, neste trabalho, alguns cadernos dos alunos, nós não o apresentamos da forma como o faz Engler. Em sua edição, o autor, ao trazer os cadernos em forma de colunas, permite-nos visualizar, comparar e discernir, através das mesmas fontes dos editores (com exceção do caderno de Constantin), o processo de elaboração do CLG. Em nosso recorte da edição, buscaremos os momentos em que a fala aparece em seu contexto de elaboração teórica presente nos cadernos e, conseqüentemente, consagrada no CLG.

⁸⁹ Tradução nossa de: “Or, il ne prouvait être question pour nous de ‘corriger’ le CLG. D’une part, il serait présomptueux de contester l’admirable travail des éditeurs; d’autre part, nul ne saurait déterminer la pensée définitive de F. de Saussure. Notre propôs se trouve ainsi défini par avance: l’édition critique ne devrait pas être une critique du CLG, mais une édition permettant de confronter le texte du CLG avec ses sources. »

Nesse sentido, verificamos como o editor crítico define a forma da legenda utilizada através das seguintes letras e siglas:

R para Albert Riedlinger; as anotações foram utilizadas para o 1º curso (I R) e contêm três cadernos de 100, 98 e 72 páginas respectivamente e, para o 2º curso (II R), uma mochila com 462 páginas.

Ca para Louis Caille; as anotações foram utilizadas para o 1º curso que contém sete cadernos com 231 páginas; estenogramas e notas marginais explicativas.

G para Léopold Gautier; as anotações foram utilizadas para o 2º curso, as quais continham seis cadernos de 246 páginas.

B para François Bouchardy; as anotações foram utilizadas para o 2º curso, contendo quatro cadernos com 301 páginas.

C para Émile Constantin; as anotações foram utilizadas para o 2º curso (II C), com seis cadernos de 306 páginas e, para o 3º curso (III C), onze cadernos de 407 páginas.

D para George Dégallier; as anotações foram utilizadas para o 3º curso, contendo oito cadernos de 283 páginas.

S para Sra. A. Sechehayé; as anotações foram utilizadas para o 3º curso, com um caderno de 140 páginas.

J para Francis Joseph; as anotações foram utilizadas para o 3º curso com 5 cadernos de 189 páginas. (ENGLER, 1967, p. 5).

Na passagem abaixo, destacamos o início do capítulo III – Objeto da linguística:

Introduction: Objet de la linguistique			Introduction: Objet de la linguistique		
¹³¹ CHAPITRE III Objet de la linguistique			¹³¹ [> 123]		
¹³² § 1. – La langue; sa définition.			¹³² Division générale du cours:		
			¹³³ Division générale:		
			¹³⁴ 1° Les langues		
			¹³⁵ 1° Les langues.		
			¹³⁶ 2° La langue		
			¹³⁷ 2° La langue.		
			¹³⁸ 3° La faculté et l'exercice du langage chez les individus.		
			¹³⁹ 3° Faculté et exercice du langage chez les individus.		
			¹⁴⁰ Chapitre préliminaire: Justification de cette division et de cet ordre.		
			¹⁴¹ J 3		
			¹⁴² III C 10		

Figura 11. Reprodução da página da Edição Crítica do CLG (ENGLER, 1967, p. 24).

Na imagem recortada da edição de Engler, chamamos a atenção para as fontes editoriais utilizadas no terceiro capítulo. Ele se inicia, como vê-se, como a seção “A língua, sua definição” e teve como fonte, segundo o que afirma Engler, a primeira parte do terceiro curso.

Observemos, então, as anotações de Dégallier, que apresentam a divisão do curso que se iniciava:

Divisão geral do curso:

1º – As línguas

2º – A língua

3º – A faculdade e exercício da linguagem com os indivíduos.

Capítulo preliminar: Justificativa desta divisão e desta ordem.
(DÉGALLIER *apud* ENGLER, 1967, p. 24)

As colunas 3, 4 e 5, anotações de Sra. Sechehaye, Joseph e Constantin, respectivamente, apresentam conteúdos similares ao de Dégallier, porém com menos anotações que as do primeiro aluno. Como vê-se, a respeito dessa divisão inicial do capítulo, não há anotações na sexta coluna, isso quer dizer, então, que possivelmente não há anotações de Saussure verificadas por Engler sobre essa parte do CLG.

É importante salientar que o modo como os alunos recolheram as informações das aulas de Saussure, em muitos aspectos, difere-se da seleção feita pelos editores para a organização de um livro. A divisão das matérias do curso, por exemplo, mostra-se pouco importante na perspectiva dos editores, que acabam por organizar as ideias saussurianas de outra maneira, que não aquela que divide as seções dos temas trabalhados por Saussure. O que depreendemos é que, para os editores, essa exposição se apresenta de forma mais didática, num contexto de sala de aula e não como a elaboração de uma teoria, da maneira que será colocada no CLG.

No excerto a seguir, trazemos outra página da edição crítica de Engler, em que podemos perceber a diferença de anotações dos alunos. Vale evidenciar que estamos nos referindo a cadernos de alunos que frequentaram as aulas no início do século XX, período em que os recursos tecnológicos eram diferentes em relação aos atuais. Podemos inferir que os alunos utilizavam apenas cadernos e canetas para suas anotações. Não havia gravadores, máquinas de fotografias, filmagens, celulares etc. Os alunos anotavam as explicações do professor, conforme conseguiam acompanhar o desenvolvimento de suas aulas.

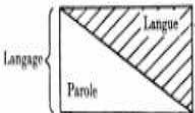
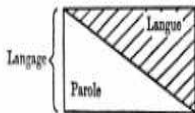
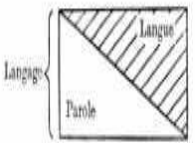
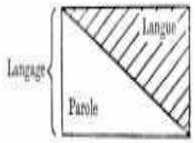
Intr. III § 2 al. 16	31 (30)	D 6 (suite de 159)	SM III 96	J 4 (suite de 159)	III C 13 (suite de 159)	N 22.1 (3331), p. 2 (suite de 141)
²⁴¹ En séparant la langue de la parole, on sépare du même coup: ²⁴² 1° ce qui est social de ce qui est individuel; ²⁴³ 2° ce qui est essentiel de ce qui est accessoire et plus ou moins accidentel.	²⁴¹ En séparant langue de faculté du langage, on a séparé ²⁴² 1° ce qui est social de ce qui est individuel; ²⁴³ 2° ce qui est essentiel de ce qui est plus ou moins accidentel. [suite 331]	S 1.5 (suite de 159)	²⁴³ Le langage est l'essentiel? La langue, accidentelle? [suite 33]	²⁴¹ En séparant la langue du langage, on sépare ²⁴² 1° ce qui est social de ce qui est individuel; ²⁴³ 2° ce qui est essentiel de ce qui est accidentel. [suite 331]	²⁴¹ Quand on a séparé la langue de la faculté du langage, on a séparé: ²⁴² 1° ce qui est social de ce qui est individuel, ²⁴³ 2° ce qui est essentiel de ce qui est plus ou moins accidentel. [suite 331]	²⁴¹ (Le signe, préalablement double par l'association intérieure qu'il comporte, et double par son existence en deux systèmes, est livré à une manutention double.) La troisième paire de choses est constituée par la langue et la parole.
Intr. III § 2 al. 17	31 (30)	D 178 (suite de 234)	SM III 112	S 2.6 (suite de 234)	J 151 (suite de 234)	III C 270 (suite de 234)
²⁴⁴ La langue n'est pas une fonction du sujet parlant, ²⁴⁵ elle est le produit que l'individu enregistre passivement; elle ne suppose jamais de préméditation, et la réflexion n'y intervient que pour l'activité de classement dont il sera question p. 176 sv.	²⁴⁴ [> SJ]	²⁴⁴ Y a-t-il une fonction naturelle du langage?	²⁴⁴ Y a-t-il une fonction naturelle du langage?	²⁴⁴ Y a-t-il une fonction naturelle du langage? Nous disons que la langue est l'organe nécessaire et séparable de cette fonction. Si nous séparons la langue du reste, nous pouvons avoir ce schéma:	²⁴⁴ Un amendement. Nous avons parlé d'instinct du langage. Nous aurions dû dire: Y a-t-il une fonction naturelle du langage? Qu'elle soit naturelle ou non, la langue demeure comme l'outil nécessaire à la faculté du langage.	²⁴⁴ [> 246]
						
²⁴⁵ [Langue:] Passive et résidant dans la collectivité. Code social organisant le langage et formant l'outil nécessaire à l'exercice de la faculté du langage.	²⁴⁵ [Langue:] Passive et résidant dans la collectivité. Code social organisant le langage, formant l'outil nécessaire à l'exercice de la faculté du langage.	²⁴⁵ [Langue:] Passive, et résultant de la collectivité. Code social organisant et formant l'outil nécessaire au développement du langage.	²⁴⁵ [Langue:] Passive et résidant dans la collectivité. Code social, organisant le langage et formant l'outil nécessaire à l'exercice de la faculté du langage.	²⁴⁵ [Langue:] Passive, et résultant de la collectivité. Code social organisant et formant l'outil nécessaire au développement du langage.	²⁴⁵ [Langue:] Passive et résidant dans la collectivité. Code social, organisant le langage et formant l'outil nécessaire à l'exercice de la faculté du langage.	²⁴⁵ La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l'individu.
²⁴⁴ Collation, p. 272/3: Pour éclairer ce passage il faut bien noter que de Saussure n'analyse pas ici le fait individuel de l'acte du langage, mais le phénomène en général qui a son siège à la fois dans les individus et dans la collectivité.						

Figura 12. Reprodução da página da Edição Crítica do CLG (ENGLER, 1967, p. 25).

Na primeira parte da página selecionada, o excerto retirado do CLG corresponde a: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1° - o que é social do que é individual; 2° o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.”. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 45).

Verificando os cadernos dos alunos na coluna dois Engler apresenta o caderno de Dégallier que escreve: “Com o separar língua da faculdade da linguagem, separamos: 1° - o que é social do que é individual; 2° o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.” Na coluna três, Engler apresenta anotações do caderno da Sra. Secheyhay que escreve: “A linguagem é essencial! A língua, accidental!”

Na quarta coluna Engler apresenta o caderno de Joseph com a seguinte anotação: *“Ao separar a língua da linguagem, separamos: 1º - o que é social do que é individual; 2º o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental”*. Na quinta coluna, Engler demonstra o caderno de Constantin que escreve: *“Quando separamos a língua da faculdade da linguagem, separamos: 1º - o que é social do que é individual; 2º o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.”*

Por fim, na sexta coluna, Engler exhibe as anotações de Saussure: *“(O signo, previamente duplicado pela associação interior que o integra, e duplo pela sua existência em dois sistemas, é livre a uma manutenção dupla). A terceira parte das coisas é constituída pela língua e pela fala.”*

Em análise à edição crítica de Engler, verificamos que há uma semelhança entre os cadernos de Dégallier e Constantin que registram a separação entre língua e faculdade da linguagem. Já Joseph afirma o que seria a separação entre língua e linguagem e, nos cadernos da Sra. Secheyaye, isso aparece de forma bem resumida e não há essa anotação sobre a separação desses termos. No CLG, o termo “faculdade da linguagem” foi substituído pela palavra *fala*.

Continuando nossa abordagem da página 25, retirada da edição crítica de Engler, é possível notar que, no segundo excerto, tanto Dégallier, Joseph e Constantin mantêm as mesmas anotações, diferente da Sra. Secheyaye, que coloca isso de forma distinta e oposta aos demais, afirmando que a linguagem é essencial e a língua accidental.

Retomemos o primeiro parágrafo do excerto anterior, como aparece na edição do CLG, já traduzida para o português.

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, da qual trataremos na p. 171. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 45).

Na continuação da mesma página da edição crítica de Engler, verificamos, nas quatro colunas que representam os cadernos dos alunos, a presença de um desenho.

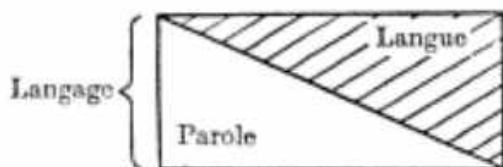


Figura 13. Reprodução da página da Edição Crítica do CLG (ENGLER, 1967, p. 25).

Esta figura está presente nos cadernos de Dégallier, Sra. Sechehayé, Joseph e Constantin. Vale lembrar que esse desenho já foi explorado por nós no caderno de Constantin editado por Komatsu e Wolf no ano de 1993 no TCLG. Neste momento, então, detemo-nos apenas na sua apresentação.

É possível constatar que, na terceira, na quarta e na quinta coluna, o texto é basicamente o mesmo, apenas com algumas alterações de pontuação. Além disso, percebemos, ainda, que, antes da figura, há algumas anotações. Nas anotações da aluna Sra. Sechehayé que corresponde à coluna três, temos a seguinte anotação: “*Existe uma função natural da linguagem?*”⁹⁰

Na quarta coluna, em que Engler apresenta o caderno de Joseph, além da questão anotada pela Sra. Sechehayé, ele complementa: “*Existe uma função natural da linguagem? Dissemos que a linguagem é o órgão necessário e separável dessa função. Se separarmos a linguagem do resto, podemos ter este esquema:*”⁹¹

Na quinta coluna, relativa ao caderno de Constantin, o aluno escreve: “*Uma emenda. Falamos do instinto da linguagem. Deveríamos ter dito: existe uma função natural da linguagem? Seja natural ou não, a língua permanece como a ferramenta necessária para a faculdade da linguagem.*”⁹² Na sexta coluna, destinada às anotações de Saussure, há uma observação: “*A língua é socialmente consagrada e não depende do indivíduo.*”⁹³, retirada, segundo Engler em sua edição, do manuscrito N22.

A partir da página acima, é possível depreender a dificuldade que os editores tiveram em confeccionar a edição. Cada trecho tem sua particularidade, cada aluno tem sua especificidade na forma de anotar, o que torna cada escrita uma forma única.

Notamos ainda, na edição crítica de Engler, uma metodologia diferente do trabalho de Godel, mas a nosso ver, apresenta com muita clareza a diferença entre os cadernos dos

⁹⁰ Tradução nossa de: “*Y a-t-il une fonction naturelle du langage?*”

⁹¹ Tradução nossa de: “*Y a-t-il une fonction naturelle du langage? Nous disions que la langue est l'organe nécessaire et séparable de cette fonction. Si nous séparons la langue du reste, nous pouvons avoir ce schéma:*”

⁹² Tradução nossa de: “*Un amendement. Nous avons parlé d'instinct du langage. nous aurions du dire: Y a-t-il une fonction naturelle du langage? Qu'elle soit naturelle ou non, la langue demeure comme l'outil nécessaire à la faculté du langage*”

⁹³ Tradução nossa de: “*La langue est consacrée socialement et ne dépend pas de l'individu.*”

alunos. A edição feita em forma de colunas permite-nos verificar, de uma forma visual mais clara e objetiva, de que forma cada aluno anotou as explicações do mestre. É possível até, em alguns momentos, depreender em que momento Saussure anotou as aulas no quadro, ou quando apenas explanou de forma oral os conteúdos, pois, em alguns casos, as anotações são semelhantes e, em algumas, elas divergem. É o que nos sugere a figura antes apresentada, que ilustra a linguagem e suas partes constituintes: a língua e a fala.

Nesse sentido, é perceptível que o editor crítico não se propôs a fazer uma análise conceitual do CLG, e sim um trabalho filológico a respeito dos materiais utilizados para confecção do CLG. Como nosso objetivo é fazer uma análise da fala em seu aspecto conceitual, inicialmente buscamos, na edição crítica, verificar como algumas passagens selecionadas foram anotadas pelos alunos em comparação ao CLG.

Assim, após essa análise vamos valer-nos de outro material importante de autoria de Rudolf Engler, a saber o *Lexique de la terminologie saussurienne*. O *Lexique* é um livro publicado por Engler no ano de 1968, ou seja, um ano após a publicação da edição crítica. Neste livro, o autor fez um levantamento de conceitos utilizados por Saussure, levando em consideração a diversidade das fontes manuscritas. Daremos destaque a alguns termos que entendemos ser pertinentes para essa tese, termos que se relacionam com a fala e que podem trazer-nos uma posição do autor para que possamos compreender o seu ponto de vista. O primeiro termo que é preciso ressaltar é a expressão *acte linguistique*.

Ato linguístico: De todos os atos [humanos] que pudessem ser comparados, o ato linguístico, se assim posso nomeá-lo ao caráter de ser menos refletido, menos premeditado, ao mesmo tempo que o mais impessoal de todos 3283,18 – Em outro lugar Saussure fala mais particularmente do ato individual 195, articulatório 794, fonatório 794, da fala (ativa 246) língua diferente (passiva 245) 266. (ENGLER, 1968, p. 11)⁹⁴

Engler esclarece, em concordância com o que também destaca Godel, em análise ao manuscrito “Três Conferências”, que, para Saussure, de todos os atos humanos, o ato linguístico é o menos reflexivo e menos premeditado. Em outros contextos, Saussure fala particu-

⁹⁴Tradução nossa de: “Acte linguistique: De tous les acts [humains] qu’on pourrait mettre en parallele, l’acte linguistique, si je puis le nommer ainsi, a ce caractère d’être le moins réfléchi, le moins prémédité, em même temps que le plus impersonnel de tous’3283,18 – Ailleurs Saussure parle plus particulièrement d’act individuel 195, articulatoire 794, phonatoire 794, de la parole (ative 246) diferent langue (passive 245) 266.”

larmente do ato individual, do ato articulatório, do ato da fala, que se diferencia do ato da língua, ao que nos parece o próprio ato linguístico. A respeito disso, Engler coloca entre parênteses o ato da fala como ativo enquanto o ato da língua como passivo. Isso nos leva a entender, então, que Saussure diferencia o ato linguístico da fala do ato linguístico da língua.

Ao retomar o CLG, verificamos que Saussure (2012 [1916], p. 45) afirma que: a língua “é um tesouro depositado pela prática da fala”, “existe virtualmente em cada cérebro”, “produto que o indivíduo registra passivamente”. Em relação à fala, vemos as definições: “ato individual de vontade e inteligência”, “combinações pelas quais o falante realiza o código da língua”, “mecanismo que permite exteriorizar essas combinações” (2012 [1916], p. 45).

Essas definições apresentadas no CLG nos remetem a outro termo relevante quando a questão é a busca pela fala: *classement*.

Classificação: a) interior 2024 = resultado da atividade inconsciente, quase passiva da língua que S. opõe aos atos particulares da fala' Godel 257. 'Esta classificação será o tesouro dos materiais constantemente colocados em uso na fala '2174'. A classificação deve conduzir a uma análise das palavras e das unidades inferiores da palavra' 3348 R 1.35.– A atividade de classificação' (2560) inconsciente corresponde, em uma certa medida, às classificações b) 'conscientes, metódicas que poderá fazer um gramático, salvo sobre um só ponto: o gramático colocará a história em jogo' 2713.- agrupamento. (ENGLER, 1968, p. 16)⁹⁵

Engler ressalta dois tipos de classificação: uma inconsciente e uma consciente. Na primeira classificação, é pertinente evidenciar que o autor a denomina de interior, a qual é resultado de uma atividade inconsciente e passiva da língua, em oposição aos atos particulares da fala. Para reafirmar o seu ponto de vista, ele apresenta a posição de Godel, que afirma que essa classificação inconsciente é o tesouro de materiais colocados pela fala.

Esse termo resgata o termo ato linguístico. Ora, Saussure nos adverte, no CLG, que a língua é um ato passivo, assim como a fala é um ato ativo. Essas constatações estão presentes

⁹⁵Tradução nossa de: “Classement: a) intérieur 2024 = resultat de l’activité inconsciente, presque passive, de la langue que S. oppose aux actes particuliers de parole’ Godel 257. ‘Ce classement sera le trésor des matériaux constamment mis en oeuvre dans la parole’ 2174. ‘Le classement doit conduire à une Analyse des mots et des unités inférieures au mot’ 3348 R 1.35. – L’activité du classement’ (2560) inconsciente correspond dans une certaine mesure aux classements b) ‘conscients, méthodiques que pourra faire un grammairien, sauf sur un seul point: le grammairien fera intervenir l’histoire’ 2713.- groupement.”

quando o mestre genebrino desenha o circuito da fala, expressão essa que também é apresentada por Engler.

Circuito da fala (correspondente às várias 'esferas por onde a linguagem se move' 194) observado no ato individual (mas são necessários pelo menos dois indivíduos para que o circuito da fala esteja completo 195) 193-229> E27-30.(ENGLER, 1968, p. 16)⁹⁶

Para haver o circuito da fala, apesar de ser um ato individual, são necessários pelo menos dois indivíduos. Ao reaver novamente o CLG, Saussure ressalta que o circuito da fala apresenta uma parte exterior e uma parte interior e, ainda, uma parte ativa e uma passiva: “é ativo tudo o que vai do centro de associação duma das pessoas ao ouvido da outra, e passivo tudo o que vai do ouvido desta ao seu centro de associação” (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 44).

Nesse sentido, notamos um imbricamento dos termos selecionados: *acte linguistique*, *classement* e *circuit de la parole*. A esses termos, outro termo também aparece de modo relacionado: *combinaison*. Vejamos o que é definido por Engler em termos saussurianos.

Combinação: a) de sons 3294, consoante Rcc 373, cf. combinar: unidades combinadas em cadeias faladas 882, elos implorivos combinadas por implorção 983; - b) do pensamento e do som em unidades significativas, 'combinação de uma certa quantidade de conceitos com uma certa quantidade de som' 1900 cf. 'as combinações linguísticas chamadas estados de língua' 3297, 8^a; - c) unidades significativas a) na palavra (analogia), na frase (aglutinação) - critério de distinção histórica – 2709; - B) [associativo] 2036 ≠ [sintagmático] (fica ao indivíduo a combinação, deixada à escolha de cada um, para exprimir seu pensamento em numa frase') 2022. – fonologia combinatória 3305, 9-14, E 80/ 78 – 81/79. (ENGLER, 1968, p. 16)⁹⁷

⁹⁶ Tradução nossa de: “Circuit de la parole (correspondant aux ‘sphères diverses où se meut le langage’ 194) observe dans l’acte individuel (mais il faut au moins deux individus pour avoir au complet le circuit de la parole’ 195) 193-229> E27-30.”

⁹⁷ Tradução nossa de: “Combinaison: a) de sons 3294, consonantique Rcc 373, cf. combiner: unités combinées em chaînes parlées 882, chaînons implorifs combines pour l’implosion 983; - b) de la pensée et du son em unités significatives, ‘combinaison d’une certaine quantité de concepts avec une certaine quantité de son’ 1900 cf. ‘les combinaisons linguistiques dites états de langue’ 3297, 8^a; - c) d’unités significatives a) dans le mot (analogie), dans la phrase (agglutination) - critère de distinction historique – 2709; - B) [associative] 2036 ≠ [syntagmatique] (il reste à l’individu la combinaison, laissée au choix de chacun, pour exprimer la pensée dans une phrase’) 2022. – phonologie combinatoire 3305, 9-14, E 80/78 – 81/79.”

Evidenciamos aqui a colocação do autor sobre as combinações associativas e sintagmáticas. De acordo com Engler, cabe ao indivíduo fazer as combinações para fundamentá-las numa frase. Anteriormente, o autor destaca que as combinações dos sons são unidades combinadas pela cadeia falada. Por esse lado, é importante apontar como a cadeia falada está amplamente articulada com a ação do indivíduo. Trazendo novamente o CLG para o centro da pesquisa, temos a relação entre a discussão, em que Saussure afirma que a língua não supõe premeditação e que a fala é um ato individual, em que o falante realiza as combinações através do código da língua para exprimir o seu pensamento pessoal, e a discussão entre relações sintagmáticas e relações associativas.

Refletindo sobre elas, Saussure inicia com uma questão: “Assim, pois, num estado de língua, tudo se baseia em relações; como funcionam elas? (SAUSSURE, 2012 [1916], p.171)”. Com a questão colocada, Saussure afirma que as relações e diferenças entre os termos linguísticos se desenvolvem em duas esferas distintas que correspondem a duas formas de nossa atividade mental e que ambas são indispensáveis para a vida da língua. O próprio autor esclarece como essas relações funcionariam.

De um lado, no discurso, os termos estabelecem entre si, em virtude de seu encadeamento, relações baseadas no caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo (ver p. 110). Estes se alinham um após o outro na cadeia da fala. Tais combinações, que se apoiam na extensão, podem ser chamadas de *sintagmas*. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 171)

É nesse sentido que traremos a conceituação dos termos *discours* e *discursif* que também se mostram relevantes para a compreensão da fala em Saussure.

Discurso: a cadeia da fala = unidades discursivas agrupadas em sintagmas
1998: função (lugar) da linguagem ≠ do tesouro da memória (função associativa). Nesse sentido, o discurso vai além da ideia de – fala. – ‘Podemos construir um discurso internamente, ou compreendê-lo internamente’ 1101. – Godel 259 (ENGLER, 1968, p.20)⁹⁸

⁹⁸Tradução nossa de: “Discours: la – chaîne de la parole = unités discursives groupées em syntagmes 1998: fonction (lieu) du langage ≠ trésor de la mémoire (fonction associative). Dans ce sens, discours dépasse l’idée de – parole. – ‘Nous pouvons construire un discours intérieurement, ou entendre intérieurement’ 1101. – Godel 259”

Discursivo: a) que se apresenta no – discurso; unidades discursivas 1998; - o discursivo, sm = a língua discursiva [= fala] 3323; - b) sintagmática ≠ intuitiva (associativa) 2061; ordem discursiva = 'ordem de cada unidade na frase ou na palavra (significar)' 1985. – Godel 259 (ENGLER, 1968 p. 20)⁹⁹

Segundo o que postula Engler, entende-se que o discurso faz parte da cadeia da fala, ou seja, são unidades discursivas agrupadas em sintagmas. No entanto, para Engler, o discurso vai além da ideia de fala e, para atestar o seu pensamento, o autor retoma Godel, em que o discurso pode ser construído ou entendido internamente.

Da mesma forma, o termo discursivo está ligado ao discurso e às unidades discursivas. O que compreendemos é que, para Engler, a língua discursiva é igual à fala. Já as relações sintagmáticas são diferentes das associativas, que seriam intuitivas. Vemos a relação entre as unidades discursivas com as relações sintagmáticas e associativas que se retomam para demonstrar o elo entre os diferentes termos da teoria saussuriana.

Nesse sentido, o mestre compreende que, nas unidades consecutivas, quando colocadas num sintagma, um termo só adquire seu valor porque se opõe ao que o precede e ao que se segue, ou em ambos os casos. Em contrapartida, fora do discurso, as palavras com algo em comum se associam na memória e formam grupos dentro dos quais realizam relações diferentes.

Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará surgir inconscientemente, no espírito, uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo em comum entre si. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 172)

Na nota de rodapé do próprio CLG, há o seguinte esclarecimento dos tradutores: “No caso da palavra portuguesa *ensino* ou *ensinamento*, as palavras associadas serão *ensinar*, e depois *armamento, desfiguramento* etc., e, por fim, *educação, aprendizagem* etc.” (BALLY e SECHEHAYE, 2012 [1916] p. 172).

O que o mestre esclarece é que, diferentemente das relações sintagmáticas, as relações associativas não têm como base a extensão, pois têm como sede o cérebro, ou seja, fa-

⁹⁹Tradução nossa de: “Discursif: a) que se présent dans le – discours; unités discursives 1998; - le discursif, sm = la langue discursive [= parole] 3323; - b) syntagmatique ≠ intuitif (associatif) 2061; ordre discursif = ‘ordre de chaque unité dans la phrase ou dans le mot (signi-fer)’ 1985. – Godel 259”

zem parte do tesouro interior que constituí a língua de cada indivíduo. Assim, a nosso ver, Engler coloca o termo “associativa” como “intuitiva”.

Também destacamos a definição dos conceitos de evocar e executar, que reúnem aspectos significativos para esta investigação, uma vez que Engler nos demonstra que evocar e executar possuem sentidos diferentes.

Evocar: a) ‘empregar (um signo) na fala. O termo, diferentemente de – executar, denota apenas a parte mental da operação’ Godel 261. ‘Temos, na língua, uma soma de signos evocáveis, mas o movimento só ocorre por meio da fala’ 268; ‘a faculdade de proferir os [sons] permanece uma coisa distinta da faculdade de evocar os signos ‘expressão, figura tendo algum poder evocador’ 1138; - forma evocada diferente de evocativa 2562; - Círculo – Godel 261. (ENGLER, 1968 p. 23)¹⁰⁰

Executar: ‘realizar (um signo) na fala. Denota, ou em todo caso implica o ato material, fonação por exemplo; a execução do signo é comparada àquela de uma composição musical [307,331,330]’ Godel 261. Como a – fala, a execução é oposta a – língua: a união de uma ideia com um signo vocal é o suficiente para constituir a língua. O que é atribuído ao indivíduo é a execução fonatória’ 331; papel da fonação de executar as imagens acústicas parece subordinadas’ 328; ‘Primeiramente, é preciso estudar [1º as línguas [...]. Pela observação dessas línguas, extrai-se o que é universal. Haverá, pois, diante de [si mesmo} um conjunto de abstrações, esta será [2º] a língua [...]. Em terceiro lugar, é preciso ocupar-se do indivíduo. A execução tem uma importância, mas não é essencial, não se deve misturar no [o] estudo [do] fenômeno geral [=2º] e o mecanismo da execução individual [3º] 429. No entanto, não é muito claro se a execução implica ou não o fato da combinação individual neste discurso, cf a) ‘o elemento individual é a combinação, ficando a escolha de cada um. É a fala, porque é a execução’ 2022; ‘na sintaxe, fala e língua, fato social e fato individual, execução e associação fixa conseguem misturar-se mais ou menos 2022; - b) na multidão, ‘de que forma a fala está presente? ‘É] a soma do que [as] pessoas dizem umas às outras: a) combinações individuais (frases), dependendo da vontade do indivíduo, b) atos de fonação execução dessas combinações, igualmente voluntárias’ 335-357 > E40/39 ; y) na parte psíquica [do circuito da fala] tomada isoladamente, se distinguirmos, a parte ativa e passiva poderia chamar-se de executiva e re-

¹⁰⁰Tradução nossa de: “Évoquer: a) ‘employer (un signe) dans la parole. Le terme, à la différence de – exécuter, ne denote que la partie mentale de l’opération’ Godel 261. ‘On a dans la langue une somme de signes évocables, mais le mouvement n’intervient que par la parole’ 268; ‘la faculté de proférer des [sons] reste une chose distincte de la faculté d’évoquer les signes ‘expression ‘figure ayant quelque pouvoir évocateur’ 1138; - forme évoquée différente évocatrice 2562; - entourage – Godel 261”

ceptiva' (J: executivo) 211 [= ação de associar?] > E 30; 30 (ENGLER, 1968 p. 23)¹⁰¹

Se, por um lado, o termo “evocar” é empregar um signo pela fala que remete apenas a parcela mental da operação, por outro lado, para o autor, “executar” é realizar um signo pela fala. “Executar” é um ato material, como a fonação, por exemplo. Assim como a fala, a execução também se opõe à língua. O que se propõe é que, primeiramente, seja feito o estudo das línguas e verifique-se o que delas é universal, o que leva a um conjunto de abstrações: a saber, a língua. Após essa análise, parte-se para análise do indivíduo, para o mecanismo de execução individual.

Percebemos, ainda, nesse excerto, uma dúvida de Engler em relação à teoria de Saussure. O autor afirma que não está claro para ele se a execução implica o fato da combinação individual, ou seja, o discurso. Ele ainda complementa que o elemento individual é a combinação feita por escolhas de cada indivíduo. Assim sendo, questiona: de que forma a fala está presente na multidão? E responde: a fala está presente na multidão através da soma do que umas pessoas dizem às outras tanto pelas combinações individuais que dependem da vontade do indivíduo, quanto dos atos de execução fonatória dessas combinações, que também dependem da vontade do indivíduo. Essa questão, como vimos no capítulo anterior, no caderno dos alunos, remete à aula do final do terceiro curso, em que Saussure faz a reflexão da distinção entre a língua e a fala.

¹⁰¹Tradução nossa de: “Exécuter: ‘réaliser (un signe) dans la parole. Dénote, ou en tout cas implique l’acte matériel, phonation par exemple; l’exécution du signe est comparée à celle d’une composition musicale [307, 331, 330]’ Godel 261. Comme la – parole, l’exécution est opposée à la – langue: union de l’idée avec un signe vocal suffit à constituer la langue. Ce qui est dévolu à l’individu, c’est l’exécution phonatoire’ 331; rôle de la phonation d’exécuter des images acoustiques apparaît subordonnée’ 328; ‘il faut d’abord étudier [1^o les langues [...] Par observation de ces langues on tire ce qui est universel. [On] aura alors devant [soi] un ensemble d’abstractions, ce sera [2^o] la langue [...] En troisième lieu, il reste à s’occuper de l’individu. Exécution a une importance, mais n’est pas essentielle, il ne faut pas mêler dans [1^o] étude [le] phénomène général [=2^o] et le mécanisme d’exécution individuelle [3^o] 429. Cependant il n’est pas très clair, si l’exécution implique ou non le fait de la combinaison individuelle en cette discours, cf a) ‘l’élément individuel est la combinaison, au choix de chacun. C’est la parole, car c’est l’exécution’ 2022; ‘dans la syntaxe, parole et langue, fait social et fait individuel, exécution et association fixe arrivent à se mêler plus ou moins 2022; - b) dans une foule, ‘de quelle manière la parole est-elle présente? ‘C’est] la somme de ce que [les] gens se disent: a) combinaisons individuelles (phrases) dépendant de la volonté de l’individu, b) actes de phonation exécution de ces combinaisons, également volontaires’ 335-357 > E 40/39; y) dans partie psychique [du – circuit de la parole] prise seule, si nous distinguons, partie active et passive pourront s’appeler exécutive et réceptive’ (J: exécutrice) 211 [= action d’associer?] > E 30;30.”

Engler ainda complementa que, no circuito da fala, temos a parte ativa e passiva que poderia ser chamada de executiva e receptiva. Essas combinações individuais se realizam no sujeito falante, que Engler nos apresenta como:

Sujeito falante: o indivíduo que usa a língua não existe como uma entidade, mas apenas os sujeitos falantes' 98 (O conjunto dos sujeitos falantes' 1600) formando a massa Falante: 'para que haja língua, deve haver uma massa Falante usando a língua. A língua para nós reside na alma coletiva' 1285. - subjetivo → Análise. → fato.(ENGLER, 1968 p. 49)¹⁰²

Para o autor, o sujeito falante é o indivíduo que se serve da língua. Dessa forma, para que haja a língua, deve haver uma massa falante usando a língua, que só reside na alma coletiva. É nesse sentido que chegamos ao último termo selecionado durante nossa pesquisa ao *Lexique* de Engler, o de *parole*.

Fala: execução da → linguagem através do código da → língua (a linguagem menos a língua) 245 > E 31/30: 'Na fala, há uma ideia da realização do que é permitido pela Convenção social' 160 > E 25/25. – Como língua e linguagem, a fala atravessa o domínio individual e social, cf. a) 'por fala, designa-se o ato do indivíduo realizar sua faculdade por meio da convenção social que é a língua' 160 = 'uso das faculdades, em geral, com vistas à linguagem (fonação, etc.) e uso individual do código da língua segundo o pensamento individual' 246; 'tudo o que é levado sobre os lábios pela necessidade do discurso e por uma operação particular é fala' 2560; - b) 'a esfera da fala é a mais social' 2560; ela compreende 'a soma do que as pessoas dizem umas às outras; 1º combinações individuais (frases), dependendo da vontade do indivíduo; 2º atos de fonação, execução dessas combinações, igualmente voluntária' 335-336 > E 39/38. - → cadeia, circuito, faz ordem. – Godel 271, Hamp 52. (ENGLER, 1968, p.49)¹⁰³

¹⁰²Tradução nossa de: "Sujet parlant: l'individu se servant de la langue n'existe pas comme entité, mais seulement les sujets parlants' 98 (L'ensemble des sujets parlants' 1600) formant la masse Parlante: 'pourqu'il y ait langue, il faut une masse Parlante se servant de la langue. La langue pour nous reside dans l'âme collective' 1285. - subjectif → Analyse. → fait."

¹⁰³Tradução nossa de: "Parole: exécution du → langage à travers le code de la → langue (le langage moins la langue) 245 > E 31/30: 'Dans la parole, il y a une idée de réalisation de ce qui est permis par la Convention sociale' 160 > E 25/25. – Comme langue et langage, la parole est à cheval sur le domaine individuel et social, cf. a) 'par la parole on designe l'acte de l'individu réalisant sa faculté au Moyen de la Convention sociale qui est la langue' 160 = 'usage des facultés en general en vue du langage (phonation, etc.) et usage individuel du code de langue selon la pensée individuelle' 246; 'tout ce qui est amené sur les lèvres par le besoin du discours et par une opération particulière, c'est la parole' 2560; - b) 'la sphère parole est la plus sociale' 2560; elle comprend 'la somme de ce que les gens se disent; 1º combinaisons individuelles (phrases), dépendant de la volonté de l'individu; 2º actes de phonation, exécution de ces combinaisons, également volontaire' 335-336 > E 39/38. - → chaîne, circuit, fait ordre. – Godel 271, Hamp 52."

A *parole* é retomada por Engler como a execução da linguagem através do código da língua. A fala é a linguagem menos a língua. É preciso evidenciar, na análise dada pelo autor, que assim como a linguagem e a língua, a fala ultrapassa o domínio individual e social. Dessa forma, a fala é o ato do indivíduo, para realizar a faculdade social que é a língua, e ainda, o uso individual do código da língua através do pensamento individual.

Ainda é notável apontar que Engler retoma o primeiro curso ministrado por Saussure em 1907 na Universidade de Genebra para afirmar que '*la sphère parole est la plus sociale*'. Como vimos, no primeiro curso, Saussure afirma que a fala é mais social, no entanto, no segundo e terceiro cursos, ele retoma suas análises e afirma que a esfera da fala é a parte individual da linguagem. O autor ainda complementa que a fala compreende a soma do que as pessoas dizem umas às outras de duas formas: primeiro, pelas combinações individuais que são as frases que dependem da vontade de cada indivíduo e, segundo pelos atos de fonação, a execução dessas combinações que também ocorrem de forma voluntária.

Durante esse percurso pelo *Lexique*, com base nessas considerações, é preciso admitir como a fala está relacionada a outros diferentes termos saussurianos. Se nos ativésemos apenas ao conceito apresentado de *parole* por Engler, com certeza seria uma definição limitada e incompleta. Isso nos mostra como, apesar das críticas ao tratamento dado a esse termo, tido como excluído da teorização saussuriana, ele se compõe em conjunto com outros termos.

Se, por um lado, no item *Noções Associadas*, fizemos uma análise da fala em relação a outros termos e conceitos saussurianos, aqui buscamos, através da forma de um dicionário de Engler, outros termos que não fizeram parte das noções associadas apresentadas por nós. Ademais, além de termos presentes, também ressaltamos verbos, tais como: executar, evocar, que, ao entrarem em contato com a fala, colocam-nos diante de uma compreensão maior de sua dimensão.

Nesse sentido, fica claro, para nós, que toda a teoria de Saussure é articulada como uma teia conceitual; os seus termos são imbricados e não há possibilidade de compreensão de um ou outro tomados isoladamente. Sendo assim, para um exame mais aprofundado de um termo, teremos que absorver toda a teoria e adentrarmos as relações entre eles.

A partir dessa leitura, chegaremos à última edição crítica mencionada por nós neste trabalho, a saber: o trabalho de Tulio de Mauro.

4.4 A edição crítica de Tulio de Mauro

Publicada em 1968, a edição crítica de Tulio de Mauro (1932-2017) postula que o pensamento de Saussure esteve e está no centro de múltiplos desenvolvimentos, inclusive dentro das ciências históricas e antropológicas. No entanto, destaca que os trabalhos realizados acerca da sua teoria ainda são incompletos e insuficientes.

Além disso, muito material inédito ainda não foi examinado publicamente por ninguém: cadernos de cursos de linguística histórica, cartas privadas, manuscritos sobre anagramas e o épico germânico. Ainda faltam estudos muito amplos para reunir e compreender os documentos disponíveis em torno da biografia e da obra científica de Ferdinand de Saussure.¹⁰⁴(DE MAURO, 1968, p. XVI)

Assim como nas edições de Godel e Engler, antes de buscarmos as contribuições sobre a fala, iremos entender de que modo a edição crítica de De Mauro se apresenta. Inicialmente, o editor crítico faz uma Introdução composta por 18 páginas, nas quais ele faz um apanhado de forma mais abrangente da teoria saussuriana; o autor apresenta conceitos, principalmente relacionados à Linguística Geral, a saber: sincronia e diacronia, língua e fala, relações sintagmáticas e associativas, significado e significante, o signo, a arbitrariedade e a linearidade. Além disso, ele também demonstra algumas particularidades dos cursos, tais como: quais alunos participaram, as palavras-chaves que se destacam na edição do CLG, além de fazer suas considerações a respeito do trabalho dos editores.

Logo após a Introdução, De Mauro apresenta integralmente o texto da edição do CLG. Ao lado do texto, ele introduz 305 notas ao longo de todo o livro. As notas e comentários têm finalidades diferentes: algumas são para complementar, interpretar e analisar a teoria saussuriana, colocando as referências a outros autores estudiosos de Saussure e outras comparariam o texto do Curso ao material editado e não publicado, isto é, os inéditos, tais como notas autografadas, notas de estudantes, cartas de Saussure, dentre outros.

¹⁰⁴Tradução nossa de: “En outre, bien du matériel inédit n'a encore été examiné publiquement par personne: cahiers de notes des cours de linguistique historique, lettres privées, manuscrits sur les anagrammes et sur l'épopée germanique. De très vastes études restent à faire pour rassembler et comprendre les documents disponibles autour de la biographie et l'œuvre scientifique de Ferdinand de Saussure.”

Entretanto, antes de adentrar às notas propriamente ditas, De Mauro tematiza sobre alguns itens na edição crítica. O primeiro item tem o título de *Notes Biographiques et critiques sur F. de Saussure* com 10 subtítulos: 1. *La famille*; 2. *Les premières études*; 3. *Leipzig et le 'Mémoire'*; 4. *Paris: L'école et la 'société'*; 5. *Genève: L'enseignement et les études*; 6. *Les cours de Linguistique Générale: les dernières années*; 7. *La formation de la linguistique Générale de Saussure*; 8. *La fortune du C.L.G. dans les différents pays*; 9. *Présence de Saussure dans les différentes tendances de la linguistique* e 10. *La question des précurseurs*.

A sequência dos subtítulos nos dá uma ideia de um percurso na vida de Saussure, tanto na vida pessoal e familiar, quanto nos estudos, desde os primeiros anos até a vida acadêmica do mestre como professor. O primeiro ponto é a publicação do *Mémoire sur le système des voyelles dans les langues indo-européennes*, fruto do seu trabalho de mestrado, defendido em dezembro de 1878 e publicado em 1879. Depois, o trabalho sobre *De l'emploi du génitif absolu en sanscrit*, resultado de sua tese de doutorado, defendido em fevereiro de 1880.

Posteriormente, o autor nos leva a conhecer a vida de Saussure como professor e não mais como estudante: Saussure foi à Paris em 1880 para dar início à sua vida acadêmica como professor de Linguística histórica e comparativa na *École des Hautes Études*. Logo após essa estadia em Paris por 10 anos, ele retornou a Genebra, onde começou a lecionar no início do semestre de 1891 como professor extraordinário e depois como professor ordinário de sânscrito e das línguas indo-europeias. Até que em 1906, com a aposentadoria do professor titular Wertheimer, Saussure assumiu também as aulas de Linguística Geral.

Por fim, De Mauro traz a formação da Linguística Geral de Saussure e a fortuna saussuriana em diferentes países, tais como: França, Japão, Rússia, Estados Unidos, Suíça, Hungria, República Tcheca, países de língua espanhola, Itália, dentre outros. Além disso, o autor trata sobre a presença dos estudos saussurianos em diferentes tendências da Linguística, relacionando Saussure a alguns linguistas tanto contemporâneos quanto posteriores a ele.

Retornando nosso olhar para a busca da fala nessa edição, retomamos a Introdução escrita por De Mauro, mencionada por nós, e daremos destaque a algumas questões relevantes para nossa pesquisa. Para De Mauro, Saussure viveu em uma relação de profunda harmonia e troca mútua com seu tempo. O autor afirma que a Linguística, a Semiologia e a Antropologia futura devem muito a Saussure:

Conceitos e temas contidos no Curso de Linguística Geral foram utilizados em centro de diferentes direções de pesquisa. (...) Tudo o que você precisa fazer é olhar a lista de palavras que aparecem pela primeira vez no Curso ou que recebeu sanção definitiva lá num significado específico que então permaneceu válido: sincronia, diacronia, idiossincronia, pancronia, pancrônica, etc; língua, linguagem, fala; signo, significante, significado; unidade linguística; sintagma, sintagmático; execução, consciência linguística; fonema; fonologia; substância e forma linguística; economia linguística, valor linguístico, código, circuito da fala, modelo; estado de língua, estático, semiologia, semiológico, sêma; oposição, opositivo, relativo, diferencial, cadeia, talvez estrutura, certamente sistema. Raras são as palavras-chaves da Linguística contemporânea, que são comuns a várias direções de pesquisa, que não têm sua fonte no Curso de Linguística Geral.¹⁰⁵ (DE MAURO, 1968, p. IV)

Como é possível notar, De Mauro destaca a herança conceitual deixada por Saussure para os estudos linguísticos posteriores a ele. Ademais, o autor lamenta apenas que o material de suas reflexões só foi apresentado após sua morte. E defende que, no Curso, os fragmentos do pensamento de Saussure são geralmente bem compreendidos e fielmente reportados, salvo por raras exceções, tornando-o a soma mais completa da doutrina saussuriana e deixando a Linguística em dívida com Bally e Sechehaye.

O editor crítico traz para o centro das reflexões de Saussure a *parole*, que é, para ele, de onde partem todas as reflexões da teoria linguística saussuriana: “o ponto de partida das reflexões de Saussure é a consciência aguda da individualidade absoluta e única de cada ato expressivo, este ato ele chama de **parole**”¹⁰⁶. (p. V, grifo nosso)

Para isso, Saussure propõe a seus alunos que observem a um indivíduo que está falando e exclama a seguinte frase: “Guerra, eu te digo, guerra!”. É importante mencionar que esse exemplo já foi citado e analisado por nós no capítulo dedicado aos cadernos dos alunos. No entanto, retomamo-lo em De Mauro, pois, é partir dele que o autor inicia sua reflexão sobre a questão da fala, tornando-nos possível apresentar, agora, as reflexões do editor crítico.

¹⁰⁵ Tradução nossa de: “Des concepts et des thèmes contenus dans le Cours de linguistique générale ont été utilisés au centre de différentes directions de recherche.(...) Il suffit du reste de regarder la liste des mots qui apparurent pour la première fois dans le Cours ou qui y recurent une sanction définitive dans une acception déterminée et demeurent ensuite valide: *synchronie, diachronie, idiosynchronie, pancronie, panchronique, etc.; langue, langage, parole; signe, signifiant, signifié; unité linguistique; syntagme, syntagmatique; exécution, conscience linguistique; économie linguistique, valeur linguistique; code, circuit de la parole, modèle; état de langue, statique, sémiologie, sémiologique, sème; opposition, oppositif, relatif, différentiel; chaîne, petit-être structure, certainement système*. Rares sont les mots clef de la linguistique contemporaine qui, communs à plusieurs directions de recherches, n’ont pas leur source dans le *Cours de linguistique générale*.”

¹⁰⁶ Tradução nossa de: “Le point de départ des réflexions de Saussure est la conscience aigüe de l’individualité absolue, unique, de chaque acte expressif, cet acte qui’il appelle *parole*.”

Nessa análise, verifica-se que esse indivíduo repetiu a mesma palavra duas vezes, ou seja, a palavra “guerra” aparece repetida no discurso. Segundo De Mauro, se estivermos interessados no conteúdo ‘psicológico’ real e concreto que a “guerra” comunica cada vez, ou no ato fonatório concreto comunicado pelo qual a guerra é realizada em cada vez, encontrarmos-nos perante algo diferente a cada momento que a palavra for dita.

Seguindo essa linha de raciocínio, De Mauro afirma que, para Saussure, uma mesma palavra terá significados diferentes, dependendo de vários fatores externos para o indivíduo: a palavra “guerra” não terá o mesmo significado quando se pensa em tempos gloriosos de desfiles, de bandeiras ou quando alguém que perdeu um filho ou familiar numa guerra. Mas Saussure vai além do contexto em que cada indivíduo reporta a palavra “guerra”.

Dessa forma, questionamo-nos: devemos compreender que uma mesma palavra repetida duas vezes pelo mesmo indivíduo poderá ser algo diferente em cada vez em que for falada? Para Saussure, sim, ou seja, um mesmo indivíduo, no mesmo discurso, ao mencionar a palavra “guerra”, ao repetir a mesma palavra duas vezes, será comunicado coisas diferentes na primeira e segunda vez em que a palavra for falada. Isso se deve à pronúncia concreta que até da mesma pessoa será diferente. De Mauro afirma que, com uma análise psicológica e testes de associação e, ainda, com análise eletroacústica e eletromiográficos, confirma-se o que Saussure afirmava, em sua época, sem esses recursos e que fazia de forma “artesanal”.

Para De Mauro, a palavra repetida no discurso de uma mesma pessoa de um momento para outro tem uma execução diferente. Para isso, deve-se levar em consideração não o modo de usar, mas sim o lado do linguista, de apreciar a língua que usamos. É nesse sentido que avaliamos o discurso concreto que, como falantes e ouvintes, reconhecemos, de uma ocorrência para outra, as diferentes repetições da palavra “guerra” como variações de algo que permanece idêntico sob qualquer ponto de vista.

O que depreendemos das constatações de De Mauro acerca da análise do CLG é que, embora a palavra “guerra” varie na fala, ela sempre vai ser idêntica em relação à língua. Os atos da fala serão sempre diferentes uns dos outros, ou seja, em todas as manifestações concretas, elas serão diferentes. No entanto, não é pelo ponto de vista da fala que vamos reconhecer a identidade.

Este ponto de vista não é e não pode ser o da substância psicológica ou física de que são feitos os atos de fala. Deste ponto de vista, os atos de fala são, como vimos, irrevogavelmente diferentes uns dos outros. Portanto, o ponto

de vista que permite a identificação não é o da execução. Deve ser procurado não naquilo que os falantes “fazem”, mas naquilo que os falantes “sabem”, ou seja, dentro das inúmeras repetições da guerra são, para além de qualquer variação de significado e discurso, as réplicas da mesma entidade.¹⁰⁷ (DE MAURO, 1968, p. VI)

Para De Mauro, uma série indefinida de diferentes produtos fônicos e uma série de sentidos indefinidos constituem duas séries que podem ser contínuas. Nessas séries contínuas, os locutores formam vários reagrupamentos psicologicamente ou fonicamente diferentes que são identificados na base de sua identidade de função, ou seja, as fonias de um grupo são foneticamente diferentes, mas todos podem transmitir um mesmo sentido particular. Já os sentidos de um mesmo grupo são psicologicamente diferentes e podem ser todos transmitidos pela mesma fonia particular. “O conjunto desses limites entre os diferentes reagrupamentos é a língua”¹⁰⁸ (DE MAURO, 1968, p. VII)

Nesse sentido, o autor retoma Saussure para enfatizar a diferença entre o ponto de vista da fala (execução) e da língua (saber), introduzindo uma discriminação terminológica: “ele reserva sentido (ou significação) e fonação para a substância de que é feita a fala e, depois de muita hesitação, propõe *signifiante* e *signifié* para designar as classes de sentido e fonações.”¹⁰⁹

Do ponto de vista de De Mauro, a língua é o resultado da abstração feita a partir de diferentes atos da fala. Porém, ele verifica um descrédito aos termos “abstração” e “abstrato”, advindos da reflexão de Kant, e, nesse sentido, o receio de Saussure em utilizá-los. Nesse contexto, utiliza “substância” e “forma” ao invés de “abstrato” e “concreto”.

É por isso que Saussure, apreendendo e definindo perfeitamente o caráter abstrato das entidades linguísticas, é forçado a evitar o uso do *abstrato*, exposto a mal-entendidos indesejáveis. Acaba assim por falar de entidades *psíquicas* (termo que distingue cuidadosamente de *psicológico*), ou então

¹⁰⁷ Tradução nossa de: “Ce point de vue n'est pas et ne peut pas être celui de la substance psychologique ou phinique dont sont faits les acts de parole. De ce point de vue, les actes de parole sont, nous l'avons vu, irrévocablement différents les uns des autres. Donc, le point de vue qui permet l'identification n'est pas celui de l'exécution. Il doit être cherché non pas dans ce que les locuteurs “font” mais dans ce que les locuteurs “savent” c'est-à-dire à l'intérieur même les innombrables répétitions de guerre sont, au-delà de toute variation de sens et de phonie, les répliques d'une même entité.”

¹⁰⁸ Tradução nossa de: “L'ensemble des limites entre les différents regroupements est la langue.”

¹⁰⁹ Tradução nossa de: “Il réserve sens (ou signification) et phonation à la substance dont est faite la parole et, après bien des hésitations, propose *signifiant* et *signifié* pour désigner les classes de sens et de phonations.”

recorrendo a outra combinação escolástica: *substância* e *forma*. A *fala*, a união de uma fonia concreta e de um sentido concreto, é *substância*, enquanto aquilo que se atualiza na *fala* e que serve para classificar a *fala*, ou seja, o conjunto dos significantes e do significado, a língua, é nomeado e definido por Saussure como *forma*.¹¹⁰(DE MAURO, 1968, p. VII)

De Mauro conclui que as distinções entre significantes e significados introduzem-se nas realizações fônicas, e as significações são independentes das características intrínsecas da substância fônica e psicológica.

Como mencionado anteriormente, logo após a Introdução, De Mauro coloca a íntegra do CLG com notas durante todo o livro. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que as notas não têm um padrão comum. Existem algumas formas das notas: todo início de capítulo e subcapítulo tem uma nota¹¹¹ em que De Mauro informa de qual curso ministrado por Saussure o conteúdo foi retirado. Por exemplo: no capítulo III – Objeto da Linguística da Introdução, temos a nota 46.

(46) As fontes do 1º são a segunda lição do curso três (4 de novembro de 1910: S.M. 77), a primeira lição da segunda parte do mesmo curso (25 de abril de 1911: S.M. 81), a primeira lição do curso dois (S.M. 66) e, além disso, duas notas autografadas, uma de 1893-94 (Notas 55 et sv.), utilizada sobre indicação de Sechehaye (S.M. 97) e uma outra que seria um relatório do trabalho de Sechehaye, *Programme et Méthodes* etc., Genève 1908. A nota de 1893-94, que Bally queria ter deixado de lado, é usada no segundo parágrafo do capítulo: 'Representa talvez o cerne das reflexões de F. de S.'¹¹²(S.M. 136) (DE MAURO, 1968, p.416)

¹¹⁰ Tradução nossa de: “C’est pourquoi Saussure, saisissant porutant et définissant parfaitement le caractère abstrait des entités linguistiques, est contraint d’éviter l’usage d’*abstrait*, exposé à des malentendus indésirables. Il finit ainsi par parler d’entités *psychiques* (terme qu’il distingue soigneusement de *psychologique*), ou bien à se tourner vers un autre couplet scolastique: *substance* et *forme*. La *parole*, union d’une phonie concrète et d’uns sens concreto, est *substance*, tandis que ce qui s’actualise dans la *parole* et qui sert à classer la *parole*, c’est-à-dire l’ensemble des signifiants et des signifiés, la langue, est nommé et défini par Saussure comme *forme*.”

¹¹¹ Ver Giembinsky (2019).

¹¹² Tradução nossa de: “(46) Les sources du par. 1 sont la seconde leçon du cours trois (4 nov. 1910 : S.M. 77), la première leçon de la seconde partie du même cours (25 avril 1911: S.M 81), la première leçon du cours deux (S.M. 66) et, en outre, deux notes autografes, l’une de 1893-94 (Notes 55 et sv.), utilisée sur proposition de Sechehaye (S.M. 97) et l’autre qui devait être le compte rendu de l’ouvrage de Sechehaye, *Programme et Méthodes* etc., Genève 1908. La note de 1893-94, que Bally aurait voulu laisser de côté, est utilisée dans le second alinéa du chapitre: ‘Il représente peut-être le noeud des réflexions de F. de S.’ (S.M. 136)”

A nota 46 informa de quais partes dos três cursos os editores se valeram para editar o capítulo “Objeto da Linguística”. Além de informar as fontes advindas dos cursos de Linguística Geral, para confecção de cada capítulo e subitem, ela também tem uma função esclarecedora das fontes manuscritas utilizadas.

Em nossa abordagem à edição crítica de Túlio de Mauro, selecionamos algumas notas que abordam a questão da fala ou que citam algo relacionada a ela. Para tal, delimitamos nossa seleção a cinco notas das 305 inseridas pelo autor, a saber: as notas 63, 65, 67, 76 e 216.

As notas 63, 65 e 67 remetem ao capítulo 2. *Lugar da língua nos fatos da linguagem* do capítulo III *Objeto da Linguística* da *Introdução* do CLG. É importante ressaltar que, mesmo não tendo sido selecionada com nota para análise, por não trazer consequências teóricas à fala, a nota 59 esclarece de qual curso o item § 2. *Lugar da língua nos fatos da linguagem* pertence. Segundo tal nota, o item foi retirado de três lições do terceiro curso (4 de novembro de 1910 e 25 e 28 de abril de 1911).

Essas informações têm importância para nós, pois acabam por testemunhar o processo de elaboração da teoria saussuriana. O leitor desatento do CLG, muitas vezes, por não conhecer as edições críticas, é levado a pensar que o CLG é um livro acabado, no entanto, essas informações demonstram-nos o complexo processo de edição de Bally e Sechehaye, ao fazer um “compilado” e organização das ideias de Saussure.

Voltemos, então, à análise da primeira nota selecionada. A nota 63 acompanha o seguinte excerto do CLG, na versão em língua portuguesa:

A parte psíquica não entra tampouco totalmente em jogo: o lado executivo fica de fora, pois a sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor; nós a chamaremos fala (*parole*). (SAUSSURE, 2012[1916], p. 45)

Na nota, De Mauro afirma que há uma reformulação editorial do texto do manuscrito utilizado pelos editores como fonte. Segundo ele, nos termos de Saussure, tal questão é colocada da seguinte forma:

A língua é um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para possibilitar o uso da faculdade da linguagem nos indivíduos

[definição]. A faculdade da linguagem é um fato distinto da língua, mas que não pode ser exercido sem ela. Por fala, designamos o ato do indivíduo realizando sua faculdade por meio da convenção social, que é a língua [definição].¹¹³ (SAUSSURE *apud* DE MAURO, p. 419).

Para De Mauro, essa definição anula qualquer ambiguidade. O lado executivo da parte psíquica fica de fora, pois ela não pode ser executada pela massa falante, por ser individual e sobre ela o indivíduo sempre terá o domínio. A fala ocorre quando o indivíduo realiza a faculdade da linguagem por meio de uma convenção social, ou seja, através da língua.

Já a nota 65 é uma nota extensa e remete ao seguinte trecho do CLG: “Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º - o que é social do que é individual; 2º - o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental.”. (SAUSSURE, 2012[1970], p. 45)

A distinção entre língua e fala tem caráter dialético, para De Mauro. A língua, vista como esquema, é um sistema de limites de origem social e histórica. Esse sistema governa a fala. O autor cita Hjelmslev (1942), que afirma que a distinção entre *langue* e *parole* é a ‘tese primordial’ do CLG. De Mauro concorda com Hjelmslev, se considerar o fator cronológico, pois compreende que essa distinção teve início nos anos de Saussure em Leipzig em sua viagem à Lituânia. Lá ele percebeu a distinção entre consideração relacional das entidades linguísticas e considerações fisiológicas, entre estudo fisiológico dos sons, mesmo que ainda não houvesse a distinção entre *langue* e *parole*, que veio bem mais tarde durante os cursos em Genebra, mais precisamente no terceiro curso em 1911.

Segundo De Mauro, Saussure faz a distinção da “primeira verdade” do sistema da Linguística Geral, que é a separação de *langue* e *parole*; e ainda, apresenta o “primeiro princípio”, que é a arbitrariedade do signo. O editor crítico esclarece que não há contradição entre esses dois conceitos, desde que seja compreendido o que é a arbitrariedade do signo. Para isso, é necessário que o exame da fala seja verificado no seu aspecto concreto. O que compreendemos é que existem duas fonias diferentes: as significações e os atos de fala particulares que são tomadas como realidades individuais e irreptíveis. Dessa forma, o autor argumenta que podemos ter, na mesma palavra, o mesmo significado com fonias diferentes.

¹¹³ Tradução nossa de: “La langue est un ensemble de conventions nécessaires adoptées par le coprs social pour permettre l'usage de la faculté du langage chez les individus [définition]. La faculté du langage est un fait distinct de la langue, mais qui ne peut s'exercer sans elle. Par la parole on designe l'acte de l'individu réalisant sa faculté au moyen de la convention sociale qui est la langue [définition].”

No entanto, se tomarmos como base a identificação das significações e das fonias pelo seu valor e como elas valem, será possível verificar a identidade entre as que são diferentes.

De Mauro retoma Saussure no exemplo da palavra “guerra!”, já utilizado na Introdução e apresentado por nós nesta tese, para esclarecer que a maneira de dizer a palavra é diferente de um momento para outro dentro do mesmo discurso, pois a significação do termo pode ser diferente em um momento e em outro. Ainda, seguindo essa lógica, De Mauro tenta compreender as intenções de Saussure, ao falar da ‘primeira verdade’ e do ‘primeiro princípio’:

Se nossa interpretação estiver correta (ela será verificada à medida que as notas correspondam aos diferentes pontos citados), compreende-se bem o que quis dizer Saussure ao falar de ‘primeira verdade’ e do ‘primeiro princípio’. A arbitrariedade do signo tem o primeiro lugar na *ordo rerum*; ela é a base que ergue o edifício da língua como forma, ela é a regra fundamental de qualquer jogo linguístico. A distinção entre língua como forma e fala como realização significativa e fônico-acústica é a primeira verdade à qual se chega, uma vez que é reconhecido o caráter radicalmente arbitrário do signo. Mas para reconhecer esse caráter, é preciso ‘descer até o concreto’ (Prieto) dos atos da fala particulares, individuais e irrepetíveis.¹¹⁴ (DE MAURO, 1968, p. 421)

Dessa forma, De Mauro defende que, caso a sua interpretação esteja correta, o CLG deveria ter sido iniciado com os temas de identidade diacrônica e sincrônica, e, depois, ter partido para natureza arbitrária do signo, e, então, para o caráter formal da língua. Por fim, deveria concluir, em sua primeira parte, a distinção metodológica entre o fenômeno linear linguístico como representando um certo valor (*langue*) ou como manifestação fônico-acústica ou psicológica (*parole*).

¹¹⁴ Tradução nossa de: “Si notre interprétation est exacte (elle sera vérifiée au fur et à mesure dans les notes correspondant aux différents points cités) on comprend bien ce que voulait dire Saussure em parlant de “première vérité” et de “premier principe”. La arbitraire du signe a la première place dans l’ordre rerum: il est la base sur laquelle s’élève l’édifice de la langue comme forme, il est la règle fondamentale de tout jeu linguistique. La distinction entre langue comme forme et *parole* comme réalisation significative et phonico-acoustique est la première vérité à laquelle on aboutit une fois reconnu la caractère radicalement arbitraire du signe. Mais pour reconnaître ce caractère, il faut ‘redescendre jusqu’au concret’ (Prieto) des actes de parole particuliers, individuels et irrépétibles.”

No entanto, os editores decidiram por uma ordem diferente, a saber: colocar a distinção entre *langue* e *parole* no início. Essa decisão é depreendida pela materialidade da afirmação feita por Saussure a Riedlinger¹¹⁵.

Segundo De Mauro, é importante ressaltar a questão da ordem, a fim de refutar autores que afirmam o pensamento de Saussure como um ‘conjunto de teses que se sucedem sem nenhum vínculo lógico interno’.¹¹⁶ Para ele, é devido a esse pensamento que também se faz uma separação entre *langue* e *parole* como uma distinção entre realidades opostas e separadas, ou seja, como duas coisas diferentes.

A nota 67 de De Mauro está ligada ao seguinte texto do CLG:

A fala, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º – as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º – o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações. (SAUSSURE, 2012[1916], p. 45)

Essa nota remete à fala em seu aspecto conceitual. De Mauro interpreta essa nota afirmando que, para Saussure, a fala é tanto uma ação de comunicação quanto o resultado particular, ou seja, o material linguístico particular usado na ação tal como é empregado nesse ato de comunicação. Dessa forma, a fala teria duas faces: a de significação e a de fonia.

Outra nota relevante é a nota 76 que pertence ao capítulo IV da Introdução com titulação: *Linguística da língua e Linguística da fala*. No CLG, temos o seguinte excerto, também já analisado por nós:

Consideramos, por exemplo, a produção dos sons necessários à fala: os órgãos vocais são tão exteriores à língua como os aparelhos elétricos que servem para transcrever o alfabeto Morse que são estranhos a esse alfabeto; e a fonação, vale dizer, a execução das imagens acústicas, em nada afeta o sistema em si. Sob esse aspecto, pode-se comparar a língua a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira pela qual é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade. (SAUSSURE, 2012 [1916], p. 50)

¹¹⁵ Entrevista feita por Riedlinger em de 06/05/1911 a Ferdinand de Saussure.

¹¹⁶ Tradução nossa de: “Comme un ensemble de thèses qui se succèdent sans aucun lien logique interne.” (p. 422)

De Mauro demonstra, na referida nota, que essa noção de língua-esquema, de acordo com Hjelmslev, vem de um lugar do fenômeno da inércia dos órgãos fonatórios como condição da estrutura dos sistemas fonemáticos. Em relação às transformações fonéticas, Saussure afirma que elas são as alterações dos sons que se produzem na fala, porém ela atinge somente a substância material das palavras. Em relação à língua, essa alteração ocorre de forma apenas indireta, através da mudança de interpretação. Para Hjelmslev, isso seria a noção de língua como *uso*.

Desse modo, compreendemos que as alterações na fala não afetariam a língua de forma direta, pois o sistema linguístico mantém-se preservado independentemente das mudanças linguísticas ocorridas na forma mais material da palavra. Isso pode ser observado no exemplo “*Guerra!*”.

Por fim, apresentamos a última nota selecionada por nós para este estudo: a nota 216, que está relacionada ao início do *Capítulo III – Identidades, realidades, valores*. Conforme De Mauro, essas lições se referem ao início do segundo curso (30 de novembro e 3 de dezembro de 1908). É importante observar que esse capítulo se encontra na página 150 do CLG reconstruído em De Mauro, enquanto a abordagem da fala, em seu aspecto conceitual, está na página 30 do mesmo CLG. O que queremos mostrar é que, após 120 páginas, é retomada a questão da fala no CLG.

Nessa nota, o autor retoma a crítica aos editores em relação à ordem da edição. Esse capítulo é cronologicamente anterior ao item 2. *Lugar da língua nos fatos da linguagem*, que tem lições das aulas de 4 de novembro de 1910 e 25 e 28 de abril de 1911. Para o editor crítico, os editores do CLG se basearam na referida entrevista a Riedlinger em 09/05/1911, em que Saussure afirma a sua primeira verdade: “A língua é distinta da fala” (SAUSSURE *apud* DE MAURO, p. 459), o que fez com que Bally e Sechehaye colocassem a distinção língua e fala na Introdução do CLG, a fim de garantir a autonomia da Linguística.

Sumariamente, durante a análise da edição crítica de Tulio de Mauro, selecionamos algumas notas que abordam a fala para que pudéssemos compreender quais as considerações o autor teria em relação a esse tema, objeto do nosso trabalho. Durante esse percurso, pudemos analisar que De Mauro vai na contramão de autores que acusam Saussure de uma possível exclusão da fala: para ele, ao contrário, Saussure parte da noção de fala para construir as bases de sua teoria. Essa perspectiva de De Mauro vai de encontro ao que nos propomos du-

rante essa tese, ou seja, não apresentar a fala como um lugar secundário ou excluído da teoria saussuriana e sim em um aspecto relacional que faz parte de um todo.

4.4 Algumas considerações

Neste capítulo, observamos que a problemática da edição do CLG e das exclusões saussurianas motivaram o surgimento de edições críticas. Partindo da compreensão de que a exclusão da fala na teoria de Saussure emerge do CLG, interessou-nos entender qual lugar ela ocupa nos inventários críticos, uma vez que o propósito deles está em suprir as falhas do CLG (SILVEIRA, 2007). A partir das análises, foi possível observar que a edição de Godel mostra o ancoramento da terminologia (SILVEIRA, 2022) da fala e a importância dela para a constituição de conceitos tal qual o de língua. Os trabalhos de Engler mostram-nos, primeiramente, uma comparação da edição com os cadernos dos alunos em forma de um trabalho filológico. Ademais, em outro trabalho de Engler, o *Lexique*, verificamos como a fala é imprescindível para compreender uma série de outros termos fundamentais da teoria saussuriana. Por fim, De Mauro dá lugar de destaque à fala, ao estabelecê-la como ponto de partida da reflexão de Saussure, trazendo uma visão diferente de autores que acusam Saussure de uma exclusão da fala.

Fizemos até aqui um percurso, perpassando inicialmente pelos estudos do final do século XIX, comparando-os aos estudos de Saussure, pela edição do CLG e a edição dos cadernos dos alunos, destacando excertos em que a fala aparece ou não, ou é apenas depreendida ou relacionada e, por fim, autores que adentraram a teoria saussuriana em suas pesquisas em forma de inventários críticos. Nesse caminho percorrido, questionamos: e a Linguística pós-saussuriana? De onde surgiram as críticas a exclusão da fala? Seguindo nessa direção, buscaremos compreender, através de uma seleção, como autores posteriores a Saussure compreenderam a fala saussuriana, atribuindo a ela um lugar de exclusão e secundário.

Capítulo 5 Efeitos e perspectivas da recepção da fala em Saussure

5.1 Introdução

Ao longo dos capítulos anteriores, buscamos investigar de que maneira a fala opera-se no pensamento de Ferdinand de Saussure. Para tanto, analisamos a edição do CLG, tal qual foi conhecida pelo grande público e da qual advêm críticas severas à concepção de fala; observamos também como a fala aparece na reflexão feita ao longo das aulas ministradas por Saussure e é recuperada através das anotações de seus alunos; ainda observamos como a fala pode ser entendida através do inventário crítico do CLG.

No capítulo que agora apresentamos, buscamos problematizar leituras já conhecidas que, ao contrário do que propomos, reduziram a importância da fala na teoria saussuriana, argumentando que Saussure a exclui da Linguística. Ainda neste capítulo final, buscaremos retomar a nossa perspectiva de leitura para a concepção de fala em Saussure, pois defendemos, com base nas análises já feitas, que a fala constitui-se como um fio na teia conceitual saussuriana.

Desse modo, interessa-nos, em um primeiro momento, problematizar: a que se deve a leitura reducionista em torno da fala em Saussure por estudiosos de importantes paradigmas da Linguística pós-saussuriana? Dada a relevância da fala para Saussure por nós já observada ao longo desta tese, qual leitura alternativa podemos atribuir a ela, isto é, qual perspectiva de análise da fala, em Saussure, mostra-se pertinente? Por que é possível reafirmar a fala como um componente importante do pensamento saussuriano, isto é, sua função como fio nesta teia conceitual?

Para auxiliar-nos nessas questões, inicialmente, buscaremos entender como essas críticas surgiram. A exclusão da fala na teoria linguística saussuriana foi proposta por diferentes autores, que acusam o linguista genebrino de não ter incluído a fala em seus estudos. Nesse sentido, buscaremos apresentar dois grandes paradigmas em que essa questão se insere, a saber: o paradigma sociológico, representado por William Labov (1927-2024), e o paradigma dialógico, representado por Mikhail Bakhtin (1895-1975). Ademais, apesar de trazer esses dois paradigmas de leituras pós-saussurianas, essas acusações não são exclusivas de algumas escolas.

Amado Alonso, no Prólogo à edição espanhola do CLG (1945, p. 7), chama a atenção para a demarcação de dois pares de conceitos linguísticos, um que se atém diretamente ao objeto de estudo e outro aos respectivos métodos: “a *língua* como sistema de expressões convencionais usada por uma comunidade, e a *fala* como o uso individual do sistema; a Linguística sincrônica, que estuda a constituição e o funcionamento de um sistema, e a Linguística diacrônica, que estuda sua evolução.”¹¹⁷

Alonso destaca que Saussure contribuiu em todos os aspectos da Linguística estudados no CLG, com clareza e profundidade de conhecimento, seja esgotando as interpretações de modo satisfatório ou fazendo com que linguistas posteriores buscassem superá-las. No entanto, afirma que nem tudo foi um ‘triunfo’ e logo apareceram as críticas em especial ao capítulo III da Introdução “Objeto da Linguística”. Para elucidar a crítica a esse capítulo, Alonso afirma que Saussure vê a complexidade da linguagem, mas a evita como objeto de estudo e busca um objeto demarcado e homogêneo:

(..) a língua, um autônomo sistema de signos, separado de seu uso e independente dos indivíduos que o usam. Os outros aspectos podem ser estudados, mas meramente como adicionais, como ‘externos à língua’ e, conseqüentemente, portanto, (externos) à Linguística. (ALONSO, 1945, p.10)¹¹⁸

É, com base nisso, que Alonso faz uma crítica à exclusão da fala por Saussure, segundo apresenta-se separada da língua. Observamos que o autor verifica uma primazia da língua delimitada, como objeto de estudo da Linguística, que se coloca como separado do seu uso e, mais ainda, separado dos indivíduos que a usam. Dessa forma, ainda destaca que os outros aspectos externos à língua são considerados adicionais e deverão ser estudados apenas de maneira acessória ao estudo da língua.

(...) a Linguística de Saussure atinge uma clareza e uma simplicidade surpreendente, mas à custa de eliminações, ainda mais, ao custo de descartar o que há de essencial na linguagem (o espírito) como um fenômeno especificamen-

¹¹⁷ Tradução nossa de: “la lengua como sistema de expresiones convencionales usado por una comunidad, y el habla como el uso individual del sistema; la lingüística sincrónica, que estudia la constitución y funcionamiento de un sistema, y la lingüística diacrónica, que estudia su evolución.”

¹¹⁸ Tradução nossa de: ‘la lengua’, um autônomo sistema de signos, separado de su uso e independiente de los individuos que lo usan. Los otros aspectos se pueden también estudiar, pero como meramente adicionales, como ‘externos a la lengua’ y por tanto a la lingüística.”

te humano. Em parte, por conferir rigor científico a esta delimitação do objeto, em parte por ser a simplificação eliminatória uma característica dominante do seu estilo mental, Saussure concebe as dualidades delineadas como antinomias irreduzíveis. Mas, o que são realmente a língua e a fala, a diacronia e a sincronia? Saussure nos fez ver que são aspectos discerníveis da linguagem e lhe agradecemos o grande progresso que os métodos de pesquisa fizeram a partir disso; mas são objetos separados, e mais, como queria Saussure, objetos sem contato direto possível?¹¹⁹ (ALONSO, 1945, p.10)

Apesar de destacar a importância da linguagem para os estudos linguísticos, Alonso acredita que o *Curso* não está de acordo com o método rigorosamente positivo e o verdadeiro papel que a língua e a fala desempenham no fenômeno humano da linguagem. Saussure buscava um terreno firme para identificar princípios e métodos também firmes e, dentre todos os aspectos da linguagem, somente a língua seria capaz de atingir esse objetivo, diferentemente da fala, que é individual e heterogênea em si. É, nesse sentido, que Alonso vê uma falha na teoria saussuriana, pois o que ele compreende é que, para Saussure, tudo que é externo à língua só deve ser estudada como complemento. “Esta organização da ciência e subordinação das suas partes baseia-se no princípio de que a “língua” tem uma existência concreta autônoma, independente da “fala”. E onde se encontra tal realidade?”¹²⁰ (ALONSO, 1945, p.10).

Com a questão colocada, Alonso responde que é quando Saussure apresenta o circuito da fala. Esse circuito é apresentado para que se possa reconhecer, em todo o circuito, o lugar da língua, a saber: quando a imagem acústica se associa ao conceito. Alonso chamará esse momento de “momento cinco”. No entanto, para o autor, não há essa distinção e separação, visto que o ato da compreensão supõe uma consciência ativa, uma atitude como de sintonização com a atividade criadora da fala, uma resposta psíquica adequada. Dessa forma, defende um olhar unitário:

¹¹⁹ Tradução nossa de: “(...) la lingüística de Saussure llega a una sorprendente claridad y simplicidad, pero a fuerza de eliminaciones, mas aun, a costa de descartar lo esencial en el lenguaje (el espíritu) como fenómeno específicamente humano. En parte por dar rigor científico a esta delimitación del objeto en parte por ser la simplificación eliminatória rasgo dominante en su estilo mental, Saussure concibe las dualidades apuntadas como antinomias irreductibles. Pero lo son realmente la lengua y el habla, la diacronia y la sincronia? Saussure nos ha hecho ver que son aspectos discernibles del lenguaje y le agradecemos el grande progreso que los métodos de investigación han sacado de ello; pero son objetos separados, y más, como queria Saussure, objetos sin contacto directo posible?”

¹²⁰ Tradução nossa de: “Esta ordenación de la ciencia y subordenación de sus partes se sustenta en el principio de que ‘la lengua’ tiene una existencia concreta y autónoma, independiente del ‘habla’. Y dónde se encuentra tal realidad?”

Saussure descobre luminosamente que produzir e reunir tal pensamento particular é uma questão de fala, não de língua. E teremos que completar: não é a língua, mas a fala, o momento da compreensão (5), que consiste em realizá-la, reorganizando sua unidade. Concluindo, se este ponto 5, esta área associativa do cérebro do ouvinte, é a residência da língua, a língua não existe como domínio autônomo da fala, pois, nesta 5ª etapa, reconhecemos a presença constitutiva do criativo ou atividade criadora própria da fala. Podemos, sim, discernir o individual e o social numa língua, mas quando a nossa análise é aplicada com total responsabilidade à existência concreta de um ou outro elemento, reconhecemos que a língua sem fala não tem existência real em parte alguma; só existe no uso ativo que dela faz quem fala ou no uso ativo de quem compreende. Somente a “fala” real dá realidade à “língua” -. Isto obriga-nos a ver a “fala”, e não a língua, como o eixo da ciência da linguagem.¹²¹ (ALONSO, 1945, p.10)

No capítulo “Língua/fala: uma distinção ‘que permanece confusa’”, Normand ([2000]2009) chama a atenção para a problemática suscitada na Linguística pela bifurcação saussuriana língua e fala apresentada de modo decisivo na edição do CLG. Balizando os efeitos dessa divisão para os estudos linguísticos, Normand é enfática em atestar que hoje a maioria dos linguistas rejeita a separação de Saussure entre língua e fala, que, segundo ela, foi sempre tomada como abstrata e irreal.

Muitos contemporâneos rejeitaram essa oposição [entre língua e fala] ou buscaram atenuar-lhe a divisão, julgando-a abstrata e incompatível com as observações da realidade; hoje, após os trabalhos estruturalistas, aos quais ela serviu de fundamento, a maioria dos linguistas a rejeita, e alguns buscam minimizar-lhe a importância no próprio Saussure, ao interrogar o anúncio que ficou sem continuidade de uma possível Linguística da fala. (NORMAND, 2009 [2000], p. 127).

Assim, como destaca a autora, se, para o Estruturalismo, a distinção entre língua e fala foi sempre possível, para os estudiosos que o sucedem, sua importância foi questionada, a

¹²¹ Tradução nossa de: “Saussure descubre luminosamente que ele producir y armar tal pensamiento particular es cosa del habla, no de la lengua. Y tendremos que completar: tampoco es de la lengua, sino dela habla, el momento de la comprensión (5), que consiste en realmarlo reorganizando su unidad. En conclusión si esse punto 5, essa zona asociadora del cerebro del oyente, es la residencia de la lengua, la lengua no existe como reino autónomo del habla, porque em essa 5 etapa reconocemos la presencia constitutiva de la actividad creadora o recreadora propia del habla. Podemos, sí, discernir lo individual y lo social em un idioma, pero cuando nuestro análisis se aplica com total responsabilidad a la existencia concreta de uno y outro elemento, reconocemos que la lengua sin habla no tiene existencia ral em ninguna parte; solo existe em el uso activo que de ella hace ela que habla o em el uso activo del que comprende. Sólo el “habla” real da realidad a la “lengua” - . Esto obliga a ver em el “habla” y no em la lengua el gozne de la ciencia del lenguaje.”

partir da vontade dos linguistas em focar sempre o jogo da fala e que encontra fundamento na crítica lançada, por exemplo, por Volochinov¹²² a Saussure.

A primeira reação, empirista (a língua separada da fala não teria realidade) multiplicou-se: os críticos atuais opõem a essa concepção de uma língua como um ideal, a diversidade das realizações, a dinâmica da atividade da fala; eles concordam, sempre e de modo global, em rejeitar a generalidade do conceito: por que e como separar duas “realidades” que só existem uma para a outra? A língua, isolada da fala, é apenas uma ficção... (NORMAND, 2009 [2000], p. 127).

Normand ainda ressalta que a acusação a Saussure é favorecida pelo desconhecimento das fontes e pelas interpretações equivocadas. O sistema é entendido como estrutura. O sincrônico é entendido como estático. Segundo ela, tudo isso favorece a interpretação de que a língua é um repertório fixo e fechado. É dessa maneira que Normand afirma que a bifurcação entre língua e fala é a causa da rejeição da teoria saussuriana por linguistas contemporâneos.

Embora Silveira ressalte a comemoração em torno dessa distinção, assim como Normand, a autora reconhece que a separação entre a língua e a fala foi também a causa da crítica a Saussure.

Essa distinção entre língua e fala é, portanto, o ponto central da operação saussuriana e o que lhe lega, atualmente, o lugar de fundador da Linguística, entre outras coisas, por cernir o objeto desta ciência, mas esse lugar suscita, paradoxalmente, reações opostas. A mesma operação suscita entre os linguistas o reconhecimento da fundação da Linguística como uma ciência, no sentido moderno do termo, bem como uma crítica à exclusão da fala do domínio da Linguística. (SILVEIRA, 2014, p.49)

Esse quadro, sintetizado pelas autoras, reflete ainda hoje a opinião de vários autores pós-saussurianos. Assim, a partir do objetivo de explorar o que possa ser essa operação que deu origem à acusação da exclusão da fala, passamos adiante a olhar, de modo mais específico, as críticas traçadas por dois grandes nomes da Linguística pós-saussuriana,

¹²² Valentin Nikoláievitch Volóchinov foi um linguista russo ligado ao Círculo de Mikhail Bakhtin. Muitos dos trabalhos produzidos pelo autor, assim como tratados e produzidos por Bakhtin e outros estudiosos, foram assinados pelo Círculo, o que dificultou a atribuição de autoria dos textos. Apesar disso, é preciso considerar que Volóchinov e Bakhtin compartilham a crítica direcionada a Saussure quanto à distinção de língua e fala.

William Labov, o qual Flores (2016) define como: “uma das vozes mais enfáticas a esse respeito no século XX” e Mikhail Bakhtin, cujas bases têm sustentado algumas das tendências recentes dos estudos linguísticos.

5.2 A fala em Saussure segundo o paradigma sociológico

Aclamado como fundador da Sociolinguística, uma das correntes teóricas que mais tem ganhado adeptos nos últimos anos, William Labov é especialmente reconhecido por sua pesquisa sobre a variação linguística, cujas bases são sintetizadas na obra *Padrões Sociolinguístico*. Labov reúne, em seu livro, publicado pela primeira vez em 1972 e traduzido para o português em 2008, uma série de estudos realizados por ele que investiga a mudança em andamento, a partir de um viés que considera a língua em seu contexto social.

De acordo com o linguista, estudar a língua, nessa perspectiva, é inevitável, uma vez que, para ele, a língua é social, ou, nas palavras do autor, “a língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 2008[1972], p. 215). Tendo em vista a natureza social da língua, o termo sociolinguística, para ele, parece, então, ser redundante; haveria uma Linguística que não fosse social?

No texto que introduz o livro, Labov tematiza sobre essa questão, direcionando a crítica aos estudiosos que, antes dele, desconsideraram o contexto social da língua. Tais estudos se baseavam na investigação de elementos puramente linguísticos e os extralinguísticos, que estão, em seu ponto de vista, intimamente ligados à mudança linguística e eram deixados de lado.

O autor apoia-se em outros estudos para enfatizar a sua posição de que, em primeiro lugar, Saussure enunciou que as estruturas do presente precisavam ser estudadas separadamente das mudanças do passado. Labov segue, destacando que Martinet e outros, a partir do ponto de vista saussuriano, encontravam estruturas das mudanças passadas, mas não se interessavam pelas mudanças nas estruturas presentes, que Hockett afirmou que a mudança linguística era muito lenta para ser observada e que Bloomfield alegou que a variação era livre e não condicionada. Tais observações levam Labov a concluir que o estudo empírico da mudança linguística foi desconsiderado ou eliminado da Linguística do século XX.

Labov propõe, então, sob a influência dos estudos de Uriel Weinreich, seu orientador, uma investigação empírica da mudança linguística, ou, como ele mesmo afirma, um estudo

racional e realista desse fator linguístico que, para ele, é condicionado por dados não linguísticos. Por esse viés, a língua deixa de ser vista como homogênea, crítica que ele direcionará a Saussure, e passa a ser vista como uma heterogeneidade estruturada, dada a sua complexidade.

O estudo da mudança linguística, de acordo com o autor, requer que consideremos três estágios: a origem das variações linguísticas, a propagação ou difusão das mudanças linguísticas e a regularização ou estabelecimento delas. Sobre a origem das variações e a propagação e regularidade das mudanças, é importante observarmos que as

[...] variações podem ser induzidas pelos processos de assimilação ou dissimilação, por analogia, empréstimo, fusão, contaminação, variação aleatória ou quaisquer outros processos em que o sistema linguístico interaja com as características fisiológicas ou psicológicas do indivíduo. A maioria dessas variações ocorre apenas uma vez e se extinguem tão rapidamente quanto surgem. No entanto, algumas são recorrentes e, numa segunda etapa, podem ser imitadas mais ou menos extensamente, e podem se difundir a ponto de formas novas entrarem em contraste com as formas mais antigas num amplo espectro de usos. Por fim, numa etapa posterior, uma ou outra das duas formas geralmente triunfa, e a regularidade é alcançada. (LABOV, 2008[1972], p. 19-20).

Segundo Labov, os estudos tradicionais ou diacrônicos da mudança – além de desconSIDERAREM a variação linguística, isto é, a mudança em trânsito que representa, nos estudos labovianos, o primeiro e o segundo estágio da mudança – explicavam os eventos linguísticos apenas por outros eventos linguísticos. Todavia, Labov ressalta que a interação social constitui um importante papel nos estudos da mudança linguística:

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto no passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (LABOV, 2008[1972], p.20).

Ao referir-se ao ponto remoto no passado, o autor parece ainda tecer crítica aos estudos diacrônicos da mudança linguística. Assim, ele ressalta que seu estudo não tem por objetivo dar conta dessas questões do passado, em que dois ou mais estados de uma língua são

comparados, mas propor um estudo da mudança acontecendo, isto é, um estudo da variação linguística, comumente esquecida pelos estudiosos da Linguística.

É o capítulo 8 de *Padrões Sociolinguísticos* que a crítica a Saussure é mais evidentemente direcionada e a crítica à exclusão da fala é feita. Intitulado “O estudo da língua em seu contexto social”, nesse capítulo, Labov propõe uma investigação da estrutura linguística e da evolução da língua dentro do contexto social da comunidade de fala. Desse modo, ele propõe questões de uma “Linguística Geral”, relacionadas à Fonologia, à Morfologia e à Sintaxe, por exemplo, tendo em vista, ao mesmo tempo, uma base social ampla. Da nossa parte, parece-nos necessário especificar que é, a partir do capítulo III do CLG – Objeto da Linguística, que acontece o ponto de partida para as acusações a respeito da problemática da noção de fala em Saussure.

Para mostrar que esse tipo de estudo não estava sendo feito até então, Labov critica a noção de “*langue*” saussuriana, que, segundo ele, embora seja definida como a parte social da linguagem, é tomada de outro modo pelos estudiosos adeptos de Saussure, que não pelo viés social. Assim, de acordo com Labov, os linguistas saussurianos comumente detêm-se sobre seu próprio conhecimento da língua, tal qual feito por Bloomfield na descrição do inglês de Chicago, ou com informações em seus escritórios, e ignoram o comportamento social.

Como apresenta Labov (2008, p. 217), em retomada a Saussure, *langue*: “é a parte social da linguagem. Ela não existe fora de um tipo de contrato estabelecido entre os membros da comunidade”. Esse seria o motivo da Escola de Genebra saussuriana ser referenciada como uma escola social da Linguística.

No entanto, de modo bastante curioso, os linguistas que trabalham dentro da tradição saussuriana (e isso inclui a grande maioria) não levam em conta de modo nenhum a vida social: trabalham com um ou dois informantes em seus escritórios, ou examinam seu próprio conhecimento da *langue*. Além disso, insistem em que as explicações dos fatos linguísticos sejam derivadas de outros fatos linguísticos, não de quaisquer dados “externos” sobre o comportamento social (LABOV, [1972] 2008, p. 217).

Como verificamos, a crítica de Labov vai além de Saussure; o autor dirige também sua crítica aos seguidores da escola saussuriana. Para ele, muitos estudos, a partir de Saussure, desconsideram o contexto social da língua, visto que procuram explicar a língua a partir de

elementos estritamente internos a ele e desconsideram aqueles que são externos. Afirma que o linguista ocupa-se do caráter social da linguagem e exclui o funcionamento da interação social propriamente dita, visto que, muitas vezes, ocupa-se de um ou dois informantes ou, ainda, de seu próprio conhecimento de língua, para proceder às pesquisas linguísticas de dentro de seus próprios escritórios.

Para elucidar sua reflexão, Labov apresenta autores que refletem a direção de seu pensamento:

Meillet, contemporâneo de Saussure, acreditava que o século XX assistiria o desenvolvimento da explicação histórica baseada no exame da mudança linguística encaixada na mudança social. Mas discípulos de Saussure, como Martinet, repudiaram ativamente essa opinião e empreenderam esforços para que a explanação linguística ficasse confinada às inter-relações de fatores internos, estruturais. Assim procedendo, eles certamente seguiam o espírito da doutrina de Saussure, pois o estudo mais atento de seus escritos sugere que, para ele, “social” não significava muito mais do que “multi-individual”, sem nenhuma sugestão das implicações mais amplas da interação social (LABOV, 2008, p. 217).

Para Labov, o que é social, na teoria saussuriana, implica um conhecimento compartilhado pelos indivíduos de uma mesma comunidade de fala. Para nós, essa explicação reflete o que, de fato, observamos no CLG. Saussure afirma que a língua: “é a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.” (p. 46)

No entanto, Labov afirma que a noção de língua definida por Saussure é problemática, uma vez que não se reporta a nenhuma implicação da interação social: a fala. Dito de outra maneira, embora seja definida como a parte social da linguagem, é tomada de outro modo pelos estudiosos adeptos de Saussure que não pelo lado social. Dessa forma, de acordo com Labov, os linguistas saussurianos, muitas vezes, apoiam-se sobre seu próprio conhecimento da língua, ou com informações próprias, e ignoram o comportamento social.

Esse ponto de vista faz emergir o paradoxo saussuriano, que diz respeito ao fato de que, embora a língua seja social, ela pode ser acessada pelo conhecimento do linguista/falante. A fala, por outro lado, que é parte individual da linguagem, só pode ser acessada pelo exame dos indivíduos em sociedade.

Se todo indivíduo possui um conhecimento da estrutura da língua, se a *langue* é um “sistema gramatical existente virtualmente em cada cérebro” (p.30) uma pessoa deveria ser capaz de obter os dados pelo testemunho de qualquer outra - inclusive de si mesma. Por outro lado, dados sobre a *parole*, ou fala, só podem ser obtidos pelo exame do comportamento dos indivíduos que estão usando a língua. Assim, temos o *paradoxo saussuriano*: o aspecto social da língua é estudado pela observação de qualquer indivíduo, mas o aspecto individual somente pela observação da língua em seu contexto social. **A ciência da *parole* nunca se desenvolveu, mas a abordagem da ciência da *langue* tem tido muito sucesso desde a última metade do século XX.** (LABOV, [1972] 2008, p.217 – 218, grifo nosso).

O paradoxo de que discorre Labov, no pensamento saussuriano - um erro de pensamento - dá-se, como pode ver-se, em torno da problemática da exclusão da fala, a partir da leitura do CLG. Labov afirma que a maioria dos estudiosos da Linguística partem da análise estrutural da língua do ponto de vista de Ferdinand de Saussure a partir do Curso. Esses linguistas começam sempre da distinção, por um lado, dos termos *langue* e *parole* e do termo linguagem, por outro lado.

Marra e Milani (2012), a respeito do paradoxo saussuriano, compreendem que, para Labov, a oposição interno *versus* externo, que envolve ambos os elementos língua e fala, ainda apresentava-se de forma hesitante para Saussure, pois, logo após dizer que a língua é “um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro”, acrescentou: “ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo” (SAUSSURE, 2006[1916], p. 21).

Nota-se, neste caso, que Labov, sem conscientizar-se da distinção apresentada anteriormente, tomou a discussão que Saussure fizera sobre a *langue* enquanto este refletia sobre sua natureza como um sistema e, na formulação de seu raciocínio, acrescentou elementos que são próprios da caracterização saussuriana de língua como um fato social. (...) A contraparte da *langue* como um sistema é a realização da fala. A fala como realização não é um ato totalmente individual, pois não se fala para si mesmo. Confronte-se, por exemplo, a exposição que Saussure fizera do circuito da fala. (MARRA, MILLANI, 2012, p. 9)

Nesse contexto, para os autores, em suas análises, Labov excluiu as informações em que Saussure dizia, primeiro, que a língua tratava-se de um tesouro depositado pela prática da

fala e, segundo, que nada entraria na língua sem que fosse antes experimentado na fala. Ou seja, o próprio CLG apresenta exemplos capazes de elucidar essa questão.

Com base nessas considerações, percebemos que, para os autores (p. 10), os exemplos dados por Saussure não se tratam de atos puramente individuais, exceto pelo ato de vontade do indivíduo de querer comunicar-se, de sua realização fisiológica na fala e de seu estilo individual e variável. Mas, a prática da fala requer que outros indivíduos estejam envolvidos em tal propósito. Trata-se da língua em funcionamento ou em uso. Nesse caso, não há controvérsia. Não se trata da oposição indivíduo e sociedade, mas da oposição sistema e realização.

Retomando nosso olhar ao texto de 1972, Labov (2008[1972], p. 218) ainda ressalta: “o real objeto do estudo linguístico é a comunidade de fala abstrata, homogênea, em que todo mundo fala igual e aprende a língua instantaneamente”. Isso se deve ao fato de duas suposições: a primeira, de que a língua é homogênea, e a segunda, de que os falantes têm acesso à língua.

É preciso considerar que Labov toma indistintamente as noções saussurianas de língua e de fala pelas noções de competência e desempenho de Chomsky, respectivamente. Segundo ele, para Chomsky, cabe à Linguística investigar a competência do falante, isto é, o conhecimento abstrato das regras da língua, e não o desempenho, isto é, a execução real das regras. A esse respeito, Flores (2016) tem uma contribuição a dar-nos:

(..) não posso deixar de registrar meu estranhamento com a comparação entre a noção de *langue* e a de competência. O objeto de investigação recortado pelo conceito de *langue* não é nem mesmo semelhante ao recortado pelo de competência. Evidentemente, do ponto de vista epistemológico, há algo a ser considerado comum tanto por Saussure quanto por Chomsky. Mas sempre é bom lembrar que o traço comum entre eles é mais da ordem da inscrição, em certo paradigma de ciência, do que da ordem dos conceitos. (FLORES, 2016, p. 75)

Além disso, esse estudo também coloca em questão, para Labov, o paradoxo saussuriano:

A Linguística, portanto, tem sido definida de tal modo a excluir o estudo do comportamento social ou o estudo da fala. A definição tem sido conveniente

para os formuladores, os quais, por inclinação pessoal, preferiram trabalhar com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários (LABOV, 2008, p.219).

Para o sociolinguista americano, isso teria ocorrido devido a uma conveniência dos linguistas em trabalharem apenas com dados abstratos, ao invés de entrar em comunidades de fala para obter dados de análise concretos, ficando apenas com seu próprio conhecimento, informantes individuais ou materiais secundários. Nesse sentido, a língua é, então, definida por Labov como o instrumento de comunicação usado pela comunidade de fala, por isso, ela deve ser tomada em seu contexto social.

Posto isso, algumas questões devem ser elencadas em relação à crítica de Labov a Saussure: em primeiro lugar, em relação à homogeneidade da língua, é importante esclarecer que Saussure caracteriza a língua como homogênea em detrimento da linguagem, que é heterogênea, uma vez que é constituída pela língua e pela fala. O caráter homogêneo da língua, de que fala Saussure, faz referência, portanto, ao mecanismo de funcionamento linguístico, isto é, ao sistema. A homogeneidade da língua, na teoria saussuriana, implica unicamente o fato de o objeto da Linguística constituir-se em torno da língua considerada fora dos fatos da linguagem, e diz respeito a sua realidade uniforme ligada ao funcionamento da língua enquanto um sistema.

Em segundo lugar, a nosso ver, ao afirmar que a distinção entre língua e fala, tal qual o fez Saussure, resulte em um paradoxo, leva-nos a compreender que Labov considere que nunca houve um estudo da fala. É consenso, entre os editores do CLG, que realmente não houve um curso específico sobre a Linguística da fala prometida aos alunos dos cursos de Genebra. No entanto, após uma leitura não só do CLG, mas também dos cadernos dos alunos, e ainda, partindo das relações e imbricamento de conceitos fundamentais, não é sustentável afirmar que a fala não foi estudada por Saussure e ainda com lugar de destaque.

5.3 A fala em Saussure segundo o paradigma dialógico

Outra reflexão que merece atenção quando a questão é a suposta exclusão saussuriana da fala é a desenvolvida por Mikhail Bakhtin. Conforme Henriques e Batista (2022), Saussure

e Bakhtin são teóricos considerados como pertencentes a correntes opostas no que concerne à concepção de língua. Se, por um lado, Saussure divide a linguagem entre língua e fala, Bakhtin, por sua vez, terá como prioridade a interação socioideológica, ou seja, justamente o aspecto que teria sido excluído por Saussure, na visão do segundo autor.

Sabe-se que Saussure e Bakhtin desenvolveram suas teorias em períodos relativamente próximos, apesar de o primeiro não ter conhecido os trabalhos do segundo. Entre 1907 e 1911, o linguista genebrino ministra três cursos de Linguística Geral na Universidade de Genebra, dos quais as anotações dos alunos foram posteriormente editadas – juntamente com notas autógrafas – e publicadas como o Curso de Linguística Geral (1916). Entretanto, por meio do conhecimento dos manuscritos saussurianos, pode-se dizer que a teoria saussuriana já vinha sendo elaborada desde muito antes de suas aulas em Genebra. M. Bakhtin, por sua vez, situa-se em um período complicado na Rússia stalinista, em que tanto a produção cultural do país quanto a produção intelectual eram censuradas com base nos ditames do novo regime. Por isso, entre Bakhtin e os autores do Círculo havia uma cumplicidade no processo de produção e publicação das obras, a ponto de, para se protegerem dessa vigilância, intercambiarem entre si a autoria empírica de determinadas obras. (HENRIQUES, 2022, p. 75-76)

Conforme ressalta Henriques (2022), Bakhtin desenvolveu sua teoria em três períodos distintos: a primeira fase, abrangendo o período de 1919 a 1929, em que se destacam obras como o livro “Marxismo e filosofia da linguagem” e “Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem” publicado em 1929. A segunda fase correspondente ao período de 1930 a 1959, marcado pelo exílio de Bakhtin. Nessa fase, o conceito de heterodiscurso é desenvolvido de forma mais aprofundada, evidenciando a presença de vozes sociais no romance, gênero que condensa o contexto social e cultural de uma época. Além disso, o combate à concepção nacionalista de língua/linguagem ganha força em um período de crescente ascensão do nazismo globalmente. E um terceiro momento, que vai de 1960 até a morte de Bakhtin em 1975, em que parece que o autor tinha uma compreensão mais clara do campo de estudo, a Metalinguística, para o qual suas elaborações e as de seu grupo convergiam.

No extenso trabalho do autor, interessa-nos a questão da crítica de Bakhtin a Ferdinand de Saussure, especialmente no que se refere à fala. Para isso, daremos destaque a duas obras importantes: *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método*

sociológico na ciência da linguagem, cuja autoria é do Círculo de Bakhtin¹²³, no qual é possível observar as críticas aos conceitos de *langue* e *parole* dados por Saussure e o texto *Os gêneros do discurso*, o qual também o autor retoma alguns conceitos saussurianos.

Na primeira obra citada, no capítulo intitulado *Duas tendências do pensamento filosófico-linguístico*, Bakhtin (2018, p. 147) apresenta duas perspectivas de delimitação da linguagem como um objeto específico de estudo: “a primeira pode ser chamada de subjetivismo individualista na ciência da linguagem, e a segunda, de objetivismo abstrato”. O autor chama a atenção para o fato de que ambas as denominações estão longe de abarcar toda plenitude e complexidade das tendências em questão. Ele ainda destaca que a primeira denominação, para ele, seria inadequada, no entanto, naquele momento, ainda não conseguiria pensar em denominações melhores.

Em análise ao texto de Bakhtin, é possível notar que a primeira tendência é uma crítica ao pensamento filosófico-linguístico de Wilhelm von Humboldt e pela escola de Karl Vossler em que o autor problematiza a visão individualista e psíquica da expressão linguística sustentada pelo subjetivismo idealista.

Já a segunda tendência tem como principal representante a Linguística saussuriana. A crítica a esta tendência é enfática, na medida em que Bakhtin contesta a teoria da língua como sistema. Para o autor, a visão sistêmica e sincrônica da língua está diretamente ligada ao social e ao individual e não contempla a subjetividade como constituinte da significação e da transformação da língua.

Leiamos abaixo o que Bakhtin descreve sobre essa tendência.

O centro organizador de todos os fenômenos linguísticos, que os transforma em objeto específico da ciência da língua, é transferido pela segunda tendência para um elemento bem diferente: *o sistema linguístico, compreendido como sistema de forma linguísticas fonéticas, gramaticais e lexicais*.

¹²³A despeito das questões de autoria dos textos de Bakhtin e do Círculo de Bakhtin, neste trabalho, mencionaremos essa crítica como sendo de Bakhtin. Flores e Teixeira (2009) afirmam que uma série de questões precisa ser enfrentada pelos que se propõem a compreender o legado de M. Bakhtin: a problemática em torno da autoria de alguns textos veiculados, em especial, nos anos 1902; as dificuldades relacionadas à recepção da obra, decorrentes da ausência de ordem cronológica na publicação dos textos; o fato de muitos desses textos terem se constituído a partir de manuscritos inacabados; a divulgação tardia da obra no Ocidente, que levou cerca de vinte e cinco anos para completar-se; o descuido de algumas traduções.

Se, para a primeira tendência, a língua é um fluxo eterno de atos discursivos, no qual nada permanece estável e idêntico a si mesmo, para a segunda tendência, a língua é um arco-íris imóvel que se ergue acima desse fluxo. (BAKHTIN, 2018, p. 155)

Nesse sentido, compreendemos que, para Bakhtin, assim como para Saussure, as particularidades da fala são individuais. Bakhtin afirma que: “cada indivíduo falante produzirá um som único e irrepetível por meio do seu aparelho fonador fisiológico.” (p.155)

No entanto, do ponto de vista da língua, essas particularidades não são significativas. O que importa é o fato linguístico, ou seja, o objeto específico da ciência sobre a língua. A esse respeito, o autor destaca que:

O primeiro aspecto faz parte do sistema da língua; o segundo é um fato dos processos individuais da fala, condicionados por fatores ocasionais (do ponto de vista da língua como um sistema), fisiológicos, subjetivos-psicológicos e outros, sem identificação precisa. É claro que o sistema da língua, no sentido descrito acima, é completamente independente de quaisquer atos, intenções e motivos individuais e criativos. Do ponto de vista da segunda tendência, já não se trata da criação consciente da língua pelo indivíduo falante. A língua contrapõe-se ao indivíduo como uma norma inviolável e indiscutível, a qual só lhe resta aceitar. (...)

O ato individual de pronúncia de qualquer som torna-se um ato linguístico apenas na medida em que ele pertence ao sistema linguístico imutável em um dado momento e é indiscutível para o indivíduo. (BAKHTIN, 2018, p. 156 e 157)

A crítica feita por Bakhtin ao objetivismo abstrato promovido por Saussure está no fato de que, para ele, o ato linguístico individual não se trata da criação consciente da língua pelo falante, pois a língua constitui-se como inviolável ou indiscutível, tornando os atos de fala irrelevantes para o sistema da língua em um dado momento de observação. Dessa forma, o indivíduo não participa da transformação do sistema, pois a língua surge como uma “herança” pronta, de natureza imutável à consciência individual. Desse modo, segundo o linguista russo, o objetivismo abstrato apresenta, de um lado, a língua como um sistema, e, por outro lado, o indivíduo, que se relaciona com esse sistema como um produto acabado, de forma passiva e sem a consciência das suas transformações. É nesse sentido que Bakhtin descreve as características da situação da segunda tendência.

Atualmente, a assim chamada “escola de Genebra” de Ferdinand de Saussure (falecido há muito tempo) é a expressão mais clara do objetivismo abstrato. Os representantes dessa escola, principalmente Charles Bally, são os maiores linguistas da atualidade. Ferdinand de Saussure deu a todas as ideias da segunda tendência uma clareza e uma precisão surpreendente. As suas formulações dos principais conceitos da Linguística podem ser consideradas clássicas. Além disso, Saussure não temia concluir seus raciocínios, dando a todas as duas principais linhas do objetivismo abstrato uma precisão e uma clareza excepcionais. Na Rússia, a impopularidade da escola de Vossler é inversamente proporcional à popularidade e influência da escola de Saussure. (BAKHTIN, 2018, p. 164,165)

Em primeiro lugar, é importante mencionar o destaque que Bakhtin dá a Saussure sobre a sua popularidade de estudos e influência nos estudos linguísticos. Apesar da popularidade destacada pelo autor de Saussure na Rússia, para ele, a “escola de Genebra” de Ferdinand de Saussure é a expressão mais clara do objetivismo abstrato, mesmo que suas formulações dos principais conceitos da Linguística sejam consideradas clássicas. Ademais, afirma que Saussure não temia concluir seus raciocínios, com uma precisão e clareza excepcional, fatos esses que corroboram as principais linhas do objetivismo abstrato.

Bakhtin afirma que Saussure parte da distinção de três aspectos da língua: linguagem (*langage*), língua como sistema de formas (*langue*) e o ato individual discursivo (*parole*) ou *enunciado*. É importante destacarmos que Bakhtin usa o termo *parole* como *enunciado*, como esclarece Paulo Bezerra, organizador, tradutor e escritor do posfácio do livro *Os gêneros do discurso*:

Bakhtin emprega o termo *viskázivanie*, derivado do infinitivo *viskázivat*, que significa o ato de enunciar, de exprimir, transmitir pensamentos, sentimentos, etc. em palavras. O próprio autor situa *viskázivanie* no campo da *parole* saussuriana. Em “Marxismo e filosofia da linguagem” (Hucitec, São Paulo), livro atribuído a Bakhtin, mas assinado por V.N. Volóchinov e até hoje sem autoria definida, o mesmo termo aparece traduzido para o português como “enunciado” e “enunciação” (...). (BEZERRA, 2016, p. 261)

Após esse esclarecimento importante sobre a tradução e a correspondência entre *parole* e *enunciado*, retornemos à obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Inicialmente,

verificamos que Bakhtin faz uma reflexão sobre a leitura do CLG a partir do capítulo III - Objeto da Linguística. Ele afirma que, de acordo com Saussure, a linguagem não poderia ser o objeto da Linguística, visto que é privada de unidade interior e de leis independentes e autônomas. Ademais, ela é heteróclita, ou seja, heterogênea, o que torna difícil compreender a sua natureza.

Dessa forma, a linguagem não pode ser o ponto de partida de uma análise linguística. É a partir dessa construção que Saussure se coloca no terreno da língua e a coloca como norma das manifestações da linguagem, pois somente ela é suscetível de uma definição autônoma. Assim, Bakhtin define a tese central de Saussure:

*A língua opõe-se ao enunciado, assim como o social ao individual. O enunciado, portanto, é inteiramente individual. Nisso, como veremos adiante, está o *proton pseudos* de Saussure e de toda a tendência do objetivismo abstrato. O ato individual da fala, isto é, do enunciado que foi tão decisivamente colocado à margem da Linguística, retorna, no entanto, como um fator necessário da história da língua. No espírito de toda a segunda tendência, Saussure opõe rigorosamente a história da língua a língua tomada enquanto sistema sincrônico. Com sua individualidade e caráter ocasional, o “enunciado” predomina na história, que é governada por uma lei totalmente diferente daquela do sistema da língua. (BAKHTIN, 2018, p. 169)*

Sob essa perspectiva, para Bakhtin, o enunciado ou a fala é totalmente individual. É nesse ponto de vista que Bakhtin acredita estar o equívoco de Saussure. Para o autor, o ato individual da fala, ao ser colocado numa posição acessória em relação à língua, fica à margem da história da língua. A língua é retirada de seu contexto histórico e de seu real campo de utilização, o que negligencia a dinâmica da fala. Ademais, o autor ainda contesta a mudança histórica das formas linguísticas que não coincide com a lógica do sistema, visto que é sincrônica, haja vista que o que importa investigar, segundo a proposta saussuriana, é o ponto de vista sincrônico sobre o sistema. Bakhtin, por fim, questiona a posição individual e ocasional do enunciado ou fala que predomina na história e que, então, deve ter uma lei totalmente diferente daquela do sistema da língua.

Os representantes da segunda tendência sempre sublinham - e esse é um dos seus fundamentos basilares - que o sistema da língua é, para qualquer consciência individual, um fato objetivo e exterior, independente dessa

consciência. No entanto, somente para a consciência individual e do ponto de vista dessa consciência esse sistema consiste em normas imutáveis, isso é, idênticas a si mesmas. De fato, se considerarmos a consciência individual subjetiva como oposta à língua enquanto um sistema de normas indiscutíveis, se olharmos para a língua de modo verdadeiramente objetivo, à distância, por assim dizer, mais precisamente posicionando-se sobre a língua, não encontraremos nenhum sistema imóvel de normas idênticas entre si. Ao contrário, veremos um processo ininterrupto de formação de normas linguísticas. (BAKHTIN, 2018, p. 173 e 174)

É interessante destacar, nesse contexto, que, para Bakhtin, a ideia de um sistema linguístico é falaciosa, visto que a norma da língua está em constante renovação. Assim, a oposição entre língua e consciência subjetiva não é adequada como base para investigação. Pelo contrário, embora um conjunto de normas possa ser percebido pela consciência do indivíduo, ele não possui uma existência objetiva. Em outras palavras, segundo sua visão, o indivíduo pode usar a língua para comunicar-se, levando em conta regras objetivas, mas isso não implica necessariamente a existência de um sistema de normas estático e imutável, e sim, de maneira oposta, vê-se uma formação de normas linguísticas de forma ininterrupta. Isso ocorre devido ao fato de que a norma linguística está em constante processo de renovação. Diante dessa perspectiva, o autor se questiona: “a língua realmente existe para a consciência subjetiva do falante como um sistema objetivo de formas normativas idênticas e indiscutíveis?” (p. 176).

Bakhtin, em oposição ao objetivismo abstrato, apresenta a teoria socioideológica da linguagem, em que se destaca o diálogo, fundamental para a compreensão dialógica da língua. O autor considera que o objetivismo abstrato tinha uma compreensão monológica dos fenômenos linguísticos. Essa questão está diretamente ligada ao circuito da fala proposta por Saussure e do qual Bakhtin discorda veementemente. “Expressaremos isso do seguinte modo: *para um falante, a forma linguística é importante não como um sinal constante e imutável, mas como um signo sempre mutável e flexível*. Esse é o ponto de vista do falante.” (p. 177)

Para o autor, diferentemente do circuito de fala proposto por Saussure, o diálogo envolve uma comunicação que não se resume a uma transposição de signos de uma consciência a outra, mas há a presença de um ato de significar. Sendo assim, o falante atribui um significado ao significante, e o ouvinte atribui outro significado ao significante, dependendo do momento em que esse diálogo pode ocorrer. Dessa maneira, ele conclui que, em um diálogo, tanto o falante quanto o ouvinte são igualmente ativos. “Em outras palavras,

se pertencer à mesma coletividade linguística, aquele que compreende também se orienta para uma forma linguística tomada não como um sinal imóvel e idêntico a si, mas como um signo mutável e flexível.” (p.178)

A teoria de Bakhtin sobre a língua deriva de sua crítica às correntes estruturalistas e positivistas. Ele contesta o que chama de "objetivismo abstrato", que favorece a análise formal da língua. Para ele, a abordagem linguística de Saussure, como representante do objetivismo abstrato, busca conceber a língua como um sistema de normas internas e imutáveis. Em contrapartida a essa visão, ele apresenta uma outra perspectiva de análise, que tem como foco, no enunciado, sob seu ponto de vista, a unidade do discurso. Ele observa, em oposição a essa corrente de pensamento, que a língua é dinâmica, está em constante transformação, é viva em sua existência material e existe em uma relação de mútua constituição com os sujeitos que a falam.

No texto *Os gêneros do discurso*, escrito entre 1952 e 1953, mas somente publicado em 1978, Bakhtin afirma que não é possível separar a língua do seu conteúdo ideológico, ou seja, a enunciação é a substância da língua. Diferentemente de Saussure, ele afirma que a língua não é um sistema à parte do falante, pois ela é um processo de evolução ininterrupto, constituído pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação que é sua verdadeira substância.

O estudo da natureza dos enunciados e dos gêneros discursivos é, segundo nos parece, de importância fundamental para superar as concepções simplificadas da vida do discurso, do chamado “fluxo discursivo”, da comunicação, etc., daquelas concepções que ainda dominam a nossa Linguística. Além do mais, o estudo do enunciado como *unidade real da comunicação discursiva* permitirá compreender de modo mais correto também a natureza das unidades da língua (enquanto sistema) – as palavras e orações. (BAKHTIN, 2016, p. 22)

No trecho em destaque, a crítica a Saussure é indiretamente direcionada, mas recuperável. Considerando a reflexão do linguista russo, ela parece fazer referência ao circuito da fala proposto por Saussure, que segundo Bakhtin, então, simplifica a vida do discurso.

No excerto seguinte, Bakhtin é ainda enfático na crítica ao modo de compreender a fala da perspectiva de um único falante.

A essência da linguagem nessa ou naquela forma, por esse ou aquele caminho, reduz-se à criação espiritual do indivíduo. Propunham-se e ainda se propõem variações um tanto diferentes das funções da linguagem, mas permanece característico, se não o pleno desconhecimento, ao menos a subestimação da função comunicativa da linguagem; a linguagem é considerada do ponto de vista do falante, como que de *um* falante sem a relação *necessária* com *outros* participantes da comunicação discursiva. Se era levado em conta o papel do outro, era apenas como papel do ouvinte que apenas compreende passivamente o falante. (BAKHTIN, 2016, p. 23)

O que depreendemos dessa reflexão é que, para o autor, pelo modo como a linguagem vinha sendo estudada, tinha sua essência reduzida à criação do indivíduo, subestimando a sua função comunicativa. O falante, nesse contexto, é tomado individualmente, sem relação necessária com outros participantes na comunicação discursiva. Igualmente, o papel do outro, na comunicação, é desconsiderado para explicação do processo de comunicação.

É nesse sentido que o autor propõe que o diálogo seja o princípio geral da linguagem, sem passividade e não apenas como comunicação ou troca de opiniões entre parceiros. O dialogismo pressupõe uma interação, relação com o outro, trazendo informações do mundo exterior. Ademais, no dialogismo, as relações semânticas devem ter relação com todos enunciados.

Nos cursos de Linguística Geral (inclusive em alguns tão sérios quanto o de Saussure) aparecem, com frequência, representações evidentemente esquemáticas dos dois parceiros da comunicação discursiva – o falante e o ouvinte (o receptor do discurso); sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade; contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva, eles se transformam em ficção científica. De fato, o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa, simultaneamente em relação a ele, uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma gera-a obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2016, p. 24-25)

Para Bakhtin não podemos afirmar que o circuito da fala seja falso, no entanto, não seriam parte de um objeto real da comunicação discursiva e sim uma realidade científica, ou seja, defende que, para compreender o processo da fala, é necessário levar em consideração o diálogo entre os interlocutores, em contraposição ao que, de acordo com ele, não haveria no circuito da fala. Como esclarece o autor, no circuito de Saussure, o falante é apenas um receptor do discurso, isto é, tem apenas uma posição passiva de recepção e compreensão dos discursos. O autor russo observa que, embora em certos momentos da enunciação, o esquema possa assemelhar-se à realidade, ele não leva em conta a essência da enunciação que é discursiva. É nesse sentido que, para o autor, a explicação dada por Saussure sobre o circuito da fala não passa de uma ficção científica, pois não considera a atitude responsiva do falante-ouvinte no processo de enunciação.

A respeito dessa reflexão, Brait (2016) coloca-nos diante de duas questões: a primeira, quando menciona os cursos de Linguística Geral correntes na Rússia naquele momento, os quais apresentavam-se de maneira muito simplificados em relação ao falante/ouvinte, o que tornava a comunicação de forma mecânica, centrada no falante. Bakhtin afirma que essa visão transparece em cursos tão sérios quanto o de Saussure. “Essa deferência é importante para levarmos em conta a importância de Saussure, de sua concepção de língua como sistema” (Brait, 2016, p.105)

A segunda encontra-se na afirmação retirada do excerto acima: “Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade”. Para Brait,

Esse destaque reitera o respeito e consideração científica que Bakhtin dispensa aos estudos linguísticos, especialmente aos de Saussure que, insisto, não são retomados para serem desqualificados. Ao contrário, esses encaminhamentos vão colocando a Linguística num lugar de importância científica, de maneira, por exemplo, a contrapor ao conceito de *parole* vindo de Saussure, produto da coerência do pensamento saussuriano, o conceito de *discurso*, forjado na concepção coletiva da linguagem, de relação eu/outro. (BRAIT, 2016, p. 105)

Conforme a pesquisadora brasileira, é nesse texto que Bakhtin vai desenvolver o conceito de gênero do discurso em torno do binômio abstrato-concreto, que estabelece com a

Linguística saussuriana, para colocar-se num lugar epistemologicamente diferente, colocando-se diante do trabalho concreto, com o uso da língua, para a construção de uma teoria que tem como objeto de estudo o discurso, o que não exclui a reflexão em torno do sistema da língua.

Retomemos o texto de Bakhtin:

(...) o discurso só pode existir de fato na forma de enunciados concretos de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. Por mais diferentes que sejam os enunciados por seu volume, pelo conteúdo, pela construção composicional, eles têm, como unidades da comunicação discursiva, peculiaridades estruturais comuns, e, antes de tudo, *limites* absolutamente preciosos. (BAKHTIN, 2016, p. 28-29)

O autor alega que só pode haver discurso em fatos de enunciação concretos, pois ele pertence a um sujeito de discurso. A enunciação, para Bakhtin, é um produto de interação social, e ela não parte apenas de um indivíduo e sim da interação de dois indivíduos socialmente organizados.

Flores (2025), em seu questionamento sobre o que há de Saussure em Bakhtin, ao analisar a relação do Estruturalismo em Saussure, retoma a questão da língua em relação ao discurso. Para o autor, a frase “a língua só é criada em vista ao discurso” (SAUSSURE, 2002, p. 277), retirada do “Notas sobre o discurso”, implica uma noção de conjunto da linguagem.

Essa abordagem não permite mais que a linguagem seja concebida, de acordo como os princípios estruturalistas, a partir da dicotomia entre língua e fala, nem mesmo com a suposição de que a língua pode ser isolada da atividade do sujeito falante. Os sistemas da(s) língua(s) só podem ser vistos em seu conjunto, como “língua discursiva”: “embora seja necessária uma análise para fixar os elementos da palavra, a palavra em si mesma não resulta da análise da frase. Porque a frase só existe na fala, na língua discursiva, enquanto a palavra é uma unidade que vive fora de todo o discurso, no tesouro mental” (SAUSSURE, 2004, p.105). (FLORES, 2025, p.12)

Para o autor, é a ideia de que a língua é o próprio sujeito falante que conduz Saussure a pensar em língua como atividade e não como produto acabado, tal como menciona Bakhtin. Como vimos na leitura dos trabalhos de Bakhtin aqui apresentadas, o linguista russo é

enfático na crítica à Saussure, sintetizada nos seguintes aspectos: i. a abordagem formal e objetiva da linguagem, nesse sentido, o estabelecimento da língua como foco de análise, que recorta o fenômeno da linguagem de sua realidade: a interação verbal; ii. a compreensão simplista individualista do circuito da fala, e a ignorância do caráter dialógico da interação verbal.

5.4 Algumas considerações

Ao longo deste capítulo, buscamos demonstrar duas perspectivas de leitura pós-saussuriana com objetivo de fecharmos um percurso em torno da fala na teoria de Saussure. Nesse sentido, apresentamos duas abordagens teóricas: a perspectiva sociológica e a perspectiva dialógica.

No primeiro momento apresentamos o autor William Labov, fundador da corrente teórica sociolinguística, em que, de forma quase redundante teoriza sobre a língua no seu contexto social. No entanto, interessou-nos nesse capítulo a abordagem que o sociolinguista faz sobre a reflexão saussuriana de fala apresentado no livro *Padrões Sociolinguístico*, publicado em 1972. Para o autor, a fala para Saussure aparece num lugar de excluída de sua teoria e reflexões, o que faz tecer algumas críticas severas ao mestre genebrino.

Também nesse capítulo, num segundo momento trouxemos a perspectiva dialógica representada por Mikhail Bakhtin em dois momentos: primeiro no livro *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem* e num segundo momento, no livro *Os gêneros do discurso*. Em ambos os materiais há uma crítica a fala saussuriana, colocando-a num lugar, assim como o faz Labov, de excluída.

A nosso ver, Labov e Bakhtin apresentam perspectivas de leitura de Saussure através da exclusão, seja da fala, seja do social; seja pela crítica ao circuito da fala, seja pela crítica ao objetivismo abstrato. Essas perspectivas, não só refletem uma leitura limitante do CLG, mas, mais que isso, uma leitura limitante do capítulo três “Objeto da Linguística”. Contudo, é preciso destacar que a maneira de ler a produção de Saussure pode ser afetada pelo próprio desenvolvimento da ciência naquele momento.

Em todo caso, não há julgamento: é uma forma de leitura, que não reflete a nossa visão, tal como pesquisadores da fortuna saussuriana, desse período que dista das produções dos autores em questão de meio século. A nossa compreensão está ancorada em uma abordagem mais ampla do CLG do que apenas o capítulo três, em que Labov e Bakhtin detiveram-se. Foi o que propomos durante essa investigação.

No entanto, como dito anteriormente, compreendemos que era importante o fechamento de um ciclo de análises, evidenciando uma abordagem pós-saussuriana, pois são esses contrapontos que nos estimulam em nossa pesquisa e que podem nos mostrar outro ponto de vista. Autores como Labov, Bakhtin, Coseriu, Pêcheux, dentre outros, também instigam nossa ânsia de, pela pesquisa, esclarecer o funcionamento de alguns conceitos na elaboração saussuriana. Assim, é possível, para nós, contrastar possibilidades de leitura muito distintas de conceitos cruciais para a Linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabemos que a Linguística Geral não surge com Saussure. O curso de Linguística Geral já era ministrado na Universidade de Genebra pelo professor Wertheimer. Também sabemos que a concepção de fala, nos estudos linguísticos, não surge com Saussure. Esse era um tema recorrente e presente na Linguística do século XIX, principalmente entre os estudos neogramáticos. Sendo assim, questionamo-nos: como a fala opera na Linguística saussuriana, diferindo-se da Linguística do final do século XIX?

Para isso, trouxemos, no primeiro capítulo, a perspectiva da noção de fala presente nos estudos neogramáticos, apresentando -a em dois momentos: primeiro, no prefácio que abre a revista *Morphological Investigations*, publicada em 1878, assinado por Hermann Osthoff e Karl Brugmann e, segundo, no livro *Princípios Fundamentais da História da Língua* de Hermann Paul.

No manifesto, os autores propõem uma mudança de objetivo de estudo na Linguística Comparativa. Deve-se focar no entendimento do mecanismo da fala humana e não mais na reconstrução das línguas com foco na língua-mãe. Nesse movimento, a fala é percebida como mecanismo psicofísico que compreende dois lados: um lado físico, que é investigado pela fonética articulatória e um lado psicológico, lado este ignorado pela velha Linguística, que permitirá explicar as mudanças linguísticas. Por fim, verificamos que esses estudos priorizam as línguas faladas no momento e coloquialmente e não mais as línguas antigas. Dessa forma, o ponto de partida para a investigação linguística é aqueles que falam e não os textos escritos.

Já no livro *Princípios Fundamentais da História da Língua*, Paul procura estabelecer as bases para uma ciência histórica, diferente da posição dos que a compreendiam como ciência natural, tal como uma visão organicista da língua. Para o autor, é importante investigar aquilo que permanece constante em relação ao desenvolvimento histórico, ou seja, aos fatores que permanecem, apesar das mudanças que as línguas sofrem.

Paul afirma que o objeto da Linguística corresponde a todas as manifestações da atividade da fala, em todos os indivíduos, e devem ser considerados os fatores psicológicos, compactuando com a posição dos autores do manifesto. Dessa forma, o neogramático também é enfático ao afirmar que os estudos da língua se dão por meio daquele que fala.

Para Paul, as mudanças linguísticas são percebidas apenas na fala individual, principalmente quando os usos são aumentados ou diminuídos no uso coletivo. Dessa forma, são as adaptações de uma fala individual a outra fala individual, ou a mudança espontânea explicável por tensões sintagmáticas, que justificam as mudanças no uso individual de uma língua.

Nesse ponto, retomamos as nossas considerações, ao afirmarmos que, apesar da mudança dos estudos linguísticos no final do século XIX pelos neogramáticos, há algumas limitações dos fatores envolvidos na atividade da fala tal qual os autores desse período a entendem. É com Saussure que percebemos uma evolução nesses estudos, principalmente a questão concernente à fala, apesar de não desconsiderarmos pontos de contato que aproxima a noção de fala do século XIX com a noção de fala saussuriana.

Por um lado, temos uma perspectiva de leitura em relação à concepção de fala anterior a Saussure, sobre a qual percebemos que, apesar de pontos em comum, tem um distanciamento e uma evolução na pesquisa linguística; por outro lado, temos uma perspectiva de leitura posterior a Saussure, em que alguns autores o acusam de excluir a fala de suas reflexões. Assim, parece-nos claro que essa questão merece uma discussão.

Para que possamos refletir sobre isso, lembremos que, neste trabalho, já buscamos, em dois materiais de autoria de Saussure, verificar como ela aparece em suas reflexões, a saber: no livro *Curso de Linguística Geral* e na edição dos cadernos dos alunos; e ainda, nos inventários críticos de autoria de pesquisadores que aprofundaram seus estudos na teoria saussuriana.

No caderno dos alunos, é possível verificar o movimento de elaboração teórica no contexto de sala de aula, de um Saussure professor. Apesar de as menções dos editores do CLG Bally e Sechehaye afirmarem que havia poucas notas preparatórias para o curso e que Saussure parecia refletir durante as aulas, não podemos descartar o contexto didático de uma sala de aula. Nesse sentido, durante o acompanhamento da edição dos cadernos dos alunos de uma forma mais aproximada da elaboração cronológica do genebrino, é possível verificar um pensamento em construção e uma das partes que nos dá destaque é justamente no que concerne à fala, pois, durante esse processo, é possível notar uma mudança na perspectiva conceitual, ou, nas palavras de Silveira (2022), um ancoramento terminológico em relação à fala do primeiro curso, do segundo curso e do terceiro curso.

No primeiro curso, vimos que a fala mostra-se importante para a compreensão dos fenômenos de mudança linguística, principalmente na criação da língua, isto é, a analogia. Nesse sentido, Saussure apresenta uma primeira distinção entre língua e fala e, nesse contexto, a fala é tomada como a mais social e a língua como a parte mais individual da linguagem.

Já no segundo curso, verificamos que o termo fala aparece poucas vezes nos cadernos dos alunos. Em contrapartida, a palavra discurso aparece com mais frequência. No entanto, apesar de poucas vezes mencionada, ela aparece de forma bastante relevante, especialmente quando Saussure a distingue da língua e da linguagem e apresenta a ela uma definição. É, nesse curso, que Saussure procura distinguir o lado social e o lado individual em que a esfera da língua vive. Ademais, é possível observar a interdependência desses dois lados e a possibilidade de separá-los seria uma abstração.

Por fim, no terceiro e último curso, no contexto didático das aulas, Saussure faz uma divisão geral do conteúdo a ser trabalhado: primeiro, as línguas, depois, a língua e, por fim, a faculdade de exercício da linguagem nos indivíduos. Não há registro, nos cadernos dos alunos, desse terceiro momento, visto que não foi possível concluir o curso, devido a problemas de saúde do mestre genebrino.

Com base nas afirmações dos editores, o terceiro curso apresenta o pensamento e reflexões teóricas mais maduras do professor. Dessa forma, verificamos que Saussure retoma assuntos ministrados no primeiro e no segundo cursos de uma forma mais categórica e conclusiva. Nesse sentido, o professor retoma a língua e a fala, a qual foi revisitada e aprofundada, com o objetivo de delimitar questões conceituais, permitindo-nos verificar o movimento em torno da fala nesse contexto didático. Segundo o que os editores nos esclareceram, as questões apresentadas no terceiro curso aproximam-se e assemelham-se ao que é lido no CLG.

Mas, antes de adentrarmos o CLG, precisamos retomar algumas considerações. Consideramos que os autores, que acusam Saussure da exclusão da fala de sua teoria, partem da leitura do curso de Linguística Geral. No prefácio à primeira edição de 1916, os editores já anunciaram essa problemática, e escrevem uma justificativa para a ausência de uma Linguística da fala, de forma implícita, devido à morte do mestre genebrino. Se os próprios editores afirmam uma ausência de Linguística da fala, questionamo-nos: a ausência de uma Linguística própria implica também a ausência de uma reflexão em torno da fala?

Num primeiro momento, delimitamos nossa leitura ao capítulo três “Objeto da Linguística”, tal qual compreendemos como fizeram esses autores, no qual há a primeira distinção entre linguagem, língua e fala. Nesse contexto, assim como Coelho e Henriques (2014, p.646), compreendemos que a fala é definida numa relação com a língua de forma “relacional, opositiva e negativa”. É também, nesse capítulo, que Saussure apresenta o circuito da fala, em busca de encontrar, no conjunto da linguagem, a esfera que corresponde à língua.

Poderíamos parar por aí, já que, em nossa leitura, apresentada no capítulo dois desta tese, com base em nossa análise na concepção de fala, e ainda, respaldando-nos em estudos, tais como o de Silveira (2008), Coelho e Henriques (2014) e Flores (2023), é unânime um posicionamento oposto àquele de exclusão, ou seja, segundo a qual Saussure exclui a fala de seus interesses. Mas, queríamos ir além e compreender: como a fala opera nos estudos saussurianos?

Para isso, buscamos, nas linhas e nas entrelinhas, como a fala está relacionada a outros conceitos e termos apresentados por Saussure, por meio de noções associadas à fala no CLG. Nesse sentido, nossa busca começa num capítulo pouco mencionado pelos estudiosos da fortuna saussuriana, um capítulo colocado no apêndice do CLG. Não iremos aqui repetir o que já foi colocado ao longo da tese e, sim, demonstrar a nossa perspectiva de leitura. O que objetivamos, neste momento, é elencar quais noções associadas à fala vão além da língua:

- 1- A fala, a escrita e o fonema
- 2- A fala, a linearidade e as relações sintagmáticas
- 3- A fala, a sincronia e a diacronia
- 4- A fala e a analogia
- 5- A fala e o discurso

Essas noções associadas foram investigadas por nós durante a leitura do CLG. Mas também não paramos por aí. Em nossa perspectiva da noção de fala, fomos aos inventários críticos para verificar como a fala está ligada a outras noções. Foi no *Lexique de la terminologie saussurienne*, escrito por Engler em 1968, que encontramos algumas relações:

- 6- A fala e o ato linguístico
- 7- A fala e a classificação
- 8- A fala e o circuito da fala

- 9- A fala e a combinação
- 10- A fala e o discurso
- 11- A fala e o discursivo
- 12- A fala e evocar
- 13- A fala e executar
- 14- A fala e o sujeito falante

Após essa investigação, chegamos à conclusão de que a noção de fala está relacionada e infiltrada em toda a teoria saussuriana. A partir de uma leitura mais detalhada do CLG, podemos verificar que a fala, assim como outros termos saussurianos, estão entrelaçados em sua teoria, sendo impossível estudá-los tanto de forma isolada quanto de forma excludente. Essa seria a resposta à nossa perspectiva de leitura: a concepção de fala surge por meio do entrelaçamento¹²⁴ a outros conceitos e termos, por meio de uma teia conceitual. Essa é a leitura que propomos e buscamos sustentar em oposição àquela da exclusão, que foi recorrente em algum momento da Linguística e que ainda faz ecos na Linguística atual.

Compreendemos que não há um conceito de fala definido de forma canônica como há do conceito de língua no CLG, mas há uma elaboração conceitual da fala em relação a outros conceitos canônicos. Houve, em Saussure, a direção em busca de um conceito de fala? A nossa investigação conduz-nos a uma resposta que é inequívoca: sim. E, nesse sentido, a nossa leitura contrapõe-se a autores da segunda metade do século XX, especialmente Labov e Bakhtin, que destacam a fala como excluída da Linguística saussuriana.

E assim, chegamos ao fim da nossa caminhada. Compreendemos que esse caminho trilhado foi necessário e importante para visualizarmos todo o percurso da elaboração de Saussure sobre a fala. Ainda há muito a ser discutido; muitos autores trazem esse tema como central para suas pesquisas, tal como nós o fizemos. Mas entendemos que, nesse percurso linear, por meio da leitura de autores do final do século XIX - ambiente de formação de Saussure - do CLG, do caderno dos alunos, de inventários críticos, e de leituras de autores pós-saussurianos, como Labov e Bakhtin, foi possível compreender de que forma a fala opera na Linguística saussuriana, confirmando a nossa hipótese de que não há exclusão da fala em sua teoria, mas ao contrário, ela pode ser reconhecida como um construto epistemológico de Sau-

¹²⁴ Conforme Coelho, 2019.

ssure, relacionada e imbricada em todos conceitos da teoria do mestre, assim como um fio de uma teia.

REFERÊNCIAS

- ALONSO, A. **Prólogo a la edición española**. In: SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 1945.
- AMACKER, R. **In Memoriam: Roberto Godel**, *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 1984, p. 5-18.
- BALLY, C.; SECHEHAYE, A. Prefácio à primeira edição. In: SAUSSURE, F. **Curso De Linguística Geral**. Trad. de A. Chelini; J. P. Paes e I. Blikstein. 27ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Scheila Grillo e Ekaterina Vólkova América; ensaio Introdutório de Scheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2018 (2ª Edição).
- _____. **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. - São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª Edição).
- BRAIT, Beth. **A presença de Saussure em escritos de Mikhail M. Bakhtin**. O efeito Saussure: cem anos do curso de linguística geral. Tradução . São Paulo: Parábola Editorial, 2016. . Acesso em: 17 jan. 2025.
- BENVENISTE, E. **Problemas de Linguística geral I**. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. 5a edição. Campinas: Pontes Editores, 2005[1966].
- BEZERRA, P. In: **Os gêneros do discurso**. Tradução Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. - São Paulo: Editora 34, 2016 (1ª Edição).
- CASTRO, M.F.P. **Sobre a analogia na reflexão saussuriana**. DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, v. 34, 2018.
- CHISS, J.-L.; PUECH, C. **Le langage et ses disciplines XIX-XX siècles**. Paris; Bruxelles: De Boeck & Larcier, 1999.
- Coelho, M. **A fala em Ferdinand de Saussure: Faculdade e exercício da linguagem**. *Todas As Letras - Revista De Língua E Literatura*, 22(2), 1–10. Recuperado de <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/13123>, 2020.
- COELHO. M., HENRIQUES, S. **A fala em Ferdinand de Saussure: um conceito relacional, opositivo e negativo**. Domínios de linguagem, 2014.
- DE MAURO, T. Introduction et Notes. In: SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: édition critique par Tullio de Mauro. Paris, Payot, 1967 (2005).
- ENGLER, R. Préface. In: SAUSSURE, F. de. **Cours de linguistique générale**: édition critique par Rudolf Engler. Tomo 1, Otto Harrassowitz - Wiesbaden; 1967.

_____. **Lexique de la terminologie saussurienne**, Comité international permanent des linguistes, Publication de la commission de terminologie, Utrecht-Anvers: Spectrum. 1968.

FLORES, V. do N. & TEIXEIRA, M. **Enunciação, dialogismo, intersubjetividade: um estudo sobre Bakhtin e Benveniste**. BAKHTINIANA, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 143-164, 2o sem. 2009.

FLORES, V.; OTHERO, G. (org). **Saussure e a Escola de Genebra** [Saussure and the Geneva School]. São Paulo: Contexto, 2023. 208p.

FLORES, V. **Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

_____. **A linguística geral de Ferdinand de Saussure**. Ed. Contexto. 2023.

_____. **Mostrar ao linguista o que ele faz: as análises de Ferdinand de Saussure**. In: FIORIN, José Luiz. FLORES, Valdir do Nascimento. BARBISAN, Leci Borges (orgs). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Editora Contexto, 2014.

_____. In. *História da Linguística: Edição revista e comentada*, de Mattoso Câmara, com comentários de Valdir do Nascimento Flores e Gabriel de Ávila Othero, 2020.

_____. **O que há de Saussure em Bakhtin? Um estudo a partir de um comentário sobre a tradução de Rabelais em russo**. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso 20 (01) • Jan-Mar. 2025

GODEL, R. **Notes inédites de F. de Saussure**. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Revue suisse de linguistique générale, n.12. Genève: Librairie Droz S.A., p. 49-70. Genève, Librairie Droz, 1954.

_____. **Notes inédites de F. de Saussure**. *Cahiers Ferdinand de Saussure*. Revue suisse de linguistique générale, n.38. Genève: Librairie Droz S.A., p. 49-70. Genève, Librairie Droz, 1984.

HENRIQUES, S.M. **Fala e discurso nas elaborações de Ferdinand de Saussure**. Revista Linguagem e ensino. Pelotas, v. 26, n.2, maio-ago 2023. P. 256-269.

HENRIQUES, S. & BATISTA, L. **Um encontro Saussure - Bakhtin na episteme / A Saussure-Bakhtin Encounter in the Episteme** *Bakhtiniana*. *Revista De Estudos Do Discurso*, 17(1), Port. 74-97 / Eng. 74. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/48857>. 2022

LABOV, W. **Padrões sociolingüísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MARQUES, A. **O enigma saussuriano do ponto de vista-objeto**. 2021. 196 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Universidade Federal de Uberlândia, 2020. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.22>.

MARRA, D.; MILANI, S.E. **O locus da langue como um sistema e como um fato social no Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure**. Revista Intertexto / ISSN: 1981-0601 v. 5, n. 2 (2012).

MORPURGO DAVIES, A. Volume IV: Nineteenth-Century Linguistics. In: **History of Linguistics**. Ed. Giulio Lepschy. Inglaterra: Longman, 1998.

_____. **Saussure and Indo-European Linguistics**. In: SANDERS, C. (ed.). The Cambridge Companion to Saussure. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

NORMAND, C. **Saussure**. Trad. de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009 [2000].

_____. **Langue , parole, sjuet chez Saussure et Benveniste** (Língua, fala, sujeito em Saussure e Benveniste). D.E.L.T.A., 27:1, 2011.

_____. **System, arbitrariness, value**. In: SANDERS, Carol. The Cambridge companion to Saussure. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. P. 88-104.

OSTHOFF, H. e BRUGMANN, K. In. **A reader in nineteenth century Historical Indo-European Linguistics**. LEHMANN, W. P.. Disponível em:. Acesso em: 10 de fevereiro de 2023.

PAUL, H. **Princípios fundamentais da história da língua**. Trad. Maria Luisa Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966[1880].

SALUM, Isaac Nicolau. **Prefácio à edição brasileira**. In: SAURRURE, F. de. Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 2012 [1974].

SANDERS, Carol. **The Cambridge companion to Saussure**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. Org. por Charles Bally, Albert Sechehaye; com a colaboração de Albert Riedlinger; prefácio da edição brasileira de Isaac Nicolau Salum. Trad. De A. Chelini; J. P. Paes e I. Bliksten. 34. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

_____. **Cours de linguistique générale**. Edição crítica de R. Engler. (Tome 1). França, Wiesbade: Otto Harrassowitz, 1989[1968].

_____. **Cours de Linguistique Générale. Édition critique préparé par Tullio de Mauro**. Paris: Payot, 1968.

_____. **Premier cours de linguistique générale (1907) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger**. Edited and translated by Eisuke Komatsu & George Wolf. New York;

Tokyo: Pergamon, 1996.

_____. **Deuxieme cours de linguistique générale (1908-1909) d'après les cahiers d'Albert Riedlinger et Charles Patois.** Edited and translated by Eisuke Komatsu & George Wolf. Tokyo; New Orleans: Pergamon, 1997.

_____. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911): d'après les cahiers d'Emile Constantin** / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris. Pergamon Press, 1993.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística.** Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. **O lugar do conceito de fala na produção de Saussure.** In: FIORIN, J. L.; FLORES, V. N.; BARBISAN, L. B. (org). *Saussure: a invenção da Linguística.* São Paulo: Contexto, 2014, P. 45-57.

_____. **A fala: um conceito incompleto em Saussure.** 2008. (Apresentação de Trabalho/Comunicação).

_____. **O intervalo teórico de Saussure em fins do século XIX.** Revista Matraca, Rio de Janeiro, v. 21, n. 34, 2014.

_____. **A aventura de Saussure.** Campinas (SP), Editora da Abralin, 2022.

SOFIA, E. [CS] (2015) (ed.) **La 'Collation Sechehaye' du 'Cours de Linguistique générale' de Ferdinand de Saussure.** Édition, introduction et notes par Estanislao Sofia. Leuven, Paris, Bristol : Peeters.

TESTENOIRE, P., **La linéarité saussurienne en rétrospection,** [En ligne], Volume XIX - n°2 (2014). Coordonné par Céline Poudat.

TURPIN, B. **Discours, langue et parole dans les cours et les notes de linguistique générale de Ferdinand de Saussure.** Cahiers Ferdinand de Saussure, v. 49. Genebra: Ed. Droz, 1995-1996. p. 251-266.